

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**José Fernandes da Cruz Neto**

**DE FAROL A BASTIÃO DO SOCIALISMO:  
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO CUBANA  
NA IMPRENSA DO TRIÂNGULO MINEIRO (1959-1964; 1989-1994)**

BRASÍLIA  
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**JOSÉ FERNANDES DA CRUZ NETO**

**DE FAROL A BASTIÃO DO SOCIALISMO:  
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO CUBANA  
NA IMPRENSA DO TRIÂNGULO MINEIRO (1959-1964; 1989-1994)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

BRASÍLIA  
2019

**JOSÉ FERNANDES DA CRUZ NETO**

**DE FAROL A BASTIÃO DO SOCIALISMO:  
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO CUBANA  
NA IMPRENSA DO TRIÂNGULO MINEIRO (1959-1964; 1989-1994)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal  
Instituto de Ciências Humanas  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado  
Instituto de Ciências Humanas  
Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Mateus Gamba Torres  
Instituto de Ciências Humanas  
Universidade de Brasília

Brasília, 13 de dezembro 2019.

*Às minhas flores: Jéssica, Lis e Melissa*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, pois através Dele entendo as minhas limitações, sejam elas físicas ou intelectuais, porém continuo a seguir. Agradeço a minha esposa Jéssica pelo cuidado, entendimento e compreensão nessa árdua caminhada acadêmica e profissional. Às minhas filhas, Lis e Melissa que revelam em meu ser o sentido para continuar. À minha família, especialmente meus pais e irmão. Ao meu avô, o Sr. José Fernandes (*in memoriam*) que há pouco mais de um mês deixou-nos fisicamente, porém sua memória ficará guardada por tudo que foi. Ao meu amigo e grande ser humano professor Giliard Prado, que em períodos de grandes dificuldades pessoais em minha vida não mediu esforços para que eu realizasse o término desse mestrado, o guardarei sempre no coração e como um exemplo. Aos meus amigos e companheiros do curso de pós-graduação em História da Universidade de Brasília, com eles tive a oportunidade de compartilhar momentos felizes e tristes. Deixo meu singelo agradecimento ao Vinícius que conheci durante essa jornada e tem me ajudado em diversas circunstâncias. Ao professor Jaime de Almeida que iniciou o trabalho de orientação desse projeto. Agradeço ao meu professor e orientador Carlos Eduardo Vidigal pela paciência e atenção e, sem dúvida, por aceitar esse projeto em andamento. Aos meus amigos de profissão, especialmente Leão e Wagner, pois estamos na mesma residência nesses últimos dias e com muita paciência, aguardaram as inúmeras noites andando pela casa para construir cada parágrafo desse trabalho. Aos meus primos, tias e demais familiares que compartilharam um tempo para escutar minhas angústias.

*“Vou carregado com meu rifle num ombro, meu machete e o revólver na cintura, uma cartucheira de cem balas no outro ombro, com os mapas de Cuba dentro de um tubo grande, e nas costas a minha mochila com vinte quilos de remédios, roupas, cobertor e livros, e no peito o teu retrato”. José Martí.*

## RESUMO

Essa dissertação de mestrado teve como objetivo analisar as representações da Revolução Cubana nos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*, no período compreendido entre 1959 e 1964; e nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo*, no período de 1989 a 1994. Nesse sentido, no primeiro recorte temporal da pesquisa, foram analisadas as representações que esses periódicos do Triângulo Mineiro construíram acerca da experiência revolucionária cubana em um período que contempla desde o triunfo da Revolução, em 1959, até a instauração do regime militar no Brasil, em 1964, passando por importantes medidas adotadas pelo governo revolucionário cubano e que causaram grande repercussão internacional em um contexto marcado pela polarização ideológica da Guerra Fria. No segundo recorte temporal proposto, foram analisadas as representações construídas por esses órgãos da imprensa do Triângulo Mineiro em um período que contempla o início da desintegração do bloco socialista, em 1989, e que tem como marco final o ano de 1994, quando a economia cubana começa a apresentar sinais de recuperação da grave crise econômica que se seguiu ao fim da ajuda financeira que recebia da União Soviética.

**Palavras - Chave:** Revolução Cubana. Representações. Imprensa. Triângulo Mineiro

## **ABSTRACT**

This master's dissertation aimed to analyze the representations of the Cuban Revolution in the newspapers Folha de Ituiutaba, Correio do Triângulo and O Repórter, in the period comprehended between 1959 and 1964; and in the newspapers Correio de Uberlândia and O Triângulo, from 1989 to 1994. In this sense, in the first time frame of the research, the representations of these periodicals of the Triângulo Mineiro were analyzed on how they depicted the Cuban revolutionary experience in a period that contemplates since the triumph of the Revolution, in 1959, until the establishment of the military regime in Brazil, in 1964, through important measures adopted by the Cuban revolutionary government and which caused great international repercussion in a context marked by the ideological polarization of the Cold War. In the second moment of temporal cut, the representations constructed by the press organs of the Triângulo Mineiro were analyzed, on a period that contemplates the beginning of the disintegration of the socialist bloc, in 1989, and whose final mark is the year 1994, when the Cuban economy was beginning to show signs of recovery from the severe economic crisis following the end of the financial aid to the Soviet Union.

**Keywords:** Cuban Revolution. Representations. Press. Triângulo Mineiro



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Charge de Fidel Castro.....	116
<b>Figura 2-</b> Fidel Castro discursando em um palanque.....	122
<b>Figura 3-</b> Fidel Castro na posse do presidente Fernando Collor de Mello.....	123
<b>Figura 4-</b> Representação de Fidel Castro fumando charuto.....	131
<b>Figura 5-</b> Um padre cubano conforta um condenado a morte.....	137
<b>Figura 6-</b> Charge de Fidel Castro para a ocasião do “voo da solidariedade” .....	139
<b>Figura 7-</b> Cidadão cubano em meio às ruas de Havana na situação de um blecaute...	155
<b>Figura 8-</b> Cubanos em balsas para fugir.....	167
<b>Figura 9-</b> Cubanos em manutenção de uma embarcação com objetivo de exilarem para os Estados Unidos.....	168

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
<b>CAPÍTULO I - UM TRIUNFO MARCANTE: AS VÁRIAS FACES DA REVOLUÇÃO CUBANA NOS JORNAIS FOLHA DE ITUIUTABA, CORREIO DO TRIÂNGULO E O REPÓRTER (1959-1964) .....</b>	<b>31</b>
1.1 OS JORNAIS FOLHA DE ITUIUTABA, CORREIO DO TRIÂNGULO E O REPÓRTER: UM BREVE HISTÓRICO.....	32
1.2 CUBA: A VITÓRIA REVOLUCIONÁRIA NAS PÁGINAS DO FOLHA DE ITUIUTABA E DO CORREIO DO TRIÂNGULO E O REPÓRTER .....	37
1.3 A CULPA É DE QUEM? .....	49
1.4 UMA AMEAÇA “ESQUERDIZANTE” .....	55
1.5 UM PAÍS TRAÍDO PELOS IRMÃOS LATINO-AMERICANOS.....	69
1.6 A OPÇÃO PELO COMUNISMO: AS EXPLICAÇÕES PARA A CRISE ECONÔMICA CUBANA NAS PÁGINAS D’O REPÓRTER.....	74
1.7 HERMENÊUTICA DA DISTÂNCIA: AS VOZES DOS EXILADOS CUBANOS NAS PÁGINAS D’O <i>REPÓRTER</i> .....	78
1.8 QUEM VAI ATIRAR A PRIMEIRA PEDRA? O JORNAL FOLHA DE ITUIUTABA E A DEFESA DE CUBA NO EPISÓDIO DA CRISE DOS MÍSSEIS.....	80
1.9 DAS ÚLTIMAS DEFESAS ÀS PRIMEIRAS ACUSAÇÕES: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO CUBANA NOS JORNAIS FOLHA DE ITUIUTABA, CORREIO DO TRIÂNGULO E O REPÓRTER NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA.....	87
<b>CAPÍTULO II - QUAL A PROXIMA CARTA A CAIR? REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO CUBANA NOS JORNAIS CORREIO DE UBERLÂNDIA E O TRIÂNGULO (1989-1994) .....</b>	<b>100</b>
2.1 IMPRENSA UBERLANDENSE: O HISTÓRICO DOS JORNAIS CORREIO DE UBERLÂNDIA E O TRIÂNGULO.....	102
2.2 ESPERANÇA OU EXPECTATIVA? A REVOLUÇÃO CUBANA APÓS A QUEDA DO MURO DE BERLIM NAS PÁGINAS DOS JORNAIS CORREIO DE UBERLÂNDIA E O TRIÂNGULO.....	107

2.3 FIDEL E COLLOR: UMA IMAGEM CARICATURADA.....	122
2.4 DESPOTISMO DO GOVERNO CUBANO E O AUTORITARISMO DE FIDEL CASTRO.....	129
2.5 “O VOO DA SOLIDARIEDADE” .....	135
2.6 DA ZADRAVSTVUIET CAPITALIZM! (CAPITALISMO QUAE SERA TAMEN) .....	144
2.7 ENTRE OUTRAS COISAS, CUBA.....	149
2.8 AS CRÍTICAS CONTRA CUBA CONTINUAM E O ANTAGONISMO COM OS ESTADOS UNIDOS PERDURA.....	161
2.9 OS EXILADOS CUBANOS.....	165
2.10 CUBA SE ABRE AO CAPITALISMO? .....	174

**CAPÍTULO III – ENTRE REPRESENTAÇÕES E SILENCIAMENTOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS JORNAIS CORREIO DO TRIÂNGULO, CORREIO DE UBERLÂNDIA, FOLHA DE ITUIUTABA, O REPÓRTER E O TRIANGULO SOBRE A EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA CUBANA.....178**

3.1 O HISTÓRICO DOS TRABALHOS SOBRE IMPRENSA NO BRASIL E TRIÂNGULO MINEIRO.....	179
3.2 UM EXEMPLO PRÁTICO DE IDENTIFICAÇÃO? A REVOLUÇÃO CUBANA E OS TRABALHADORES TIJUCANOS EM UMA NARRATIA DO <i>FOLHA DE ITUIUTABA</i> .....	183
3.3 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS: UM ESBOÇO COMPARATIVO ENTRE A IMPRENSA NACIONAL E A DO TRIÂNGULO MINEIRO.....	186

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....201**

**REFERÊNCIAS.....205**

## INTRODUÇÃO

Já se passaram 60 anos que Cuba vivenciou uma Revolução. Em 1959, a Revolução Cubana já criava um marco na história internacional. Os anos subsequentes não foram diferentes, mesmo que por vezes, com muita ou pouca visibilidade, a ilha caribenha sempre causou impactos políticos, culturais e uma diversidade de sentimentos, originando um grande interesse na opinião pública internacional. Assim, o título desse trabalho tenta elucidar esses dois períodos importantes da história revolucionária cubana, sendo Cuba – para muitos – um farol que ilumina e demonstra um caminho para América Latina no ano do seu triunfo e, após tantos anos um bastião que permanece como um exemplo das últimas Nações socialistas da época da Guerra Fria.

Não obstante, o processo revolucionário cubano se deu em um período relativamente extenso, o qual contou com a adoção de diversos métodos de luta revolucionária. A etapa insurrecional da Revolução Cubana estendeu-se de 1953 até 1959, tendo conhecido, no decorrer desse período, três fases principais. A primeira fase da luta insurrecional consistiu de uma tentativa dos rebeldes de tomarem os quartéis Moncada e Bayamo no dia 26 de julho de 1953. Essa primeira tentativa foi descrita pelo historiador Giliard Prado nos seguintes termos:

Santiago de Cuba, 26 de julho de 1953. Naquele dia, grupos rebeldes liderados por Fidel Castro tentaram tomar de assalto o Quartel Moncada, a segunda mais importante fortaleza militar do país. Como parte integrante dessa ação principal, outro agrupamento rebelde atacava um posto militar de menor porte, o Quartel Carlos Manuel de Céspedes, localizado na cidade de Bayamo. As ações integradas tinham como finalidade dar início a um grande movimento revoltoso que pudesse culminar com a deposição do governo de Fulgencio Batista, que havia chegado ao poder através de um golpe militar ocorrido em 10 de março de 1952.<sup>1</sup>

Essa tentativa de deposição do governo ditatorial de Fulgêncio Batista não teve sucesso, sendo que muitos rebeldes foram mortos pelas tropas do Exército e os demais foram presos. Dentre os presos, estavam os irmãos Fidel e Raul Castro, os quais, juntamente com alguns outros rebeldes, foram beneficiados em 1955 por uma Lei de Anistia e exilaram-se no México. No ano de 1956, durante esse período de exílio, Fidel

---

<sup>1</sup> PRADO, Giliard S. **Guerrilhas da memória**: estratégias de legitimação da Revolução Cubana. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2013, p. 20.

Castro e os rebeldes cubanos por ele liderados passaram a contar com a importante contribuição, teórica e prática, daquele que se tornaria um dos principais líderes da Revolução Cubana: Ernesto Rafael Guevara de la Serna ou, como chamado costumeiramente, Che Guevara. O encontro com Fidel Castro e a importância de Che para a Revolução Cubana são ressaltados por Richard Gott ao afirmar que:

A química entre os dois homens, neste e em todos os outros aspectos, foi imediata, e teria um impacto duradouro sobre a história de Cuba. Guevara deu a Castro horizontes mais largos, uma lista de amplas leituras, uma percepção mais clara de outras experiências revolucionárias. [...] e Castro deu a Guevara uma causa política imediata, que ele há muito vinha procurando [...].<sup>2</sup>

Durante esse período de exílio no México, os rebeldes cubanos prepararam-se militarmente e traçaram um novo plano para a tomada do poder em Cuba. A segunda fase da luta insurrecional ocorreu em 2 de dezembro de 1956, quando os rebeldes cubanos vindos do México a bordo do iate Granma foram surpreendidos durante o desembarque pelas tropas de Fulgêncio Batista. No confronto com as tropas governistas, os rebeldes foram novamente derrotados.

Os insurgentes que sobreviveram a essa segunda tentativa frustrada de tomada do poder reorganizaram-se e deram início à terceira fase da luta insurrecional, que se estendeu de dezembro de 1956 até o triunfo da Revolução, em janeiro de 1959. Essa terceira fase da luta revolucionária transcorreu, sobretudo, em Sierra Maestra, onde os rebeldes puseram em prática o método da guerra de guerrilhas rurais. As sucessivas batalhas em que os rebeldes derrotaram as tropas do Exército, somadas ao isolamento político de Fulgencio Batista diante de uma ampla força opositora, possibilitaram o triunfo dos revolucionários cubanos. Assim, na madrugada do dia 1<sup>a</sup> de janeiro de 1959, diante dos avanços dos guerrilheiros cubanos e da insustentabilidade política de seu governo, Fulgencio Batista fugiu do país e os rebeldes assumiram o poder, fazendo triunfar a Revolução Cubana.

Convém lembrar que o processo de renovação que se iniciava em Cuba no ano de 1959 estava inserido em um contexto internacional caracterizado pela bipolaridade político-ideológica da Guerra Fria, pela divisão do mundo nas respectivas zonas de influência das duas grandes superpotências mundiais: os Estados Unidos e a União

---

<sup>2</sup> GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 177.

Soviética. No decorrer de um longo período do século XX, muitos questionamentos acerca dos modelos de sociedade, economia, política e ideologia estiveram em pauta. Qual sistema econômico/político entre o socialismo ou capitalismo conseguiria despontar na maior parte das Nações? Seriam esses os únicos e prováveis caminhos a se seguir? Qual, dentre eles, deveria prevalecer na cena política mundial? Essas e outras inúmeras questões foram formuladas com base nos interesses antagônicos de diferentes grupos ao longo do século XX, período tão intenso para os que o viveram e tão vivo para os que o buscam através da história.<sup>3</sup>

Após o triunfo da Revolução Cubana ocorreram importantes acontecimentos que tiveram grande repercussão política não apenas em Cuba, mas também no plano internacional. Dentre esses acontecimentos, podemos citar, apenas para apontar alguns exemplos: a Reforma Agrária decretada pelo governo revolucionário cubano em maio de 1959; o rompimento de relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos em janeiro de 1961; a frustrada invasão da Baía dos Porcos por dissidentes cubanos apoiados pela CIA; a declaração do caráter socialista da Revolução, em abril de 1961; a aproximação política entre Cuba e União Soviética; o episódio da crise dos mísseis, em 1962.

Na segunda metade da década de 1980, Cuba novamente entrava na pauta de discussão de vários setores políticos, culturais e econômicos internacionais, entretanto, o protagonismo cubano nesse período dava-se por outros motivos. A Revolução Cubana que outrora se representava como uma “luz” aos movimentos de esquerda – especialmente os latinos americanos – agora se via questionada pela queda dos parceiros econômicos e políticos do Leste europeu, com o fim da União Soviética e a cristalização das práticas capitalistas nesta parte do mundo.<sup>4</sup>

Apesar disso, os problemas econômicos de Cuba e especialmente sua dependência visível da União Soviética já vinha se deteriorando desde o ano de 1986. Sobre essa circunstância, Carlos Cesar Almendra faz a seguinte afirmativa:

Em 1986, iniciou-se a política de retificação cubana constante das resoluções do III Congresso do PCC (Partido Comunista Cubano) que,

---

<sup>3</sup> O historiador Eric J. Hobsbawm fez uma análise histórica dos principais acontecimentos e mudanças estruturais do século XX, o qual é definido em sua obra como: “era dos extremos”. Cf.: HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1941-1961**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>4</sup> Essa discussão fundamenta-se nas reflexões de: ALMENDRA, Carlos Cesar. A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu. In: CAGGIOLA, Osvaldo. **Revolução Cubana: História e Problemas Atuais**. São Paulo: Xamã, 1998. pp, 135.

consistia em corrigir as distorções vigentes. Entre elas, o rompimento com o paternalismo russo e uma maior independência em relação ao comércio com o Leste Europeu e, portanto, Cuba deveria valer-se recursos da própria economia local como o desenvolvimento principalmente de gêneros alimentícios. [...] A adoção dessa política era uma formal contraposição à *perestroika* e rechaçava qualquer transição rumo à economia de mercado.<sup>5</sup>

Especialmente em 1989, o líder máximo da Revolução Cubana não poderia deixar de exprimir o complexo período que seu regime estava enfrentando, fazendo, por exemplo, declarações de que uma Revolução socialista na América Latina não poderia acontecer nos próximos 50 anos e que ainda seria necessário buscar novos acordos econômicos com setores mais progressistas da sociedade. Isso, portanto, deixava claro o momento irresoluto da Revolução na ilha caribenha e para alguns uma determinada certeza que seria questão tempo para o regime cair.<sup>6</sup>

Em anos seguintes, com uma crise ainda mais profunda na pequena ilha caribenha, um país devastado pela perda irreparável dos generosos investimentos da União Soviética, declarava já nos anos de 1990 “período especial em tempos de paz”<sup>7</sup>, quando a população, em nome da Revolução e das conquistas sociais do passado, deveria submeter-se a um amplo racionamento, desde o controle para compra de produtos alimentícios básicos ou até mesmo nos *blacks outs* que espalhavam por toda Ilha, chegando em determinados locais com mais 12 horas sem energia.<sup>8</sup>

Apesar de uma derrocada quase previsível da Revolução Cubana diante as inúmeras dificuldades nos anos 1980, agravada também pelo bloqueio econômico estadunidense e pela produção e economia interna extremamente comprometida nesse período, o porta voz, do regime Cubano já afirmava em julho 1989:

[...] Temos que ser mais realistas do que nunca. Mas temos que advertir ao imperialismo que não acalente tantas ilusões com relação à nossa revolução e com relação à ideia de que ela não poderá resistir se houver uma derrocada na comunidade socialista. Porque se amanhã ou um dia qualquer acordamos com a notícia de que a União Soviética se

---

<sup>5</sup> Idem, p. 135.

<sup>6</sup>SANTOS, Rafael. Antecedentes de la restauración capitalista em Cuba. In: Em defesa del marxismo, Buenos Aires: Ediciones Rumbos, 1997. pp. 71-72.

<sup>7</sup>Nosso estudo acerca do chamado “período especial em tempo de paz” fundamentou-se no artigo de: Vicent Bloch. Nesse trabalho o autor discute a instauração do citado período por Fidel Castro, a qual para Bloch era “uma analogia a uma situação de guerra e bloqueio total dos Estados Unidos. Os relatos do autor demonstram ainda uma situação total de penúria e empobrecimento da sociedade cubana neste contexto. Para uma reflexão mais profunda sobre o assunto, recomenda-se: BLOCH, Vicent. Reflexões sobre a dissidência cubana. Trad. Jaime de Almeida e Giliard da Silva Prado. *Problèmes d’Amérique Latine* n. 57/58, 2005, p.215-241.

<sup>8</sup> Cf: ALMENDRA, Carlos Cesar, op. cit, p. 136.

desintegrou, coisa que esperamos não aconteça jamais. Ainda nessas circunstâncias, Cuba e a Revolução Cubana se seguiriam resistindo [...] <sup>9</sup>

Fidel, ao conchamar a toda população de seu país e evidentemente a todos o envolvidos direta e indiretamente na política internacional cubana, declarava ao final dos anos 80 o caminho que iria permanecer a Revolução, anunciando oficialmente em 1994 o fim da crise no país. Isso porque Cuba conseguiria fazer um acordo de uma parte de sua dívida externa e o governo adotava a partir de então o recebimento de investimentos estrangeiros no setor turístico. No entanto, a Revolução Cubana ainda era posta em dúvida: poderia ser mais uma carta do baralho socialista a cair? Pois apesar de uma declaração oficial de Fidel Castro sobre o fim da crise na Ilha, os anos subsequentes foram marcados por problemas econômicos, uma grande fuga de cubanos para os Estados Unidos e um regime cada vez mais autoritário com seus opositores. <sup>10</sup>

Compreende-se que todos esses acontecimentos relacionados à experiência revolucionária cubana passaram a atrair a atenção da opinião pública internacional. Em 1959 Cuba atraía uma série de jornalistas, intelectuais e cientistas políticos, que buscavam noticiar a mais nova Revolução na América Latina, já no ano 1989 os grandes veículos de informação voltam-se novamente para Cuba, entretanto com mais questionamentos do que certezas, hipóteses do que grandes episódios e sem dúvida com proposições sobre o destino da ilha caribenha. O Brasil não foi exceção neste interesse mundial pelo que ocorria em Cuba. A imprensa brasileira dedicou-se a noticiar e debater, a partir dos mais diversos pontos de vista, a Revolução, contribuindo, dessa forma, para a construção de mais diferentes imagens sobre as diferentes fases da experiência revolucionária cubana.

A cobertura dada pela imprensa brasileira aos acontecimentos da Revolução Cubana não se restringiu, entretanto, apenas aos jornais das grandes metrópoles que tinham circulação nacional, tendo sido feita também por órgãos da imprensa local nas mais diferentes regiões do Brasil. O impacto da Revolução Cubana expressou-se em diferentes segmentos sociais e setores da sociedade brasileira. Em Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, tanto os movimentos de esquerda ou direita não deixaram de se posicionar sobre o mais novo acontecimento na América Latina. Para Claudia

---

<sup>9</sup> Cadernos do terceiro mundo, julho de 1993, p. 24.

<sup>10</sup> Cf: ALMENDRA, Carlos Cesar, op. cit., p.144.



Wasserman, a Revolução Cubana se tornou tão importante que haveria até mesmo alteração na vida cotidiana, como por exemplo: “a introdução de novos vocábulos, adotados pela população sem muita crítica, como, a expressão ‘cubanizar’, ou a introdução de uma nova bebida no cardápio da juventude boêmia, a “Cuba Libre” (mistura de rum com Coca-Cola)”<sup>11</sup> A imprensa da região do Triângulo Mineiro sempre teve um papel preponderante na construção de opiniões e significados para população dessa região. Cuba e sua importância política e ideológica internacional, não seriam deixadas de lado pelos periódicos dessa região, uma vez, que essa imprensa sempre esteve a serviço de determinados grupos políticos, portanto, Cuba se tornaria pauta importante nas matérias realizadas pelos jornais, sejam elas em tom de enaltecimento da Revolução Cubana ou com opiniões e matérias sobre o perigo que representaria a Ilha caribenha para o Brasil nesses jornais.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é compreender as representações da Revolução Cubana na imprensa do Triângulo Mineiro a partir de uma análise dos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*, no período compreendido entre 1959 e 1964; e nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* entre 1989 a 1994. Dessa forma, busca-se, pois, compreender de que modo esses periódicos, representativos da imprensa da região do Triângulo Mineiro, abordaram a experiência revolucionária cubana, contribuindo ativamente para a construção de significados em torno desses importantes acontecimentos da cena política internacional. Objetiva-se também entender, por meio de uma análise dos editoriais, dos artigos de opinião e das notícias veiculadas sobre a Revolução Cubana, as posições político-ideológicas presentes nesses seis periódicos, atentando não apenas para aquilo que é noticiado, mas também para as razões de eventuais silenciamentos, o que aponta para a necessidade da compreensão das influências do contexto político tanto em âmbito nacional quanto na esfera local.

A escolha dos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo*, *O Repórter*, *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* sendo os dois primeiros da cidade de Ituiutaba e os últimos três da cidade Uberlândia, dois importantes municípios da região do Triângulo Mineiro<sup>12</sup>, apoiou-se em diferentes critérios. Um desses critérios baseou-se

---

<sup>11</sup> WASSERMAN, Cláudia (Org.). **A Revolução Cubana**: 50 anos de imprensa e história no Brasil. Porto Alegre: Est Edições, 2009, p. 17.

<sup>12</sup> “O Triângulo Mineiro é uma das dez regiões de planejamento do estado de Minas Gerais, no sudeste do

em uma pesquisa preliminar que indicou a recorrência de notícias e artigos de opinião acerca da Revolução Cubana nos jornais citados e que, além disso, evidenciou a importância e representatividade desses periódicos na imprensa de suas respectivas cidades e, de forma mais ampla, da região do Triângulo Mineiro. Outro critério determinante para a escolha dos jornais a serem pesquisados foi o acesso às fontes, pois esses jornais possuem acervos no formato digital, sendo que os jornais *Folha de Ituiutaba* e *O Repórter* estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital<sup>13</sup>, ao passo que o jornal *Correio do Triângulo* foi disponibilizado pelo Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal. Já o jornal *Correio de Uberlândia* encontra-se com seu acervo no arquivo público de Uberlândia e o período *O Triângulo* no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica. Não obstante, a eleição destas fontes de pesquisa deve-se ainda a tentativa de ampliar o entendimento das relações da Revolução Cubana com outras esferas e grupos sociais. Nesse sentido, essa pesquisa, através dos jornais que não circulavam em grandes centros urbanos do Brasil, especialmente o eixo São Paulo-Rio, deveu-se a necessidade de não omitir os diversos grupos impressos brasileiros que estão em diferentes regiões e estados do país e que contribuíram efetivamente para construção de significados e imagens sobre pessoas ou instituições nos locais que se inserem.

O recorte temporal proposto para esta pesquisa tem seu início em 1959, ano em que ocorreu o triunfo da Revolução Cubana, e estende-se até o ano de 1964, momento que marca o fechamento do jornal *Folha de Ituiutaba*, em decorrência da acusação de crime de subversão logo após o golpe civil-militar ocorrido no Brasil. Esse primeiro período de análise permite compreender desde as primeiras impressões que os jornais analisados externaram em 1959 acerca da vitória revolucionária na ilha caribenha, passando por sucessivos acontecimentos que tiveram grande repercussão internacional em tempos de Guerra Fria, até o contexto da política brasileira, em 1964, quando a

---

Brasil. Está situado entre os rios Grande e Paranaíba, formadores do rio Paraná. Uberlândia, Uberaba, Araguari, Ituiutaba e Araxá são as principais cidades do Triângulo Mineiro. O total de municípios dessa mesorregião é de 66, sendo sete microrregiões”. Cf: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso: 14 Jun. 2018.

<sup>13</sup> O site da Hemeroteca Digital Brasileira é um portal da Fundação Biblioteca Nacional, onde são disponibilizados diversos periódicos nacionais, proporcionando aos seus usuários uma ampla consulta a seu acervo, que é composto por: jornais, revistas, anuários, boletins, etc. O endereço eletrônico da Hemeroteca Digital é o seguinte: <[bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/](http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/)>.

instauração de um regime ditatorial no país impôs a censura à imprensa, impactando nos modos como a Revolução Cubana e diversos outros temas foram abordados ou excluídos das páginas dos jornais. Já o segundo momento de análise proposto, de 1989 a 1994, é voltado para a tentativa de compreender esse novo momento histórico em que Cuba novamente voltava a despertar maior interesse e a ocupar mais espaço nas páginas dos jornais. Neste sentido, procuraremos entender as representações desses periódicos diante o processo de redefinição do socialismo cubano após a desintegração do bloco socialista. O contexto histórico do período compreendido entre 1989 e 1994 coloca a Revolução Cubana novamente em evidência, principalmente devido ao momento crítico da economia do país e às expectativas em torno de uma possível queda do regime cubano. O país caribenho enfrentou, ao longo da década de 1990, uma grave crise econômica que marcou o chamado “período especial em tempo de paz”. Apesar de não haver consenso sobre quando teria terminado o período especial em tempo de paz, esta proposta de pesquisa tem como recorte temporal final o ano de 1994, momento em que a economia cubana começa a apresentar sinais de recuperação da grave crise que se seguiu ao fim da ajuda financeira que recebia da União Soviética.

A análise dos modos como os jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*, *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* abordaram a Revolução Cubana será orientada pelos seguintes questionamentos: de que modos a experiência revolucionária do país caribenho foi representada nesses jornais? Que notícias e manchetes foram veiculadas sobre a Revolução? Essas notícias foram apresentadas de maneira “positiva” ou “negativa”? Em que medida a cobertura dada à Revolução Cubana por órgãos da imprensa do Triângulo Mineiro se aproxima ou se distancia da forma como outros órgãos da imprensa brasileira, de circulação nacional, abordaram a Revolução?<sup>14</sup> Em que medida as concepções políticas e ideológicas dos integrantes desses jornais podem ajudar a entender a imagem e os significados construídos pela imprensa acerca da Revolução Cubana?

A busca de respostas para essas questões será orientada pelo entendimento de que não apenas os artigos de opinião, mas também as notícias veiculadas nas páginas desses jornais podem ser interpretadas a partir da noção de representação. Neste sentido,

---

<sup>14</sup> Para esse questionamento algumas comparações serão feitas no terceiro capítulo desse trabalho, o qual será desenvolvido a partir das análises feita pelos jornais que estamos trabalhando com algumas obras, artigos e dissertações que realizaram uma pesquisa semelhante com outros jornais brasileiros (de grande circulação)

seguimos o entendimento de Roger Chartier, ao afirmar que:

As representações envolvem processos de percepção, interpretação e identificação de si e dos outros. Elas expressam os interesses, concorrenciais e competições dos grupos sociais, guiando-os nos modos de nomear e definir os aspectos da realidade, podendo ser entendidas como formas de significar simbolicamente uma realidade, construir significados.<sup>15</sup>

Situamos ainda que essa pesquisa está centrada na vertente historiográfica da chamada História Cultural, pois os objetivos e propostas deste trabalho se enquadram na perspectiva expressa por Roger Chartier sobre essa corrente:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes às classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro se torna inteligível e o espaço decifrado.<sup>16</sup>

Para trilhar os caminhos propostos pela História Cultural, procuramos entender o campo historiográfico em que está inserido o conceito de representação e de igual modo dos processos que envolvem o seu uso. A partir disso, nossa análise em torno do conceito de representação esteve direcionada “num sentido mais particular e historicamente mais determinado”<sup>17</sup>. Ou seja, entendemos que as representações são historicamente construídas a partir de diversas concepções – culturais, econômicas, políticas, ideológicas, etc. – que almejam entender o funcionamento de uma dada sociedade ou definir as operações intelectuais por meio das quais os indivíduos e grupos sociais apreendem o mundo.

Neste sentido, é possível afirmar que as representações não só fazem parte das relações sociais, mas que também as constituem,<sup>18</sup> estando presentes em todas as formas

---

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger, apud PRADO, Giliard, op. cit., p.11.

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das políticas culturais. In. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Garlhado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 16-17.

<sup>17</sup> Idem, p. 23.

<sup>18</sup> O sociólogo Guy Debord afirma em sua quarta tese que: “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Daí a reflexão acerca das representações constituírem-se além de mediações nas relações sociais, uma vez que as representações perpassam essas

de comunicação entre os homens. Dessa forma, os textos jornalísticos que se constituem em uma dessas diversas formas de comunicação, serão analisados na perspectiva de identificar os projetos e concepções de mundo de seus escritores, pois entendemos que esses textos são articulados como parte de um discurso voltado aos interesses e projetos de um grupo. Assim, o modo de observação e leitura desses objetos textuais esteve alicerçado na ênfase que Roger Chartier dá a essa questão, ao destacar que:

Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática de ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais.<sup>19</sup>

Para além do conceito de representação, fundamental para as análises históricas dos textos periódicos, observa-se que os grupos jornalísticos, constituídos pelos sujeitos do *corpus* editorial e por indivíduos que colaboraram com notícias e artigos de opinião, utilizavam-se do passado para fundamentar afirmações que pretendiam legitimar ou, contrariamente, para rechaçar aquelas às quais se opunham. Por isso, é importante destacar que os significados construídos a partir das diversas representações objetivam o estabelecimento de diversas memórias, que devem ser entendidas “como alvo de disputas e conflitos, como um campo de forças que está em constante construção”<sup>20</sup>.

Para entendermos o campo da memória, fundamentamo-nos nas reflexões feitas por Michael Pollak, que discute questões essenciais, como, por exemplo, as relações entre memória e identidade social; o caráter conflitivo da memória enquanto constituinte das organizações sociais; e a questão do enquadramento da memória<sup>21</sup>. Essas questões nos auxiliam na compreensão das tentativas de criação e manutenção de memórias a partir das representações construídas acerca da Revolução Cubana pelos periódicos analisados. Michael Pollak chama a atenção também para a existência das batalhas da memória, nas quais diferentes grupos, políticos ou sociais, utilizam-se dos

---

relações. Cf: DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, p. 13.

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., p. 25-26.

<sup>20</sup> PRADO, Giliard, op. cit., p. 13.

<sup>21</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

discursos para estabelecer uma determinada memória, consoante seus interesses. O referido autor aponta ainda a importância de que se leve em conta a clivagem “entre memória oficial e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio”<sup>22</sup>. Essas reflexões nos ajudam a explicar os diferentes usos do passado em narrativas jornalísticas que buscavam, dentre outros aspectos, as posições políticas e ideológicas de determinados grupos.

Ainda no campo da memória, convém destacar as reflexões de Fernando Catroga, que destaca as relações existentes entre história e memória, afirmando que “tanto a história quanto a memória se fundariam em atos de “representificação”, no qual a escrita e a leitura da história provoca, a partir de traços, representações que visam conhecer algo do que se sabe e já não existe”<sup>23</sup>. Isso é de grande relevância para nossa pesquisa, uma vez que as representações são fruto de uma memória, como também a história, ou seja, dois constituintes nas relações sociais. Catroga ainda afirma que, mesmo a história e memória partindo de um ato comum: a representação, a história seria “fruto do pensamento crítico, conceitual, abstrato, laico, utilitário, ou seja, uma laicizadora operação intelectual, assente na análise e na atitude crítica”<sup>24</sup>.

Partindo da concepção de que a narrativa histórica, assim como a memória, também é uma forma de representação, iremos apresentar algumas obras da historiografia brasileira que tiveram como tema a Revolução Cubana, e portanto, que foram fundamentais na contribuição de nosso entendimento para o contexto e a história revolucionária desse país.

Os primeiros trabalhos que elegeram o tema para investigação e que se tornaram referências sobre a história da Revolução Cubana não foram feitos por historiadores de ofício. Trata-se dos textos jornalísticos de Fernando Moraes e de Loyola Brandão que foram publicados, respectivamente, em 1976 e 1978, tendo sido, os primeiros trabalhos sobre a história revolucionária de Cuba a serem produzidos no Brasil.<sup>25</sup> Refletindo acerca da historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil, Cláudia Wasserman divide as narrativas históricas que elegeram como tema algum aspecto da experiência

---

<sup>22</sup> Idem, p. 4.

<sup>23</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, história, e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

<sup>24</sup> Idem, p. 39.

<sup>25</sup> Sobre essa questão, Cf.: WASSERMAN, Cláudia (Org.). **A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil**. Porto Alegre: Est Edições, 2009, p. 17-30.

revolucionária do país caribenho da seguinte maneira:

A historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil está dividida entre reportagens jornalísticas, ensaios de humanistas (artistas, professores, profissionais liberais e teólogos) e trabalhos de ciências sociais (história, sociologia, política e economia).<sup>26</sup>

No que se refere aos “trabalhos das ciências sociais”, um estudo de suma importância no Brasil sobre a Revolução Cubana é o do sociólogo Florestan Fernandes, intitulado “Da guerrilha ao socialismo”<sup>27</sup> publicado em 1979. O livro de Florestan Fernandes parte de uma reflexão sobre as conjunturas políticas e sociais do processo revolucionário cubano, estabelecendo uma continuidade histórica desse processo ao remontar sua investigação ao período independentista cubano e aos primórdios da história republicana no país caribenho. Neste sentido, o autor afirma que uma das principais causas que levaram o movimento rebelde à luta iniciada em 1953 tem ligações diretas com o passado “neocolonial” da ilha. A obra de Florestan Fernandes analisa também, entre outros aspectos, o método de guerrilha adotado pelo Movimento 26 de julho e a mudança no caráter ideológico da Revolução, contendo ainda uma reflexão sobre os 25 anos da Revolução Cubana<sup>28</sup>.

Outro trabalho de caráter acadêmico sobre a Revolução Cubana é o livro de Emir Sader, intitulado: “*A Revolução Cubana*”<sup>29</sup>, produzida nos finais dos anos de chumbo no Brasil, essa obra procurava entender a propagação da imagem de Cuba pelo Brasil. Por isso, ela torna-se relevante no conjunto de trabalhos sobre o tema, pois adota uma perspectiva oposta àquela presente na maior parte dos textos sobre Cuba veiculados nos jornais do período, os quais estavam integrados em uma estratégia de “desmoralização do regime cubano”<sup>30</sup>. Ainda nessa perspectiva analítica, Emir Sader publicaria, em 1991, um capítulo na obra de Daniel Aarão Reis, intitulado: “*Cuba no Brasil: Influências da revolução cubana na esquerda brasileira*”<sup>31</sup>, no qual analisava as

---

<sup>26</sup> Idem, p. 18.

<sup>27</sup> FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

<sup>28</sup> A edição do livro de Florestan Fernandes a que nos referimos nesse trabalho é a terceira, lançada em julho de 2012 e na qual consta um anexo sobre os 25 anos da Revolução. Ibidem, p. 327.

<sup>29</sup> SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Moderna, 1985.

<sup>30</sup> WASSERMAN, Claudia, op. cit., p. 19.

<sup>31</sup> SADER, Emir. Cuba no Brasil: influências da Revolução Cubana na esquerda brasileira. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). **História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 167-171.

representações que alguns grupos da esquerda no Brasil fizeram sobre a Revolução Cubana, apropriando-se dela enquanto um movimento revolucionário exemplar no continente americano.

Como é possível perceber, a bibliografia sobre a Revolução Cubana no Brasil teve maior expressividade a partir dos anos de 1978 e 1979, o que pode ser explicado a partir de dois fatores: “a distensão da ditadura brasileira e a própria dinâmica do processo revolucionário, que, a essas alturas, consolidara uma posição geopolítica no continente.”<sup>32</sup>. Consequentemente, muitas outras obras historiográficas sobre a Revolução Cubana – sejam elas monografias, dissertações de mestrado ou teses de doutorado – surgiram nesse contexto.

Em 1998, a obra: “*Revolução Cubana: História e problemas atuais*”,<sup>33</sup> organizada por Osvaldo Coggiola e com diferentes artigos de historiadores, analistas políticos e economistas, apresentava uma análise bem atual sobre a das estruturas da ilha caribenha após os períodos de intensa crise financeira no pós 1989. Esse livro que contém artigos de distintos autores, os quais propõe uma reflexão profunda sobre a Revolução Cubana nesse novo cenário internacional, desde apresentações sobre a continuidade do antagonismo entre Cuba e Estados Unidos; a defesa do governo dirigente cubano ao socialismo; o fracasso dos movimentos guerrilheiros na América Latina apoiados por Cuba e exposições de cifras e análises sobre a economia cubana ao final do século XX.

Já nos últimos anos, surgiram várias outras obras sobre o tema, muitas das quais adotando novas perspectivas analíticas e teóricas. Uma das obras que se insere no contexto dessas novas produções é “*Cuba: uma nova história*”<sup>34</sup>, de autoria de Richard, Gott, que empreende em seu estudo uma ampla contextualização do processo revolucionário cubano, remontando à história da ilha desde o período colonial. Rememorando o fato de ter nutrido um “entusiasmo inicial pela Revolução bem como uma afeição duradoura pelo povo cubano e sua luta desigual”<sup>35</sup>, o autor aborda a história cubana a partir de seus distintos aspectos constitutivos: políticos, econômicos,

---

<sup>32</sup> WASSERMAN, Claudia, op. cit., p. 19.

<sup>33</sup> COGGIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

<sup>34</sup> GOTT, Richard. op. cit.

<sup>35</sup> Idem, p. 15.



sociais, culturais, etc.

Por mais uma vez, citamos, dentro dessa perspectiva histórica o livro organizado pela historiadora Claudia Wasserman, intitulado: “*A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil*”<sup>36</sup>, o qual consiste em uma referência fundamental para o presente trabalho. De autoria coletiva, a referida obra buscou “conhecer como os brasileiros receberam a Revolução Cubana e qual a imagem que tinham da ilha caribenha que ousou desafiar o imperialismo. E ainda quais foram às polêmicas intelectuais suscitadas pelo processo cubano”<sup>37</sup>. Para isso, foram analisados diferentes periódicos brasileiros em recortes temporais distintos, porém sempre atrelados aos principais acontecimentos de Cuba, desde o triunfo da Revolução em 1959 até o ano 2000. Uma das questões que merecem destaque nessa obra diz respeito à constatação dos autores em relação às mudanças discursivas nos periódicos analisados, os quais passaram, ao longo dos anos, a fazer intensas críticas ao regime cubano. Essas mudanças discursivas observadas nos periódicos tiveram como fatores preponderantes: o contexto político do Brasil; as ligações políticas dos integrantes dos periódicos; e as medidas mais radicais tomadas pelo governo revolucionário cubano.

Ainda no campo das novas produções historiográficas, está a tese de doutorado de Giliard Prado, intitulada: “*Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação da Revolução Cubana (1959-2009)*”<sup>38</sup>, na qual o autor empreende uma história da memória da experiência revolucionária cubana, examinando as estratégias de legitimação da Revolução e do grupo no poder no período que se estende desde o triunfo rebelde, em 1959, até a efeméride do cinquentenário da Revolução Cubana, no ano de 2009. Giliard Prado examina os discursos proferidos pelos líderes da Revolução nas cerimônias comemorativas das principais efemérides revolucionárias, destacando a importância dessas efemérides nos processos de construção e gestão dos mitos e heróis que fazem parte da memória revolucionária. O autor analisa ainda as aproximações e distanciamentos entre Cuba e União Soviética, bem como as relações antagônicas que o governo revolucionário manteve com os Estados Unidos e com a dissidência cubana, demonstrando que o processo de legitimação da experiência revolucionária é indissociável da trajetória de antagonismos e divergências que Cuba manteve com seus

---

<sup>36</sup> WASSERMAN, Cláudia, op. cit.

<sup>37</sup> Idem, p. 7.

<sup>38</sup> PRADO, Giliard, op. cit.

opositores tanto em âmbito interno quanto em âmbito externo.

Nesse sentido, também contamos com as importantes contribuições, como o trabalho de Sílvia Cezar Miskulin, intitulado: *Cultura Ilhada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*<sup>39</sup> que foi resultado de ampla pesquisa desta autora. Em seu trabalho, Miskulin demonstrou as relações entre a imprensa cubana e o governo revolucionário, especialmente sobre a censura por parte do governo cubano em veículos de comunicação de Cuba que não correspondiam com as diretrizes impostas pelo governo dirigente. Destes trabalhos recentes, recordamos ainda o livro organizado pelos professores Joana Salém Vasconcelos, Fabiana Rita e Fabio Luis Barbosa e que contou com textos de mais de 30 pesquisadores de universidades brasileiras, que discutiram a realidade da Ilha caribenha no século XXI, desde questões de cunho econômico até culturais. O livro é intitulado como: “Cuba no século XXI: Dilemas da Revolução”<sup>40</sup>

Dessa forma, ressaltamos que as diferenças entre as produções históricas sobre Cuba são notáveis diante cada período destas publicações historiográficas. Se nas décadas de 1980 e 1990 encontramos uma produção sobre o tema reconhecidamente de caráter mais especulativo e até mesmo panfletário, possivelmente de acordo com o cenário vivenciado pela Revolução Cubana e o mundo que ainda presenciava as consequências da Guerra Fria; nos finais dos anos de 1990 e início dos anos 2000 é possível entender novas perspectivas analíticas. Questões culturais, análises econômicas que elegeram outros problemas históricos, para além das cifras e números, e até mesmo assuntos como sexualidade e simbologias, contribuíram substancialmente para essa nova tônica da produção histórica sobre a Revolução Cubana.

Assim como a produção historiográfica brasileira sobre a Revolução Cubana, os estudos que utilizam e problematizam o uso da imprensa – mais precisamente de textos e imagens veiculados em periódicos – como fonte histórica constituem-se em referências fundamentais que, por meio de reflexões teóricas e propostas metodológicas, auxiliam na análise do objeto de estudo do presente trabalho.

Quando é feita uma leitura sobre a história do uso da imprensa pela historiografia, observa-se que o uso dessa fonte histórica era relativamente pequeno até

---

<sup>39</sup> MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003.

<sup>40</sup> VASCONCELOS, Joana Salém, RITA, Fabiana. BARBOSA, Fábio Luise (Org). **Cuba no século XXI: Dilemas da Revolução**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

meados da década de 1970 e isso se dava pela tradição historiográfica positivista do século XIX cujas influências permaneceram por um longo período do século XX, pois ainda que estivessem ocorrendo mudanças nas concepções acerca das fontes históricas – propostas principalmente pelo movimento dos *Annales* – a imprensa continuava a ser uma fonte histórica recorrentemente renegada pelos historiadores.

Para Tânia Regina de Luca, isso se dava porque:

Os jornais pareciam poucos adequados para recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, eles forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (...).<sup>41</sup>

No entanto, em fins do século XX e a partir de revisões da prática historiográfica, a concepção acerca da imprensa como fonte histórica começou a se modificar. Esse processo se deu em um período relativamente longo e contou fundamentalmente com a ampliação temática dos historiadores. Neste sentido, a historiadora Tania Regina de Luca afirma que:

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título de pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes no território da História.<sup>42</sup>

No Brasil, foram realizados diversos trabalhos que se dedicaram a uma escrita histórica que recorria ao uso da imprensa como fonte para as mais diversas pesquisas, sendo que parte dessa produção historiográfica ainda se propôs a abordar a gênese e a trajetória histórica desse tipo de fonte<sup>43</sup>.

Apesar da existência de diversos trabalhos, queremos destacar dois, os quais foram de grande relevância para essa monografia. O primeiro deles é “*História dos, nos*

---

<sup>41</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 112.

<sup>42</sup> Idem, p. 113.

<sup>43</sup> No capítulo de Tânia Regina de Luca é feita referência a uma série de trabalhos que utilizaram a imprensa como fonte história. Dentre esses trabalhos, podemos citar: “O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo”, de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado; “São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana”, de Heloisa de Faria Cruz; “Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1980-1992)”, de Ana Luiza Martins. Idem, pp. 144-145.

*e por meio dos periódicos*”<sup>44</sup>, em que Tânia Regina de Luca narra a trajetória dos usos da imprensa pelo historiador, destacando algumas produções históricas que se utilizaram desse tipo de fonte. Ao traçar diferentes aspectos que devem ser observados em jornais ou revistas que serão utilizados em uma obra histórica, a autora ressalta os recursos que são utilizados pela imprensa para dar legitimidade a seus discursos, argumentando que a existência de uma neutralidade discursiva nesses impressos é uma falácia.

O segundo trabalho que contribuiu para entendermos o uso da fonte jornalística pelo historiador é o estudo de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, intitulado “*Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa*”<sup>45</sup>. No referido trabalho, as autoras discutem a imprensa como objeto e fonte para as pesquisas históricas, enfatizando o seu uso no ensino de história. Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto salientam a importância que os meios de comunicação ganharam nos últimos anos, especialmente com os deslocamentos teórico-metodológicos e a ampliação das fontes no campo historiográfico. No entanto, elas ressaltam que mesmo com os avanços nessa área de pesquisa, lacunas como, por exemplo, uma formação específica para essa área ainda persistem. Além disso, as autoras alertam para os cuidados necessários ao se utilizar a imprensa como fonte, propondo alguns caminhos a serem trilhados e fornecendo assim úteis ferramentas ao historiador para a análise desse tipo de fonte. Neste sentido, elas afirmam que, ao pesquisador dessa área, é essencial desfazer o mito da objetividade dos textos periódicos, como também é sua responsabilidade ter uma atitude crítica frente à memória por eles instituída, porquanto, será dessa maneira que o historiador irá: “fazer emergir de nossos trabalhos e outras experiências, vozes e interpretações, que deem visibilidade a outras histórias e memórias.”<sup>46</sup>

O procedimento metodológico que foi utilizado no estudo das representações feitas pelos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo O Repórter*, *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo*, sobre a experiência revolucionária cubana combinou a análise dos textos veiculados nesses periódicos com a imprescindível compreensão de

---

<sup>44</sup> LUCA, Tania R., op. cit.

<sup>45</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa*. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

<sup>46</sup> Idem, p. 20.

diferentes contextos históricos. Neste sentido, para a problematização dessas fontes foi necessário o entendimento dos acontecimentos, relações de poder e disputas político-ideológicas nos cenários: internacional, cubano, brasileiro e local. A análise dos textos levará em consideração o lugar de fala dos sujeitos que compunham o corpo editorial e/ou colaboravam nesses jornais.

Ao centrarmos a análise nas representações da Revolução Cubana feitas por esses jornais, buscaremos identificar nas notícias e artigos as interpretações que os sujeitos que compunham os corpos editoriais dos referidos periódicos fizeram sobre o contexto revolucionário cubano, tendo o cuidado de situá-las temporalmente, de modo a levar em conta as possíveis influências dos cenários políticos nacional e local sobre essas interpretações.

Buscaremos ainda observar a ênfase que foi dada pelos jornais pesquisados a determinados temas da Revolução Cubana, bem como a linguagem utilizada em seus textos. Arelado a isso, procuramos entender algumas articulações feitas entre passado, presente e futuro, as quais dizem muito sobre os significados atribuídos ao movimento revolucionário cubano por esses sujeitos.

Para desvendar as posições ideológicas e possíveis alianças políticas dos sujeitos que integravam os periódicos, iremos recorrer a monografias, a dissertações de mestrado e a outras fontes que podem fornecer informações sobre a trajetória de vida desses indivíduos e sobre seus vínculos e suas atuações na política local. Dentre essas fontes, convém ressaltar os relatórios da Polícia Política de Minas Gerais, disponíveis no Arquivo Público Mineiro, que contêm referências a atividades “subversivas” atribuídas a alguns dos integrantes e colaboradores do jornal *Folha de Ituiutaba*.

Assim, para apresentação das respostas obtidas, essa dissertação de mestrado será estruturada em três capítulos. O primeiro deles está voltado para a análise das representações da Revolução Cubana nos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*. Nesse capítulo, propomos identificar os diversos momentos históricos em que os jornais produziram representações acerca da Revolução Cubana, bem como sobre seus opositores no campo internacional. Atentaremos também para a importância de compreender essas representações a partir dos projetos e interesses políticos dos agentes de cada periódico, entendendo a existência de uma determinada intencionalidade nessas representações sobre a Revolução Cubana.

No capítulo dois, foram analisadas as representações que os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* fizeram da Revolução Cubana a partir do ano de 1989. Nele, procuraremos identificar as recorrências temáticas relativas à experiência revolucionária cubana e também os diferentes personagens dos quais os periódicos se apropriaram para legitimar seus discursos. Procuraremos ainda analisar de que modos às representações da Revolução Cubana podem estar ligadas às alianças e projetos políticos dos integrantes desses jornais.

Já no terceiro e último capítulo, propomos estabelecer comparações entre os dois períodos das representações feitas por esses jornais, atentando-nos para as aproximações, distanciamentos e até mesmo silenciamentos. Nele, ainda iremos de uma maneira mais geral procurar investigar algumas das principais matérias vinculadas em jornais de grande circulação do Brasil com essas encontradas nos jornais da região do Triângulo Mineiro.

Assim, acreditamos, que a relevância deste trabalho será na contribuição do que ele representa para a ampliação do conhecimento histórico sobre a maneira que Revolução Cubana foi representada em diferentes eixos geográficos nacionais e o impacto causado por esse movimento revolucionário que defendia uma sociedade mais igualitária, mas que acabou implantando um governo autoritário.

## **CAPÍTULO I**

### **UM TRIUNFO MARCAMENTE: AS VÁRIAS FACES DA REVOLUÇÃO CUBANA NOS JORNAIS *FOLHA DE ITUIUTABA*, *CORREIO DO TRIÂNGULO* E *O REPÓRTER* ( 1959-1964)**

## 1.1 Os jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*: um breve histórico.

O jornal *Folha de Ituiutaba* começou a circular na região do Pontal do Triângulo Mineiro, notadamente na cidade que dá título ao periódico, no ano de 1942<sup>47</sup>. Além do *Folha de Ituiutaba*, outros periódicos circulavam na cidade e na referida região durante as décadas de 1950 e 1960, com destaque para o *Correio do Triangulo* e o *Correio do Pontal*. A variedade de títulos jornalísticos era extensa e diversa<sup>48</sup>, entretanto, havia um traço comum entre esses meios de comunicação: “seu curto período de circulação”.<sup>49</sup>

A história desse jornal na cidade de Ituiutaba é muito representativa no que refere à relação dos seus agentes com a conjuntura política do período que vai de 1950 até 1964. As ligações políticas dos sujeitos do corpo editorial do jornal ficavam evidenciadas nas páginas do periódico. Geraldo Sétimo Moreira, redator-chefe do jornal, por exemplo, era membro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e utilizava o *Folha* em campanhas políticas de seus partidários.<sup>50</sup> Ercílio Domingues da Silva, proprietário do periódico, foi preso pelos militares em 1964 por ser um militante da causa petebista.<sup>51</sup> Para o regime político instaurado no Brasil a partir do golpe de 1964, o jornal *Folha de Ituiutaba* fora considerado um meio de propagação de ideias

---

<sup>47</sup> A primeira edição do *Folha de Ituiutaba* encontrada nos arquivos data de oito de janeiro de 1949. Cf: FERREIRA, Caio Vinicius de Carvalho. **Memórias da repressão**: o golpe civil-militar em Ituiutaba-MG (1964). 2013. 75f. TCC (Graduação) - Curso de História, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2013, p. 45.

<sup>48</sup> Em Ituiutaba, além dos jornais *Folha de Ituiutaba* e *Correio do Triângulo*, circulavam, nas décadas de 1950 e 1960, os seguintes periódicos: a *Revista Brasília* (1956); o jornal *Correio do Pontal* (1956); o jornal *Cidade de Ituiutaba* (1966 a 1970); e o jornal *Município de Ituiutaba* (1967 a 1970). Cf.: SOUZA, Sauloéber Tárσιο. O universo escolar nas páginas da imprensa tijucana: (Ituiutaba-MG - anos de 1950 e 1960). **Cadernos de História da Educação**, v. 9, n. 2, p. 523-541, jul/dez. 2010.

<sup>49</sup> Cf: BANDEIRA, Bruno Taumaturgo. **Imprensa e História**: O jornal *Correio do Triângulo*, Ituiutaba/MG, 1959.2015.77f. TCC (Graduação) - Curso de História, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2015, p. 7.

<sup>50</sup> A matéria em que Geraldo Sétimo Moreira utiliza o jornal para fazer a propaganda de seus candidatos pode ser vista em: MOREIRA, Geraldo Sétimo. Para prefeito José Arcenio de Paula. **Folha de Ituiutaba**, 14 jun. 1958, p. 4. Além disso, essa constatação é feita por Iago de Paula Barbosa em sua monografia quando afirma: “Geraldo Sétimo que era redator do *Folha* se alia aos vereadores da bancada petebista no intuito de retaliar o Juiz eleitoral. O “*Folha de Ituiutaba*” que possuía uma linha mais pessedista (PSD), principalmente por influencia de seu proprietário Ercílio Domingues, passa a se posicionar amplamente favorável ao PTB, o que será crucial para seu fechamento em 1964”. Cf: BARBOSA, Iago de Paula. **Entre Trabalhistas e Trabalhadores**: Uma análise da composição do diretório municipal do Partido Trabalhista brasileiro em Ituiutaba/MG (1949-1964). 107 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2015, p. 91.

<sup>51</sup> Entrevista concedida à Dalva Maria de Oliveira Silva, para a dissertação de mestrado: *Memória, lembrança e esquecimento: trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro (1950-1960)*. PUC-SP, 1997. Nessa entrevista o Sr. Ercílio Domingues de Oliveira, relata o momento do golpe na cidade de Ituiutaba e os motivos pelos quais foi preso.



subversivas. Nesse contexto, o jornal foi fechado em abril de 1964, quando o seu proprietário Ercílio Domingues da Silva e o redator-chefe Geraldo Sétimo Moreira foram presos e encaminhados para o DOPS em Belo Horizonte.<sup>52</sup>

O grupo editorial do *Folha de Ituiutaba* era composto por Ercílio Domingues da Silva, diretor e proprietário do jornal, e por Geraldo Sétimo Moreira, redator-chefe. Em 7 de maio de 1960 houve uma mudança de redatores, sendo que Lincoln Ávila Borges deixaria o cargo e Manuel Agostinho assumiu em seu lugar.<sup>53</sup> Além desses redatores, o *Folha de Ituiutaba* contava com diversos colaboradores, os quais prestavam constante auxílio ao jornal, por meio de suas colunas e matérias jornalísticas<sup>54</sup>.

Para além de situarmos esse contexto histórico, no qual estiveram inseridos os agentes do *Folha de Ituiutaba*, queremos apontar algumas considerações sobre a materialidade desse jornal. É interessante a investigação do projeto gráfico desse periódico, uma vez que o local em que as notícias e matérias sobre a Revolução Cubana aparecem em suas páginas ajuda-nos a entender a projeção e relevância que esse periódico dava ao tema em questão.

Seu projeto gráfico era diversificado. As dimensões de suas páginas eram de 53,5x36cm, configurando-se como um jornal em formato *broadsheet* ou *standard*<sup>55</sup>, sendo que a primeira folha do periódico era feita em caracteres tipográficos tamanho 72 chamadas popularmente de letras garrafais. Na primeira página, costumava-se abordar, principalmente, assuntos de caráter político, tanto em âmbito nacional quanto aqueles referentes à cidade de Ituiutaba. As páginas seguintes traziam propagandas e assuntos referentes a igrejas ou instituições da cidade, como também editais da prefeitura e editais de protesto de cartórios. Cabe ressaltar que a quantidade de reclames<sup>56</sup> nesse jornal, se comparadas aos do *Correio do Triângulo* são consideravelmente menores, porém detém uma semelhança com o jornal *O Repórter*. Já sua última página se voltava

---

<sup>52</sup> BANDEIRA, Bruno Taumaturgo, op. cit., p. 50.

<sup>53</sup> NOVO redator do Folha. **Folha de Ituiutaba**, n. 1019, 7 mai. 1960, p. 1.

<sup>54</sup> Bruno Taumaturgo, cita alguns deles no seu trabalho: “Em 1959, podemos encontrar além do grupo editorial do *Folha de Ituiutaba* nomes como: Alaor Ribeiro, Nilson Jurandir Castanheira, Manoel Agostinho (Coluna “Tudo em poucas linhas”), Rozeno Resende, Paranhos de Siqueira (Coluna “Pra Hoje é isto”), Malaquias Pimenta, Tomás de Aquino Petraglia.” Cf: TAUMATURGO, Bruno, op. cit., p. 16.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>56</sup> O termo reclame significa: publicidade, propaganda. E é tomado do artigo de Heloisa de Faria Cruz. Cf: CRUZ, Heloisa de Faria. A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915. **Projeto História**, São Paulo, v. 13, p. 81-92, jun. 1996.

para o esporte, dando cobertura principalmente para os times da cidade e da região. Quando se tratava da Revolução Cubana, o assunto estava majoritariamente na primeira página ou entre a segunda ou a quarta.

O jornal *Correio do Triângulo*, também da cidade de Ituiutaba, surgiu no ano de 1959, tendo sido interrompido em setembro desse mesmo ano. Voltou a circular em 1964, porém foi novamente fechado no ano de 1965<sup>57</sup>. Apesar disso, consideramos que o periódico passou a ter maior destaque após o fechamento, em 1964, do jornal *Folha de Ituiutaba*.

A produção e redação do jornal eram de responsabilidade de Jayme Gonzaga Jayme, que assinava a maioria das notícias e matérias veiculadas pelo *Correio do Triângulo*<sup>58</sup>. A direção, por sua vez, estava a cargo de Benjamin Dias Barbosa. A equipe do jornal contava ainda com outros sujeitos que colaboravam com matérias, colunas e reportagens.<sup>59</sup> O periódico também disputava espaço com outros jornais impressos da cidade de Ituiutaba, mais precisamente com os já citados *Folha de Ituiutaba* e *Correio do Pontal*.

O *Correio do Triângulo* – a exemplo do que ocorria com o *Folha de Ituiutaba* – também tinha ligações com a política local, mas essas relações foram diferentes nos dois momentos de circulação do periódico. Nesse sentido, compartilhamos a análise de Bruno Taumaturgo sobre esses dois momentos:

[...] de fevereiro a setembro de 1959, é considerado como um fracasso “por falta de apoio dos democratas da terra”. Máquinas que impulsionariam o projeto também não vieram possivelmente pela ausência de financiamento destes “democratas”. As duas aparecem assim correlacionadas: um projeto fracassado em 1959, mas que retomava com toda a força em 1964.<sup>60</sup>

Seu projeto gráfico era caracterizado por edições que se modificaram nos dois períodos em que esteve em circulação. Em relação a isso, destacamos mais uma vez as

---

<sup>57</sup> Não sabemos os motivos do fechamento desse periódico nos dois momentos citados. Apenas temos a hipótese de que ele não tenha conseguido parcerias econômicas para se manter em circulação.

<sup>58</sup> TAUMATURGO, Bruno, op. cit., p. 16.

<sup>59</sup> Bruno Taumaturgo discorre sobre alguns participantes desse periódico: “Como colaboradores regulares do *Correio do Triângulo*, encontramos João Petraglia, Joaquim José Bastos, João Valjean Neto (Coluna “Biografia”), João Batista Vilela, Roseno Resende (Coluna “Na realidade: um pouco de poesia”) e os pseudônimos reconhecidos ao longo da pesquisa: Deborah (Coluna “Flagrantes, Society's dust”) e Agha Xis (Coluna “Chumbo Miúdo”)”. Idem, p. 34.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 20.

palavras de Bruno Taumaturgo, quando este afirma que:

O *Correio do Triângulo* trazia nas primeiras páginas os nomes dos responsáveis, o local e data da publicação, e estampado quase sempre em vermelho a seguinte frase: “Órgão Noticioso e Independente”. A definição era clara, além da cidade de Ituiutaba/MG, ele emergia como um jornal para a região do Triângulo Mineiro, localidade situada a oeste do estado de Minas Gerais. Era impresso entre quatro e seis páginas. Exceto em datas e números especiais, que chegavam a oito ou dezesseis, como foi o caso da edição de lançamento. Intitulava-se bi semanário, saindo aos domingos e às quintas-feiras. Comparado a outros jornais, como o *Folha de Ituiutaba*, por exemplo, o tamanho de suas páginas podia ser considerado menor. As suas dimensões (47x33cm) o encaixariam graficamente como um jornal tabloid.<sup>61</sup>

As escassas notícias sobre a Revolução Cubana, mais precisamente as duas únicas menções do jornal sobre o tema no ano de 1964, demonstram-nos que o *Correio do Triângulo* não dava muito destaque à experiência revolucionária cubana. No entanto, a clara disputa que o periódico tinha com o *Folha de Ituiutaba* – tanto em termos de espaço, como em relação às posições políticas – e o seu silêncio sobre o tema são bastante reveladores dos posicionamentos político-ideológicos e da visão que o periódico tinha de Cuba e de sua Revolução. Algo que será notado em 1964, quando o *Correio do Triângulo*, em dos seus editoriais, deixa claro seu posicionamento acerca do movimento revolucionário cubano.

O jornal *O Repórter*, da cidade de Uberlândia, foi fundado em 1933 por Artur de Barros, que posteriormente teve como sócio o jornalista João de Oliveira. Passado algum tempo, João de Oliveira tornou-se o proprietário,<sup>62</sup> estando o fechamento do periódico diretamente associado à sua morte, no ano de 1966. Em agosto do referido ano, o jornal foi oficialmente vendido ao Órgão da Gráfica Editora OVD de São Paulo<sup>63</sup>.

O jornal *O Repórter*, embora buscasse não evidenciar em suas páginas os seus vínculos políticos – aspecto comum a diversos órgãos de comunicação – tinha ligações

---

<sup>61</sup> Idem, p. 34.

<sup>62</sup> PACHECO, Fábio. P. **Mídia e Poder**: representações simbólicas do autoritarismo na política de Uberlândia (1960/1990). 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, p. 7.

<sup>63</sup> ARAUJO, Caroline Abreu; LIMA, Sandra Cristina Fagundes. História do ensino rural no município de Uberlândia-MG (1950-1979): os sujeitos e suas práticas. **Revista Eletrônica Horizonte Científico**, Uberlândia-MG, Universidade Federal de Uberlândia, v.5, n 2, dez. 2011. Disponível em: <[www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/1281](http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/1281)>. Acesso em: 14 abr. 2016.

com a política local de Uberlândia, principalmente com o Partido Social Democrático (PSD)<sup>64</sup>, fazendo parcerias com os seus dirigentes locais. Apesar disso, é difícil definir qual a contribuição e participação efetiva d'*O Repórter* na defesa dos interesses do referido partido.

No entanto, suas reportagens, matérias e editoriais fornecem pistas que ajudam a entender os posicionamentos dos sujeitos do jornal em relação a ideias e práticas políticas de direita e de esquerda nos mais diferentes âmbitos: local, nacional, internacional. Algo que também nos ajuda a compreender alguns dos propósitos do jornal em relação a diferentes temas é sua materialidade.

*O Repórter* era um diário vespertino publicado quinzenalmente, veiculando, sobretudo, notícias e matérias de interesse da “Zona Brasil Central”<sup>65</sup>. A direção d'*O Repórter* estava a cargo de seu proprietário: João de Oliveira. No período compreendido entre 1954 e 1961, o redator-chefe do periódico era Marçal Costa<sup>66</sup>, porém, a partir do ano de 1961, o jornal não possuía nenhum nome que assinava como editor-chefe ou simplesmente como responsável pela edição. Dentre os autores que contribuía com matérias e reportagens no jornal, destacam-se Licydio Paes – importante redator do Correio de Uberlândia –, Brasília Machado Neto, e Ernesto Schiller. Grande parte das matérias e reportagens sobre a Revolução Cubana era assinada por esses sujeitos, todavia, o jornal costumava veicular matérias e reportagens de outros órgãos da imprensa, nacionais ou internacionais. No caso da Revolução Cubana, *O Repórter* trazia muitas reportagens e matérias publicadas em jornais estadunidenses ou comentários sobre o assunto de periódicos latino-americanos.

O projeto gráfico d'*O Repórter* caracterizava-se pelas folhas *Tabloid*<sup>67</sup> e pelo uso de letras garrafais<sup>68</sup>. As características gráficas d'*O Repórter* eram comuns a quase todos os jornais da região no período. Os temas abordados em suas páginas costumavam

---

<sup>64</sup> PACHECO, Fábio P., op. cit., p. 30.

<sup>65</sup> A expressão “Zona Brasil Central” é utilizada para fazer referência às seguintes unidades da federação: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Cf: ARAUJO, Caroline Abreu; LIMA, Sandra Cristina Fagundes, op.cit, p, 7.

<sup>66</sup> Idem, p. 8.

<sup>67</sup> Para ser graficamente classificado como um jornal tabloide, as suas páginas devem possuir as seguintes dimensões: 47x33cm. Cf: DAMASCENO, Patrícia L. Design de jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. **BOCC**: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-40, 2013.

<sup>68</sup> A expressão “letras garrafais” designa, em gíria jornalística, os caracteres tipográficos a partir do tamanho da letra 72. Cf: Ibidem, p. 32.

ser divididos da seguinte forma: a primeira página trazia notícias e artigos sobre assuntos políticos e econômicos relativos – embora com predominância de temas de caráter local – aos mais diferentes âmbitos: regional, nacional e internacional; as páginas seguintes, além de propagandas, mostravam editais da prefeitura de Uberlândia e informações religiosas, ligadas principalmente à Igreja Católica; a última página, por sua vez, voltava-se novamente para questões de cunho político. O tema Revolução Cubana, encontrava-se principalmente na primeira página, mas aparecia também em colunas de opinião na última página do periódico.

## **1.2. Cuba: a vitória revolucionária nas páginas do *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*.**

Os primeiros anos após a vitória dos rebeldes cubanos tiveram uma expressividade internacional, especialmente o ano de 1959, na onde muitos veículos de informação traziam uma espécie de cobertura jornalística para o mais novo regime da ilha, mais do que afirmações, pode-se notar uma espécie de especulação por parte dos periódicos, isso, entretanto, não pressupõe imparcialidade, aliás, nota-se argumentos e opiniões estritamente ligadas às convenções políticas-ideológicas desses meios de comunicação, algo que notadamente se confirmará ao longo do período analisado.

Dessa maneira, temos como primeira matéria sobre a Revolução Cubana expressada pelo jornal *Folha de Ituiutaba* no dia 10 de janeiro de 1959. Nessa edição, o referido periódico veiculava duas matérias sobre Cuba. A primeira seria uma crônica escrita por Luiz Junqueira Vilela, intitulada “Começo Agitado”<sup>69</sup>, na qual o autor afirmava nas primeiras linhas de seu texto que: “Estava indeciso quanto ao que escrever: sobre a Revolução de Cuba ou sobre o Lunik? Decidi por Cuba. Por Cuba Libre.” Em um texto curto, cerca de 30 linhas, Luiz Junqueira Vilela apontava o exemplo cubano “de coragem, de perseverança, de heroísmo, sobretudo, de fidelidade de Fidel Castro à causa revolucionária”. No entanto, também ressaltava que o novo governo cubano teria que enfrentar “sérios obstáculos” para concretizar a sua Revolução.

Nessa mesma edição do *Folha de Ituiutaba*, em que foi veiculada a crônica de Luiz Junqueira Vilela, Tomaz de Aquino Petraglia publicava um artigo sob o título “O exemplo de Cuba”. Nele, o autor exaltava a revolução triunfante, nos seguintes termos:

---

<sup>69</sup> CRÔNICA: começo agitado. *Folha de Ituiutaba*, n. 930, 10 jan. 1959, p. 2.

A revolução vitoriosa de Cuba é de imensa significação. Significa que os países subdesenvolvidos e oprimidos pelas finanças internacionais, emperrados no desenvolvimento econômico por forças estranhas, já sabem muito bem das suas capacidades em promover sua política e sua economia<sup>70</sup>.

Tomaz de Aquino Petraglia, além de destacar o simbolismo da Revolução Cubana para as lutas dos países subdesenvolvidos, enfatiza também o caráter nacionalista da luta dos revolucionários cubanos, ao afirmar que “foi em Cuba que o espírito nacionalista chegou a tal saturação, que houve a necessidade de transformar o regime vigente”. Incluindo a experiência cubana em uma lista de importantes revoluções que aconteceram no mundo, o autor argumentava que em Cuba houve uma Revolução e não um golpe, pois: “não foi somente uma revolta contra a tirania bonifrate imperialista, pois as revoltas só dão golpe de Estado ou golpes em armas, as revoluções, no entanto, vão mais longe. Procuram mudar de cima para baixo a ordem social.” Apontando o caráter nacionalista como uma das principais causas da vitória revolucionária, o autor afirmava que o nacionalismo era imprescindível ainda “para que se execute a política contrária ao imperialismo que antes predominara”. Para tanto, afirmava ser necessário que:

[...] se erija uma ordem social trabalhista, sem privilégios classistas, sem privilégios políticos e burocráticos, para que em Cuba possa se falar ‘grosso modo’ na Revolução de Cuba, na sua realização, não só no terreno das armas e das ideias, será preciso ainda enfrentar o cério e a pressão econômica internacional dos interessados em sua derrota, dos que fomentaram seus inimigos.<sup>71</sup>

Ainda nessa perspectiva, e propondo um diagnóstico futuro da Revolução, Tomaz de Aquino Petraglia salientava que o governo revolucionário ainda teria que enfrentar vários desafios, conforme fica evidenciado nos seguintes questionamentos formulados pelo autor:

E as pressões diplomáticas que logo se formaram em pressão política? E a reação interna dos grupos abastados, enriquecidos pelo desumano conúbio com o capital estrangeiro? E a propaganda externa toda como evidencia a história das

---

<sup>70</sup> PETRAGLIA, Tomaz de Aquino. O exemplo de Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 930, 10 de jan. 1959, p. 2.

<sup>71</sup> Idem.

revoluções, a propaganda contrária revolucionária?<sup>72</sup>

Ao concluir sua reflexão, o articulista afirmava que Cuba e seus revolucionários precisariam de muita “energia” para os dias que viriam e para suportar as pressões que recairiam sobre eles. Advertia aos leitores que a Revolução Cubana teria demonstrado “para os defensores do capital estrangeiro, para os detratores do nacionalismo, eis do que o imperialismo e nacionalismo são capazes.”. Destacava finalmente o fato de Cuba ser “um exemplo do nacionalismo latino-americano, que nos empolga, pois busca uma ordem social mais justa e progressista”<sup>73</sup>.

É perceptível desde esses primeiros comentários sobre a Revolução Cubana veiculados pelo *Folha de Ituiutaba*, o que seria confirmado também em edições dos anos subsequentes, uma determinada expectativa pelo movimento que triunfou em Cuba no ano de 1959.

Dessas primeiras publicações sobre o tema no jornal, o artigo de Tomaz de Aquino Petraglia é que nos chama mais atenção. Isso porque, Petraglia era um advogado, residente da cidade de Ituiutaba, filho de João Petraglia, um conhecido participante de movimentos políticos da cidade. Tomaz de Aquino Petraglia, além de ser um assíduo colaborador do jornal *Folha de Ituiutaba*, participava de debates na *Rádio Platina*<sup>74</sup>. Sendo inclusive indiciado pela polícia política de Minas Gerais no ano de 1964 por ser um defensor de ideias “extremistas”, que aqui interpretamos como uma possível proximidade de Tomaz de Aquino Petraglia com as ideias petebistas, mesmo não tendo sido localizado nenhum registro de sua participação no partido<sup>75</sup>. Segundo um relatório do DOPS, datado do dia 4 de junho de 1964, Tomaz de Aquino Petraglia, era investigado pela polícia política por “alimentar o jornal com artigos perniciosos ao regime [sic].” Além disso, na página 4 desse mesmo relatório, era descrito um laudo policial sobre Tomaz de Aquino Petraglia e Humberto Teodoro Júnior, no qual se afirmava que:

---

<sup>72</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>73</sup> Idem.

<sup>74</sup> A Rádio Platina AM foi inaugurada em 1946. Seus primeiros proprietários foram Adelino Alves de Moura e Hélio Alvez Guimarães. Depois, a emissora passou à direção de Alcides Gomes Junqueira e Luiz Alberto Franco Junqueira. No final da década de 1980, a rádio foi vendida para um grupo de empresários da cidade: o Grupo Cancelli. Cf: SILVA, Hairton Dias da. **Eu e as emissoras de rádio**: história do rádio de Ituiutaba. Ituiutaba, [s.e.], 2014.

<sup>75</sup> O relatório citado pode ser consultado em: APM, Fundo DOPS/MG, Pasta 4683, p. 4.

[...] com relação aos indivíduos acima citados, ficou comprovada, na investigação, serem eles partidários da implantação do comunismo no País. Escreveram vários artigos no jornal ‘Folha de Ituiutaba’, dando ênfase às ideias esquerdistas, nos quais deixavam entrever serem simpatizantes da doutrina Kremlin.<sup>76</sup>

Assim, percebe-se, juntamente outros textos e crônicas publicadas no *Folha de Ituiutaba* e assinadas por Tomaz de Aquino Petraglia, seu anseio em afirmar seu nacionalismo, aliás, isso fica evidente em diferentes ocasiões em que ele se declarava, um “defensor do nacionalismo”<sup>77</sup>. Nota-se ainda, nessas primeiras representações sobre a Revolução Cubana no *Folha de Ituiutaba*, a evidente aproximação das posições dos membros desse periódico, uma vez, que eram ligados ao Partido Trabalhista Brasileiro, partido cuja plataforma política estava apoiada na difusão das ideias de nacionalismo, trabalhismo e progresso.

Representar a Revolução Cubana como um “exemplo de nacionalismo” era uma forma de legitimar não apenas a experiência revolucionária ocorrida no país caribenho, mas também as ideias políticas defendidas pelos agentes do jornal. A referência ao “exemplo cubano”, portanto, é uma maneira de conferir legitimidade às ideias defendidas pelos sujeitos desse periódico, que podiam demonstrar que seus projetos ganhavam notoriedade e tinham uma exímia fonte de inspiração na Cuba revolucionária.

Em contrapartida ao ar amistoso e entusiasta do *Folha de Ituiutaba* sobre o triunfo revolucionário cubano, temos como primeira publicação d’*O Repórter*, em 28 de Janeiro de 1959, uma citação de Cuba e Fidel Castro, porém, não uma menção a Revolução. Em uma matéria, assinada por Ernesto Schiller, intitulada: “Querem botar pedra no caminho”<sup>78</sup>, o autor, comentava o apoio do então presidente da Argentina, Arturo Frondizi, à Operação Pan-americana, lançada por Juscelino Kubitschek. Além

---

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Confirma-se isso, justamente, pela matéria de Humberto Teodoro Júnior, “Alvorada de uma Nação”, porque após ser divulgado esse artigo no *Folha de Ituiutaba*, Tomaz de Aquino Petraglia agradecia a seu amigo pelos elogios que lhe foram feitos – agradecimento publicado no periódico em abril de 1963 –, afirmando: “Recebo-os, porém, como se fossem dirigidos não a mim, mas unicamente às minhas ideias – as ideias nacionalistas – que procurarei sempre defender e honrar”. No entanto, a matéria de Humberto Teodoro Júnior “Alvorada de uma Nação” não foi encontrada nos arquivos que temos disponíveis do *Folha de Ituiutaba*, mas sua veracidade pode ser comprovada pelo fato de ser citada tanto no jornal quanto em um relatório do DOPS. Cf: APM Fundo DOPS/MG, Pasta 4683, p. 4; PETRAGLIA, Tomaz de Aquino. Os empréstimos norte-americanos. *Folha de Ituiutaba*, n. 1251, 13 abr. 1963, p. 4.

<sup>78</sup> SCHILLER, Ernesto. Querem botar pedra no caminho. *O Repórter*, Uberlândia, n. 319, 28 jan. 1959, p. 1.



disso, comentava também um discurso proferido por Fidel Castro, na Venezuela, ocasião em que o líder cubano defendia que “todos os governos latino-americanos se unissem em bloco contra os governos que ainda oprimem estados e nações”. Nesse discurso, Segundo Schiller, nesse discurso Fidel Castro declarou ainda estar:

[...] persuadido de que nossos governos conseguirão com apoio da opinião pública americana, expulsar os últimos ditadores e o meu vivo desejo seria de que coubesse a Rómulo Betancourt, presidente da Venezuela, formar esse bloco latino-americano.<sup>79</sup>

Logo, portanto, o escritor da matéria construía uma oposição em relação a Operação Pan-americana e ao posicionamento mais radical de Fidel Castro na defesa do latino-americanismo e criticava a falta de traquejo do líder cubano em assuntos de política internacional, fazendo referência ao:

(...) rastro insinuator de Fidel, que absolutamente ainda não está bem a par da situação internacional no Ocidente; por enquanto ele não tem traquejo para assuntos como tais e nem teve tempo para isso. É capaz até mesmo de ignorar – porque esteve vivendo, dilatado tempo, a vida áspera de guerrilheiro, atrás das montanhas – quando esta operação já estava em plena marcha, com apoio integral de todas as nações desse hemisfério. Tanto assim, que revelara ele próprio ao deputado norte-americano Clayton, que quer voltar para casa e ler um pouco de poesia.<sup>80</sup>

Nessa matéria, Ernesto Schiller, além de evidenciar que os discursos de Fidel Castro podiam prejudicar as relações do Brasil com a Venezuela – no sentido de criar obstáculos à Operação Pan-americana – considerava que o líder cubano fizera uma “exposição doutrinária” a respeito dos acontecimentos na América Latina.

Percebe-se, portanto, a contraposição dos periódicos nessas primeiras menções sobre a Revolução Cubana em 1959, mesmo não sendo um comentário voltado a Revolução Cubana feito pelo colaborador do periódico *O Repórter*, nota-se um caráter questionador do protagonista e líder da Revolução na ilha caribenha, algo contrastante com as primeiras menções do *Folha de Ituiutaba*, que já se demonstrava uma entusiasta com o movimento. Em *O Repórter* parece incorrer mais dúvidas do que gratulações ao novo regime cubano.

Isso ficará ainda mais evidente no decorrer das representações construídas sobre a Revolução Cubana pelo jornal *O Repórter*, ainda no ano de 1959, pois elas tinham

---

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> Idem.

uma característica comum: apresentar as contradições do regime revolucionário. Para isso, era recorrente a ênfase dada pelo periódico ao tema dos fuzilamentos que aconteciam em Cuba. Evidentemente que os paredões de fuzilamento em Cuba já davam àqueles que viviam fora da ilha motivos para criticar o novo regime revolucionário. Aliás, nesse período já era bastante difundido por críticos do regime cubano a ideia de que Raul Castro e Che Guevara mostravam-se “homens duros”, pois “Guevara assinou pessoalmente pelo menos 50 penas de morte”<sup>81</sup> e Raul Castro “teria supervisionado a execução em massa de 70 soldados de Batista”<sup>82</sup>.

Depois da referência ao líder cubano na matéria que tratava das relações interamericanas, *O Repórter* trataria diretamente do tema da Revolução Cubana, abordando, em sua edição de 09 de fevereiro de 1959, a polêmica questão da pena de morte, veiculando a matéria intitulada “Mais Fuzilamentos em Cuba”<sup>83</sup>, na qual afirmava-se que:

O governo deposto em Cuba, do ditador Fulgencio Batista celebrizou-se pela sua tirania, responsável pelo trucidamento de centenas e centenas de pessoas que não lhe batiam palma pelos seus desmandos. A oposição combateu-o por muito tempo com os mais sérios sacrifícios. Finalmente venceu, enxotando o caudilho do poder. Fidel Castro, o chefe valoroso da Revolução, foi recebido pelo seu povo com verdadeiro delírio<sup>84</sup>.

Assim, o jornal ainda apontava: “Estabelecido o governo revolucionário, depois da fuga do ditador, começaram as vinganças contra os partidários e cúmplices de Batista. Tem sido fuzilada muita gente”<sup>85</sup>. Perfazendo um caráter histórico da luta revolucionária o periódico ainda afirmava:

Ninguém contesta o castigo legítimo aos merecidos criminosos; mas o fato é que as execuções por lá tem sido feitas por medidas sumárias, com sentenças conferidas por tribunais de emergência e com elementos apaixonantes, destituídos dos conhecimentos mínimos inerente aos magistrados<sup>86</sup>.

Ainda segundo *O Repórter*, tais decisões do governo revolucionário cubano fariam surgir: “em várias nações, mormente nos Estados Unidos, uma onda de revolta

---

<sup>81</sup> GOTT, Richard, op. cit., p. 194.

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> MAIS fuzilamentos em Cuba. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3199, 9 fev. 1959, p. 1.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 1.

perfeitamente compreensível diante do estado atual de nossa civilização. Infelizmente os vencedores cubanos não quiseram ouvir a tais ponderações.”<sup>87</sup> E, contudo, conclui:

A pena de morte continua sendo decretada diariamente e o chefe vitorioso ainda se declara indignado com as advertências feitas pelos ianques. Ainda agora, mais três chefes das forças militares acabam de ser metralhados e, oficialmente, vinte e tantos aviadores estão ameaçados de tal sorte. É provável que estes homens tenham culpa e que devam ser punidos com as penas mais rigorosas. Mas esses julgamentos apresentados pelos juízes, sem a necessária serenidade, é coisa que repugna ao sentimento de justiça e a índole cristã.”<sup>88</sup>

Observa-se nessa matéria veiculada nas páginas *d'O Repórter* que, diferentemente do que ocorria, por exemplo, nas páginas do *Folha de Ituiutaba*, não há uma preocupação em enaltecer a Revolução e justificar suas práticas como uma imposição das circunstâncias. Também, não há, tal como ocorria nas páginas do *Correio do Triângulo*, em criticar a qualquer custo a experiência revolucionária. A abordagem feita pelo jornal *O Repórter* destaca as múltiplas faces da Revolução Cubana. Por um lado, o jornal reconhece o mérito da luta revolucionária na luta legítima contra a ditadura de Fulgencio Batista e destaca a figura de Fidel Castro como “chefe valoroso” da Revolução. Por outro lado, o periódico uberlandense não deixa de criticar as execuções sumárias, realizadas em julgamentos em que a legalidade jurídica ficava comprometida. A propósito da pena de morte, é interessante que, circulando em uma cidade cuja sociedade era marcadamente religiosa, o jornal fundamenta sua crítica às execuções sumárias justamente em referenciais religiosos, apelando não apenas para o sentimento de justiça, mas também para a “índole cristã”. Isso pode estar relacionado não apenas aos posicionamentos ideológicos ou valores religiosos dos integrantes do corpo editorial do periódico, mas também à própria configuração cultural da sociedade em que seus escritos circulavam. Neste sentido, concordamos Heloísa Faria Cruz ao afirmar que um jornal sempre tem como foco principal a difusão de concepções e práticas culturais do ambiente em que se situa<sup>89</sup>.

Ainda na perspectiva da crítica à pena de morte, a condenação ao “ódio” era reiterada pelo periódico quando ele abordava os fuzilamentos em Cuba. No dia 23 de

---

<sup>87</sup> Idem

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup>Essa afirmação é baseada na reflexão de Heloísa Faria Cruz, que discute a relação da linguagem publicitária, feita na imprensa, em relação ao ambiente em que o periódico está inserido. CRUZ, Heloísa Faria, op.cit., p. 81-82.

fevereiro de 1959, por exemplo, Brasília Machado Neto<sup>90</sup> escrevera para *O Repórter* uma coluna intitulada: “Seara de ódio”. O articulista versava sobre a cidade cubana de Matanzas, na qual o governo de Cuba havia instalado tribunais de emergência, os quais, “funcionando dia e noite, estão julgando sumariamente e enviando aos pelotões de fuzilamento centenas de partidários do regime deposto, acusados de crimes diversos”. O autor da matéria salientava que “ninguém nega aos cubanos o direito de penalizar os nacionais da forma que lhes cabe”, entretanto, impressionado com os excessos cometidos, considerava que “pela grande massa de atentados humanos, o assunto deixa de pertencer à órbita interna e passa a preocupar por sua formação enquanto um país baseado nas formas democráticas e jurídicas”<sup>91</sup>.

O autor prosseguia sua crítica contundente, afirmando que os fuzilamentos praticados em Cuba causavam “o mesmo horror que as hecatombes da Revolução Russa, os campos de concentração nazista, as cem flores de Mao”. E considerava “deplorável” que acontecimentos desse tipo ocorrem “em um mundo como este, cuja vocação é liberal e democrática”. Neste sentido, expressava sua crítica ao regime cubano, lamentando que

Coube à pátria de Martí destoar nesse processo de regeneração cívica. E nós outros, cidadãos das Américas cuja simpatia inequívoca esteve com os bravos lutadores da Sierra Maestra, perguntamos desolados se o povo cubano merecia que o cutelo sanguinolento das mãos de Batista terminasse, apenas para ser passados às mãos de Fidel Castro. Detenha-se o herói vencedor, antes que o mar de sangue, que faz subir em torno dele, acabe por submergi-lo. Há certas lições da experiência histórica, que como homem culto ele não deve ignorar. Uma é a do novo destino melancólico das revoluções, outra é de que a violência só gera violência. Nada de bom pode resultar da seara de ódio.<sup>92</sup>

É interessante notar o recurso do autor à citação de eventos históricos que eram conhecidos por uma grande parte da população mundial, ou seja, o uso de referenciais que estavam presentes na memória coletiva. Ora, sabe-se que a memória interage num

---

<sup>90</sup> Vindo de uma das famílias mais tradicionais de São Paulo, a dos Alcântara Machado, Brasília Augusto Machado de Oliveira Neto nasceu na capital do Estado, em 12 de março de 1900. Esteve na presidência da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, em 1944. Além disso, foi também deputado estadual e Federal. Faleceu em 1968. Cf.: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?tab=00002&subTab=00000&newsID=a7314.htm&testeira=45>>. Acesso em 11 abr. 2016. Não sabemos se, de fato, Brasília Machado Neto, escrevia para *O Repórter* ou se suas matérias eram publicadas em outros periódicos e apenas reproduzidas no jornal uberlandense.

<sup>91</sup> MACHADO NETO, Brasília. Seara de ódio. **O Repórter**, Uberlândia, n.3.307. 23 fev. 1959, p. 2.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p.2.

campo “entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido”<sup>93</sup>. Ao recorrer ao “material” fornecido pelo próprio passado ou, poder-se-ia dizer, pela história, o autor legitimava seu discurso sobre o “destino melancólico” das revoluções e embasava sua crítica aos líderes da Revolução que outrora tinham lutado justamente contra o autoritarismo que, agora, estavam empreendendo em Cuba.

Em 14 de março de 1959, *O Repórter* veiculava mais uma longa matéria, intitulada “Contraste”, na qual seu autor, Lycídio Paes<sup>94</sup>, abordava também o tema dos fuzilamentos em Cuba. O articulista impressionava-se com a postura adotada por Fidel Castro, pois “mesmo com a indignação de nações cultas de nosso hemisfério, o caudilho vitorioso não se alarmou”. Impressionava-se também com as estatísticas das mortes no paredão, afirmando que “até agora, segundo estatísticas dos matadouros, mais de quatrocentos caíram diante dos pelotões de fuzilamento”. De acordo com o autor, os fuzilamentos não ajudariam em nada na pacificação do país caribenho, constituindo-se em uma prática contrária à “tolerância”, ao “perdão”, à “magnanimidade”. Em outra passagem da matéria, que justificava a escolha do título, Lycídio Paes argumentava sobre o “contraste” existente entre o autoritarismo do regime conduzido pelo “impiedoso” líder cubano e os “princípios liberais” que eram proclamados em “todas as nações civilizadas”<sup>95</sup>.

A matéria de Lycídio Paes contribuía para reforçar a imagem de que, em Cuba, o movimento revolucionário que lutou pela implantação de ideais libertários, uma vez no poder, estava tornando-se autoritário. O articulista enfatiza os contrastes existentes entre as nações civilizadas e Cuba, pois considerava que as práticas do regime cubano eram contrárias aos princípios democráticos e aos ditames e ideologias liberais. Há que se considerar também que as críticas à Revolução Cubana podem estar relacionadas, de alguma forma, às ligações políticas dos membros do corpo editorial do jornal com o PSD, partido cujas posições divergiam das diretrizes dos grupos políticos de esquerda e das políticas voltadas para o favorecimento das classes subalternas.

---

<sup>93</sup> POLLAK, Michael, op.cit. p. 7.

<sup>94</sup> Lycídio Paes nasceu no distrito da Saúde em Mar de Espanha-MG, em 1885. Mudou-se para Uberlândia em 1920 e assumiu a direção do Correio de Uberlândia nesse mesmo ano. Lycídio Paes era um colaborador assíduo em diversos jornais de Uberlândia. Era escritor, principalmente de crônicas. Entretanto, eventualmente, abordava a política local, os costumes locais, os fatos pretéritos e o cotidiano da cidade. A esse respeito, ver: SILVA, Pereira Antônio. A importância da crônica para o registro da memória local. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, ano 19, n. 35, p. 37-40, 2006.

<sup>95</sup> PAES, Lycídio. Contraste. *O Repórter*, Uberlândia, n. 2221, 14 mar. 1959, p. 3.

As críticas d'*O Repórter* à Revolução Cubana continuavam sendo pautadas pelo tema dos pelotões de fuzilamento. Em 28 de março de 1959, o jornal veiculava uma notícia sobre uma suspensão temporária da atuação dos tribunais revolucionários cubanos, o que significava uma breve trégua nas execuções nos paredões de fuzilamento. Segundo o relato do jornal,

Agora, entretanto, num requinte de hipocrisia, as autoridades de Cuba anunciaram que as execuções foram suspensas durante a semana santa. Os sentimentos dos cristãos devem acompanhar os homens durante toda sua vida e não apenas nos sete dias de martírio de Cristo. A semana oferece exemplos à humanidade, mas esses exemplos vigoram também pelo resto do ano. Piedade de exceção não é piedade, é disfarce, é falsidade, é traição<sup>96</sup>.

Nessa notícia chama a atenção, uma vez mais, a presença do discurso cristão para fundamentar as críticas ao regime cubano. A suspensão temporária das execuções foi interpretada como “hipocrisia”, como “traição”. Condenava-se a “piedade de exceção”, uma vez que esse sentimento cristão deveria acompanhar os homens sempre e não apenas durante a Semana Santa. É interessante notar aqui que, ao contrário do *Folha de Ituiutaba* – que utilizava passagens e personagens da bíblia para representar Cuba como uma nação oprimida, martirizada, traída, etc. –, *O Repórter* valia-se das imagens bíblicas para uma finalidade diferente: condenar as práticas do regime revolucionário.

A articulação entre o tema da Revolução Cubana e os assuntos religiosos apareceria novamente nas páginas d'*O Repórter* em sua edição do dia 6 de fevereiro de 1960. Na matéria “A Fala do Cardeal”, A. L. Neto argumentava que as declarações de um dos maiores “príncipes” da Igreja Católica sobre a situação de Cuba deveria servir para a reflexão dos católicos, pois o momento inspirava cuidado, uma vez que “vários propagandistas comunistas procuram se infiltrar nos meios católicos”. Essa afirmativa era feita em relação a Cuba, mas extensiva aos outros países, inclusive ao Brasil. Na perspectiva de recorrer à fala autorizada dos religiosos, o articulista destacava ainda as palavras do Cardeal Richard Cushing<sup>97</sup>, de uma Igreja de Boston, o qual alertava os católicos para os atentados que estavam sendo cometidos por Fidel Castro, em uma

---

<sup>96</sup> SUSPENSAS as execuções em Cuba. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3230, 28 mar. 1959, p. 1.

<sup>97</sup> Richard James Cushing nasceu em 24 de agosto de 1895 e faleceu em 2 de novembro de 1970. Foi um prelado americano da Igreja Católica Romana. Ele serviu como arcebispo de Boston 1944-1970, e foi ordenado cardeal em 1958. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,876036-5,00.html>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

alusão às “expropriações feitas pelo governo revolucionário a um seminário de Cuba”<sup>98</sup>.

É notório que, no decorrer do ano de 1959, a abordagem da Revolução Cubana nas páginas d’*O Repórter* concentrou-se em um tema principal: os pelotões de fuzilamento. Esse tema em torno do qual foram construídas as primeiras representações da Revolução Cubana permitia ao jornal recorrer a uma prática que lhe era comum: a difusão de discursos cristãos, ligados principalmente à Igreja Católica. Afirmamos isso, pois não era somente em relação ao contexto revolucionário de Cuba que os sujeitos do *O Repórter* difundiam discursos ligados à Igreja Católica. Não podemos dizer com clareza o grau de ligação dos agentes desse jornal com essa instituição religiosa, pois não encontramos nenhum editorial de opinião no jornal no qual isso ficasse evidente. Entretanto, são inúmeras matérias veiculadas pelo periódico que tem como foco a fomentação das práticas e pensamentos religiosos. Desse modo, a recorrência dos discursos religiosos nas páginas d’*O Repórter* evidencia que o apelo aos sentimentos religiosos não estava ligado apenas à abordagem dos pelotões de fuzilamento em Cuba, podendo ser algo que constituía os valores morais dos integrantes do referido periódico.

Convém, no entanto, fazer a ressalva de que as matérias veiculadas pelo jornal nem sempre expressam as opiniões dos próprios agentes do periódico, pois, ao longo de sua história, “a imprensa contou com a participação de intelectuais – de várias áreas – para divulgar suas ideias, pensamentos políticos e ideológicos”<sup>99</sup>. Neste sentido, os escritos de um autor podem possuir tanto aproximações quanto distanciamentos em relação a algumas das posições do corpo editorial do jornal para o qual ele colabora.

O jornal *Correio do Triangulo*, ao contrário do que acontecia no *Folha de Ituiutaba* e no *O Repórter* e em tantos outros periódicos de vários países do mundo, não veiculou nenhuma notícia ou artigo de opinião sobre o triunfo da Revolução Cubana e nem mesmo sobre as repercussões desse importante acontecimento ou as primeiras medidas do governo revolucionário durante os meses subsequentes. O referido jornal foi criado pouco mais de um mês após o triunfo da Revolução Cubana. A edição de lançamento do jornal, datada de 6 de fevereiro de 1959. Essa edição contou com mais de 17 páginas nas quais eram abordados diversos assuntos, com destaque para temas relativos à cidade de Ituiutaba. No entanto, para além do emblemático silêncio sobre a

---

<sup>98</sup> NETO, A. L. A fala do cardeal. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3438, 6 fev. 1960, p. 3.

<sup>99</sup> LUCA, Tânia R., op.cit., p. 125.

Revolução Cubana, é possível notar que as posições político-ideológicas dos agentes desse jornal eram realmente opostas às ideias defendidas pelos integrantes do *Folha de Ituiutaba* e em alguma medida d' *O Repórter*. No editorial do *Correio do Triângulo*, em sua edição de lançamento, intitulado “Nosso Roteiro”<sup>100</sup>, continha uma declaração sobre os objetivos que orientaram a criação desse novo jornal na cidade. Além de ressaltar sua proposta de “dar visibilidade econômica para Ituiutaba e região”, sua finalidade primordial era:

[...] torna-se arauto das legítimas reivindicações do povo Tijucano, da comunidade Triangulina, esquecidos, olvidados, pelos governantes, pelos comensais de todo governo, nas partilhas equitativas, justas, de benefícios, uma vez que de encargos, engodos, mistificações, estamos pelejados.<sup>101</sup>

Ainda nesse mesmo editorial, o jornal trazia uma defesa da democracia. Nele o periódico buscava externar suas posições político-ideológicas e o que constituiria sua bandeira de luta. Declarava que não se propunha a defender: “Nem comunismo, nem fascismo”, afirmando lutar: “Apenas por Ituiutaba. Por Minas Altaneira. Pelo Brasil, redimido, forte, respeitado, uno, indivisível, cristão, democrático”<sup>102</sup>.

A declarada ênfase que o *Correio do Triângulo* pretendia dar a temas nacionais e locais não basta, porém, para explicar o seu silêncio sobre importantes acontecimentos de âmbito internacional, como, por exemplo, o triunfo da Revolução Cubana. É importante, pois, levar em consideração as múltiplas razões que podem explicar determinados silêncios e não-ditos<sup>103</sup>. A Revolução Cubana certamente não era um tema que se coadunava com determinados princípios que faziam parte daquilo que os editores do *Correio do Triângulo* declaravam ser sua “formação moral”, dentre os quais constava a defesa da “propriedade privada”. A reforma agrária realizada pelo governo revolucionário cubano, a partir de maio de 1959, era uma medida que, inegavelmente contrária à “formação moral” dos referidos editores, portanto, não seria necessário a crítica, mais simplesmente o silêncio.

Em sua primeira e breve fase de circulação, de fevereiro a setembro de 1959, o

---

<sup>100</sup> NOSSO, roteiro. **Correio do Triângulo**, Ituiutaba, n. 1, 6 fev. 1959, p. 1.

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> A respeito das variadas razões que podem explicar os silêncios e não-ditos, ver: POLLAK, Michael, op. cit., passim.



*Correio do Triângulo* optou por silenciar sobre os acontecimentos que tinham lugar em Cuba. Não obstante, a partir de 1964, quando se inicia uma nova fase de circulação, o periódico abandonou o silêncio que marcou sua primeira fase, passando a emitir, conforme veremos mais adiante, suas opiniões sobre a Revolução Cubana.

### 1.3 A culpa é de quem?

No decorrer do ano de 1959, em razão das medidas tomadas pelo governo revolucionário cubano, as relações com os Estados Unidos foram se tornando cada vez mais conflituosas. O novo regime revolucionário, já nos primeiros seis meses de governo, adotava medidas que iriam levar a um crescente descontentamento tanto dos grandes capitalistas cubanos, quanto do maior representante externo desse sistema econômico. Algumas dessas medidas revolucionárias ganharam grande repercussão internacional, com destaque para a reforma agrária, que foi anunciada pelo governo em maio de 1959, marcando o início do conflito entre Estados Unidos e Cuba. Referindo-se à lei da reforma agrária, Richard Gott afirma que:

A nova lei acabava com as grandes propriedades, como ele [Fidel Castro] anunciara em seu discurso após o ataque ao quartel de Moncada em 1953. Os proprietários de terra tinham permissão de conservar 402 hectares (1.000 acres), das suas antigas propriedades, mas áreas excedentes estavam sujeitas a expropriação.<sup>104</sup>

A lei da reforma agrária levou especial preocupação aos Estados Unidos, pois foi considerada como um “golpe para os proprietários de terra estrangeiros, cuja maioria era norte-americana.”<sup>105</sup> A resposta do governo estadunidense não demoraria muito. Em julho, semanas depois da lei da reforma agrária, os Estados Unidos enviaram uma nota oficial de protesto. “A reforma, afirmava a nota, teria um efeito adverso sobre a economia cubana e desestimularia o investimento privado tanto na agricultura quanto na economia”<sup>106</sup>. Segundo Richard Gott,

A reforma agrária foi o ponto crítico do relacionamento dos Estados Unidos com Cuba. Quando o conselho de Segurança Nacional (CSN) reanimou as suas discussões sobre Cuba em junho, decidiu que Castro tinha de sair. O objetivo confidencialmente declarado dos Estados Unidos era ajustar as suas ações ‘em vista de acelerar o desenvolvimento de uma oposição em Cuba que ocasionasse... um

---

<sup>104</sup> GOTT, Richard, op. cit., p. 196.

<sup>105</sup> Idem, p. 197.

<sup>106</sup> Idem, pp. 206-207.

novo governo favorável aos interesses dos Estados Unidos’.<sup>107</sup>

Em fevereiro de 1960, a relação entre Estados Unidos e Cuba, estava marcada por um antagonismo ainda mais acentuado. Alguns dos motivos que levaram a esse acirramento dos antagonismos são explicados por Richard Gott:

Em abril, as relações entre os Estados Unidos e Cuba deterioraram-se ainda mais. Quando chegaram as primeiras 300 mil toneladas de petróleo bruto soviético, em troca de açúcar, o governo cubano requisitou o serviço das três refinarias existentes na ilha – de propriedade e operadas pela Shell, pela Standard Oil e pela Texaco. O plano interino dos Estados Unidos era tentar quebrar Cuba economicamente, e as companhias petroleiras norte-americanas em Cuba foram pressionadas a não refinar o óleo soviético. Confrontados à intransigência das três companhias, em junho os cubanos confiscaram o patrimônio delas na ilha.<sup>108</sup>

Então, a partir de um projeto de lei, apresentado no Congresso estadunidense foi aprovada a eliminação da cota de açúcar que outrora era comprada dos cubanos. Algo desastroso para economia cubana que ficou com 700 mil toneladas da colheita de açúcar no ano de 1960 para vender. Porém, Fidel Castro respondera às intervenções norte-americanas vendendo as 700 mil toneladas de açúcar para os soviéticos e anunciando em 6 de agosto a nacionalização de todas propriedades norte-americanas no país. O governo revolucionário, por meio de seu representante máximo, Fidel Castro, fazia um discurso “denunciando os Estados Unidos e colocando a Revolução Cubana na perspectiva das grandes lutas de libertação do continente latino-americano”<sup>109</sup>. Esse discurso ficou conhecido como A Primeira Declaração de Havana.

O bloqueio econômico imposto em novembro de 1960 pelos EUA afetou de forma substancial a economia cubana. Isso pode ser ilustrado, entre outros aspectos, pelo fato de os Estados Unidos terem cancelado o fornecimento de matérias-primas para as fábricas cubanas<sup>110</sup>. As medidas decorrentes do bloqueio econômico não só afetaram as relações entre os dois países, como também fizeram com que a Revolução Cubana voltasse a ocupar posição de destaque nas páginas dos jornais. O jornal *Folha de Ituiutaba* não se absteve de comentar as relações antagônicas entre os dois países e de demonstrar a que lado era favorável.

---

<sup>107</sup> Ibidem, p. 207.

<sup>108</sup> Idem, p. 211.

<sup>109</sup> Idem, p. 211-212.

<sup>110</sup> Idem, p. 215.

No dia 16 de Julho de 1960, o *Folha de Ituiutaba* estampava em sua primeira página a matéria intitulada “Cuba, a OPA e Outras cositas”<sup>111</sup>, por meio da qual abordava os últimos acontecimentos da política internacional, afirmando que “A situação entre os Estados Unidos e Cuba, era tensa desde a derrubada do ditador Batista, e agravou-se bastante nos últimos dias”. Logo em seguida, explicava as razões disso, uma vez que “qualquer medida tomada por Fidel Castro que beneficie seu país, vai contra os interesses norte-americanos que exploravam a ilha”. O periódico comentava sobre a eliminação da cota de açúcar de Cuba que era anteriormente adquirida pelos Estados Unidos e discorria em um tom extremamente crítico sobre a atitude do governo estadunidense, afirmando que essa medida foi uma tentativa:

[...] de que os cubanos abdicassem da sua justa emancipação econômica, compelidos pela fome e outras restrições, e na mais cruel pressão já feita pelos ianques de que sem notícia, os ianques se dizem agora ameaçados pelos barbudos ilhéus, propensos até de convocar uma reunião com a lírica Organização dos Estados Americanos, com o fito exclusivo de suscitar novas sanções a Cuba.<sup>112</sup>

A partir disso, os agentes do *Folha de Ituiutaba* voltaram suas críticas aos grandes órgãos de informação do Brasil, afirmando que estes no “instante em que está em jogo a sobrevivência dos nossos mais caros princípios, procuram não revelar a face do verdadeiro conflito entre o pequeno David e o gigantesco e poderoso Golias”, de modo a construir a ideia de que os Estados Unidos são um ótimo país. O verdadeiro propósito dessa grande imprensa, que, segundo o *Folha de Ituiutaba*, era beneficiada por empresas norte-americanas, seria “inculcar nas massas que Fidel Castro com toda debilidade do país que dirige, é o agressor, e que Cuba é ponta de lança soviética”. A matéria mostrava assim sua intenção de “desmascarar” as políticas norte-americanas e, valendo-se do histórico de intervenções estadunidenses na América Latina, fazia um relato do conflito na Guatemala, onde os Estados Unidos realizaram a deposição de Jacob Arberz, empreendendo:

[...] a reentronização da ‘United Fruit Co’, como suprema dirigente do destino dos guatemaltecos, para justificar a vergonhosa intervenção, a defesa da civilização cristã e ocidental, gravemente ameaçada pelos ‘comunistas’ da pequenina republica centro-americana.<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> CUBA, a OPA e Outras Cositas. **Folha de Ituiutaba**, n. 1037, 16 jul. 1960, p. 1.

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> Idem.

Após relatar alguns aspectos da intervenção dos Estados Unidos na Guatemala, o *Folha de Ituiutaba* comentava o exemplo do México afirmando que: “o povo e o governo mexicanos, por exemplo, já se pronunciaram vigorosamente em favor de Cuba” e do próprio Brasil, governado por Juscelino Kubistchek, o qual “em discurso sobre a Operação Pan-americana, havia anunciado pela autonomia dos países subdesenvolvidos”. E destacava: “até agora somente a Argentina de Frondizzi se manifestou solidaria aos norte-americanos, o que não é de se estranhar”. Em seguida, o jornal reiterava suas críticas aos posicionamentos da grande imprensa nacional em relação à política dos Estados Unidos para a América Latina, afirmando que “mesmo que pese a influência da grande imprensa, das rádios e da televisão, todo povo latino-americano não esconde sua simpatia por Fidel Castro”<sup>114</sup>.

Quatro dias depois, o *Folha de Ituiutaba* veicularia outra notícia sobre Cuba. Na matéria intitulada “As Nações Unidas e a Reforma Agrária”<sup>115</sup>, de autoria de Manuel Agostinho, fazia-se referência a um despacho vindo de Nova York, no qual afirmava-se que: “a Comissão Econômica para a América Latina desta cidade, levantou sérias dúvidas sobre a reforma agrária de Cuba”. Interpretando o relatório da referida Comissão, o articulista do *Folha de Ituiutaba* afirmava: “Sob o ponto de vista daquela comissão, a reforma agrária para ter êxito tem que ter planos, a curto, médio e longo prazo, algo que não vem acontecendo em Cuba”. Argumentava, em seguida, que os problemas do subdesenvolvimento na América Latina não são ignorados pelos Estados Unidos, entretanto, “o que tem faltado é a boa vontade e a efetiva colaboração dos mesmos para os problemas”. Em sua crítica à atuação dos Estados Unidos em relação aos problemas da América Latina, o autor do artigo considerava que:

[...] divorciando-se das causas que levam o povo latino-americano ao desespero e com financiamentos inadequados e métodos coercitivos, os Estados Unidos são responsáveis pelos fatos que culminaram na intromissão da União Soviética nas questões íntimas das Américas.<sup>116</sup>

Manuel Agostinho, além de criticar a política dos Estados Unidos para a América Latina, também se opunha ao que considerava ser a “intromissão” da União Soviética nas questões políticas das Américas, expressando-se nos seguintes termos:

---

<sup>114</sup> Ibidem, p.1.

<sup>115</sup> AGOSTINHO, Manuel. As Nações Unidas e a reforma agrária. **Folha de Ituiutaba**, n. 1038, 20 jul. 1960, p. 1.

<sup>116</sup> Idem.

“somos contra a intervenção comunista nas Américas, por acreditar que ainda o melhor sistema de governo é a democracia, desde que haja respeito absoluto de nossas liberdades” (AGOSTINHO, 1960). Retomando a discussão do relatório elaborado pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), órgão vinculado às Nações Unidas, sobre a reforma agrária em Cuba, o articulista do jornal criticava o relatório, formulando os seguintes questionamentos:

Se a Comissão Econômica das Nações Unidas acha que a reforma agrária é uma necessidade da América Latina... por que não aceitar a luta emancipacionista de uma parcela dos povos que fazem parte da comunidade americana como consequência natural da vida de cada um?<sup>117</sup>

Aparentemente tentando justificar a reforma agrária cubana e o descaso das Nações Unidas antes de o governo revolucionário cubano iniciá-la, Manuel Agostinho afirmava:

[...] foi preciso que Fidel Castro surgisse nas montanhas, destruísse uma ditadura alimentada pelos trustes, sacudisse o povo da minúscula Cuba, iniciasse uma reforma agrária à sua moda, aceitando inclusive uma perigosa ajuda comunista, para que despertassem os norte-americanos e obrigá-los a declarar publicamente que concordam com a reforma agrária, embora dentro de planos cuidadosos a curto, médio e longo prazo.<sup>118</sup>

Nessa ampla referência ao antagonismo histórico entre Estados Unidos e Cuba, mais uma vez os jornais *Folha de Ituiutaba* e *O Repórter*, pontuam posições contrárias. Apesar de não evidenciar a “luta” em curso entre as duas Nações, como fez o *Folha de Ituiutaba*, *O Repórter* deixa claro sua opinião sobre as medidas tomadas pelo novo regime cubano.

No ano 1960 *O Repórter* via com desconfiança a aproximação e o apoio que Cuba então recebia dos países comunistas – União Soviética e China. Em sua edição de 10 de fevereiro de 1960, o jornal veiculava a matéria “Demagogia e Subdesenvolvimento das Nações”<sup>119</sup>, na qual comentava a realização de uma “conferência dos países subindustrializados proposta por Cuba”. Na avaliação do jornal, as propostas formuladas por Cuba constituíam-se em “divagações” incapazes de

---

<sup>117</sup> Ibidem.

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> DEMAGOGIA e subdesenvolvimento das nações. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3441, 10 fev. 1960, p.02.

resultarem em “realizações práticas”. A política proposta por Cuba para os países da América Latina foi apresentada pelo periódico nos seguintes termos:

Fidel Castro está querendo empolgar a opinião pública latino-americana, transformando-se assim numa espécie de condutor dos destinos de nosso hemisfério. Toda linha de sua conduta – num diapasão altamente demagógico e profundamente esquerdizante – destina-se a garantir, para si e para sua política à frente dos destinos de Cuba, uma posição de realce no panorama centro e sul-americano com apoio continental dos comunistas”<sup>120</sup>.

De acordo com o jornal, “nem o Brasil e nem Argentina aderiram às propostas e possivelmente os outros países latino-americanos irão fazer o mesmo”, afinal de contas “industrialização” não era “simples demagogia”. Correlacionando as propostas de Cuba para os países subdesenvolvidos da América Latina com o momento da economia brasileira, o jornal argumentava que “o Brasil está passando por período de crescimento e industrialização e as políticas propostas por Fidel Castro não tinham um teor prático e efetivamente positivo, mas sim fruto de uma demagogia”<sup>121</sup>. As ideias propostas por Cuba, para cujo caráter “esquerdizante”, segundo *O Repórter*, não contemplavam o projeto liberal que os agentes do periódico almejavam.

*O Repórter*, não necessariamente deixa expressa a relação entre Cuba e Estados Unidos como o *Folha de Ituiutaba*, no entanto, é possível perceber seu posicionamento frente a esse conflito. O destaque feito pelo jornal a “conferência dos países subindustrializados” realizada por Cuba, mostra-nos as entrelinhas de como era vista pelo jornal esse antagonismo. Sem dúvidas e ao contrário do *Folha de Ituiutaba* que centraliza o problema da reforma agrária cubana como o principal aspecto desse conflito, *O Repórter* afirma que tais pautas propostas pela ilha caribenha na conferência dos países subdesenvolvidos seriam “divagações” de seus líderes, uma vez, que no continente americano a política econômica estabelecida era aquela concretizada nos Estados Unidos. Para além da ironia do jornal em relação a conferência proposta por Cuba, uma posição contrária ao encontro seria proferida pelo próprio governo estadunidense um ano depois, quando, John Kennedy, atribuía “perigoso” e de teor “comunista” as propostas ditas na conferência<sup>122</sup>. Assim, tal aproximação do jornal com

---

<sup>120</sup> Ibidem, p.02.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Cf: DOSMAN, Edgar Jr. RAÚL, Prebisch (1901-1986): **a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, 2011, p. 489.

os posicionamentos norte-americanos, inclusive sua própria reiteração ao dizer-se contrário ao “caráter esquerdizante” das políticas cubanas, pois os próprios agentes desse periódico diziam-se convincentes e defensores de um projeto liberal, mostram-nos seu posicionamento frente ao conflito. Talvez para pergunta feita no título desse tópico: A culpa é de quem? Temos duas respostas; para o *Folha de Ituiutaba* seria a incompreensão dos Estados Unidos e seu ímpeto imperialista o motivo dos conflitos subsequentes entre as duas Nações. Enquanto para *O Repórter* a aproximação de Cuba com países comunistas e suas propostas políticas deixavam claro a necessidade interpelação norte-americana, portanto, duas concepções contrárias, as quais detém representações legitimadoras de ambos discursos.

#### **1.4.Uma ameaça “esquerdizante”**

Apesar de o caráter socialista da Revolução Cubana ter sido declarado apenas em 1961, as relações antagônicas entre Estados Unidos e Cuba continuavam a ocorrer desde as primeiras medidas que o país caribenho havia tomado na aurora da Revolução em 1959. No ano de 1960, seguiu o embate com o bloqueio econômico e, em janeiro de 1961, deu-se o rompimento das relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos. Cuba, por sua vez, angariava de modo efetivo respostas a esses boicotes, estabelecendo relações comerciais com a União Soviética e a China, e manifestando seus posicionamentos por meio de diferentes práticas políticas como a Declaração de Havana, em 2 de setembro de 1960<sup>123</sup>, e o pacto de segurança entre a Ilha e a União Soviética nesse mesmo ano. Isso já demonstrava que o antagonismo entre os dois países representaria não só um conflito dual, mas, sobretudo, um enfretamento entre as duas maiores potências do globo no momento: Estados Unidos e União Soviética. Sem dúvidas, esses episódios marcavam as ideias de quem os via acontecer, dando lugar a opiniões distintas e, muitas vezes, totalmente opostas.

A historiadora Fernanda Tondolo Martins explica o papel de Cuba nesse contexto ao afirmar que a Revolução Cubana “teve a capacidade de influenciar profundamente a opinião pública e polarizar o conflito político-ideológico não só do

---

<sup>123</sup> “A Declaração de Havana foi um pronunciamento de Fidel Castro ao povo cubano, ocorrido no dia 02 de setembro de 1960, na Praça da República [...]. Tratou-se de uma resposta à “Declaração de São José da Costa Rica”, documento resultante de uma reunião de ministros de Relações Exteriores de Países da América Latina, que ocorreu em agosto de 1960, sob a égide da Organização dos Estados Americanos (OEA), e que criticava os rumos da Revolução Cubana.” GOTT, Richard, op. cit., p. 51.

Brasil como dos distintos países latino-americanos.”<sup>124</sup>

A ideia de um caráter “esquerdizante” das políticas realizadas por Cuba continuaria sendo abordada pelo jornal *O Repórter*, entretanto, para o periódico mais do que aproximações com países comunistas e ações de cunho soviético, a ideologia socialista entrava cada vez mais na Ilha. Em sua edição no dia 24 de junho de 1960, *O Repórter* veiculava a matéria intitulada “Comunismo tenta transformar Cuba”<sup>125</sup>, em uma referência às visitas de Nikita Krushev e Chu En-Lai – premiês, respectivamente, da União Soviética e da China – a Havana para participação em um congresso da juventude. O periódico via Cuba como uma ponta de lança da subversão nas Américas e demonstrava preocupação – devido ao contexto da Guerra Fria – com uma ameaça de divisão do hemisfério ocidental, conforme se verifica no trecho abaixo:

Não há mais dúvida de que os comunistas cubanos, auxiliados diretamente por Moscou e Pequim, obtiveram grandes êxitos, conquistando importantes posições administrativas ou envolvendo alguns dos mais altos dirigentes daquele país (...) a visita dos dois representantes comunistas, tem como objetivo fazer de Cuba, uma ponta subversiva nas Américas. A jogada de Krushev e Chu-em-Lai, é desafiar os EUA no próprio hemisfério ocidental.

(...)

Conseguem assim os comunistas, manter um clima de terror interno, apresentando o país como se vivesse com poderosas ameaças, que só existem realmente na propaganda vermelha, com o que pretendem justificar a necessidade de apoio das demais nações a Fidel Castro.<sup>126</sup>

No período da visita dos premiês soviético e chinês, Cuba havia estabelecido com os dois países uma série de acordos. União Soviética e China disputavam a liderança do movimento comunista internacional e essa aproximação comercial, diplomática e política com os maiores opositores dos Estados Unidos era vista com preocupação pelo jornal, que afirmava temer as consequências da presença das duas nações comunistas nas Américas.

Na edição de 2 de julho de 1960, Cuba apareceria novamente nas páginas d’*O Repórter*. Na matéria intitulada “Sindicalismo em Cuba: um mero instrumento do governo”, ocasião em que seriam enfatizadas as contradições internas da ilha caribenha, em uma referência ao aparelhamento dos sindicatos de jornalistas de Cuba pelo

---

<sup>124</sup> MARTINS, Fernanda, op. cit., p. 49.

<sup>125</sup> COMUNISMO tenta transformar Cuba. *O Repórter*, Uberlândia, n. 3533, 24 jul. 1960, p. 2.

<sup>126</sup> Idem.



governo, uma vez que, segundo o jornal, políticos comunistas estariam assumindo as posições de liderança nesses sindicatos. O periódico então concluía: “Tudo isso descreve, em linhas gerais, como o movimento sindical livre liquidou a imprensa livre de Cuba. O sindicalismo em outros países da América não deseja esta espécie de liberdade”<sup>127</sup>.

De fato, desde o triunfo do governo revolucionário, muitos dos órgãos de opinião do país que eram contrários ao regime foram obrigatoriamente silenciados<sup>128</sup>. No entanto, o que chama atenção na abordagem da Revolução Cubana nas páginas de *O Repórter* é que são tratados apenas os temas que lhe permitem tecer críticas à experiência revolucionária e ao regime cubano. Ainda que haja o reconhecimento dos méritos dos revolucionários cubanos na época da luta contra o regime de Fulgencio Batista, o periódico enfatiza o que considera como aspectos negativos da experiência cubana.

Mantendo a linha das representações construídas acerca da experiência revolucionária cubana, *O Repórter* veiculava, na edição do dia 18 de julho de 1960, a notícia “Levante Comunista”<sup>129</sup>, estampada na primeira página, com as letras do título em escala maior. O periódico fazia referência a um levante comunista em frente à Igreja Católica em Cuba no momento em que terminava a missa. Ainda de acordo com a notícia, o levante terminou porque as autoridades cubanas dispersaram os participantes. Nessa pequena referência à Revolução Cubana, *O Repórter* novamente procurava enfatizar as “transformações” que estavam em curso e que fariam da Revolução Cubana um regime comunista. Criticava o caráter “despótico desses comunistas”. Em seu comentário a essa questão, *O Repórter* deixava claro seu projeto: denunciar o comunismo e a “opressão” praticada contra os católicos.

Ainda nessa mesma edição de 18 de julho de 1960, o jornal uberlandense reproduzia em suas páginas uma matéria de autoria de Felipe Chávez, do *Washington (SE)*<sup>130</sup>, com o seguinte título: “A reforma agrária em Cuba não se faz de modo razoável

---

<sup>127</sup> SINDICALISMO em Cuba é um mero instrumento do governo. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3517, 2 jul. 1960, p. 2.

<sup>128</sup> Sobre essa questão ver: MISKULIN, Silvia C. **Cultura Ilhada**: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). São Paulo: Xamã/ FAPESP, 2003.

<sup>129</sup> LEVANTE comunista. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3528, 18 jul. 1960, p. 1.

<sup>130</sup> Nessa matéria, o jornal afirma que esse texto de Felipe Chavez foi veiculado oficialmente por um órgão noticioso chamado *Washington (SE)*. Acreditamos que se trata de uma agência de notícias, mas, na

e democrático”<sup>131</sup>. Nela, o articulista comentava uma declaração de Serafino Roumaldi<sup>132</sup>, representante interamericano da AFC-CIO<sup>133</sup>, para quem “A reforma agrária e outras providências de natureza semelhante adquiriram caráter imperativo em Cuba, mas não se processam de modo razoável e democrático”. O articulista prosseguiu comentando as declarações de Serafino Roumaldi, por ocasião de sua participação em uma Assembleia do Caribe, realizada em Porto Rico:

Solicitado a falar sobre a ameaça comunista na América Latina, opinou o Sr. Roumaldi que embora ela tenda aumentar, por prometerem os comunistas rápido progresso econômico aos que aceitarem seus sistemas, há muitos fatores na América Latina desfavoráveis à ideologia vermelha.<sup>134</sup>

Em relação a Cuba, Serafino Roumaldi afirmou que:

Cuba está em meio aos penosos esforços de uma revolução social que reflete algumas aspirações profundas e legítimas do povo. A reforma agrária e outras tornaram-se imperativas. Todavia tais reformas não se realizam de modo razoável e democrático, em radical contraste com o triunfo das medidas tomadas em Porto Rico.<sup>135</sup>

É interessante notar que algumas das principais medidas do governo revolucionário cubano não tenham sido informadas ou comentadas nas páginas do periódico uberlandense. A reforma agrária, por exemplo, que tinha sido iniciada em maio de 1959, só foi pouco mais de um ano depois, mesmo assim para ser alvo de críticas por sua falta de razoabilidade e pelo que se considerava ser seu caráter antidemocrático e comunista.

Entendemos, pois, que as representações construídas pelo jornal *O Repórter* acerca da Revolução Cubana estavam ligadas, de alguma forma, à defesa do projeto

---

pesquisa que realizamos, não foi possível encontrar nenhuma informação que confirmasse essa hipótese ou que apontasse, por exemplo, para o fato de o referido órgão de informação ser um periódico impresso.

<sup>131</sup> CHÁVEZ, Felipe. A reforma agrária em Cuba não se faz de modo razoável e democrático. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3528, 18 jul. 1960, p. 1.

<sup>132</sup> Serafino Roumaldi fora escritor e sindicalista. Ele era um oficial da Federação Americana do Trabalho, atuando nas Américas do Sul e Central. Após, 1955 houve uma fusão da AFL e o CIO e Roumaldi foi nomeado Representante Interamericano da nova organização e Secretário Executivo do Comitê de Assuntos Interamericanos da AFL-CIO. Disponível em: <<http://rnc.library.cornell.edu/EAD/htmldocs/KCL05459.html>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

<sup>133</sup> AFC-CIO é a sigla para: Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais. Trata-se da maior central operária dos Estados Unidos e Canadá. Formada em 1955 pela fusão da AFL (1886) com a CIO (1935). É composta por 54 federações nacionais e internacionais de sindicatos dos Estados Unidos e do Canadá. Disponível em: <<http://www.aflcio.org/>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

<sup>134</sup> CHAVEZ, Felipe, op. cit., p. 1.

<sup>135</sup> Idem.

político liberal do periódico, uma vez que a história de sua inserção na cidade de Uberlândia, na década de 1930, está ligada aos interesses dos grandes latifundiários da região, os quais eram também líderes políticos nessa cidade<sup>136</sup>. A conjuntura política nacional também contribuía em alguma medida para isso, pois o governo de Juscelino Kubitschek, que era do PSD – partido ao qual, conforme foi mencionado anteriormente, estavam ligados os agentes do referido periódico – fomentava uma política econômica voltada para a abertura do país aos grandes sistemas financeiros capitalistas. Para os agentes d’*O Repórter*, as medidas do governo revolucionário cubano não eram democráticas ou legítimas. A Revolução Cubana representava ideais distintos daqueles que eram defendidos pelo periódico. Mais do que isso, o jornal uberlandense busca formar em seus leitores um imaginário anticomunista, enfatizando não o caráter popular das medidas do governo cubano, mas sim a “ameaça vermelha” que elas representavam.

A ameaça comunista na América Latina seria o tema da matéria veiculada na edição de 8 de agosto de 1960 sob o título “Liberdade dos povos: interferência soviética em Cuba constitui perigo para todo continente”<sup>137</sup>. Nela, o jornal comentava que a tentativa de Krushev de quebrar a unidade latino-americana, através de Cuba, não teve êxito. No entanto, condenava a atitude do governo cubano de pedir ajuda militar-atômica ao governo soviético, que representaria ação direta contra a tradição do hemisfério ocidental e a “coesão continental”, deixando claro, segundo o periódico, a falta de consideração de Cuba com os demais países latino-americanos.

Ainda nessa mesma matéria, com o subtítulo “A revolução de Cuba”, o jornal afirmava que a revolução iniciada para derrubar o ditador Batista do poder foi vista com bons olhos em todo continente. Entretanto, destacava que as medidas tomadas por Fidel Castro vão “exercendo uma ditadura, cuja violência e barbaridade lembram o que ocorre nas nações comunistas”. O jornal mencionava ainda que, em uma manifestação religiosa liderada pelo bispo de Havana, houve gritos de “Cuba sim, Rússia não”. Destacava finalmente que o movimento revolucionário em Cuba foi válido como “expressão democrática”, mas considerava que as demais nações latino-americanas não poderiam permitir que a ilha se convertesse em uma base soviética, uma vez que isso ameaçaria a

---

<sup>136</sup> PACHECO, Fábio, op.cit. p. 35.

<sup>137</sup> LIBERDADE dos povos: interferência soviética em Cuba constitui perigo para todo continente. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3542, 8 ago. 1960, p. 2.

democracia e a liberdade das nações de todo o continente<sup>138</sup>.

Em outro subtítulo dessa mesma matéria, “A posição do Brasil”, o jornal mencionava que, em discurso realizado em Fortaleza, o presidente Juscelino Kubitschek declarou que: “a defesa da unidade continental, a defesa da democracia, e do desenvolvimento de nossa civilização [estavam] em subjugação das ideologias materialistas. A posição do Brasil é de plena autonomia, como dos demais países latino-americanos”<sup>139</sup>. O jornal concluía a matéria declarando que a posição do Brasil deveria ser sempre negar a ajuda de Moscou.

Para *O Repórter e Folha de Ituiutaba* a aproximação de Cuba com os países soviéticos refletia como um movimento preocupante. Não obstante, se o jornal da cidade de Uberlândia responsabilizada o regime cubano por essas relações, *O Folha de Ituiutaba* estabelecia outra justificativa.

No dia 7 de janeiro de 1961, sob o título “Os Estados Unidos, Cuba e Nós”<sup>140</sup>, o jornal *Folha de Ituiutaba* deixava evidente a perspectiva de que os acontecimentos no plano internacional, principalmente envolvendo Cuba e Estados Unidos, poderiam trazer consequências dramáticas mesmo aos que não participavam de forma ativa desse conflito. Noticiando as tensões entre Cuba e Estados Unidos, já nos primeiros dias do ano de 1961, o *Folha de Ituiutaba* afirmava que poderia ocorrer uma invasão militar da superpotência capitalista ao país caribenho, com tropas partindo da Flórida. Considerando essa possibilidade, o jornal salientava que:

Esse gesto seria lamentável para nosso continente, e decorre, sejamos justos, principalmente pela intolerância dos norte-americanos para com as reformas introduzidas na economia cubana, feitas pelo governo revolucionário de Fidel Castro.”<sup>141</sup>

O jornal prosseguia a análise, remontando alguns aspectos históricos da relação conflituosa entre os dois países, argumentando que o antagonismo tinha sido iniciado pelos Estados Unidos, pois esse país deixou uma “péssima impressão em todo mundo com o cancelamento da cota de açúcar que outrora adquiriam dos cubanos.” Buscando justificar as relações comerciais que Cuba estabeleceu com a União Soviética e a China,

---

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>140</sup> OS ESTADOS Unidos, Cuba e nós. **Folha de Ituiutaba**, n. 1075, 7 jan. 1961, p. 1.

<sup>141</sup> Idem.

o *Folha de Ituiutaba* afirmava que tal medida foi necessária para evitar: “o desastre econômico que reduziria a população da ilha à fome”, já que “os Ianques se recusaram adquirir o açúcar cubano.” O jornal ainda seria contundente ao afirmar que:

[...] a pecha de comunistas, como de hábito foi logo utilizada contra os “barbudos”. E daí por diante, numa sucessão de calúnias e ameaças, toda espécie de recursos tem sido utilizada para derrubar Fidel Castro do governo.<sup>142</sup>

A possibilidade de um conflito global era levantada pelo periódico, ao afirmar que “nessa conjuntura, todo planeta poderá ser envolvido em uma guerra”. Fazendo referência a um artigo, de Dorian Jorge Freire, cujo local de publicação não é informado, o *Folha de Ituiutaba* reproduzia fragmentos do texto em que o referido autor sentenciava: “Os Estados Unidos perderam a esportiva. O *far play*, o senso de humor”. Nesse artigo, Dorian Jorge Freire destaca os problemas que a intervenção norte-americana tinha causado a Cuba desde o período independentista, dando ênfase na prostituição e corrupção que caracterizavam os tempos do regime de Fulgencio Batista. Desse modo, o contraste com o passado pré-revolucionário era mais uma vez utilizado como forma de legitimação da Revolução. Posicionando-se em relação aos antagonismos entre Cuba e Estados Unidos, o *Folha de Ituiutaba* deixava fulgente de que lado estava nesse conflito, ao afirmar: “O povo brasileiro, como de resto os povos livres de todo mundo, está com o povo cubano. Somos irmãos de uma mesma causa, sócios numa mesma luta”<sup>143</sup>.

A influência que a conjuntura política e ideológica do período exercia sobre a opinião pública pode ser constatada nas páginas do *Folha de Ituiutaba*, aspecto que evidencia que a imprensa não deve ser entendida como uma realidade ou espelho de fatos passados ou presentes, “mas como uma prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem ser compartilhadas e universais.”<sup>144</sup> Nesse sentido, Heloisa F. Cruz e Maria do Rosário C. Peixoto destacam que:

[...] não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes

---

<sup>142</sup> Ibidem, p.1.

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> CRUZ, Heloisa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário C., op. cit., p. 258.

conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é ela mesma espaço privilegiado da articulação desses projetos. E que, como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro.<sup>145</sup>

O *Folha de Ituiutaba* articula claramente as relações entre passado, presente e futuro ao afirmar que as causas desse embate no momento presente foram motivadas “pela intolerância dos norte-americanos para com as reformas introduzidas na economia cubana”. Com isso, volta-se ao passado, buscando demonstrar a existência de uma política hostil dos Estados Unidos em relação a Cuba desde o período pré-revolucionário. E como resultado disso tudo, o *Folha de Ituiutaba* projeta um futuro no qual: “todo planeta poderá ser envolvido em uma guerra”. Dessa forma, o jornal não só dá um diagnóstico temporal das causas do momento presente, mas apresenta, a partir dos usos do passado, os Estados Unidos como um opressor que sempre tenta por meio de uma “sucessão de calúnias e ameaças” oprimir o governo revolucionário cubano.

Ainda nessa perspectiva, o *Folha de Ituiutaba*, publicaria uma crônica assinada por Lázaro Moraes de Andrade, intitulada “O acaso do colonialismo”<sup>146</sup>, que se iniciava com uma frase emblemática, segundo a qual “O Homem pode não amadurecer para tudo, menos para liberdade - Esopo”. Essa crônica é bastante interessante porque ilustra bem o uso da temporalidade ou da narrativa de fatos históricos como forma de legitimação de um discurso. Em seu texto, Lázaro Moraes de Andrade remontava à história cubana desde o período colonial até o presente, destacando o fato de os rebeldes cubanos terem resolvido buscar a liberdade com as próprias mãos, já que “seu povo estava sendo oprimido pelo ditador Fulgêncio Batista”. O autor retoma ainda a ideia do “exemplo cubano”, enfatizando o triunfo, em 1959, de uma Revolução que lutou pela liberdade.

A ideia recorrente de que Cuba e sua Revolução constituíam-se em exemplos a serem seguidos era justificada pelo jornal quando ele buscava evidenciar os fatos do passado que levaram os revolucionários a buscarem “a liberdade”. De igual modo, a

---

<sup>145</sup> Ibidem, pp. 258-259.

<sup>146</sup> ANDRADE, Lázaro Moraes. O acaso do colonialismo. *Folha de Ituiutaba*, n. 1007, 14 jan. 1961, p. 3.

resistência do governo revolucionário cubano em relação às pressões estadunidenses é saudada pelo periódico como uma prova de que os homens que desceram de Sierra Maestra para assumir o governo do país em 1959 eram também, em razão de sua coragem e de sua luta, exemplos a serem seguidos.

No decorrer do conflito entre Estados Unidos e Cuba – sobretudo por ocasião da intensificação dos antagonismos, no ano de 1961 – o *Folha de Ituiutaba* buscava evidenciar que, apesar da superioridade estadunidense, tanto bélica quanto em relação ao contingente de soldados, Cuba e seu governo não ficariam intimidados. Em sua edição de 7 de janeiro de 1961, o jornal veiculava a notícia intitulada “Cuba: 200 mil pessoas em armas”<sup>147</sup>, por meio da qual retomava o tema de uma possível invasão à ilha que estaria sendo preparada pelos Estados Unidos. Diante disso, o jornal afirmava que:

O exército cubano está preparado com mais de 200.000 mil pessoas em armas, entre eles, jovens, velhos, adultos, homens e mulheres. Aguardando o anúncio de uma possível invasão de tropas norte-americanas, partida da Flórida.<sup>148</sup>

O periódico argumentava que os cubanos não iriam se entregar afinal eles eram “exemplo de luta pela liberdade”, e salientava a resistência que estava sendo preparada, ao noticiar que na capital cubana havia “ninhos de metralhadoras instalados em quase todo prédio e com embasamentos da artilharia espalhados por todos os pontos estratégicos”<sup>149</sup>.

O *Folha de Ituiutaba* construía Cuba a partir do arquétipo nacionalista que triunfou em 1959 e que resistia firmemente ao longo dos anos que se passavam. O periódico enaltecia o movimento de vanguarda revolucionária e apresentava Cuba como um pequeno Davi que desafiava o grande Golias. Além disso, o desejo de desvincular a luta cubana da imagem que era recorrentemente construída pela grande imprensa parecia um dos principais objetivos do jornal. A experiência revolucionária cubana, no entanto, não demoraria muito para passar de uma Revolução “verde-oliva” para uma “Revolução vermelha”<sup>150</sup>. Diante dessa mudança ideológica, o jornal *Folha de Ituiutaba*

---

<sup>147</sup> CUBA: 200 mil pessoas em armas. **Folha de Ituiutaba**, n. 1075, 7 jan. 1961, p. 1.

<sup>148</sup> Idem.

<sup>149</sup> Idem.

<sup>150</sup> Os termos Revolução “verde-oliva” e Revolução “vermelha” são utilizados por Giliard Prado ao designar a mudança no caráter revolucionário cubano, que, no ano de 1961, passou a definir-se como uma revolução sob orientação marxista-leninista, empreendendo uma mudança em relação à reivindicação do caráter nacionalista da Revolução que triunfou em 1959. PRADO, Giliard, op. cit., p. 46.

mudaria também suas representações acerca da Revolução Cubana?

No dia 16 de abril de 1961, Fidel Castro fez um discurso em frente ao Cemitério Cristóvão Colombo, na cidade de Havana, no qual declarou o caráter socialista da Revolução e a adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial. Ainda que o ano de 1961 tivesse sido definido pelas campanhas do governo revolucionário, como o “ano da educação” no país<sup>151</sup>, a definição político-ideológica da Revolução ganhava mais destaque nas páginas dos jornais.

Em 17 de abril de 1961, um dia após a declaração do novo caráter político e ideológico da Revolução Cubana, forças contrarrevolucionárias invadiram Cuba com a finalidade de derrubar o governo de Fidel Castro. A invasão da Baía dos Porcos foi uma das diversas tentativas de derrubar o governo revolucionário que pontuaram a história da ilha ao longo de várias décadas. A tentativa de derrubada de Fidel Castro por um grupo de exilados foi planejada ainda durante o governo de Dwight Eisenhower, em março de 1960, sendo que o projeto foi dirigido pela CIA<sup>152</sup>. Numa tentativa mal orquestrada, os dissidentes cubanos viram-se diante de uma previsível derrota. A luta foi realizada em torno da Playa Larga com 160 defensores cubanos mortos, 300 exilados abatidos e 1.200 capturados. A vitória dos cubanos foi alcançada em dois dias<sup>153</sup>. Esse episódio seria significativo para o avanço da Revolução e para as decisões que seriam tomadas na ilha caribenha, tendo um grande impacto não apenas em Cuba, mas também na América Latina, conforme destaca Richard Gott ao afirmar que:

A derrota da invasão exilada teve impacto não apenas em Cuba, mas em toda a América Latina. O mundo passou, então, a ver a Revolução sob uma nova luz. Pois a vitória dos cubanos significava que os elementos “anexionistas” da sociedade cubana, que por mais de um século sonharam com um futuro norte-americano para a ilha finalmente haviam sido desacreditados e emascarados. Cuba passou irrevogavelmente à condição de independente, e todos os que buscassem um futuro alternativo seriam doravante encarados como traidores. Castro atrelara a locomotiva revolucionária às poderosas forças de um nacionalismo cubano renovado e estava acima de qualquer questionamento.<sup>154</sup>

O impacto causado por esses eventos envolvendo os Estados Unidos e a Ilha

---

<sup>151</sup> GOTT, Richard, *op. cit.*, p. 216.

<sup>152</sup> *Idem*, p. 221.

<sup>153</sup> *Idem*.

<sup>154</sup> *Idem*, p. 218-219.



caribenha fez com que a Revolução Cubana passasse a ser demasiadamente comentada por órgãos da imprensa nos mais diversos âmbitos: internacional, nacional, local. O jornal *Folha de Ituiutaba* incluiu-se entre esses órgãos da imprensa que comentaram os acontecimentos que tiveram lugar no país caribenho. No dia 19 de abril de 1961, o periódico estampava em sua primeira página a notícia “Cuba: Fidel Castro domina situação”<sup>155</sup>, em relação à qual os editores do jornal expressaram-se nos seguintes termos:

Quando fechávamos a presente edição, o noticiário radiofônico internacional registrava que o “premier” Fidel Castro, após momentos intensos de luta contra a vaga de mercenários que desembarcou em Cuba, fustigou pesadamente o exército invasor, acabando por dominar completamente a situação.<sup>156</sup>

O jornal também ressaltava que a invasão havia sido realizada por “remanescentes do ditador Fulgencio Batista, como aventureiros de várias nacionalidades e foi incentivada no exterior, provavelmente pelos EUA que estavam há vários dias treinando guerrilheiros no Panamá”. Segundo o jornal, essa invasão teria ocorrido no contexto das acusações que Fidel Castro vinha recebendo, sendo chamado de comunista. No entanto, o *Folha de Ituiutaba* alegava a todos seus leitores que os acontecimentos em Cuba eram ainda uma resposta às hostilidades dos Estados Unidos, expressas, por exemplo, no bloqueio econômico por meio do qual “os EUA se recusavam a adquirir seus produtos, fazendo assim com que Fidel buscasse apoio na URSS e na China”. E então o jornal concluía:

[...] o “regime castrista” estava equipando toda a população adulta da ilha com fuzis, tentando proteger agora a ilha com heroísmo e determinação, não tentando [sic] nenhum cubano a segurança do chefe da revolução mais importante do continente americano.<sup>157</sup>

Talvez essa notícia, que detém um caráter mais informativo, pode parecer irrelevante para a proposta que se busca neste trabalho, porém é perceptível aqui, que além do imediatismo do periódico em publicar a vitória dos revolucionários diante da invasão sofrida, são as representações construídas acerca do maior oponente da Revolução Cubana. Segundo o *Folha de Ituiutaba*, o grande inimigo responsável pela invasão mercenária “provavelmente eram os EUA”.

---

<sup>155</sup> CUBA: Fidel Castro domina situação. **Folha de Ituiutaba**, n.1096, 19 abr. 1961, p. 1.

<sup>156</sup> Idem.

<sup>157</sup> Idem.

Nas dicotomias cinematográficas, as quais persistem o bem e o mal, lutam o mocinho contra o vilão, no contexto do conflito entre os dois países, Cuba e Estados Unidos cumpriam de forma bem definida esses papéis, alternando-se conforme o periódico ou veículo de informação que representava esses acontecimentos<sup>158</sup>. No jornal *Folha de Ituiutaba*, o próprio título da matéria já demonstra quem seria o herói dessa trama, ao destacar o protagonismo de Fidel Castro. O protagonista dessa trama estaria resguardado pelo ato de “heroísmo e determinação” de seu povo. Fidel Castro estaria, portanto, protegido sem ressalvas, pois era o “chefe da revolução mais importante do continente americano”.

Para legitimar sua posição contrária à investida dos exilados cubanos – financiados e treinados pelo governo estadunidense – o *Folha de Ituiutaba*, no dia 13 de maio de 1961, veiculava uma notícia afirmando que vários membros da intelectualidade brasileira haviam assinado um manifesto contra a invasão da Ilha. Na notícia intitulada “Importante documento de repulsa à invasão a Cuba: manifesto apoiando Fidel Castro, subscrito pela nata da intelectualidade brasileira”<sup>159</sup> o jornal reproduzia algumas partes importantes do documento, como o trecho a seguir, no qual os intelectuais expressavam-se nos seguintes termos:

Condenamos a insofismável responsabilidade do imperialismo norte-americano pela invasão do território cubano por forças reacionárias. Nesse episódio da violação da soberania de Cuba, da integridade de seu governo legítimo e do seu povo em estado revolucionário pela sua própria afirmação nacional.<sup>160</sup>

Após apresentação desse trecho, o jornal apresentava uma lista dos intelectuais brasileiros que assinaram esse manifesto, destacando, dentre outros: “Álvaro Lins, Álvaro Moreira, Augusto Mayer, Barbosa Lima Sobrinho [...]”. Os citados, entretanto, foram grifados pelo próprio jornal, pois seu objetivo era:

“[...] os nomes grifados na relação dentre vários outros, são de membros da Academia Brasileira de Letras, que são muito conhecidos no Brasil. Pois isso serve para convencer pessoas mal informadas a

---

<sup>158</sup> Essa reflexão é feita a partir do artigo de Mônica Kornis, no qual são analisadas as estratégias e práticas dos meios de comunicação televisivos, precisamente da Rede Globo, na construção de uma memória do regime militar. Cf: KORNIS, Mônica Almeida. As “revelações” do melodrama, a Rede Globo e a construção de uma memória do regime militar. São Paulo. **Significação**, n° 36, p. 173-193, 2011.

<sup>159</sup> IMPORTANTE documento de repulsa à invasão a Cuba: manifesto apoiando Fidel Castro subscrito pela nata da intelectualidade brasileira. **Folha de Ituiutaba**, n. 1101, 13 mai. 1961, p. 2.

<sup>160</sup> Idem.

respeito da revolução cubana. A posição desses homens e mulheres bem informados, vale mais do que noticiários deturpados que chegam até nós, todos eles manipulados por agências que são verdadeiras filiais dos trustes que procuram derrubar Fidel Castro”<sup>161</sup>

O *Folha de Ituiutaba* buscava mais do que simplesmente esclarecer que as notícias que detratavam a Revolução provinham de agências que, subordinadas aos interesses dos grandes trustes, ocupavam-se em deturpar a realidade da experiência revolucionária cubana. Para contrapor-se a uma visão da realidade que considera distorcida, o jornal recorria ao artifício de legitimar seu ponto de vista com base na autoridade de grandes intelectuais brasileiros, os quais, por sua vez, teriam uma interpretação muito mais confiável acerca da Revolução Cubana do aquela produzida pela grande mídia.

No dia 27 de maio de 1961, o *Folha de Ituiutaba* publicava uma coluna de opinião intitulada “A luta de Cuba”<sup>162</sup>, por meio da qual seu autor, Tomaz de Aquino Petraglia, referia-se aos últimos acontecimentos na ilha caribenha, acusando os Estados Unidos pela invasão a Cuba nos seguintes termos:

A invasão de Cuba, feita recentemente, pelos mercenários e latifundiários cubanos exilados, veio demonstrar que estamos certos em dizer que os Estados Unidos são um país dirigido e dominado pela plutocracia mais reacionária e pregressa. Esta a que ambiciona não pode ser e não é a democracia, a liberdade, a convivência pacífica, mas, pelo contrário, a ditadura, a guerra, o triunfo da iniquidade.<sup>163</sup>

Em seguida, o articulista evidenciava que a invasão foi “destroçada” em 73 horas pelas forças de Fidel Castro, destacando, porém, que a ação dos exilados cubanos vinha sendo planejada há vários meses, conforme havia confessado o presidente dos Estados Unidos, o qual concedeu apoio aos invasores, empenhando-se para que Cuba voltasse a ser “serva do capitalismo”. Estabelecendo um paralelo entre a invasão à Cuba e o contexto político brasileiro, Tomaz de Aquino Petraglia afirmava que

Enquanto isso vê-se a polícia do Sr. Carvalho Pinto praticar arbitrariedades das quais se acostumou com o governo do Sr. Jânio Quadros, vê-se essa polícia sinistra, essa Gestapo que é o DOPS, prender reiteradamente estudantes por um único crime – novo crime – advogar para Cuba o direito de escolher o regime que quiser, inclusive o que os Estados Unidos não querem, cujo único crime foi o de pintar

---

<sup>161</sup> Idem.

<sup>162</sup> PETRAGLIA, Tomaz de Aquino. A luta de Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1104, 27 mai. 1961, p. 2.

<sup>163</sup> Idem.

as ruas, e calçadas, e muros, pedindo apoio do povo ao princípio de autonomia dos povos.<sup>164</sup>

O tema da invasão de exilados cubanos também serviria para o advogado e articulista tecer algumas críticas a uma imprensa que ele qualificava como “venal”, uma vez que essa parte da imprensa que estava sendo criticada era “alimentada pelo dólar, que é contra o regime de Fidel”, constituindo-se em parte importante de uma “Santa cruzada contra Cuba”, pois

A invasão organizada pelos EUA, as palavras do mais puro fascismo de Kennedy, as arbitrariedades da polícia num Estado dirigido por americanófilos, a atuação da imprensa rica, dos politiqueiros, tudo isso vem demonstrar que se concentram numa Santa cruzada contra Cuba, as forças mais corruptas.”<sup>165</sup>

Tomaz de Aquino Petraglia continuava com as críticas aos Estados Unidos levantando uma questão: “Como acreditar na liberdade que o governo norte-americano exalta?”, uma vez que esse mesmo governo, “ao defender a democracia e liberdade, se compromete com Salazar, Franco, Somoza, Trujillo”. Prosseguindo com suas críticas, Petraglia retomava o contexto brasileiro e recriminava o governo de São Paulo por prender estudantes que pintaram muros e calçadas em defesa de Cuba. Considerava que esses estudantes só fizeram isso porque “eles nunca tiveram voz através dessa imprensa rica” e vinculava, de alguma forma, a luta do povo brasileiro à luta do povo cubano:

[...] os democratas Ianques esperavam que o povo do mundo inteiro desse apoio a essas arbitrariedades, porém o povo não deu ouvido a esses discursos fascistas e anticomunistas, mas afluiu em massa a todos os comícios em favor de Cuba. Devemos lutar por Cuba, do mesmo modo que lutamos pelo Brasil.<sup>166</sup>

Em seu texto, Tomaz de Aquino Petraglia busca demonstrar as contradições que existem no discurso “anti-cubano”, o qual é veiculado por uma “imprensa venal” que busca atender aos interesses “ianques”. A coluna que estava a cargo de Petraglia é bastante reveladora das concepções político-ideológicas dos agentes do *Folha de Ituiutaba* e evidencia que esse importante periódico do Triângulo Mineiro destoava dos discursos que circulavam amplamente na grande imprensa nacional.<sup>167</sup> Nas páginas

---

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>166</sup> Idem.

<sup>167</sup> A análise dessas representações antagônicas, dos jornais aqui analisados com outros de circulação nacional será apresentado no terceiro capítulo dessa dissertação

desse jornal, como se pode observar, Cuba seria representada como um importante exemplo que poderia influenciar os setores de esquerda do Brasil e todos aqueles que lutavam contra o imperialismo.

São recorrentes nos textos de Petraglia as correlações entre os acontecimentos que envolviam a experiência cubana e o contexto da política brasileira. Por exemplo, em um momento no qual se pleiteava, dentre outras questões, que o governo brasileiro mantivesse uma política externa independente<sup>168</sup>, o articulista do *Folha de Ituiutaba* via a necessidade de combater o “espírito fascista” que pairava sobre o então governo de Jânio Quadros e que iria se concretizar três anos depois com o golpe civil-militar que destituiu João Goulart. Nos textos veiculados no referido jornal, eram recorrentes as críticas às intervenções estadunidenses na América Latina e a todos aqueles que censuravam as manifestações favoráveis à experiência revolucionária cubana no Brasil. Nesse sentido, concordamos com Fernanda Tondolo Martins ao afirmar que, nesse momento, Cuba “passou a fazer parte do cotidiano nacional, e a Revolução, por sua vez, passou a ser um catalisador na política brasileira”<sup>169</sup>. Assim, ao ser representado no jornal, Cuba era apontada como representante dos que lutavam a favor de autonomia política e econômica, sendo fundamentalmente contrários ao imperialismo.

### 1.5. Um país traído pelos irmãos latino-americanos

Na contínua tentativa do *Folha de Ituiutaba* de combater as “calúnias” da grande mídia, que procurava derrubar Fidel Castro, o periódico ituiutabano buscava representar a Revolução Cubana como um grande movimento que deveria ser saudado por sua luta contra o imperialismo e pela defesa da pátria. Tudo isso em um contexto mundial no qual as disputas político-ideológicas estavam cada vez mais acirradas. No Brasil, as contradições diante dos novos acontecimentos ocorridos em Cuba ficavam cada vez mais visíveis. Isso, porém, não fez com que o *Folha de Ituiutaba* deixasse de se posicionar claramente em relação aos evidentes antagonismos.

---

<sup>168</sup> Esse período também foi marcado por “(...) uma crescente mobilização social, que manifestava grande interesse em participar nos processos decisórios, alimentando o debate que se dava em toda a América Latina sobre o subdesenvolvimento e a dependência”. A título de informação a “OPA” foi uma tentativa do Governo brasileiro, sob o governo do presidente Juscelino Kubitschek, que tinha como objetivo realizar uma união dos países do continente americano em torno de um projeto de desenvolvimento social e econômico de todo o continente, combatendo assim a pobreza, o subdesenvolvimento e demais carências comuns a todos as nações americanas. Cf: BARRETO LEITE FILHO. **OPA, primeiro ano de discussões e negociações**. Rev. bras. Polít. int., Vol. 2, No. 5, mar. 1959, p. 44-77; MARTINS, Fernanda T., op. cit., p. 50-51.

<sup>169</sup> Idem, p. 50.

Mesmo com vitória do governo revolucionário contra os exilados cubanos e, conseqüentemente, com a derrota – ainda que indireta – dos Estados Unidos, o regime de Fidel Castro não ficaria em paz. Na esteira do fracasso da operação da Baía dos Porcos, o governo estadunidense – no período dirigido pelo presidente Kennedy – não abandonou as tentativas de destruir Revolução. Um novo planejamento seria colocado em prática a “Operação Mangusto”<sup>170</sup>.

Os Estados Unidos prosseguiram, portanto, recorrendo aos mais diferentes meios com o intuito de derrubar o governo revolucionário. No começo do ano de 1962, numa orquestrada coalizão internacional contra a ilha caribenha, os Estados Unidos utilizaram-se de uma arma no campo político e diplomático. Na conferência de Punta Del Este, um encontro de ministros das Relações Exteriores da Organização dos Estados Americanos (OEA), ocorrido em janeiro de 1962, decidiu-se, por maioria de votos, pela expulsão de Cuba da referida Organização e também pela intensificação do bloqueio econômico<sup>171</sup>.

No Brasil, a conferência da OEA, que expulsava Cuba da Organização, teve grande repercussão. Isto porque, o país, representado pelo então Ministro das Relações Exteriores, San Tiago Dantas, não cedeu à pressão estadunidense, abstendo-se de votar. Isso seria significativo para a política interna brasileira, uma vez que as ambivalências foram postas. Segundo Fernanda Tondolo Martins: “a posição do Brasil, interpretada por muitos analistas como reflexo de uma atitude de independência e bom senso do Itamaraty, foi vista por setores mais conservadores como uma vitória cubana”<sup>172</sup>.

O *Folha de Ituiutaba*, por sua vez, já havia feito uma avaliação positiva do posicionamento do governo brasileiro desde o episódio da condecoração de Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, pelo presidente Jânio Quadros, por ocasião

---

<sup>170</sup>A Operação Mangusto foi uma série de operações secretas, com vistas a incitar desordens em Cuba e conseqüentemente desestabilizar o regime. Além disso, especulou-se nessa operação o assassinato de Fidel Castro. Quatrocentos funcionários da CIA estavam envolvidos com o projeto Mangusto, o qual “ajudaria o povo cubano a derrubar o regime comunista em Cuba e instituir um novo governo com o qual os Estados Unidos pudessem viver em paz”. Essa era uma diretiva presidencial, declarada em Washington em 1961 e que mostra a perspectiva que essa operação pretendia realizar. Cf. GOTT, Richard, op.cit., p. 223.

<sup>171</sup>Esse encontro da OEA foi realizado no Uruguai, em janeiro de 1962. Somente Cuba e México se opuseram à expulsão do país da Organização. Brasil, Bolívia, Chile, Equador e Argentina se abstiveram. O ministro das Relações Exteriores venezuelano pediu demissão. Ibidem, p. 389.

<sup>172</sup>MARTINS, Fernanda T., op. cit., p. 51.

da divulgação da notícia, “Che Guevara condecorado por JQ”<sup>173</sup>, no dia 19 de agosto de 1961. Para o *Folha de Ituiutaba* isso seria extremamente importante, porquanto a defesa do regime cubano feita pelos agentes do periódico era correspondida de alguma maneira pela instância maior da hierarquia política nacional, ou seja, eles não estavam sozinhos nessa defesa do regime cubano.

O jornal em questão voltaria a fazer uma avaliação positiva da posição adotada pelo governo brasileiro no episódio da expulsão de Cuba da OEA. Na matéria “Posição do Brasil em Punta Del Este: contra a agressão econômica ou militar a Cuba!”<sup>174</sup>, veiculada no dia 17 de janeiro de 1962, destacava o pronunciamento de San Tiago Dantas: “O nosso país vetará qualquer resolução de uma agressão contra Cuba, seja ela militar ou econômica.” Em seguida, o jornal fazia um balanço dos principais acontecimentos nessa conferência, enfatizando que ela consistiu em uma “tentativa dos Estados Unidos de conseguir cobertura dos países latino-americanos para justificar seus planos agressivos contra o povo cubano”. Declarava ainda que, embora as posições do governo brasileiro fossem oficialmente contrárias a qualquer hostilidade contra o Governo e o povo cubano, algumas unidades militares do país pediam para intervir no regime de Fidel Castro. A esse respeito, o jornal ironizava: “Talvez para morrer ingloriamente na nova praia Girón”<sup>175</sup>.

Antes mesmo de comentar a posição do governo brasileiro e a repercussão da notícia no Brasil, o *Folha de Ituiutaba* já havia manifestado firmemente sua posição contrária à expulsão de Cuba da OEA. A expulsão do país caribenho ocorreu no dia 30 de janeiro de 1961. Já na edição do dia seguinte ao acontecimento, o jornal expressava sua indignação com a venalidade dos países que votaram pela expulsão de Cuba:

Comprando votos abertamente a preço de ouro ou fazendo chantagem declarada com a chamada “Aliança para o Progresso” os Estados Unidos conseguiram seu intento, na conferência em Punta Del Este, no Uruguai, expulsando Cuba da Organização dos Estados Americanos nessa madrugada (OEA).<sup>176</sup>

De acordo com o jornal, essa decisão “para o governo cubano, nada exprime, por

---

<sup>173</sup>CHE Guevara condecorado por JQ. **Folha de Ituiutaba**, n. 1119. 19 ago. 1961, p. 1.

<sup>174</sup> POSIÇÃO do Brasil em Punta Del Este: contra a agressão econômica ou militar à Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1148, 17 jan. 1962, p. 2.

<sup>175</sup> Idem.

<sup>176</sup> CUBA expulsa da OEA. **Folha de Ituiutaba**, n.1152, 31 jan. 1962, p. 1.

se tratar de um órgão tradicionalmente submisso aos norte-americanos”. O *Folha de Ituiutaba* via, porém, com certo alento as abstenções, principalmente a brasileira, afirmando que “As 7 abstenções, contudo, incluindo o Brasil, que nos honra particularmente, denunciam o aparecimento de resistência aos desígnios dos Ianques”. A partir disso, o *Folha*, dava também sua opinião aos que votaram favoráveis a expulsão de Cuba:

Ademais o comportamento desses 14 títeres demonstra cabalmente que a história se repete, e que o dinheiro argumentado [sic], fez Judas apontar Jesus aos seus algozes, tem ainda muita força, pois Cuba, não será por certo o ultimo José vendido por seus irmãos.<sup>177</sup>

O *Folha de Ituiutaba*, como é perceptível em todas suas matérias, não se abstém em demonstrar sua opinião, fazendo isso com humor e/ou por meio de densas críticas. Percebe-se que, ao defender Cuba, o jornal procura acusar seu oponente. Um aspecto que ainda chama atenção nas matérias veiculadas pelo jornal acerca da expulsão de Cuba da OEA é uso de personagens bíblicas. A referência a Judas, o traidor de Cristo, em uma tentativa de relacionar as personagens com as nações envolvidas é uma brilhante estratégia que o jornal encontra para representar os traidores e os traídos. A outra referência consiste na construção da imagem de Cuba, como José, outro personagem bíblico, o mais talentoso e amado pelo seu pai e que, justamente por isso, foi vendido como escravo pelos irmãos invejosos. Com esse recurso às imagens bíblicas, o jornal buscava construir a ideia de que Cuba, como José e Cristo, foi traída por aqueles que lhes eram mais próximos: os países latino-americanos.

As discussões acerca da expulsão de Cuba da OEA também estavam intrinsecamente ligadas ao contexto da política brasileira e, mais particularmente, à defesa que o *Folha de Ituiutaba* fazia de que o Brasil mantivesse uma política externa independente. Neste período, o referido jornal dava forte apoio às políticas reformistas de João Goulart (Jango), ao passo que defendia o fim do regime parlamentarista<sup>178</sup>.

---

<sup>177</sup> Ibidem, p.1.

<sup>178</sup> Em diversas edições do *Folha de Ituiutaba* – a partir de setembro de 1962 – pode-se encontrar a campanha que o periódico fazia para o fim do parlamentarismo e em defesa de Jango. Ver, por exemplo: CHEGOU a hora de dizer não. **Folha de Ituiutaba**, n. 1226, 19 dez. 1962, p. 3. Sobre o regime parlamentarista no Brasil cabe destacar que: “ O parlamentarismo no Brasil vigorou em dois períodos: no Império e após a renúncia do presidente Jânio Quadros. O primeiro período parlamentarista durou de 1847 a 1889 e o segundo de setembro de 1961 a janeiro de 1963. ” Sobre o período em que estamos discutindo: “o parlamentarismo foi utilizado pelo Congresso, via emenda constitucional, como forma de superar o impasse criado com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961. Com esse recurso, as tentativas de



Na matéria “Apoio à política externa do Brasil”<sup>179</sup>, o *Folha de Ituiutaba* comentava que “O presidente João Goulart tem recebido nos últimos dias, diversas declarações de vários Estados em favor da posição assumida pelo Chanceler San Tiago Dantas na conferência de Punta Del Este”. Ao veicular essa matéria, o jornal além de saudar a atitude do governo brasileiro, queria talvez evidenciar que o nacionalismo que defendia estava contemplado na política externa do governo brasileiro. Acerca da política externa brasileira, o jornal acrescentava que “fontes do Planalto declaram que o Brasil deverá assumir cada vez mais posição independente no tratamento de problemas da política internacional”. E ressaltava que as críticas daqueles que eram contrários à posição brasileira deveriam ser compreendidas da seguinte maneira:

Somente remanescentes da era anticastrista, os “gorilas” nacionais e parte da imprensa comprometida mais com os interesses internacionais do que com os do Brasil, tentam fazer críticas e ridicularizar a atitude do País em Punta Del Este no Uruguai.<sup>180</sup>

Percebe-se, pois, que a defesa feita pelo jornal acerca da posição assumida pelo Brasil no episódio da OEA esta relacionada mais amplamente à defesa de uma política externa independente. Veiculando, no dia 2 de junho de 1962, a notícia intitulada “Câmara Federal consagrou a política exterior do Brasil”<sup>181</sup>, o *Folha de Ituiutaba* fazia referência a uma moção de desconfiança feita pelo deputado federal Eurípedes Cardoso, da bancada carioca, à posição do Brasil na OEA. Segundo o jornal, o referido deputado tinha afirmado que a atitude do governo era: “em essência uma continuação da posição preconizada pelo governo do Sr. Jânio Quadros de relação com todos os povos e de combate à intervenção em Cuba.” Em seguida, o jornal ressaltava que a moção do deputado Eurípedes Cardoso foi negada pela Câmara Federal com 141 votos contra e 44 a favor. E explicava o posicionamento assumido pelo referido deputado, definindo-o

---

impeachment e de golpe militar contra o vice-presidente João Goulart foram neutralizadas. Na época, setores militares e políticos não aceitavam entregar o poder a João Goulart, ligado ao sindicalismo e com posições de cunho social. A posse de João Goulart foi aceita com a condição de o Congresso instituir o parlamentarismo, que reduziria as prerrogativas do presidente da República e deixaria o governo ser exercido diretamente pelo gabinete ministerial. Aceita a solução por João Goulart, este mobilizou, já na presidência, suas forças políticas, e submeteu a questão a um plebiscito, que restabeleceu o sistema presidencialista no país. ” Cf: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Especiais/eleicoes2010/historia/no-brasil-parlamentarismo-vigorou-durante-o-imperio-e-apos-renuncia-de-janio-quadros.aspx> > Acesso em: 17 mai, 2019.

<sup>179</sup> APOIO à política externa do Brasil. **Folha de Ituiutaba**, n. 1159, 24 fev. 1962, p. 1.

<sup>180</sup> Ibidem, p.1.

<sup>181</sup> CÂMARA Federal consagrou a política exterior do Brasil. **Folha de Ituiutaba**, n.1180, 2 jun. 1962, p. 1.

como um “golpista e velho apologista da solução extralegal”<sup>182</sup>.

O episódio da expulsão de Cuba da OEA e todo o debate envolvendo o posicionamento adotado pelo governo brasileiro permitem perceber, por exemplo, que as posições político-ideológicas assumidas pelo *Folha de Ituiutaba* perpassam circunstâncias que entrelaçam, muitas vezes, acontecimentos políticos internacionais, nacionais e locais.

### **1.6 A opção pelo comunismo: as explicações para a crise econômica cubana nas páginas d’O Repórter**

Enquanto o *Folha de Ituiutaba* buscou justificativas no antagonismo entre Cuba e Estados Unidos para a declaração do carácter socialista da Revolução Cubana em 1961, o jornal *O Repórter* construía outra argumentação. Cabe ressaltar, que esse jornal não seguia necessariamente uma cronologia dos principais fatos que se sucederam em Cuba. Havia uma ênfase, conforme anteriormente mencionado nos temas que permitissem fortes críticas à experiência revolucionária. São exemplos disso: os pelotões de fuzilamento; e a ameaça que as políticas de tendência comunista adotadas por Cuba representavam para o continente. Quais teriam sido as estratégias utilizadas pelo jornal uberlandense para combater e desacreditar o regime cubano? Como demonstrar que a tendência esquerdizante e a posterior opção pelo socialismo eram equivocadas?

No dia 28 de janeiro de 1961, o jornal veiculava uma matéria intitulada “Crise Interna”<sup>183</sup>, na qual comentava as operações militares comandadas por Fidel Castro para combater os opositores cubanos que haviam pegado em armas para combater o governo revolucionário nas guerrilhas de Escambray. O periódico fazia referência à convocação, pelo líder cubano, de 15.000 milicianos para lutarem contra seus opositores. A esse respeito, constatava que “O importante quanto à excessiva mobilização de milicianos, é que Fidel não pode mais agir, sem que sua ação seja altamente demagógica e emocional”. Considerava ainda que essa excessiva mobilização cumpria a função de não deixar o povo cubano pensar sobre a atual situação econômica em que viviam e que, de acordo com o jornal, era decorrente da “comunicação” do país. Segundo *O Repórter*, a solução que Fidel encontrou foi “manter a população sob o impacto de grandes perigos

---

<sup>182</sup>Idem.

<sup>183</sup>CRISE interna. *O Repórter*, Uberlândia, n. 3656, 28 jan. 1961, p. 1.

internos e externos, em clima emocional sem precedentes na América Latina”. Com isso, o jornal alegava que os cubanos não teriam tempo “para pensar na alimentação, trabalho, moradia e até na religião”<sup>184</sup>.

Ainda nesta matéria, o jornal destacava a “escassez de víveres” e o “desemprego”, e reforçava o argumento de que “Se não fosse essa tensão, habilmente mantida pelo governo de Havana, assessorado por especialistas na propaganda comunista, o povo cubano viria a situação cada vez mais calamitosa”. O jornal ainda afirmava que não podendo resolver esses problemas, como todos os países que se deixam enredar pelo comunismo, Cuba teve de apelar para as ameaças de invasão e perigos internos. Contudo, o jornal avaliava ser “impossível manter tantas massas em um ambiente de tensão permanente. E mais impossível ainda será ‘fabricar’ motivos que justifiquem mobilizações constantes”<sup>185</sup>.

Em sua edição do dia 26 de abril de 1961, *O Repórter* veiculava uma matéria assinada por Felipe Chávez, com o seguinte título “Como o regime de Castro reduz, sorrateiramente, os ganhos do trabalhador”<sup>186</sup>. Nela, argumentava-se que os trabalhadores cubanos estavam percebendo, com base em “uma experiência própria” e de forma “dolorosa” a redução de seus ganhos. Segundo o articulista, o governo cubano enganava os trabalhadores, dizendo-lhes que os seus vencimentos estavam isentos do pagamento de impostos para o orçamento nacional, uma vez que

(...) essa maravilhosa promessa não passa de cortina de fumaça: os operários cubanos, como seus colegas de todas as nações comunistas, descobriram que um estado policial não precisa impor contribuições diretas para tirar dos trabalhadores porções substanciais de seus trabalhos. Os regimes comunistas têm muitas maneiras diferentes de dar salários aos trabalhadores com uma mão e tirá-los com outra.<sup>187</sup>

Ainda segundo Felipe Chávez, o trabalhador cubano percebia que seu salário continuava o mesmo, mas o preço dos produtos de que precisava subia cada vez mais. Referindo-se aos camponeses, o articulista mencionava a reprodução que o regime cubano fazia em suas “fazendas populares” de métodos utilizados “por outras ditaduras comunistas”, uma vez que era o regime que determinava o que se devia plantar, quanto

---

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> Ibidem, p.1.

<sup>186</sup> CHÁVEZ, Felipe. Como o regime de Castro reduz sorrateiramente os ganhos do trabalhador. **O Repórter**, Uberlândia, n. 715, 26 abr. 1961, p. 2.

<sup>187</sup> Idem.

iria para o Estado e quanto iria para o camponês. Empenhado em demonstrar as falácias do líder cubano e desmascarar as políticas governamentais cubanas, Felipe Chávez avaliava que era bastante amplo “o campo para manipulações”<sup>188</sup>.

Em outra matéria, veiculada no dia 29 de maio de 1961, *O Repórter* comentava alguns desdobramentos da frustrada da invasão da Baía dos Porcos, ocorrida no mês anterior, que resultou na vitória do governo revolucionário sobre os exilados cubanos que, apoiados pelos Estados Unidos, invadiram o país. Muitos desse exilados derrotados foram presos ou condenados à morte. A propósito desses exilados que foram presos pelo regime, o jornal, em uma coluna intitulada “O que dizem e pensam os outros”<sup>189</sup>, apresentava a opinião de alguns dos “principais” periódicos da América Latina sobre uma decisão polêmica de Fidel Castro, conforme se verifica no trecho abaixo:

Os principais jornais da América Latina qualificaram de cínico, desumano e monstruoso o oferecimento feito por Fidel Castro de entregar, em troca de 500 tratores, mil prisioneiros, que o seu regime tem em custódia após o malogrado desembarque do mês passado.<sup>190</sup>

O jornal ainda afirmava que o periódico *La Prensa*, da Argentina, comparava a atitude de Fidel Castro com a do governo nazista em relação a um episódio em que o regime nazista fez uma troca de judeus por caminhões. Afirmava ainda que se em Cuba não tem as câmeras letais, seria pelo fato de que “elas foram substituídas pelo *paredón*”. *O Repórter* também cita o *Correo de la Tarde*, que teria afirmado que Fidel Castro representa o retrocesso do velho mundo, chegando a sugerir que o líder cubano deveria ser expulso do continente. É interessante notar aqui a estratégia utilizada pelo jornal *O Repórter* para legitimar seu discurso de crítica à Revolução, demonstrando que sua opinião não era única, mas compartilhada pelos “principais jornais” da América Latina. A propósito dessa estratégia utilizada pelo jornal em sua coluna “O que dizem e pensam os outros”, convém lembrar a reflexão da historiadora Tânia Regina de Luca, ao destacar a importância de que a análise de um periódico atente para aspectos, como, por exemplo, “a escolha de títulos e textos programáticos, que dão conta das intenções e expectativas de um jornal, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores”<sup>191</sup>. Finalmente, caber destacar que para o

---

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> O QUE dizem e pensam os outros. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3737, 29 mai. 1961, p. 2.

<sup>190</sup> Ibidem, p.2.

<sup>191</sup> LUCA, Tânia R., op. cit., p. 140.

jornal uberlandense, em sua avaliação da economia cubana, a opção de Fidel Castro pelo comunismo deixava o povo cubano em uma “situação cada vez mais calamitosa” e era a causa das debilidades econômicas do país caribenho<sup>192</sup>.

O agravamento da crise econômica do país caribenho e da situação descrita como “cada vez mais calamitosa” para a população cubana seria retomada nas páginas d’*O Repórter* em sua edição do dia 11 de junho de 1961. Na matéria intitulada “Povo protesta contra racionamento generalizado em Cuba”<sup>193</sup>, eram reproduzidas declarações de camponeses refugiados em Miami sobre o panorama econômico da ilha caribenha, para os quais “O continuo decréscimo da produção doméstica, que se traduz na escassez de comestíveis, se deve em grande parte à falta de resistência do *guajiro* (camponês) à tirania de Fidel Castro e seus cúmplices”. O jornal mencionava também que Che Guevara, ministro da indústria de Cuba, havia declarado que a produção de açúcar tinha sido a mais baixa dos últimos anos. Destacava ainda as declarações de Puentes e José fraga, que haviam fugido de Cuba em um pequeno barco, e mencionavam que alguns camponeses, insatisfeitos com o regime, estavam praticando atos de sabotagem nas plantações de cana-de-açúcar e em outros cultivos. Puentes teria ainda revelado sua insatisfação com a existência das cadernetas de racionamento em Cuba e revelado que a situação de escassez era pior nos povoados. Diante disso, os camponeses cubanos, segundo o relato de Puentes, prosseguiram em sua luta pela liberdade, observando o seguinte lema: “camponês semeia para seu próprio consumo e não para abastecer o imperialismo soviético”<sup>194</sup>.

*O Repórter* seguia sua linha discursiva utilizando-se de declarações de “cidadãos fugitivos” de Cuba para evidenciar a existência de uma oposição interna na ilha e retratar a crise pela qual passava o país. Além da Igreja Católica e de seus fiéis, agora também os exilados cubanos ganhavam notoriedade nas páginas do jornal por sua resistência ao governo revolucionário e por sua oposição aos rumos socialistas da Revolução.

---

<sup>192</sup> Idem.

<sup>193</sup> POVO protesta contra racionamento generalizado em Cuba. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3746, 11 jun. 1961, p. 3.

<sup>194</sup> Ibidem, p.3.

### 1.7. Hermenêutica da distância: as vozes dos exilados cubanos nas páginas d'*O Repórter*.

Nos primeiros meses após o triunfo revolucionário, os cubanos que partiam da ilha eram os aliados de Batista. Muitos destes que fugiram do país tiveram como destino principal a cidade de Miami, nos Estados Unidos. A partir da adoção do comunismo pela Revolução Cubana, houve também um número significativo de cubanos que tentaram sair do país. Apesar disso, “como os voos comerciais entre Cuba e Estados Unidos tinham sido interrompidos após a crise dos mísseis, a fuga para o exílio tornara-se cada vez mais difícil”<sup>195</sup>. A propósito desse segundo grupo de exilados, Richard Gott afirma que:

Um segundo e maior grupo formou-se com aqueles que não ficaram contentes com a mudança radical da Revolução. Muitas pessoas da classe média liberal de Cuba sentiam-se partícipes da guerra de Castro, mesmo que apenas periféricamente, mas não aprovaram a guinada para o socialismo, isso sem falar de comunismo. Os católicos, e as pessoas suficientemente influentes para ter seus filhos em escolas particulares, foram opositores prematuros da guinada da Revolução para esquerda. Essas pessoas geralmente supunham que a influência de Castro sobre o governo seria breve, e muitas fugiram para Miami absolutamente certas de que logo estariam de volta. As estimativas indicam que 80 mil pessoas saíram em 1961 e 70 mil em 1962.<sup>196</sup>

O tema dos exilados cubanos ocupou diversas páginas d'*O Repórter*. Em 16 de janeiro de 1961, o jornal uberlandense reproduzia a matéria “Regime de Fidel Castro”, produzida originalmente pelo órgão de notícias *Miami (SE)*, na qual eram feitos comentários acerca das declarações do Emilio Menéndez, ex-presidente do Tribunal de Justiça de Cuba – e um dos vários refugiados do regime cubano em Miami –, que dissera que Fidel Castro fez mais para acabar com os direitos humanos e com os direitos de propriedade do que a União Soviética em 43 anos. De acordo com Menéndez, em Cuba, “os direitos humanos estão protegidos unicamente nos Códigos. Os seres humanos não têm direitos. Os direitos de propriedade não significam absolutamente nada”<sup>197</sup>.

A reprodução das declarações de Emilio Menéndez conferia mais um elemento para que o jornal criticasse o regime: o desrespeito aos direitos humanos em Cuba, em uma muito provável alusão às execuções sumárias nos paredões de fuzilamento. Era

---

<sup>195</sup>GOTT, Richard, op. cit. p, 241.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 242.

<sup>197</sup> REGIME de Fidel Castro. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3647, 16 jan. 1961, p. 1.

importante ainda para demonstrar o expressivo descontentamento de muitos cubanos com o regime, a ponto de recorrerem a uma solução drástica: o exílio. Dessa maneira, a titulação desse tópico faz alusão as reflexões de Enzo Traverso, que afirma que a distância: “modifica as perspectivas, acentua ou neutraliza tanto a empatia quanto o olhar crítico”<sup>198</sup>, portanto, nas inúmeras recorrências do jornal *O Repórter* sobre o assunto, propomos refletir sobre a forma como estes relatos e experiências sobre o exílio veiculadas por esse periodico acerca dos exilados cubanos foram representadas.

Em sua edição do dia 13 de setembro de 1962, *O Repórter* veiculava uma reportagem intitulada “Ex-rebelde militar foge de Cuba num barco pequeno”, na qual eram comentadas as declarações de um refugiado cubano em Miami, Orlando Vega Herrera, que dissera que muitos dos combatentes que lutaram com Fidel Castro, e que agora são contra o comunismo, estavam sendo perseguidos, presos e até mesmo fuzilados. Herrera declarou também que “existem em Cuba diversas forças que manifestam sua rebeldia ante a ditadura de Fidel Castro” e que, em sua terra natal, Las Villas, existiam forças guerrilheiras combatendo o governo revolucionário na serra de Escambray. Segundo o jornal, o “ex-combatente” ainda teria afirmado que as forças mais combativas contra Fidel Castro eram os camponeses, os quais conseguiam sabotar as plantações com queimadas. A matéria encerrava-se com seguinte frase do refugiado: “ainda tenho esperanças na queda de Fidel Castro, que vendeu sua pátria ao comunismo”<sup>199</sup>.

Em outra matéria reproduzida nas páginas d’*O Repórter*, de autoria de Juan González, e intitulada “Justiça em Cuba e Revolução”<sup>200</sup>, criticava-se a degradação e destruição do sistema judiciário em Cuba, tema que havia sido objeto de análise de uma publicação chilena intitulada *Estudios sobre el comunismo*, de autoria de José Morell Romero, um antigo magistrado da suprema corte de Cuba, que estava no exílio. Em seu estudo, Romero argumenta que o judiciário estabelecido em Cuba, por meio da Constituição de 1940, dava efetivas garantias para os direitos individuais e para integridade das cortes da justiça. E que, durante o governo de Batista, o povo cubano gozava da proteção de uma justiça independente e imparcial. No entanto, segundo o

---

<sup>198</sup>TRAVERSO, Enzo. L’histoire comme champ de bataille. Paris: La Découverte, 2012, p. 212

<sup>199</sup>EX-REBELDE militar foge de Cuba num barco pequeno. **O Repórter**, Uberlândia, n. 3997, 13 set. 1962, p. 1.

<sup>200</sup>GONZALEZ, Juan. Justiça em Cuba e Revolução. **O Repórter**, Uberlândia, n. 4.031, 24 nov. 1962, p. 2.

autor, a situação atual era muito diferente e o melhor exemplo disso “é que Fidel Castro é o único poder existente em Cuba”. Acrescentava que o restava do antigo sistema judiciário de Cuba era um arremedo das antigas cortes de justiça, trabalhando em completa instabilidade sob um regime sanguinário. O autor destacava o processo de transformação do judiciário em Cuba, referindo-se aos tribunais revolucionários que condenaram os partidários de Fulgencio Batista. Esses tribunais foram anunciados como temporários, mas retornaram para o julgamento de outros indivíduos que eram taxados como contrarrevolucionários. Em virtude desses tribunais, considerava que “atualmente em Cuba não há dignidade dos direitos dos homens e que o corpo de juízes está paulatinamente reduzido, com alguns, no cárcere e outros exilados, e os que ainda persistem são meros fantoches do governo”. Por tudo isso, José Morell Romero afirmava que:

O cidadão cubano dos dias atuais reconhece sua precária condição. Não há direitos a serem reclamados nem recursos contra a opressão imposta pelo regime. Aqueles que ainda se rebelam contra Fidel Castro, sabem que o destino lhes reserva um grande risco. ‘A alternativa da vitória é o *paredón*’.<sup>201</sup>

Para *O Repórter*, dar voz aos exilados, divulgando as suas declarações, era uma forma de evidenciar a verdadeira face de uma revolução comunista que oprimia seus opositores, os quais, por sua vez, tentavam resistir às arbitrariedades do regime de Fidel Castro. O jornal uberlandense criticava fortemente as práticas do governo cubano que contrariavam os princípios democráticos, liberais e católicos defendidos pelo periódico. Convém ressaltar, no entanto, que não foi localizado nenhum registro que apontasse, por exemplo, que *O Repórter* tenha feito uma defesa de princípios ou políticas autoritárias de direita. Neste sentido, havia uma coerência discursiva, uma vez não são encontradas contradições desse tipo nas páginas do referido periódico.

### **1.8 Quem vai atirar a primeira pedra? O jornal Folha de Ituiutaba e a defesa de Cuba no episódio da crise dos mísseis**

Nas representações até aqui observadas, entende-se duas perspectivas claras. Enquanto para o jornal *O Repórter* o regime cubano perpetrava um despotismo, inclusive levando seu próprio povo ao exílio, para o *Folha de Ituiutaba* os conflitos entre Cuba e Estados Unidos, agora, porém com um agente importante nesse cenário – União Soviética – continuava ser a tônica e principal tema de suas edições quando se

---

<sup>201</sup>Idem.



tratava de Cuba.

O ano de 1962 foi para Cuba um período de muitas mudanças, pressões e conflitos, iniciando-se com sua expulsão da OEA e prosseguindo com a instalação de mísseis soviéticos em território cubano, o que resultou, após o mundo ter tomado conhecimento da instalação dos mísseis, em um dos episódios mais emblemáticos da Guerra Fria: a crise dos mísseis.

Um sobrevoo de aeronaves estadunidenses havia fotografado na plataforma de lançamento de mísseis R-12 na região de San Cristóbal de Pinar Del Río diversos mísseis soviéticos instalados e direcionados para os Estados Unidos. Após essa constatação, numa segunda-feira, dia 22 de outubro de 1962, o presidente John Kennedy discursaria na televisão anunciando a presença dos mísseis soviéticos em Cuba e já propunha uma primeira ofensiva contra Cuba: um bloqueio naval. Para Richard Gott, esses fatos tiveram grande impacto no mundo, pois:

Pela primeira vez desde que os Estados Unidos jogaram bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 1945, centenas de milhões de pessoas do globo temeram que armas nucleares pudessem ser usadas outra vez.<sup>202</sup>

Os motivos que levaram os soviéticos a incrementarem sua assistência a Cuba, como também a escolha do momento dessa decisão, é motivo de debate. Cuba já vinha requerendo a União Soviética uma proteção de um possível ataque dos Estados Unidos, mas “o desejo de alcançar um equilíbrio de forças nucleares estrategicamente mais equânime com os Estados Unidos também pode ter sido um fator importante a ser considerado”<sup>203</sup>.

Com a crise instaurada, uma possível eliminação da Revolução Cubana pelos Estados Unidos era o centro da crise de outubro. Nessa conjuntura, os Estados Unidos tinham começado um bloqueio naval à ilha em 24 de novembro. Com isso, o governo soviético dera ordens aos capitães de seus navios a permanecerem fora da zona bloqueada. Enfim, diante do grandioso conflito, que poderia ter realmente desdobramentos trágicos, uma solução foi proposta, conforme relata Richard Gott:

Uma carta enviada por Krushev a Kennedy na sexta-feira, 26 de outubro, dizia que o seu propósito ao enviar para Cuba o que chamava

---

<sup>202</sup>GOTT, Richard, op. cit., p. 224.

<sup>203</sup>Ibidem, p. 227.

de “mísseis defensivos” era evitar a repetição da Baía dos Porcos. Retirá-los-ia de bom grado se os Estados Unidos já não tivessem intenção de apoiar outra invasão por exilados. Kennedy e seus conselheiros ficaram alegres em aceitar a oferta de Krushev. Fizeram-no numa carta enviada no dia seguinte. Para salvar as aparências, insistiram que inspetores da ONU verificassem a retirada soviética, alternativa que era aceitável para Krushev mais que foi furiosamente rejeitada por Castro. O acordo norte-americano-soviético também continha um entendimento tácito de que os mísseis dos Estados Unidos na Turquia, considerados obsoletos, seriam retirados.<sup>204</sup>

Para muitos historiadores, essa conjuntura foi uma demonstração de que Cuba permaneceu inteiramente à margem desses acontecimentos e decisões, mesmo estando no centro da crise. Isso porque, o jogo de interesses foi inteiramente discutido entre Estados Unidos e União Soviética, porém Fidel Castro divulgou uma declaração em 28 de outubro, para indicar outras medidas que deveriam ser tomadas, dentre elas: o fim do bloqueio econômico; o fim da atividade subversiva feita pelos Estados Unidos contra Cuba; o fim do bloqueio naval; e ainda a não permissão para que os inspetores da ONU verificassem a retirada dos mísseis soviéticos. Assim, em novembro de 1962, o presidente Kennedy anunciava o fim da crise, ainda afirmando que não iria abandonar os esforços econômicos para impedir a subversão de Cuba.

A crise dos mísseis, entretanto, não seria um evento momentâneo, mas causaria consequências duradouras, tanto aos que nela estiveram diretamente envolvidos quanto aos que estavam de fora do conflito. A primeira delas foi o breve descontentamento do governo cubano com a União Soviética. A partir de 1963, porém, os dois países estreitariam novamente relações. Para a América Latina, a crise dos mísseis teria implicações bem piores, pois esses países sentiriam o peso das intervenções norte-americanas que temiam que “novas cubas” pudessem despontar no continente<sup>205</sup>.

A análise das representações da Revolução Cubana no *Folha de Ituiutaba*, permite constatar que mesmo diante das mudanças no regime cubano e dos sucessivos conflitos nos quais o país caribenho esteve envolvido desde 1959, o jornal permanecia atuante na defesa da Revolução Cubana, inclusive criticando seus inimigos e afirmando existir uma opressão ao regime de Fidel Castro. No entanto, a crise dos mísseis foi um

---

<sup>204</sup> Idem, p. 236.

<sup>205</sup> Países como República Dominicana, Panamá e Haiti viriam se diante de tropas estadunidenses. Outros, como o Brasil, receberam apoio para instalar ditaduras militares que estavam comprometidas com os interesses norte-americanos. Cf. Ibidem, p. 238.

evento de proporções enormes e mostraria que o país liderado por Castro, talvez tivesse ido longe de mais. Nesse sentido, Fernanda Tondolo Martins afirma:

As contradições da sociedade brasileira evidenciam-se nos editoriais de opiniões da imprensa. As matérias jornalísticas se tornaram, nesse momento, importante fonte para se analisar a ambivalência da sociedade brasileira frente às transformações no cenário mundial [...]<sup>206</sup>

Nos finais do ano de 1962, precisamente a partir de outubro, o *Folha de Ituiutaba* não comentaria ou informaria absolutamente nada em relação à crise dos mísseis. Ao contrário do que havia ocorrido em outras circunstâncias, quando o jornal, além de noticiar, havia demonstrado abertamente sua opinião sobre a Revolução Cubana e seus impasses diante essa conjuntura internacional, desta vez o polêmico episódio envolvendo Cuba não teve a mesma repercussão no periódico.

A notícia que mencionava Cuba, em outubro de 1962, sob o título “5ª coluna norte-americana: Brizola denuncia”<sup>207</sup>, dizia respeito a uma longa palestra do deputado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, a qual era relatada pelo jornal nos seguintes termos:

O Sr. Leonel Brizola, fez uma detalhada análise da situação nacional e internacional, detendo-se particularmente no caso de Cuba, sobre o bloqueio decretado pelos Estados Unidos à heroica ilha do Caribe. Após dessecar todos os motivos que levaram os norte-americanos à precipitada medida, Brizola que fala na presença de milhares universitários filiados à UNE, denunciou a presença e o processo de infiltração em nosso país de uma 5ª coluna norte-americana, denominada eufemisticamente de “voluntários da paz”<sup>208</sup>.

O jornal por fim destacava que a palestra de Brizola, que durou mais de duas horas, teve algumas intervenções de estudantes que com grande vibração gritavam o tradicional lema: “Cuba sim, Ianques não; Cuba sim, Ianques não!”<sup>209</sup>.

Seria, portanto, nessa única notícia que Cuba foi mencionada nos finais do ano de 1962 pelo *Folha de Ituiutaba*. Porém, é significativo que, apesar do destaque que o jornal deu a alguns detalhes desse acontecimento, como o grito dos estudantes no final da palestra de Brizola, o jornal não havia tecido nenhum comentário ou emitido opinião

---

<sup>206</sup>MARTINS, Fernanda T., op. cit., p. 50.

<sup>207</sup>5ª COLUNA norte-americana: Brizola denuncia. **Folha de Ituiutaba**, n.1214, 27 out. 1962, p. 1.

<sup>208</sup> Ibidem, p.1.

<sup>209</sup> Idem.

sobre a crise dos mísseis ou ainda sobre a relação entre a Ilha e a União Soviética. Talvez, esse silêncio possa estar ligado ao fato de o periódico não ter conseguido encontrar uma forma de explicar aos seus leitores que a atitude tomada por Cuba era, de fato, necessária. Ressaltamos ainda que não poderíamos afirmar quais os motivos desse silenciamento, entretanto, as análises até que realizadas demonstram que uma determinada representação sobre Cuba nesses primeiros anos da experiência revolucionária cubana era privilegiada. Talvez, a construção de uma imagem sobre Ilha que fizesse conotação as intempéries e os ataques do Estados Unidos a Revolução fizessem mais sentido para os editores do que uma crítica ao movimento que em vários momentos era representado pelo *Folha de Ituiutaba* como um exemplo para o continente americano.

No entanto, decorridos alguns meses, o *Folha de Ituiutaba* voltava a comentar sobre a Revolução Cubana. Ainda que de forma bem discreta, no dia 6 de Fevereiro de 1963, o periódico lançava uma pequena notícia intitulada: “EUA retiram foguetes da Itália e da Turquia: resultados dos desmanchos em torno do bloqueio de Cuba”. Sem muitos alardes ou claras tomadas de posição, o jornal explicava que a retirada de foguetes dos referidos países por parte dos Estados Unidos consistia no “cumprimento de obrigações do acordo dos EUA em Cuba, em relação ao bloqueio naval”.<sup>210</sup>

Todavia, no dia 23 de fevereiro de 1963, o *Folha de Ituiutaba* veiculava um grande texto, redigido por Tomaz de Aquino Petraglia, intitulado “Compreendamos Cuba”<sup>211</sup>. Cabe ressaltar, que mesmo não sendo um editorial do jornal, a coluna assinada por Petraglia desempenhava, em alguma medida, esse papel. Sempre que se tratava de um evento importante que acontecia em Cuba e com grande repercussão internacional, o advogado ituiutabano era requisitado para fazer um balanço e tecer comentários sobre o assunto. Acontecera isso no momento do triunfo da Revolução, na expulsão de Cuba da OEA, na declaração do caráter socialista da Revolução, e agora na crise dos mísseis.

A matéria escrita por Petraglia iniciava com a seguinte frase: “Cuba! Fidel Castro! Ah! tema proibido de ser discutido”, a qual era justificada pelo autor no

---

<sup>210</sup> EUA retiram foguetes da Itália e Turquia. **Folha de Ituiutaba**, n. 1237, 6 fev. 1963, p. 1.

<sup>211</sup> PETRAGLIA, Tomaz de Aquino. Compreendamos Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1242, 23 fev. 1963, p. 4.

seguinte sentindo:

Sim, porque Cuba, a de Fidel Castro, que nacionalizou os trustes, a que libertou os camponeses, a que se liberta dos Estados Unidos, a que nasceu em 1959, a que passou a sofrer uma campanha tremenda logo que passou a utilizar as suas reformas de base, não pode ser motivo de uma discussão – porque se estabeleceu um dogma – não religioso, mas profano, não divino mais diabólico – segundo a qual quem a defende é comunista<sup>212</sup>.

E ainda antes de colocar a problemática central de sua matéria, o advogado utiliza-se dos recursos que lhe são próprios por formação:

Cuba passou graças à intensa e milionária propaganda do dólar a ser como certas causas judiciárias: desmoralizar o advogado de defesa. Mas não pode haver julgamento nenhum sem uma defesa, seja um julgamento de uma só pessoa, seja um julgamento mais importante ainda – de uma Nação. Nem pode haver julgamento digno desse nome com os preconceitos e sem o exame leal e sincero das provas e contraprovas<sup>213</sup>.

Então, numa espécie de julgamento, o advogado, faz sua declaração:

Tenhamos, pois a audácia de defender a indefensável: de defender Cuba, que é como aquela mulher a quem se quis apedrejar e Cristo a defendeu com as palavras imortais: atire a primeira pedra aquele que não peceu. E ninguém atirou disse o apóstolo. E ninguém vai atirar essa pedra em Cuba, depois de compreender o que Cuba faz hoje, todas as nações em situação fizeram, fazem ou farão. Apedrejar-se Cuba por quê? Por que Cuba não é um país democrático? Porque essa mão que apedreja Cuba, em nome da democracia, afaga países antidemocráticos como Paraguai, Nicarágua, Peru e tantos outros? Por que essa mão que apedreja hoje Cuba, em nome da democracia, a afagava quando ela vivia sob o regime antidemocrático de Batista?<sup>214</sup>

Dessa forma, Petraglia acusava o acusador e buscava justificar as medidas adotadas pelo governo revolucionário como fruto das imposições que lhe foram feitas desde o triunfo revolucionário:

Não somos crianças para ir na onda do que se faz em Cuba é por motivo de ser esse país antidemocrático. Deixemos de história! Os exilados cubanos desejam libertar Cuba? Sim desejam libertar Cuba... dos cubanos para entrega-la novamente aos norte-americanos, tanto é que vão se exilar nos Estados Unidos, onde são incentivados e armados. Fala-se que Cuba está submetida à Rússia, Diziam a mesma coisa ontem a respeito da China. Hoje não há quem sustente que a Rússia oprime a China. Não é verossímil que um povo capaz de se

---

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> Idem.

<sup>214</sup> Ibidem, p.4.

libertar dos Estados Unidos seja capaz de barrar outra opressão. Se Cuba é um país comunista devemos condenar em primeiro lugar os Estados Unidos, que não puderam e não quiseram solucionar o problema das massas cubanas, exasperando sua miséria, o campo fecundo para a semente do comunismo. Repetimos que ninguém, em sã razão, haverá de condenar Cuba, depois de compreender o que Cuba e todas as nações em sua situação, fizeram, fazem e farão.<sup>215</sup>

Na mesma linha argumentativa, de justificar as medidas adotadas pelo governo revolucionário em função das circunstâncias que lhe eram impostas, Tomaz de Aquino Petraglia busca explicar a adoção da pena de morte pelo regime, defendendo Cuba das acusações que lhe eram feitas:

Em Cuba há pena de morte? Condenamos Cuba por isso? Há pena de morte em modalidades mais cruéis. Acontecem também nos Estados Unidos, que são os maiores interessados em desgraçar o país de Fidel Castro. Por acaso esses que atacam Cuba, baseados no repúdio da pena de morte, atacam também os Estados Unidos? Além do mais, Cuba tem um motivo relevante para possuir a pena de morte. A situação é uma situação especial, revolucionária, situação de país que teve de fazer uma revolução para se libertar de uma ditadura impiedosa, que não só matou como também torturava, e que nem por isso deixou de receber dos Estados Unidos ajuda... militar para que não caísse. Quando um país passa por uma situação revolucionária ou semelhante, situação de pena de guerra e pena de morte, se não existe aparece, se não existe passa a funcionar com frequência. É que a pena de morte é a mais utilizada, a pena única capaz de refrear os sediciosos em potencialidade. Dessa forma, ele cita alguns exemplos, como na idade média – com a inquisição – e outras como a Revolução Francesa, a França revolucionária, a dos Dantons, a dos Marats, dos Robspierres. Aqui no Brasil, por exemplo, a Revolução de 30, que trouxe benefícios para o País – aí estão por exemplo – as leis trabalhistas – trouxe-nos também a pena de morte que existia anteriormente em nossa pátria, no período do Império<sup>216</sup>.

O autor então finalizava o que ele próprio havia denominado de “tese de defesa”, afirmando que todas as ocasiões, circunstâncias e contradições históricas vivenciadas pelo governo revolucionário podiam ser compreendidas a partir da seguinte constatação: “Tudo depende das circunstâncias e... de Deus”<sup>217</sup>.

Não podemos entender essa longa matéria escrita por Tomaz de Aquino Petraglia para o *Folha de Ituiutaba* sem antes considerar aquilo que Roger Chartier salienta sobre uma observação à ser feita na leitura de textos impressos:

---

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> Ibidem, p.4.

<sup>217</sup> Idem.

A leitura implícita suposta e visada por tal trabalho pode ser caracterizada como uma leitura que exige sinais visíveis de identificação (como é o caso dos títulos antecipadores ou de resumos recapitulativos, ou ainda gravuras, que funcionam como protocolos de leitura ou lugares de memória do texto), uma leitura que só se sente à vontade com sequências breves e fechadas, separadas umas das outras, uma leitura que parece satisfazer-se com uma coerência global mínima<sup>218</sup>.

Isso se torna fundamental para compreendermos os interesses e as motivações que estão nas entrelinhas de cada objeto textual. Não poderíamos entender esse texto de Tomaz de Aquino Petraglia se não buscássemos sua trajetória histórica e suas relações com o grupo editorial do *Folha de Ituiutaba*. Já afirmamos que Petraglia era um defensor das causas nacionalistas, a exemplo dos demais agentes do *Folha de Ituiutaba*, os quais eram filiados ao PTB. Além disso, como advogado, os termos utilizados no texto são claramente artifícios de sua problematização. As representações, portanto, contidas nesse texto sobre a Revolução Cubana confirmam a continuidade do jornal e de seus sujeitos na defesa de Cuba e de sua experiência revolucionária. O *Folha de Ituiutaba* mantinha-se, portanto, atuante em sua tarefa de, conforme as palavras empregadas pelo próprio Petraglia, “defender a indefensável”. Essa tarefa não terminaria enquanto o jornal ainda tivesse condições de fazê-la.

### **1.9 Das últimas defesas às primeiras acusações: representações da Revolução Cubana nos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter* no contexto da ditadura militar brasileira.**

Em um contexto histórico bastante complexo e marcado pelos crescentes antagonismos ideológicos no Brasil – assim como em outros países da América Latina, Cuba e sua Revolução ainda continuavam sendo importante pauta das discussões políticas nacionais. Em março de 1963, praticamente um ano antes do golpe civil-militar que instaurou uma ditadura no Brasil, o *Folha de Ituiutaba* veiculava a notícia “Sérgio, Cuba e Lacerda”<sup>219</sup>, em que comentava sobre uma discussão ocorrida no Congresso brasileiro, a qual foi motivada por uma solicitação feita pelo deputado federal Sérgio Magalhães<sup>220</sup> que pedia ao Congresso que aprovasse uma moção de

---

<sup>218</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., p. 130.

<sup>219</sup> SÉRGIO, Cuba e Lacerda. **Folha de Ituiutaba**, n. 1249, 30 mar. 1963, p. 1.

<sup>220</sup> Sérgio Nunes de Magalhães Júnior nasceu em Recife (PE), no dia 7 de fevereiro de 1916. Entre 1952 e 1954, durante o segundo governo de Getúlio Vargas, foi diretor do Montepio dos Empregados Municipais, implantando medidas em benefício do funcionalismo que se tornaram o marco inicial de sua popularidade. Ingressando no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), candidatou-se nessa legenda a deputado federal pelo Distrito Federal nas eleições de outubro de 1954. Vitorioso no pleito, assumiu, em

solidariedade a Cuba. Esse pedido provocou forte reação, pois, segundo relata o jornal, “O Sr. Carlos de Lacerda<sup>221</sup>, na sua atitude típica de seu temperamento fascista, pretendendo agradar mais ainda aos norte-americanos pediu a reavaliação do pedido de Sérgio ao congresso”. Carlos Lacerda teria ainda afirmado que “O governo da União deveria intervir na Guanabara, pois não é mais possível a existência de dois presidentes da República, um em Brasília e outro na Guanabara”. Procurando deslegitimar as falas e declarações de Carlos Lacerda, o *Folha de Ituiutaba* afirmava que elas partiam do “acobertador dos escândalos da sucata, do jogo do bicho [...] entre outras coisas monstruosas praticadas”<sup>222</sup>.

Chama atenção, mais uma vez, o destaque dado pelo *Folha de Ituiutaba* em suas páginas a uma discussão política que envolvia uma proposta de solidariedade a Cuba. Não é necessário, porém, discutir os méritos que fizeram o jornal positivar a atitude de Sérgio Magalhães e negativar criticamente as posições de Carlos Lacerda, até mesmo porque os partidos dos quais cada um deles fazia parte já ajudam a explicar essa questão, uma vez que o primeiro pertencia ao PTB – partido defendido pelo *Folha de Ituiutaba* – ao passo que o último pertencia à UDN, forte opositor do PTB. Importa destacar, no entanto, que a defesa de Cuba ainda estava presente nas páginas do periódico.

No dia 3 de abril de 1963, o *Folha de Ituiutaba* divulgava uma breve informação sobre um congresso pró-Cuba,<sup>223</sup> realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo, e do qual diversos políticos mineiros e representantes de movimentos sociais do estado haviam participado. Pouco mais de um mês depois, no dia 11 de maio de 1963, o jornal veiculava uma coluna de Tomaz de Aquino Petraglia, intitulada “O Congresso Pró-

---

fevereiro de 1955, o mandato na Câmara. Nessa ocasião que é citado pelo *Folha de Ituiutaba*, ele era membro da Frente Parlamentar Nacionalista. O deputado Sérgio Magalhães faleceu no Rio de Janeiro em junho de 1991. Cf.: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/sergio\\_magalhães](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/sergio_magalhães)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

<sup>221</sup> Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 1914 e faleceu também no Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1977. Foi um jornalista e político brasileiro, membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1945), deputado federal (1947-55) e governador do estado da Guanabara (1960-65). Foi fundador (em 1949) e proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa*, assim como criador (em 1965) da editora Nova Fronteira. Cf.: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/carlos-lacerda>>. Acesso em 22 mai. 2016; TOLEDO, Caio Navarro, op. cit., p. 38.

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> CONGRESSO pró-Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1248, 3 abr. 1963, p. 3.



Cuba”<sup>224</sup>, na qual o autor lembrava que o governador da Guanabara – Carlos Lacerda – havia proibido a realização do congresso “com pretexto de que tal reunião era de comunistas e de traidores”. Comentando a declaração de Carlos Lacerda, o articulista do jornal questionava: “quem tem competência para dizer que uma pessoa é traidora? O seu adversário político? Não evidentemente”. Continuando sua crítica, o autor afirmava que o Governador da Guanabara era do poder executivo e não do judiciário, e sua atitude demonstrava “sua competência para ser ditador”. Tomaz de Aquilo Petraglia salientava que o então governador, que afirmava que o congresso seria uma reunião de comunistas, “na verdade não sabia dos reais participantes”. Acrescentava que “mesmo se fossem [comunistas] isso não seria contra as leis nacionais” e prosseguia afirmando que “comunistas também participaram do congresso pró-Cuba, pois além de defenderem seus ideais, defendiam o nacionalismo”. Avaliando a atitude de Carlos Lacerda, Petraglia considerava que “tal atitude do governador, que proibiu uma reunião feita de portas abertas, é no mínimo fascista”. Para Petraglia, podia-se discordar da política de Cuba em muitos aspectos, como, por exemplo, em relação à pena de morte. No entanto, seriam muito maiores as concordâncias, pois as medidas concretas adotadas pelo governo revolucionário contrapunham-se às acusações feitas ao país caribenho, afinal

Tudo que possa ser dito contra Cuba é contraditado vitoriosamente pela nacionalização dos trustes internacionais, pela extinção do monopólio da terra, pela eliminação do analfabetismo, pelo maior número de participação dos beneficiados pela civilização.<sup>225</sup>

O congresso pró-cuba terminava. Cuba e sua Revolução continuavam sendo um “exemplo” para o *Folha de Ituiutaba*, ao passo que os críticos e opressores da experiência revolucionária cubana eram definidos pelos agentes do periódico como “fascistas”. Nessa perspectiva de defesa da Revolução, no dia 1 de fevereiro de 1964, o jornal lançara sua última matéria acerca da Revolução Cubana. Sob o título “Nova Agressão a Cuba”<sup>226</sup>, o jornal ituiutabano veiculava algumas informações da agência de notícias *Liber Press* de Havana. Nessa notícia, comentava-se que “a OEA se tornou um instrumento da política aventureira norte-americana desde a separação de Cuba em

---

<sup>224</sup> PETRAGLIA, Tomaz de Aquino. O congresso pró-Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1254, 11 mai. 1963, p. 3.

<sup>225</sup> Idem.

<sup>226</sup> NOVA agressão a Cuba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1304, 1 fev. 1964, p. 1.

Punta Del Este” e acrescentava que “novos investimentos contra a Revolução Cubana são feitos, agora por pedido da Venezuela”. Informava-se ainda que “as acusações partem de um pretexto de que Cuba enviou um carregamento de armas à Venezuela”. No entanto, em defesa de Cuba, esclarecia-se que “as armas são de fabricação norte-americana e pertencem à CIA ou ao Pentágono, e que, se por ventura, houver alguma cubana é fruto de desertores”. Considerava-se ainda que

A notícia não é mais do que uma cortina de fumaça atrás da qual se oculta o imperialismo norte-americano, cujo único objetivo é recrutar países sul-americanos para outra aventura militar contra Cuba – destinada ao mesmo estrondoso fracasso que teve a decantada invasão de *Playa Girón* e a forçá-los a romper relações com o nosso país.<sup>227</sup>

Declarava-se finalmente que “Cuba está tranquila com as agressões da OEA, pois não está sozinha, mas junta com todos os Povos Livres”<sup>228</sup>.

Nesta notícia, que foi a última menção a Cuba nas páginas do *Folha de Ituiutaba*, ficam evidentes as representações positivas que eram construídas acerca do regime cubano, bem como a constante defesa que o jornal fazia da Revolução Cubana. Essa defesa, no entanto, não teria mais como ser veiculada pelo jornal a partir do golpe de 1964, que instaurou a ditadura militar no Brasil. “O exemplo da Revolução Cubana” seria silenciado, uma vez que seriam censuradas todas as “vozes” do *Folha de Ituiutaba*.

Já últimas matérias sobre a Revolução Cubana veiculadas nas páginas d’*O Repórter* – no primeiro recorte temporal desta pesquisa, ou seja, de 1959 a 1964 – datam do ano de 1963, isto é, no ano de 1964 não foram localizados registros sobre o referido tema. Não há como saber as razões pelas quais o periódico deixou de abordar o tema da Revolução Cubana em 1964. É possível, porém, levantar algumas hipóteses. Talvez isso se deva à ideia de que, com o golpe de 1964, o perigo comunista no Brasil tinha sido afastado, o que, por sua vez, faria com que não houvesse necessidade de criticar o regime cubano. Talvez essa ausência possa ter também alguma relação com a irregularidade da periodicidade d’*O Repórter* ou ainda com a perda de espaço para um jornal concorrente, o *Correio de Uberlândia*, que vinha se tornando um jornal de grande destaque na imprensa do Triângulo Mineiro e que iremos tratar no próximo capítulo. Qualquer que tenha sido a razão, ou o conjunto de razões, o fato é que os últimos

---

<sup>227</sup> Idem.

<sup>228</sup> Idem.

registros sobre a Revolução Cubana nas páginas d'*O Repórter* datam do ano de 1963.

No dia 30 de janeiro de 1963, *O Repórter* veiculava uma matéria intitulada “Estudo sobre a subversão comunista”<sup>229</sup>. Nela, afirmava-se que, segundo informações provenientes de Washington, os Estados Unidos estavam fazendo um estudo sobre a subversão comunista na América Latina. Ressaltava ironicamente que, para esse estudo, “o apoio que recebe do regime cubano e do primeiro ministro Fidel Castro é de grande valia”. O jornal comentava que, através de fontes diplomáticas, esses estudos iriam dar medidas específicas para combater o comunismo na América Latina e considerava que as nações mais importantes do continente haviam relutado em tomar providências, através da OEA, sobre a subversão comunista, embora tivessem dado rápida resposta em conjunto para a retirada dos projeteis soviéticos de Cuba. Segundo o jornal, o momento era promissor para o fortalecimento do sistema interamericano.

Ainda sobre o problema do “comunismo”, o periódico veiculava, no dia 2 de fevereiro de 1963, a matéria intitulada “Fidel Castro incomoda Peru”<sup>230</sup>. Nessa matéria, comentava-se sobre um despacho vindo de Lima, capital do Peru, afirmando que o conselho de ministros peruanos aprovou o comunicado feito pelo chanceler vice-almirante Edgar Liosa sobre os protestos que provocou no Brasil, quando encontraram alguns documentos que foram interpretados como prova da intervenção cubana na América Latina. Essa intervenção teria como base o Brasil, país que mantinha relações diplomáticas com Cuba. Segundo o jornal, fontes geralmente bem informadas, disseram que em nota a chancelaria peruana se preparava para fazer um histórico de um achado de documentos do avião que caiu nos arredores de Lima, os quais comprovam que a ação castrista no Brasil era levada a efeito pelos membros da comissão cubana que participaram da FAO no Rio e regressavam a Havana. O jornal ainda afirmava que os documentos encontrados evidenciavam a organização de um congresso extremista no Brasil, como também pedidos de dinheiro a Fidel Castro para realizar planos políticos e militares.

Nessas duas matérias, o jornal mantinha a tônica de criticar o comunismo do regime cubano, apontado o perigo que ele representava para a harmonia das relações interamericanas. Além disso, procurava criticar o próprio governo brasileiro, que nesse

---

<sup>229</sup> ESTUDO sobre a subversão comunista. **O Repórter**, Uberlândia, n. 4060, 30 jan. 1963, p. 1.

<sup>230</sup> FIDEL Castro incomoda Peru. **O Repórter**, Uberlândia, n. 4062, 2 fev. 1963, p. 3.

período estava sendo dirigido pelo presidente João Goulart e que mantinha relações diplomáticas com o governo cubano, com base na manutenção de uma política externa independente. Convém destacar ainda que o jornal, que antes fazia elogios a Juscelino Kubitschek, por interpretar que seus discursos criticavam o comunismo cubano, passava agora a criticar o governo brasileiro, sob a presidência de João Goulart, por não combater as influências do comunismo no Brasil.

As críticas ao comunismo e ao caráter “despótico, autoritário e antidemocrático” do regime cubano ocuparam as páginas *d’O Repórter* em sua edição do dia 23 de maio de 1963. Na matéria intitulada “Reiniciada a perseguição religiosa em Cuba”<sup>231</sup>, o jornal relatava que, em Cuba, igrejas estavam sendo ocupadas, sacerdotes perseguidos e presos, e bíblias estavam sendo queimadas. Segundo o jornal, por meio dessas medidas, “o regime comunista cubano põe em prática seu slogan: Lenin sim; Cristo não”. E concluía:

A perseguição às Igrejas de Cuba, católicas e evangélicas, aumenta dia após dia, já que os comunistas não permitem que se pratique a misericórdia, o perdão e a justiça, nem que se considere que há algo superior que devemos clamar nos momentos de dúvida e sofrimentos.<sup>232</sup>

Na edição do dia 12 de junho de 1963, *O Repórter* estampou em suas páginas uma matéria que tratava da ameaça subversiva que o regime comunista cubano representava para o continente, comprometendo a estabilidade das relações interamericanas. Nessa matéria, o jornal comentava as declarações de Aniceto Del Valle – um advogado cubano que rompera relações com Fidel Castro – sobre um plano subversivo que a União Soviética estaria preparando para toda a América Latina, especialmente para os países da América Central. De acordo com esse plano, Cuba seria “a cabeça de praia visível e o México o centro distribuidor de armas de marcas mexicanas e norte-americanas”. Segundo Aniceto Del Valle, “fontes fidedignas da chancelaria cubana” teriam informado que o capitão Cárdenas<sup>233</sup> estava encarregado de comprar as armas, as quais seriam entregues a Nikolai<sup>234</sup> que, por sua vez, encarregar-

---

<sup>231</sup> REINICIADA a perseguição religiosa em Cuba. **O Repórter**, Uberlândia, n. 4121, 23 mai. 1963, p. 2.

<sup>232</sup> FIDEL Castro incomoda Peru, op. cit., p. 3.

<sup>233</sup> “Capitão Cárdenas” é uma referência a Lázaro Cárdenas del Río, militar e político mexicano, que ocupou a presidência do país entre 1934 e 1940. Cf: WILLIAMSON, Edwin. **A História da América Latina**. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 410.

<sup>234</sup> As únicas informações que temos sobre Nikolai Leonov são de que ele fora um jovem diplomata

se-ia de distribuí-las. Ainda segundo Del Valle, Nikolai teria deixado o México, no dia 21 de abril, com destino à União Soviética a fim de participar de reuniões entre Krushev e Fidel Castro<sup>235</sup>.

No dia 10 de julho de 1963<sup>236</sup>, *O Repórter* veiculava a matéria intitulada “Os Lions Club latino-americanos pedem a libertação de Cuba da tirania vermelha”, que comentava que o foro latino-americano da XLVI Convenção Anual do Movimento Internacional do Lions pediu que todos os Lions Clubs se unissem para ajudar a libertar Cuba do regime comunista de Fidel Castro. Esse pedido fora motivado por um apelo feito pelo Lions Club da comunidade cubana no exílio, que solicitou que os seus congêneres nos diversos países latino-americanos se empenhassem para organizar a democracia em seu verdadeiro conteúdo, o que implicava lutar contra a subversão do comunismo ateu e materialista no hemisfério ocidental. Segundo o jornal, o pedido do Lions Club da comunidade de cubanos exilados foi lido com grande emoção, por descrever Cuba como uma gigantesca prisão onde se persegue, encarcera e fuzila. O jornal comentava ainda que foi aprovada pela comissão mais cinco demandas pela libertação de Cuba e mencionava finalmente o texto da moção, que afirmava que “o comunismo já destruiu a formosa Republica Cubana”<sup>237</sup>.

Para *O Repórter*, o maior problema de Cuba não era sua Revolução, mas sim a sua guinada para o comunismo. Analisadas em seu conjunto, as matérias veiculadas no referido jornal permitem identificar a recorrência de alguns alvos principais das críticas ao regime cubano: as execuções sumárias nos pelotões de fuzilamento; a guinada ideológica para o comunismo; e o autoritarismo do regime, que fazia com os opositores cubanos partissem para o exílio. Impulsionado por seus interesses, projetos e alianças políticas, *O Repórter* cumpriu um importante papel na construção de significados e no estabelecimento de uma memória em torno da Revolução Cubana.

Com a consumação do golpe civil-militar, em abril de 1964, e a instauração da

---

soviético ligado à KGB e que esteve como embaixador no México na década de 1960. Cf.: GOTT, Richard, op.cit., p. 195.

<sup>235</sup> A UNIÃO Soviética estaria preparando plano subversivo contra a América Latina. **O Repórter**, Uberlândia, n. 4132, 12 jun. 1963, p. 2.

<sup>236</sup> Esta data corresponde ao último registro encontrado sobre a Revolução Cubana nas páginas d'O Repórter, no período que corresponde ao recorte temporal desta pesquisa, ou seja, de 1959 até 1964.

<sup>237</sup> OS LIONS Clubs latino-americanos pedem a libertação de Cuba da tirania vermelha. **O Repórter**, Uberlândia, n. 4115, 10 jul. 1963, p. 2.

ditadura militar no Brasil não haveria espaço para a livre expressão de pensamento e para a atuação de sujeitos contrários ao novo regime. Isso inclusive resultou de uma junta militar para a cidade de Uberlândia, em meados do mês de abril de 1964, comandada pelo capitão Cláudio de Brito Rech<sup>238</sup> que faria a deposição do então prefeito José Arceneio de Paula, juntamente com o vice-prefeito, Rodolfo Leite de Oliveira, e outros políticos e sujeitos que direta ou indiretamente estavam ligados ao PTB, tais como: os vereadores José Arantes de Oliveira, Sebastião Luiz Mamede, Sebastião Francisco da Silva e Diógenes de Souza. O Assessor do prefeito, Antônio Ferreira Neto, o dono do jornal *Folha de Ituiutaba*, Ercílio Domingues Silva, e seu redator-chefe, Geraldo Sétimo Moreira. Todos esses seriam acusados, depostos ou presos pelos militares. Os agentes do *Folha de Ituiutaba* acima mencionados foram presos e levados para o DOPS<sup>239</sup>.

Fica claro, que os agentes do jornal *Folha de Ituiutaba*, exaltadores da Revolução Cubana, perderiam seu direito à voz. Seu silêncio era imposto pelo novo regime. Entretanto, enquanto o silêncio foi imposto a alguns, outros – cujas vozes não eram discordantes em relação à ditadura militar – encontravam facilidades para se expressarem em consonância com as ideias do novo regime. Com o fechamento do jornal *Folha de Ituiutaba*, em abril de 1964, entrava em cena novamente o *Correio do Triângulo*. Em que circunstâncias e de que modos a Revolução Cubana apareceria nas páginas desse periódico?

O jornal *Correio do Triângulo*, que havia iniciado suas publicações em 1959 e fechado no mesmo ano, voltava a circular na cidade de Ituiutaba no dia 19 de abril de 1964. Mantendo como redator-chefe Jayme Gonzaga Jayme, mas com uma mudança em relação ao seu diretor comercial, que passava a ser Joaquim Pires das Neves, enquanto que Benjamin Dias Barbosa, o antigo diretor, cumpriria a função de secretário-chefe do periódico<sup>240</sup>.

O retorno do jornal *Correio do Triângulo* em 1964 pode estar relacionado, em alguma medida, ao contexto do fechamento do jornal *Folha de Ituiutaba*, afinal o

---

<sup>238</sup> O nome de Claudio de Brito Rech é mencionado em um relatório da Polícia Política de Minas Gerais, como o executor das deposições e prisões em Ituiutaba. Outros nomes também são citados como o Dr. Geraldo de Carvalho, promotor de justiça da Comarca de Monte Carmelo-MG e o do Delegado especial de polícia de Ituiutaba, Waldir Rosa Nasareth. Cf: APM Fundo DOPS/MG, Pasta 4683, imagem 1.

<sup>239</sup> FERREIRA, Caio, op. cit., p. 42.

<sup>240</sup> TAUMATURGO, Bruno, op. cit., p. 28.

periódico que agora voltava a circular<sup>241</sup> prontificou-se em discutir, em edição do dia 7 de junho de 1964, a prisão dos integrantes do *Folha de Ituiutaba*, quando realizou uma entrevista com José Féres, presidente do diretório municipal da UDN e apoiador dos novo regime na cidade<sup>242</sup>. Não se pode afirmar, no entanto, que tenha havido qualquer tipo de ingerência dos integrantes do *Correio do Triângulo* no fechamento do jornal concorrente e na prisão de seus integrantes.

Em sua nova fase de circulação, o *Correio do Triângulo* não mudaria sua perspectiva político-ideológica, sempre voltada para defesa dos princípios que salientava em sua primeira circulação, tais como: a moral, a ética e a oposição ao comunismo. Dessa forma, presumivelmente, as representações construídas por esse jornal acerca da Revolução Cubana seriam totalmente diferentes daquelas construídas pelo *Folha de Ituiutaba*, em contrapartida, detinha uma certa semelhança aqueles realizadas pelo *O Repórter*.

Um mês após o seu retorno, no dia 10 de maio de 1964, o *Correio do Triângulo* lançava um editorial de opinião, intitulado “Advertência oportuna”<sup>243</sup>, por meio do qual explicitava o seu propósito: “Correio do Triangulo é uma iniciativa de democratas de Ituiutaba e de cidades vizinhas para defender a democracia contra seus inimigos e combater a doutrina e prática do comunismo”. Neste sentido, é particularmente interessante a definição de comunismo feita pelo jornal: “Comunismo é uma ideia, uma filosofia de vida, uma mística, uma técnica subversiva de seus líderes politizados e adestrados na doutrina e na prática da guerra revolucionária”. Segundo o jornal, essa doutrina estava espalhada em todos os setores da sociedade brasileira, não sendo fácil “eliminar em curto prazo sua existência”, afinal:

Há muitas consciências embrutecidas, pelo fanatismo, pela doutrinação intensiva, que não se deixarão influenciar por medidas repressivas apenas, articuladas que estarão com ativistas, profissionais do Partido Comunista, a soldo da Rússia, China ou Cuba.<sup>244</sup>

Ao finalizar sua advertência contra o perigo comunista, o periódico fazia uma

---

<sup>241</sup> Para mais informações sobre o retorno do *Correio do Triângulo*, ver: TAUMATURGO, Bruno, op. cit., passim.

<sup>242</sup> JAYME, Jayme Gonzaga. Ação do Comando Militar em Ituiutaba: palpitante entrevista (exclusiva) concedida a este jornal pelo Dr. José Féres (Zinho) presidente do diretório municipal da UDN. **Correio do Triângulo**, Ituiutaba, n. 7, 7 jun. 1964, p. 1.

<sup>243</sup> ADVERTÊNCIA oportuna. **Correio do Triângulo**, Ituiutaba, n. 3, 10 mai. 1964, p. 1.

<sup>244</sup> *Ibidem*, p. 1.

convocação a seus leitores: “Vamos cooperar para o governo atual, para que nossos filhos não tenham que pegar em armas contra a quinta-coluna russa em futuro próximo”<sup>245</sup>.

A declaração de apoio ao governo ditatorial é evidente pelas concepções político-ideológicas dos agentes do *Correio do Triângulo*, empenhados na luta contra o comunismo. As ideias do governo militar, que estabeleceu uma ditadura com o golpe de 1964, com a justificativa de estancar a influência ou até mesmo uma possível invasão comunista no país, estavam contempladas nesse periódico. Enquanto em suas matérias o *Folha de Ituiutaba* buscava demonstrar que em Cuba o nacionalismo se sobrepunha a qualquer outra ideologia, para *Correio do Triângulo* Cuba era um país que praticava a doutrinação e influência comunista.

Para o *Correio do Triângulo* não bastava definir a Revolução Cubana como comunista, deveria demonstrar aos seus leitores o processo que levou o país caribenho a se tornar um representante dessa doutrina “subversiva”. No dia 31 de maio de 1964, o jornal veiculava uma coluna, intitulada “As duas revoluções”<sup>246</sup>, assinada por um pseudônimo Diásbar. O texto fazia referência às condições que tornaram necessária a Revolução que triunfou em 1959:

Em Cuba o povo saiu decididamente à revolução. Sim, o povo estava decididamente cansado de ditadura, de tirania, de espoliação. Batista jamais demonstrara vontade de deixar o poder. Era como Perón, corrupto e insaciável. Um potentado, à custa da pobre gente da Pérola da Antilhas, Violento, Sanguinário, como um tirano de Roma. Grosseiro e insensível aos anseios de liberdade da população<sup>247</sup>.

No entanto, em seguida, o jornal enfatizava a figura de Fidel Castro e a mudança do ideal revolucionário:

Fidel Castro, um cubano, idealista, mas obscuro e misterioso, já envolvido no passado, em movimentos que projetam seu nome entre as classes mais humildes e o suficiente para inimizar-se com o sargento todo poderoso [referência a Batista]... o que interessava ao povo de Cuba era a libertação da Pátria, era a restauração da democracia... Castro desfraldando a bandeira da liberdade e empunhando a espada redentora, conquistou quase todos os corações de seus patrícios... Mas como se enganou o povo da infeliz República do Caribe. (...) Ao invés de abolir um regime de violência e corrupção,

---

<sup>245</sup> Idem.

<sup>246</sup> DIÁSBAR. As duas revoluções. **Correio do Triângulo**, Ituiutaba, n. 6, 31 mai. 1964, p. 3.

<sup>247</sup> Idem.



apenas substituiu o ditador, colocando-se no mesmo posto. Ao invés de instaurar o regime democrático, há muito desaparecido, declarou-se marxista-leninista e implantou o comunismo, reduzindo a bela e altiva nação de Martí à condição de simples satélite da URSS(...) <sup>248</sup>.

Sobre a relação do deposto governo Goulart com a Revolução Cubana, o autor afirmava:

O governo do Brasil, há pouco deposto, graças à bravura dos líderes democráticos do país e ao patriotismo das Forças Armadas, preparara, cuidadosamente o terreno para a mudança do regime vigente. Goulart, êmulo do barbudo que infelicita a nação cubana, sonhava com a república sindicalista nos moldes de Perón <sup>249</sup>.

O articulista considerava que se o país fosse governado por Goulart e outros que se “espelhavam no comunismo”, seu futuro estaria determinado:

Com a vitória de Jango, dos Brizzolas, dos Arraes, dos Darci Ribeiro, dos Riani, dos Pelacani, dos Assis Brasil, para não falar de Prestes, que declarou recentemente no exterior que o comunismo já se instalara no governo do país – após alguns dias ou meses de terrorismo de derramamento de sangue, como ocorreu e ainda acontece em Cuba e em outras nações dominadas pelo marxismo-leninismo, tudo seria radicalmente modificado. O Estado seria o único proprietário. Seria o fim da democracia, da liberdade de expressão, de culto, de locomoção, de tudo de bom que conquistamos em quase século e meio de independência <sup>250</sup>.

É interessante a proposta do *Correio do Triângulo* de abordar os motivos que fizeram com que Cuba se convertesse em “um regime ditatorial”, apontando a figura de Fidel Castro como o responsável por essas circunstâncias. Vê-se aí a centralidade da figura de Fidel Castro nas considerações sobre a Revolução Cubana. Desse modo, o *Correio do Triângulo* acabava fazendo coro as críticas que os órgãos da grande imprensa brasileira costumavam fazer a Cuba, pois, conforme argumenta Emir Sader:

O tom da grande imprensa brasileira é sempre de funesta alegria, sem esconder seu desconcerto com o passar do tempo e a sobrevivência do regime cubano. Aliás, a grande imprensa brasileira, com raríssimas exceções, se comportara diante do tema com o tom de guerra fria, já ausente até da imprensa norte-americana. À falta da URSS e da China, Cuba é reivindicada como o “império do mal”, pelos grandes jornais e revistas, cujas matérias e editoriais sobre Cuba são perfeitamente intercambiáveis. Cuba é diabolizada, como síntese de tudo o que se condena nas elites brasileiras, sem poder explicar como esses males conviveriam com aquelas conquistas que os grandes organismos internacionais não se cansam de proclamar, às quais se somam os

---

<sup>248</sup> Ibidem, p.3.

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> Idem.

sucessos esportivos. Tacham ao invés de analisar, etiquetam, ao invés de informar, encerrados no círculo vicioso do maniqueísmo.<sup>251</sup>

Nota-se que a defesa do regime ditatorial instaurado em 1964 estava apoiada no argumento da manutenção da democracia no país, entretanto, sabe-se que o golpe civil-militar de 1964 marcou o início de um dos momentos mais autoritários e sanguinários da história brasileira. Cabe, porém, recordar que essas questões ainda não estavam postas nos primeiros momentos da ditadura militar no Brasil. O autoritarismo fora se aprofundado ao longo dos anos. Depois das matérias em que teceu críticas e acusações ao regime cubano, o tema Revolução Cubana desapareceria de vez das páginas do *Correio do Triângulo*. No entanto, a honrosa tarefa que as forças armadas no Brasil desempenharam para acabar com qualquer rumor dessa influência “comunista” no país esteve estampada até as últimas edições em novembro de 1965 desse jornal. As razões para o encerramento das atividades do *Correio do Triângulo* são apontadas no trabalho de Bruno Taumaturgo, a partir de uma citação da obra de Petrônio Chaves<sup>252</sup>, que explica nos seguintes termos os motivos para o fechamento do jornal: “o final do projeto teria ocorrido com o vazio e o alcance de seus objetivos: ‘em novembro de 1965, passada a borrasca janguista, deficitário e sem objetivo bélico, o Correio interrompeu sua circulação’”<sup>253</sup>.

São evidentes as diferentes representações construídas sobre a Revolução Cubana nas páginas de cada um dos jornais que circularam – ainda que com regularidade e periodicidade distintas – na cidade de Ituiutaba e Uberlândia nos anos de 1959 a 1964. Em sua primeira fase, *Correio do Triângulo* optou por silenciar sobre Revolução Cubana. Já na segunda fase, quando o periódico voltou a circular no contexto da ditadura militar brasileira, Cuba e sua experiência revolucionária são fortemente criticadas nas páginas do periódico, que enfatiza o “perigo comunista”. Os compromissos e interesses dos agentes do *Correio do Triângulo* para com a elite ituiutabana ajudam a explicar os posicionamentos do periódico.

Temos concordado que as representações feitas pelos periódicos não são neutras e que elas objetivam influenciar a opinião pública acerca dos temas abordados em suas

---

<sup>251</sup> SADER, Emir, op.cit., p. 08.

<sup>252</sup> Petrônio Chaves é autor de um livro de memórias da cidade de Ituiutaba. Cf: CHAVES, Petrônio Rodrigues. **A loja do Osório**. Ituiutaba: edição do autor, 1984.

<sup>253</sup> CHAVES, Petrônio, op. cit., apud TAUMATURGO, Bruno, op.cit., p. 28.

páginas. Não é possível, porém, saber de que forma o público leitor desses jornais se apropriou dessas antagônicas imagens construídas acerca da Revolução Cubana pelos três periódicos analisados: *O Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter*. A partir de suas conflitantes representações cumpriram seus projetos e concepções político-ideológicas que defendiam. Representada de forma distinta em cada jornal, a Revolução Cubana foi utilizada como um meio de legitimar seus discursos, projetos e alianças. Além disso, as representações da Revolução Cubana nesses jornais de Ituiutaba e Uberlândia evidenciam que ambas cidades não ficariam distantes dos eventos que aconteciam no plano internacional.

## **Capítulo II**

**Qual a próxima carta a cair? Representações da Revolução Cubana nos jornais**

*Correio de Uberlândia e O Triângulo (1989-1994)*

Os anos de 1959 a 1964 foram períodos de consolidação do novo regime instalado em Cuba. Já no Brasil, especialmente durante a ditadura militar, entre as décadas de 1960 a 1980, o país esteve sob um cenário político marcado pelo silêncio de muitos meios de comunicação, instituições e grupos opositores ao regime. Isso, talvez responda em parte as escassas notícias em jornais do Triângulo Mineiro e até mesmo em periódicos de grande circulação no país em noticiar, opinar ou descrever alguns eventos cubanos.

Cuba, nos anos de 1970, determinava sua aproximação<sup>254</sup> com a União Soviética de maneira profunda, causando praticamente sua dependência em assuntos econômicos com URSS. Cabe destacar que a Ilha caribenha até meados dos anos 70 detinha uma taxa de exportação relativamente significativa, se comparada a outros países fora do eixo comunista, portanto, uma inegável parcela de autonomia econômica ainda persistia no país. Não obstante, desde sua filiação a Comecon<sup>255</sup>, no ano de 1972, o regime cubano via a deterioração de suas exportações, o aumento drástico de seu *déficit* e consequentemente sua estrita dependência da União Soviética.<sup>256</sup>

Nas décadas de 1980 e 1990 a Revolução Cubana abria-se para duas possibilidades: reafirmar os propósitos de 1959 ou acompanhar a situação e diretrizes do seu principal aliado no campo político-econômico. A alternativa cubana foi de alguma maneira sustentar seu regime mesmo diante os parâmetros definidos pelo Leste Europeu e ainda manter-se como um dos últimos países socialistas do globo após a queda URSS. Temos aqui uma nova situação, grandes eventos no campo internacional e, mais uma vez, a Revolução Cubana como um dos principais protagonistas de todo esse horizonte de expectativas<sup>257</sup>.

---

<sup>254</sup> Recordamos que as relações diplomáticas entre Cuba e URSS haviam sido cortadas durante o governo de Fulgêncio Batista, porém retomadas oficialmente em 1960, após o reconhecimento do triunfo revolucionário dos rebeldes cubanos. Cf: GOTT, Richard. op. cit. p, 266.

<sup>255</sup> COMECON é a sigla correspondente ao Conselho para Assistência Econômica Mútua, uma organização internacional fundada em 1949. O COMECON visava à integração econômica das nações do Leste Europeu e o impedimento do avanço do Plano Marshall sobre a região. Era formada pela União Soviética, Alemanha Oriental (1950-1990), Tchecoslováquia, Polônia, Bulgária, Hungria e Romênia. Posteriormente, outras nações juntaram-se à organização: Mongólia (1962), Cuba (1972) e Vietnã (1978)” Cf: JUBRAN, Bruno Mariotto. **A política externa soviética e seus desígnios econômicos: o caso do Comecon.** WORKSHOP DOUTORAL: Área temática: economia política internacional, Belo Horizonte, 2015, 4-5.

<sup>256</sup> As informações podem ser conferidas em: COGGIOLA, Osvaldo (org) op. cit, p. 138.

<sup>257</sup> A expressão “Horizonte de Expectativas” é retirada das reflexões de: KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006.

No caso brasileiro, recordamos que o ano de 1985 é lembrado como o momento de consolidação da abertura política no país. A democracia voltava a prescrever como sistema vigente no país<sup>258</sup>. Aliás, em 1986, as relações diplomáticas entre Brasil e Cuba seriam retomadas<sup>259</sup>, o que pode ser uma das explicações para o progressivo espaço que a Revolução Cubana ganhava nas páginas dos periódicos. Entre tantas mudanças, o ano de 1989 será lembrado pela nova conjuntura política internacional, a qual o cenário e as relações geopolíticas foram drasticamente modificados. A queda do muro de Berlim que simbolizou o fim da União Soviética e os anos que se seguiram assinalou o desmembramento de vários países do “império” comunista<sup>260</sup>, um dos fundamentais registros históricos desse momento. Propomos, portanto, entender como os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* construíram representações sobre a Revolução Cubana diante esse novo cenário.

## 2.1 Imprensa Uberlandense: o histórico dos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo*

O jornal *Correio de Uberlândia* foi um dos mais notórios veículos de informação da cidade de Uberlândia e região do Triângulo Mineiro, de ampla e diária edições, esse periódico circulou de forma impressa e com plataforma on-line até no ano de 2016. O grupo Algar<sup>261</sup>, proprietário do jornal desde os anos de 1986, divulgava em editorial os motivos do encerramento das atividades:

O grupo Algar está promovendo uma revisão do seu portfólio de negócios, com isso, irão acontecer entradas e saídas de algumas atividades. Por

---

<sup>258</sup>Recordamos que em 15 de janeiro de 1985 Tancredo Neves foi eleito de forma indireta como presidente do Brasil, sendo, portanto, um episódio que marcou o fim do regime militar. Tancredo Neves foi o primeiro presidente Civil no Brasil após 20 anos de governos militares. Para um aprofundamento dessas questões e os episódios que foram importantes nesse contexto nacional brasileiro, recomenda-se: LINZ, Juan j; STEPAN, Alfred. **Transição e Consolidação da Democracia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>259</sup> Cf: JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS, Fernanda Tondolo. A imagem de Cuba no jornal Zero Hora na década de 1990. In. WASSERMAN, Claudia. (org). op. cit. p, 87.

<sup>260</sup> Para se ter uma ideia, antes mesmo da dissolução oficial da União Soviética, em 26 de dezembro de 1991, sendo após isso reconhecida a independência das antigas repúblicas integradas ao bloco, de agosto a dezembro, 15 repúblicas - exceto os Estados bálticos e a Geórgia – desintegraram-se formalmente da URSS. Para uma reflexão profunda no assunto e conferência das informações aqui citadas recomenda-se: GORENDER, Jacob. O fim da URSS. Origens e Fracasso da Perestroika. 2 ed., São paulo; Atual 1992. pp, 34-35.

<sup>261</sup> A Algar é uma Holding que tem como empresa mãe a CTBC telecomunicações, que desde sua fundação detém o monopólio da telefonia em Uberlândia e região, abrangendo ainda o sul de Goiás e o norte de São Paulo. Essa empresa possui também participação no controle sobre empresas de telefone que atuam em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e no nordeste brasileiro. A respeito das controvérsias na aquisição do controle sobre a telefonia em Uberlândia e as informações aqui citadas. Ver: TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia**. Uberlândia, Ed. Uberlândia Gráfica Ltda, 1970. (v. I e II), p. 268- 273.

quase 80 anos o Grupo editou o Jornal Correio de Uberlândia, produzindo um jornalismo independente e de qualidade, respeitando seus profissionais, leitores, anunciantes, fornecedores e parceiros. Mas, no atual cenário mundial de negócios de mídia, onde grandes veículos impressos passam por enxugamentos ou deixam de existir, o grupo Algar entende que cumpriu sua missão e com o novo direcionamento estratégico, optou por descontinuar o jornal, cuja última edição será veiculada no dia 31 de dezembro de 2016. Até essa data, seguiremos com o compromisso de produzir um jornalismo da melhor qualidade. A Algar agradece a todos os profissionais que passaram pelo jornal, aos assinantes, leitores, anunciantes e à comunidade de Uberlândia. O Grupo encerra esse capítulo de sua história, mas seguirá crescendo e gerando cada vez mais empregos na cidade nas áreas de negócios que compõem o conglomerado, honrando e respeitando Uberlândia e região e continuando a contribuir para o desenvolvimento socioeconômico regional.<sup>262</sup>

Apesar disso, a história desse jornal remonta os meados do século XX, quando é interessante compreender os diversos fatores de sua continuidade, mudanças e intenções, especialmente aquelas dos sujeitos que compunham seu *corpus* editorial ao longo de sua trajetória. Em sua historicidade esse periódico sempre esteve alinhado à um posicionamento de cunho mais liberal, entretanto, os destaques para assuntos desse tipo, com opiniões e colunas específicas sobre temáticas revolucionárias e movimentos políticos, iriam ter maiores recorrências a partir dos anos de 1960.

O periódico *Correio de Uberlândia* iniciou suas atividades no ano de 1938, seu proprietário era o produtor rural José Osório Junqueira, que veio de Ribeirão Preto com a intenção de instalar o jornal na cidade de Uberlândia. Segundo Fausto Rocha de Araújo: “Osório Junqueira era proprietário de outros sete jornais, mas em Uberlândia o responsável pelo jornal era seu filho: Luiz Nelson Junqueira, sendo que na época de sua fundação Abelardo Teixeira era o redator-chefe<sup>263</sup>.” Nesse primeiro ano, Araújo destaca os motivos que fizeram o *Correio de Uberlândia* a ser um dos principais periódicos da cidade e região. Para ele, o “ideário de progresso da cidade”, sua defesa ideológica por uma industrialização, somadas a uma maior tiragem em relação a outros jornais, foram os agentes preponderantes para o destaque que esse jornal deteve.<sup>264</sup>

Já na década de 1940<sup>265</sup>, o *Correio de Uberlândia* seria vendido para um grupo

---

<sup>262</sup> EDITORIAL. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia n. 23.852, 1 nov. 2016, p. 2.

<sup>263</sup> ARAÚJO, Fausto Rocha. O Golpe de 1964 segundo o jornal Correio de Uberlândia. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS** — n. 36/37 — ano 20, 2007. p. 143-152.

<sup>264</sup> Idem.

<sup>265</sup> Nas décadas de 1940- 1960 , além do jornal Correio de Uberlândia, a cidade contava com os jornais O

de cotistas, todos eles fortes empresários e latifundiários da cidade e região e também ligados à União Democrática Nacional (UDN)<sup>266</sup>. Sobre a vinculação do periódico com a UDN e os consequentes desmembramentos dessa relação, destacamos mais uma vez as palavras de Fausto Rocha de Araújo:

O fato de a UDN ter um veículo de comunicação sob seu controle favoreceu não só a ascensão política do partido na cidade, como também de alguns políticos locais, entre eles o governador Rondon Pacheco. Durante as décadas de 1950 e 1960, o jornal manteve uma vinculação explícita com os interesses políticos da UDN, partido rival do PTB. Como consequência desse vínculo, o periódico passou por momentos difíceis em 1954. Por ocasião do suicídio de Getúlio Vargas, a sede do jornal quase foi invadida por correligionários do PTB de Uberlândia.<sup>267</sup>

Em 1952 o jornal foi vendido para Agenor Garcia, levando Valdir Melgaço a ser diretor do periódico, sujeito que era vereador e tornou-se posteriormente deputado estadual pela UDN. Após alguns anos, Valdir Melgaço seria eleito deputado pela Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido que apoiou os militares durante a ditadura. A partir de então, o jornal ficaria sob os comandos e propriedade da família de Agenor Garcia até 1971<sup>268</sup>. É importante destacar que nesse período o periódico contava com o redator-chefe Marçal Costa e o jornalista Lycídio Paes<sup>269</sup>, um dos que mais tiveram renome no campo da comunicação na cidade de Uberlândia. Em 1986, o jornal voltaria as mãos da família de Agenor Garcia, uma vez que eles constituíam o grupo Algar. No período de recorte dessa pesquisa, o jornal contava com o seguinte grupo editorial: como diretor-superintendente: Arly Carvalho Trindade; como diretor Geral de Operação: Narcio Rodrigues Silveira; editor chefe: Francisco Marcos dos Reis; como editor responsável: José Expedito da Silva; como secretário de redação: Almerindo Camilo e direção de arte: Valtênio Oliveira Spíndola. Esses são os nomes dos integrantes do *corpus* editorial dentre as décadas de 1980 e 1990, algo fundamental para

---

Repórter ( 1940-1963), O Triângulo (1928-2000) e Tribuna de Minas ( 1966- 1980). Cf: Idem, p. 148.

<sup>266</sup> Alguns fazendeiros e empresários que compraram o jornal Correio de Uberlândia são: “João Naves de Ávila (fazendeiro e proprietário do frigorífico Ômega), Nicomedes Alves dos Santos (fazendeiro e proprietário de uma rede de cinemas em Uberlândia e região) e Alexandrino Garcia (empresário)”. Cf: idem, p. 149.

<sup>267</sup> Idem, p. 150.

<sup>268</sup> Cf: FERNANDES, Orlanda R. op. cit. p. 26.

<sup>269</sup> Lycídio Paes foi um jornalista de grande destaque na cidade de Uberlândia, escritor de várias crônicas e livros, esse sujeito conta com um espaço de memória na referida cidade, sendo por vezes, homenageado. Seu nome, inclusive, presta como endereço para as ruas da cidade e outros espaços. Para saber mais da história e importância de Lycídio Paes para imprensa de Uberlândia recomenda-se: SANTOS, Regma Maria dos. **ESPAÇO E MEMÓRIA**: representações sobre a cidade nas crônicas de Lycídio Paes. Espaço em Revista, 2011 ISSN: 1519-7816 vol. 13 n° 2 jul/dez. pp. 70- 80.



compreendermos que seriam as vozes que referiam-se ou até mesmo constituía as diferentes representações sobre Cuba no período analisado.

A tipografia desse jornal também teve mudanças importantes ao longo do tempo. Nos primeiros anos de sua fundação o *Correio de Uberlândia* contava com cerca de três páginas, sendo que estas detinham: letras impensas e todas em preto e branco, nada tão esplendoroso para o jornal que se tornaria o maior da região. Nesses primórdios, o *Correio de Uberlândia*, contava com poucas matérias próprias de seus colaboradores e editores, sendo quase um tabloide de notícias que reescrevia ou simplesmente citava matérias e colunas feitas por outros jornais de maior circulação nacional, entretanto, a partir da década de 1960, talvez devido ao investimento de a UND, que o jornal passaria contar com uma impressão gráfica mais robusta, em que as notícias locais e artigos de opinião de seus contribuintes começariam a tomar forma nas páginas do periódico. Nos anos de 1970 e 1980, o jornal se lança de vez como uma força na imprensa local e regional, suas publicações, além de diárias, contavam com artigos de opinião – de grande repercussão – de Lycidio Paes e Luiz Fernando Quirino<sup>270</sup>. O jornal a partir desse período também inicia a impressão em cores nas primeiras páginas, dando destaque as notícias locais e nacionais. Cabe destacar que nesse período o jornal era dividido em cerca de seis páginas<sup>271</sup>: sendo a primeira e segunda com os principais destaques levantados pelo periódico; a terceira e quarta com assuntos diversos e colunas de opinião; a quarta sobre esportes e a última editais e reclames da cidade. Assuntos sobre Cuba e seus personagens, por vezes apareciam na terceira página e em outros na primeira.

O jornal *O Triângulo* foi fundado na cidade de Araguari-Mg em 1928 e vendido para um grupo da cidade de Uberaba em 1945. Já em 1958 o periódico foi comprado pela “Empresa Gráfica do Triângulo Ltda” que tinha como proprietário Renato de Freitas. Em meio a problemas trabalhistas, Renato de Freitas passou o jornal a seus

---

<sup>270</sup> Luiz Fernando Quirino era natural de São Paulo Capital, nascido em 7 de agosto de 1932. Sua vinda para Uberlândia se deu em agosto de 1971, quando nesse mesmo ano passou a integrar o grupo editorial do Correio de Uberlândia. Para além do jornal Correio de Uberlândia, Luiz Fernando Quirino contribuiu com o jornal O Triângulo, foi diretor executivo da TV Triangulo (atual TV Integração) filiada a Rede Globo e dentre outros projetos. Luiz Fernando Quirino detinha uma notoriedade na cidade de Uberlândia, sendo que a câmara municipal da cidade outorgou-lhe o título de cidadão honorário e nos dias de hoje seu nome faz parte da vida material da cidade, uma vez que, além de escoladas municipais que levam em seu título o nome desse jornalista, existem ruas e praças em sua homenagem. Luiz Fernando Quirino faleceu em 2 de janeiro de 2005. Informações consultadas em:

<[www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/tags/luizfernando-quirino](http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/tags/luizfernando-quirino)>. Acesso em: 14 ago. 2019.

<sup>271</sup> Havia também diversas edições especiais, compostas por cerca de 20 páginas.

funcionários na década de 1970<sup>272</sup>. No ano de 1980 o jornal foi vendido para o jornal de Uberaba, de propriedade de Fabiano Fidelis, Jaime Moisés e filhos. Segundo, Fábio Piva Pacheco, Fabiano Fidelis: “deixou o jornal sob a direção de um sobrinho que exercia a função de juiz classista em Uberlândia, chamado Sérgio Henrique de Oliveira”<sup>273</sup>. *O Triângulo* ficaria sob responsabilidade do juiz Sérgio Henrique, da cidade de Uberlândia, até o ano 2000, quando fecharia suas portas devido a mais de 50 ações trabalhistas correndo no fórum contra a empresa<sup>274</sup>. No recorte temporal realizado para essa pesquisa o jornal contava com o seguinte grupo editorial: Diretor presidente: Fábio Antonio Porzzi; Diretor Superintendente: Dorivaldo Alves do Nascimento; Diretor responsável: Alberto Gomidi; Diretor de Redação: Luiz Fernando Quirino. Reiteremos mais uma vez que as citações dos referidos nomes são fundamentais para entendermos quais são os responsáveis pelas publicações sobre a Revolução Cubana, uma vez, que propomos uma problematização do interesse desse jornal ao veicular determinadas representações sobre a Ilha Caribenha.

O projeto tipográfico do jornal *O Triângulo* era bem característico de veículos impressos de comunicação de menor expressão, pois as edições desse periódico, por vezes, não detinham uma regularidade, suas páginas contavam principalmente com notícias e debates locais e suas técnicas de impressão eram em quase todas as ocasiões em preto e branco. Apesar disso, houve mudanças significativas do período de circulação do jornal até os anos 1990. O jornal de forma geral detinha cinco páginas, entretanto, nas décadas de 1930 e 1940, o periódico contava com publicações irregulares, por vezes, quinzenais e outras em três vezes na semana. A partir dos anos de 1950, o jornal buscava se firmar no espaço e com o público local, passando a realizar publicações mais diárias, porém ainda com poucos contribuintes que pudessem escrever opiniões próprias, realizando, portanto, replicação de notícias e assuntos de outros jornais com mais notoriedade nacional. A partir de 1960 e 1970, *O Triângulo* buscou competir de maneira mais contundente na cidade de Uberlândia. Suas publicações, além de diárias, passavam a somar-se em cinco páginas e com artigos de opinião de seus colaboradores, sendo os principais deles: Luiz Fernando Quirino e Paiva Neto. Nesse período, o jornal *O Triângulo* trazia em sua primeira e segunda página destaques sobre

---

<sup>272</sup> Informações de: PACHECO, Fábio P. op.cit, p. 32.

<sup>273</sup> Idem, p. 33.

<sup>274</sup> Idem, pp. 33 – 35.

acontecimentos na política nacional e local; na terceira artigos diversos com colunas de seus redatores e colaboradores, bem como horóscopos e o chamado “ espaço do leitor”; na quarta encontrava-se artigos sobre o esporte, especialmente sobre o time de futebol da cidade; e na última editais e propagandas. Temáticas internacionais, como por exemplo, a Revolução Cubana, não encontrava regularidade em sua tipografia. Parece-nos que assuntos desse cunho eram depositados pelo periódico a partir de seus propósitos, por vezes em paralelo com acontecimentos nacionais.

*O Triângulo*, bem como o jornal *Correio de Uberlândia* detinha influências políticas na cidade e região. Contribuintes, partidos e outros sujeitos que mantinham financeiramente esses periódicos, conseqüentemente também espaço para suas ideias e defesas políticas. Segundo Orlanda Fernandes, na década de 1960 *O Triângulo* recebia influências diretas do PSD, uma vez que nesse período o seu proprietário Renato de Freitas havia sido prefeito de Uberlândia por esse partido (1967-1970; 1973-1976) e um de seus colaboradores, Rafael Marino Neto, chegou a exercer o cargo de vereador pela cidade, também pelo PSD (1956-1970)<sup>275</sup>. Nos anos subsequentes e principalmente no período que propomos analisar não fica clara nenhuma aproximação do jornal com algum partido político, entretanto, será possível notar através das representações da Revolução Cubana um posicionamento semelhante aos que foram realizados pelo *Correio de Uberlândia*.

## **2.2- Esperança ou expectativa? A Revolução Cubana após a queda do muro de Berlim nas páginas dos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo***

1989 foi um ano de várias transformações na política internacional. Cuba estava mais uma vez no centro dessas mudanças. Alguns chamaram esse período da história da Revolução Cubana de “furação político”<sup>276</sup>. A Ilha caribenha passava por um processo complexo tanto interno quanto externamente. As reformas anunciadas por Gorbachev<sup>277</sup>; o processo de Ochoa<sup>278</sup> e o fatídico acontecimento da queda do Muro de

---

<sup>275</sup>Cf: FERNANDES, Orlanda R. op. cit., pp. 29-30.

<sup>276</sup>Expressão utilizada por Richard Gott ao se referir ao período exposto. Cf; GOTT, Richard. op. cit., p.321.

<sup>277</sup>As reformas propostas pelo ex-secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética: Mikhail Gorbachev devem ser compreendidas a partir de uma série de fatores econômicos e políticos da história da extinta URSS. As duas grandes pautas das reformas soviéticas foram a *Glanost* e a *Perestroika*. Essa última dizia a respeito à economia da URSS, sendo levado por Gorbachev medidas de contenção de gastos, como por exemplo, na diminuição no orçamento militar. Ainda sobre a *Perestroika* o então primeiro secretário geral do Partido Comunista propunha uma série de reformulações no modelo comercial soviético, abrindo espaço a privatizações. Já *Glanost* eram medidas criadas para uma

Berlim demonstravam que a Revolução Cubana passaria por um dos momentos mais críticos de sua trajetória. Sobre esse contexto vale destacar as palavras de Richard Gott que se exprimem da seguinte maneira:

O furacão político que se desenvolveu em Cuba ao longo de 1989 [...] tomou forma física perto do final daquele ano, após os dramáticos acontecimentos na Europa. A queda do Muro de Berlim, em novembro se fez logo seguir pela “revolução de veludo” em Praga, e dezembro viu o final operístico do domínio de Nicolae Ceausescu na Romênia, expulso do poder por uma manifestação popular e depois capturado e executado ao vivo, na televisão, ao lado da esposa. Os exilados em Miami se perguntaram se aquele não poderia ser um possível modelo para o fim da era Castro.<sup>279</sup>

Em 1986, entretanto, a Revolução Cubana já sofria com os impactos das reformas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A *perestroika* e a *glasnost*<sup>280</sup> impactavam as relações entre Cuba e URSS<sup>281</sup>, bem como os rumos tomados pelo governo cubano em relação suas políticas externas e a sua situação econômica internamente. O próprio líder da Revolução Cubana, Fidel Castro declarava em julho de 1989:

Temos que ser mais realistas do que nunca. [...] Porque se amanhã ou um dia qualquer acordamos com a notícia de que União Soviética se desintegrou coisa que esperamos não acontecer jamais [...] Cuba e a Revolução Cubana seguiram lutando e seguiriam resistindo.<sup>282</sup>

O desastre econômico e a catástrofe dos anos subsequentes na Ilha parecem ter cristalizado as palavras de Fidel, porém a insistência e o arrojo dos cubanos em permanecerem socialistas frente aos problemas mostrava mais uma vez a assertiva do

---

determinada “liberdade de expressão”, sendo realizado pelo então governo soviético do período uma significativa diminuição da censura em órgãos da imprensa soviética que não fossem oficiais. A *Glasnost* ainda estabelecia a transparência do governo para população. Essas informações podem ser conferidas e aprofundadas em: COGGIOLA, Osvaldo L. A. **O colapso da União Soviética e os prognósticos do marxismo**. In: COGGIOLA, O. (org). História e Crise contemporânea. São Paulo: Pulsar, 1994; FERNANDES, Luís. **URSS Ascensão e Queda**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1992.

<sup>278</sup> O processo do ex-general cubano Arnaldo Ochoa foi um dos momentos mais complexos da política interna cubana. Resumidamente, Ochoa e mais outros três membros do primeiro escalão militar de Cuba foram presos em junho de 1989 e levados a um tribunal militar sob acusação de corrupção e contrabando de drogas. Ochoa e mais três dos acusados foram executados e os outros sentenciados com longas penas de prisão. Tal processo gerou uma onda de opiniões e rumores, sendo que alguns discordavam da versão oficial e outros semeavam uma onda de pânico na população cubana. Esses apontamentos encontram-se no livro de Richard Gott, capítulo 8. Ibidem, p. 314.

<sup>279</sup> Ibidem, p.321

<sup>280</sup> Ainda para uma compreensão mais extensa e completa sobre as reformas *perestroika* e *glasnost*, sugerimos as seguintes obras: GORBACHEV, Mikhail S. **URSS: uma nova etapa**. São Paulo: Editora Revan, 1985; GORBACHEV, Mikhail S. **A URSS rumo ao século XXI: XXVII Congresso do PCUS**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986 e GORBACHEV, Mikhail S. **Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo**. São Paulo: Editora Beste Seller, 1988b.

<sup>281</sup> O conflito entre Cuba e URSS são discutidos por Richard Gott em tópico de seu capítulo, intitulado: “O período especial em tempos de paz, 1990”. Nele o autor procura sinalizar os diferentes momentos de animosidade de conflito entre as duas Nações socialistas: GOTT, Richard. op. cit. pp, 321-335.

<sup>282</sup> COGGIOLA, Osvaldo (org). op.cit., p. 136.

líder revolucionário cubano. Essa expectativa, entretanto, não era compactuada por muitos analistas internacionais, Richard Gott afirmava que:

No estrangeiro, a expectativa difundida de uma implosão iminente de Cuba em 1990-91 vivia um clímax febril. Jornalistas e escritores estrangeiros chegaram a Havana no outono de 1991 para testemunhar o que eles imaginavam como últimas semanas do governo de Castro.”<sup>283</sup>

Será, portanto, nesse cenário, com opiniões e matérias sobre os eventos políticos entre o fim da década de 1980 e início dos anos 90 que os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* iriam se debruçar. Veremos desde diagnósticos sobre a situação econômica de Cuba até contínuas críticas desses periódicos aos mais diversos temas e assuntos associados Ilha caribenha.

Apesar disso, é importante ressaltar que antes mesmo do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e da queda do Muro de Berlim, essa última em janeiro de 1989, Cuba já se fazia presente nas páginas dos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* como argumento para críticas a regimes e partidos. Assim, em 11 de janeiro de 1989, em uma coluna intitulada: “A Terra esquecida por Deus”<sup>284</sup> assinada por Mario Ferreti no *Correio de Uberlândia*, era apresentado a situação política de Angola e os desdobramentos das guerras pós-independentistas do país. A afirmação inicial do autor era: “Angola tornou-se independente de Portugal em 1975, só para torna-se dependente da União Soviética e de Cuba.” Referindo-se a Cuba ele ainda salientava: “Suas armas e tropas ajudaram a estabelecer o governo marxista-leninista” e, portanto, ressaltava que o país ainda necessitava “do apoio de Cuba e da URSS para permanecer-se no poder.” Após isso, o escritor prosseguia com críticas ao governo socialista angolano e sublinhava sempre o apoio do governo cubano ao país. Nesse mesmo sentido e ainda na utilização de Cuba e seus dirigentes como exemplos negativos, o jornal *O Triângulo* em

---

<sup>283</sup> GOTT, Richard. op. cit., p. 324.

<sup>284</sup> A TERRA esquecida por Deus. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n. 15.043, 11 jan. 1989, p. 2; A história da independência Angolana, chamada por Carolina Barros Tavares de “Luta armada de Libertação Nacional” foi um conflito entre os anos de 1966 a 15 de janeiro de 1975, a qual teve como principal expoente os grupos independentistas de Angola como a UPA/ FNLA e MPLA contra a UNITA e as Forças Armadas de Portugal. A vitória foi consolidada pelo primeiro grupo que era composto por uma ala exponencialmente de militantes e dirigentes comunistas. O apoio de Cuba e da URSS à guerra de independência de Angola tornou-se emblemático e os desfechos desse processo também. Para um aprofundamento no assunto e conferência das informações aqui citadas, sugere-se a leitura de PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. Limites do ultramar português, possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial (1951-1975). (dissertação de mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

31 de janeiro de 1989, em uma coluna intitulada O Mirante,<sup>285</sup> com o subtítulo *O Show do PT*, assinada por Luiz Fernando Quirino discorria inúmeras críticas a uma propaganda eleitoral feita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e exibida na Rede Globo. Suas apreciações além de terem um notável sarcasmo e ironia com a propaganda eleitoral do PT, como por exemplo: “Eu estava esperando ver Sasa Mutema na cadeia de Tangará para onde foi levado sem advogado e sem flagrante por delegado arbitrário.” e continuava: “Quando João Matos apareceu na telinha. Era mesmo José Wilker, mas ele não estava em Tangará, pensei que ele tivesse pedido socorro ao Lula, numa cena de novela. Então percebi o Horário Político. Era o Show do partido dos trabalhadores.” Depois disso, ele volta-se para uma análise dos personagens que apareceram nessa campanha televisionada do partido e afirmava:

Mas vamos ao mérito do programa: para os jovens, foi uma mensagem atraente, Lula tem bamba de revolucionário e ser for eleito vai ser engraçadíssimo ver a galeria dos ex-presidentes, todos sucessores de Washington Luís (o último a ter barbas brancas) de cara lavada e aquele tipo Fidel no meio deles. Como eu dizia, os jovens ficaram sensibilizados com o programa.<sup>286</sup>

Em sequência, Luiz Fernando Quirino ressaltava a imagem negativa de Fidel ao afirmar que: “Houve momentos importantes como a presença de Chico Mendes, o ecologista, que acabaram sendo prejudicados pela presença de Fidel Castro e Daniel Ortega. E concluía: “Todos nós sabemos que Fidel e Ortega mandaram matar mais gente que os acusados pela morte dos trabalhadores rurais e sindicalistas no Brasil”.

É interessante notar nessas duas primeiras matérias dos jornais, mesmo não tratando da possível queda de Cuba frente às mudanças que estavam por vir aos países comunistas, as representações e os sentidos que elas podem ter criado ao leitor dessas colunas. Na primeira matéria, do *Correio de Uberlândia*, sobre os conflitos políticos em Angola fica claro o deslocamento do cronista em atribuir a Cuba e a União Soviética os desfechos que abarcavam aquele país ao fim dos anos de 1980. Desde a ênfase do autor à contribuição de Cuba e URSS no processo de independência do país até a manutenção do governo angolano devido à ajuda essas Nações. Além disso, é possível observar que para o escritor dessa coluna as consequências da ajuda cubana e soviética resultaram em instabilidade política naquele país.

A segunda matéria, do jornal *O Triângulo*, fica ainda mais evidente a utilização da imagem da Revolução Cubana, na pessoa de Fidel Castro, na acentuação de um

---

<sup>285</sup> O MIRANTE. Show do PT. **O Triângulo**. Uberlândia. n. 7.225, 31 jan. 1989, p. 2

<sup>286</sup> Idem.

regime ditatorial e despótico que o cronista propõe se opor, mas que afirmava ser defendido pelo o Partido dos Trabalhadores. Luiz Fernando Quirino ao alegar que “Todos nós sabemos que Fidel e Ortega mandaram matar mais gente que os acusados pela morte dos trabalhadores rurais e sindicalistas no Brasil” estabelece uma figura clara e uma opinião própria sobre os personagens citados, porém é evidente sua generalização. Para, além disso, essa primeira menção a Fidel Castro e conseqüentemente a Cuba pelo jornal *O Triângulo* pode revelar-nos as próprias posições políticas do periódico, uma vez, que não será só nessa ocasião que o jornal fará críticas ao Partido dos Trabalhadores<sup>287</sup>, bem como não será somente nessa publicação que seus editores iriam utilizar da Revolução Cubana como argumento contrário a seus posicionamentos.

Em dezembro de 1989 e no início de janeiro de 1990 os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* abordariam o tema da queda do Muro de Berlim, bem como o processo de desmembramento da União Soviética. Aqui, Cuba tornava-se novamente um material de amplas simbologias.

A Revolução Cubana tornar-se-ia tema primeiramente no *Correio de Uberlândia*. Em 31 de dezembro de 1989, em uma Coluna chamada O infernando, com o subtítulo *Todo mundo está calmo em Cuba menos Fidel Castro*<sup>288</sup>, esse pseudônimo, assinante dessa coluna, que denominava-se Infernando Pessoa Jr, escrevia opiniões e pequenas matérias sobre diversos assuntos, porém em todas elas, utilizando-se de imagens, ficção e um evidentemente sarcasmo e humor. Suas colunas – a maioria delas – não detinha compromisso com a realidade, muito menos eram voltadas a isso, entretanto, elas são utilizadas para descrever de forma bem-humorada a opinião desse assinante sobre diversificados temas. Nesse texto em específico, “Infernando” discorria, de maneira fictícia, sobre a posição de Fidel Castro frente aos últimos acontecimentos do Leste Europeu. Assim, ele iniciava como uma espécie de correspondência da capital cubana de Havana:

*La Habana* – Pelos Correios – Há três dias Fidel Castro está com sua barba grisalha mergulhada numa bacia de louça cheia de molho de tomate. Esta notícia corre pelas ruas de Havana e significa que Fidel resolveu colocar as barbas de molho depois dos recentes

---

<sup>287</sup> Em 06 de janeiro de 1990, em um editorial de opinião, *O Triângulo*, deixará claro aos seus leitores sua oposição ao PT e ao seu líder, Luiz Inácio Lula da Silva. Cf: OPINIÃO. **O Triângulo**, Uberlândia. n. 7448. 10 jan. 1990, p. 2.

<sup>288</sup> O INFERNANDO: Todo mundo está calmo em Cuba menos Fidel Castro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia. n 15.201, 10 dez. 1989, p. 8.

acontecimentos na Romênia. Moradores da região canavieira de Cuba, afirmaram que os aviões norte-americanos que seguiram para o Panamá sobrevoaram a ilha, pois como tratava de missão secreta, os pilotos não sabiam se era para bombardear Cuba ou Panamá”.<sup>289</sup>

Nessas irreais correspondências, o pseudônimo Infernando continuava: “Os pilotos negam que havia trocado a rota 027 para 270 com seus colegas da Varig”. Prosseguindo ele discorria: “Falando através de uma cadeia de rádio e televisão clandestina, o líder da oposição em Cuba, *El chico* afirmou que houve levante da pequenina cidade de Madre Pérola”. Em continuidade, “Infernando” retorna a falar dos acontecimentos na Romênia: “Até ontem, a chancelaria Cubana ainda não havia decidido se mandava correspondência reconhecendo o novo governo da Romênia ou mandava telegrama de condolências à família de Ceausescu<sup>290</sup>”. A coluna finaliza com o autor ainda – em sentido humorístico – discorrendo sobre uma não concessão de asilo a Noriega, pois: “*dos bicudos non se bejam*”

Já em um tom nada humorístico o jornal *O Triângulo* também esboçava seu prognóstico e opinião sobre os últimos acontecimentos no planeta e a situação da Ilha caribenha. No dia 6 de janeiro de 1990, sob o título de: “Política” o periódico afirmava:

“As ditaduras totalitárias nos países comunistas industrializados estão começando a desmoronar. Um movimento não comunista, o Solidarnoso, preside o gabinete do governo na Polônia; na Hungria preparam-se para eleições com a participação de vários partidos, e inclusive em várias repúblicas da URSS estão sendo organizados movimentos nacionalistas independentes. Os sistemas de controle totalitários se estão desintegrando”<sup>291</sup>

Dessa maneira, *O Triângulo* afirmava que: “ nos países comunistas em vias de desenvolvimento, os sistemas parecem muito mais duradouros”. Ao citar a China afirmava que: “quando os líderes comunistas, tiveram de escolher entre liberdade e repressão, levaram a cabo a repressão” e sobre Cuba salientava: “Em Cuba, Castro se opõe até certo ponto à *perestroika*, e proibiu inúmeras publicações soviéticas na Ilha”. Para o jornal essas circunstâncias, ou seja, o totalitarismo que se desmoronava na Europa e aquele que permanecia em Cuba e China estavam associados: “à natureza do totalitarismo”. Nessa perspectiva argumentativa o periódico tecia algumas alegações,

---

<sup>289</sup> Ibidem, p.8.

<sup>290</sup> Nicolae Ceausescu nasceu em janeiro de 1918 e faleceu em 25 de dezembro de 1989. Esteve como secretário geral do Partido Comunista de 1965 a 1989 e presidente da Romênia de 1974 até 1989, quando foi morto pelos revolucionários. Seu governo ficou marcado entre outras coisas pela forte censura a imprensa e repressão aos seus opositores. Cf: KLEIN, Shelley. **Os ditadores mais perversos da história**. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: editora Planeta Brasil, 2004, p. 205.

<sup>291</sup> POLÍTICA. **O Triângulo**. Uberlândia. n 7444. 6 jan. 1990, p. 2.



especialmente fundamentadas em W.W. Rostow e Jonh Kanstsky para buscarem explicações de como as populações de países comunistas conseguiam permanecer sob o regime. Segundo *O Triângulo* dois grupos, os “intelectuais radicais e trabalhadores e camponeses”, que criariam portanto, uma “ditadura dos proletários”. Dessa maneira, e juntamente com a “frustração de jovens” a manutenção e aceitação desses regimes era possível em países como Cuba e China.

Nessas iniciais abordagens dos periódicos jornalísticos *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* após as primeiras amostragens da derrocada do Leste Europeu, apresenta-se a construção de uma determinada imagem de Cuba e evidentemente dos países comunistas como expressão do totalitarismo. Não pretendemos discutir sobre as abordagens históricas do totalitarismo, mas entendemos, como aponta Enzo Traverso, que existem duas apurações antagônicas para explicar esse fenômeno atrelado ao comunismo: para alguns, esse sistema seria o *telos* da história e o destino provincial da humanidade; e para outros se tratava de um horrível sistema totalitário<sup>292</sup>. Ou seja, não temos o objetivo de discutir os diversos aspectos que poderiam fazer ou não os regimes socialistas como sistemas unicamente totalitários, mas buscamos compreender a forma como esse conceito irá ajudar a representar a Revolução Cubana nessas matérias. Isso porque, no *Correio de Uberlândia* temos uma coluna humorística que faz menção ao leitor da situação emergente de Cuba nesses primeiros momentos após a queda do Muro de Berlim. O insistente destaque de “Infernando” ao tratar da derrubada de Nicolae Ceausescu e sua aparente relação com Fidel Castro parece-nos uma tentativa do pseudônimo em sugerir um possível modelo para o fim de Castro ou ainda na forma como regime cubano é entendido e construído pelo jornal, uma vez que sob o governo de Nicolae Ceausescu na Romênia e de Manuel Noriega<sup>293</sup> no Panamá foram vivenciadas ditaduras<sup>294</sup>. Ainda reiteramos que a utilização de uma linguagem satírica e

---

<sup>292</sup> Aqui fazemos referência a discussão de Traverso sobre as obras de Françoise Furet e Arno Mayer, quando este apresenta as discussões historiográficas desses intelectuais que trataram das Revoluções, especialmente aquelas que veem em 1917 uma leitura da revolução bolchevique a partir de uma referência da Revolução Francesa de 1789. TRAVERSO, Enzo. *la historia como campo de batalla: interpretar las violencias del siglo XX*. In. **EL pasado, instrucciones de uso**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

<sup>293</sup> Manuel Antonio Noriega nasceu em 11 de fevereiro de 1934 e faleceu em 29 de maio de 2017. Noriega governou o Panamá entre 1983 a 1989. Sua trajetória foi marcada pelo golpe de Estado em seu país, que derrubou o governo de Arnulf Arias, sua ligação provada com CIA (EUA) e seu envolvimento com o narcotráfico. Cf: ARCHILBOLD, Randal C. **Manuel Noriega: Dictator Ousted by U.S in Panama**, Dies at 83. *The New York Times*. ISSN 03624331.

<sup>294</sup> Os regimes de Nicolae Ceausescu na Romênia e da Manuel Antonio Noriega no Panamá são considerados por muitos historiadores como regimes autoritários, caracterizados, portanto, como

humorada demonstra-nos também uma tentativa de construção de uma imagem hegemônica no imaginário daqueles que leram essas colunas no *Correio de Uberlândia*, uma vez que elas: “mobilizam não apenas uma identificação, mas provocação, questionamento; assumindo múltiplas funções”<sup>295</sup>

Assim nessa construção de uma imagem da Revolução Cubana como um regime totalitário, a posição d’*O Triângulo* fica ainda mais evidente, pois o jornal afirmava que: “As ditaduras totalitárias nos países comunistas industrializados estão começando a desmoronar”, porém “nos países comunistas em vias de desenvolvimento, os sistemas parecem muito mais duradouros”, ou seja, o regime cubano como chinês, entendidos e expressos pelo periódico como regimes totalitários poderiam ter uma duração maior, mesmo diante a queda das ditaduras dos países industrializados. No periódico *O Triângulo*, o decorrer dessa coluna de opinião enfatiza a visão e opinião do jornal sobre o regime cubano, pois além de destacar a proibição de alguns livros que o governo dirigente havia realizado na Ilha após à *perestroika*, o decorrer da coluna busca apresentar aos seus leitores “a natureza do totalitarismo”.

Nos dias em que sucederam os jornais ainda demonstravam seus apontamentos aos acontecimentos e a situação cubana. *O Triângulo*, por sua vez, continuava a depositar em suas páginas sua posição frente aos regimes socialistas que estavam a cair e realizar críticas ao totalitarismo em países tal sistema. Dessa forma, no dia 9 de janeiro de 1990, em mais uma coluna intitulada: “política”<sup>296</sup> o jornal comentava a forma de como as ideologias e o sistema comunista conseguiam se instalar em algumas Nações. Para tanto e mais uma vez voltando-se aos jovens desses países ao afirmar: “Nas Nações em desenvolvimento, cabe esperar que o totalitarismo siga atraindo os jovens ideólogos” e discorria que mesmo “que os sistemas de controle total sejam criticados nos países comunistas industrializados.” Na Ásia, África e na maior parte da América Latina “há jovens apaixonados e inconstantes que se encontram no mesmo tipo de situação que gerou as falsas ilusões messiânicas de Lênin, Mao, He Chi Min e Castro.”

O *Correio de Uberlândia*, entretanto, lançava-se a apresentar aos seus leitores

---

ditaduras. Não obstante, destacamos que para outros analistas o governo de Manuel Noriega não é considerado como um regime ditador.

<sup>295</sup> Essa reflexão foi à realizada a partir dos apontamentos de Marcos Antônio Silva, que procura discutir e entender a história do humor e seu papel social. Cf: SILVA, Marcos A, da. **Prazer e poder da Onça 1943-1962**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 50.

<sup>296</sup> POLÍTICA. **O Triângulo**, Uberlândia. n. 7445, 9 jan. 1990, p. 1.

uma análise mais “profunda” dos possíveis desdobramentos em Cuba diante as novas conjunturas políticas. No dia 20 de janeiro de 1990, sob o título: “China e Cuba: e agora?”<sup>297</sup> o jornal iniciava com a seguinte afirmação: “A queda do Muro de Berlim e a reorganização da Romênia após a deposição e execução do ditador Nicolae Ceausescu foram, sem dúvida nenhuma, os dois episódios mais destacados pelas redes de televisão” e continuava: “O fato é que as mudanças na Europa Oriental se deram com tal rapidez, que mesmo os mais arrojados em suas previsões ficaram atônitos diante do desenrolar dos acontecimentos”. Assim, o *Correio* assinalava que: “para se ter uma ideia do quanto o processo de mudanças foi avassalador, basta lembrar que em 1988 Erich Honecker, o então todo-poderoso líder comunista da Alemanha Oriental, previu que o Muro de Berlim duraria pelo menos mais um século.” Segundo o *Correio*, para maioria dos especialistas o maior responsável por essas transformações e que: “já se tornou o maior estadista deste século” seria :Mikhail Gorbachev. Nesse sentido, o periódico, assegurava:

[...] com todo respeito aos analistas e sem nenhum desmerecimento ao grande líder soviético, acreditamos que a explicação para o que está se passando é mais ampla, até porque não se limita aos países comunistas. Também na América Latina os regimes autoritários foram desaparecendo. E nas Filipinas não foi diferente. Pouco a pouco, depois de décadas de opressão, povos conscientizaram-se de que não é possível viver eternamente com medo. E, neste momento, apelam do poder o responsável por esta situação, não importando se por trás do opressor está uma razão política, racial ou religiosa. Sopram os ventos de liberdade. E não dá pra segurar. Que o digam os derrotados dessa desta década de 80 que acaba de se encerrar, como Honecker, Marcos, Noriega ou outro qualquer.<sup>298</sup>

Na sua argumentação, o jornal então realizava o seguinte questionamento:

Diante desta inexorável onda de democratização que se verificou na última metade dos anos 80, o que devem ter pensado em Havana e em Pequim os responsáveis pela manutenção de dois mais representativos de regimes fechados da atualidade? Será possível esmagar uma vez mais o anseio de liberdade do povo chinês, a exemplo do que foi feito em 1989 na Praça Celestial?<sup>299</sup>

E se dispunha em responder:

Honesta e sinceramente, acreditamos que não. Até porque, tanto Cuba, como a China, estão muito longe de constituírem em modelos de países desenvolvidos, capazes de proporcionar boas condições de vida e suas respectivas populações. Daí talvez só existem duas alternativas para os governantes desses países: Ou rendem-se às evidências e promovem internacionalmente o retorno da democracia, ou fechem

---

<sup>297</sup> CHINA E CUBA: E agora? *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n 15301, 20 jan. 1990, p. 4.

<sup>298</sup> Idem.

<sup>299</sup> Idem.

ainda mais o regime, praticamente isolando-se da comunidade internacional. Mas, notadamente no caso da China, como alimentar 1 bilhão de seres humanos vivendo à margem do comércio internacional? Com a palavra, pois, os ditadores chineses e cubanos.<sup>300</sup>

Encontramos, portanto, mais uma das proposições e opiniões desses periódicos sobre a experiência revolucionária cubana entre os anos de 1980 e 1990. *O Triângulo* reafirmava sua crítica aos regimes comunistas e procurava dar ao seu leitor explicações convincentes para explicar a manutenção de regimes que seguiam essa ideologia nas Américas e em outros locais. Cabe ressaltar, que o periódico se preocupava em apresentar de forma reiterada uma explicação aos seus leitores sobre o fenômeno do Leste Europeu. Evidentemente, como aponta Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto é “ importante problematizar e superar pela análise a ideologia da objetividade e da neutralidade da imprensa[...]”<sup>301</sup>, portanto, entende-se que em duas edições – de 6 e 9 de janeiro – o jornal objetivava deixar claro seu posicionamento sobre os regimes comunistas, da mesma maneira que mostrava-se voltado à uma outra perspectiva política, algo, contudo, que veremos mais adiante.

O *Correio de Uberlândia*, agora parecia tentar realizar uma análise mais profunda dos acontecimentos que giravam em torno da Revolução Cubana. Se sua primeira manifestação sobre o tema em dezembro de 1989 foi dedicada ao humor – a coluna de infernando – nessa última o jornal buscou apresentar um diagnóstico mais rebuscado sobre o assunto. Nota-se que mais uma vez o *Correio*, através de seus escritores, busca dar ênfase a queda de Ceausescu, porém nessa matéria citava outros personagens. Isso sem dúvidas alude à imagem que o jornal entende e constrói sobre o regime cubano. Insistimos sobre essas representações em virtude do próprio decorrer da matéria, uma vez que, para o jornal, tais acontecimentos denotavam e: “sopravam os ventos de liberdade”. Além disso, o questionamento feito pelo periódico, que diante da: “inexorável onda de democratização” se Cuba e China iriam suportar a manutenção de seus regimes, é dada a resposta aos seus leitores: “Honestamente e sinceramente, acreditamos que não”. Outro aspecto importante a se advertir nessas análises é a relação feita pelo periódico sobre a sustentação dos regimes políticos em Cuba e China em virtude de suas economias. Talvez, como aponta, Clarissa Brasil, o sentimento do *Correio de Uberlândia*, historicamente ligado e sob propriedade dos grandes empresários da

---

<sup>300</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>301</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, op. cit., p. 258.

cidade<sup>302</sup>, exprimia um clima de euforia, pois “simbolicamente significava que o socialismo se rendia aos benefícios da concorrência a do mercado”<sup>303</sup>

Assim, em 4 de maio de 1990, o *Correio de Uberlândia* levantava a permanência de Fidel Castro no poder. As recorrentes matérias, colunas e opiniões sobre a Cuba nesse momento após a queda dos regimes socialistas continuava a pautar nesse periódico. Em mais uma de suas colunas, Luiz Fernando Quirino, convida seu público a consultar suas argumentações. Essa, entretanto, trazia um convite aos leitores com uma charge de Fidel na primeira página do jornal com a seguinte legenda: “Com a esmagadora derrota de Daniel Ortega<sup>304</sup> nas ruas, mais uma ditadura termina na América Latina. Depois de Ortega e de Pinochet – derrotados no Chile ano passado – Fidel Castro, de Cuba, assume o incômodo título de último ditador na América Latina.”

Figura 1- Charge de Fidel Castro.



Fonte: Correio de Uberlândia. 4 mai. 1990, p. 1.

A matéria, com os apontamentos de Luiz Fernando Quirino irá aparecer na

---

<sup>302</sup> Aqui recordamos que o *Correio de Uberlândia* pertencia ao grupo Algar, um dos empreendimentos mais conhecidos e economicamente fortes da cidade de Uberlândia. Para ser ter uma ideia essa empresa de telecomunicações atende uma série de outras organizações financeiras, desde a área de segurança até armazenamento de grãos. Segundo as informações depositadas em seu site essa empresa é a quinta maior do Brasil no segmento de telecomunicações e atualmente atende 350 cidades espalhadas pelo país, obtendo cerca de 1,4 milhões de clientes: Cf: <[www.algartelem.com.br](http://www.algartelem.com.br)> Acesso em: 2 ago. 2019.

<sup>303</sup> BRASIL, Clarissa. In. WASSERMAN, Claudia. (org), op. cit., p. 56.

<sup>304</sup> José Daniel Ortega Saavedra nasceu em 1945. Esteve como chefe do executivo da Nicarágua entre os anos de 1985 e 1990. Sua história é atrelada ao movimento rebelde sandinista que conseguiu derrubar o ex-ditador da Nicarágua, Anastasio Somoza Debayley, no dia 17 de julho de 1979. O governo de Ortega foi marcado especialmente por uma política de maior igualdade social, realizando a reforma agrária e oposição à grupos de resistência financiados pelos Estados Unidos. A título de informação Ortega voltou ao poder em 2006 e reeleito nos períodos seguintes: em 2011 e 2016. As informações foram retiradas de: <[www.britannica.com](http://www.britannica.com)> Acesso em: 2 ago. 2019

página cinco, com o mesmo título: “Com a queda de Ortega, Fidel é último ditador”<sup>305</sup> Nela, o autor apresentava as eleições na Nicarágua, especialmente sobre a disputa presidencial de Daniel Ortega, os conflitos entre as forças revolucionárias sandinistas<sup>306</sup> e a vitória de Violeta Chamorro<sup>307</sup> Em seguida, Quirino expunha a vitória de Chamorro, algo que segundo ele: “trouxe surpresa aos partidos de esquerda no Brasil”. Para tanto, o articulista da matéria fazia a seguinte afirmação: “Com a derrota dos dois líderes (fazendo menção a Augusto Pinochet), resta apenas um ditador em toda a América Latina: Fidel Castro” e concluía “Os olhos se voltam agora para Cuba”. Ainda em outro tópico dessa matéria, agora, porém sob o título de: “Havana ameaçada”, Luiz Fernando Quirino destacava que:

Inegavelmente, Fidel Castro é um líder em todos os sentidos da palavra. Tem mais carisma, força e retaguarda pessoal do que Ortega e Pinochet. Não há em Cuba, nenhuma contrarrevolução e Fidel pode andar livremente pelas ruas, embora tenham sido menores as suas aparições públicas. Mas, recentemente, ele falou durante três longas horas ao povo cubano e suas palavras deram um novo impulso a sua popularidade. Fidel é carismático, idolatrado. Sem qualquer intenção de deixar o poder. Ainda controla, por tanto tempo, a simpatia popular e conta com o apoio de sua burocracia governamental. Mas Fidel poderá ser vítima do vendaval de liberdade que arrasou o leste europeu<sup>308</sup>

Em seguida, o autor retomava as possíveis consequências do fim do socialismo no Leste Europeu e afirmava: “Quando caiu o Muro de Berlim, de certa forma, algumas pedras foram parar em Havana”. E continuava a assegurar que os problemas que poderiam envolver Cuba estariam em relação direta com: “o entendimento explícito entre Moscou e Washington” que para Quirino acabavam: “por colocar a União Soviética numa posição em que, hoje menos do que ontem, interessa ter um pé fincado na Ilha, como “ameaça” à soberania dos Estados Unidos nessa faixa do mundo”. Com isso, o articulista retornava a descrever os contínuos problemas econômicos da Ilha

---

<sup>305</sup> COM A QUEDA DE ORTEGA, Fidel é último ditador. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, n 15306, 4 mar. 1990, p. 5.

<sup>306</sup> As forças revolucionárias sandinistas detêm a sigla: FSLN que significa Frente Sandinista de Libertação Nacional, fundada em 1961. Ela, juntamente com outros grupos de oposição ao ditador Anastasio Somoza Debayle conseguiram no ano de 1979 derrubar esse governo. A história da luta rebelde sandinista pode ser consultada e as informações aqui prestadas no artigo de: FIGUERIA, Carlos. La revolucion sandinista y los contratempos de la utopia em Centroamérica. **Bajo el Volcán**. Puebla, v.5, n.9, pp. 67-28, 2005.

<sup>307</sup> Violeta Barrios de Chamorro nasceu em 18 de outubro de 1929 e foi presidente da Nicarágua entre os anos de 1990 e 1997; A menção a eleição vitoriosa de Chamorro citada por Luiz Fernando Quirino foi em 1990, quando ela pelo partido União Nacional Opositor e Daniel Ortega pelo FSLN disputaram a cadeira do executivo em seu país. Informações retiradas de: <www.britannica.com> Acesso em: 2 de ago. 2019.

<sup>308</sup> COM A QUEDA DE ORTEGA, Fidel é último ditador. **Correio de Uberlândia**. op. cit., p. 5.

caribenha, vivenciados especialmente nesse último período, e portanto, destacava:

Fidel Castro começa a ter problemas. Um navio de carregamento de trigo que deveria estar em Havana em janeiro não chegou ainda. O navio deveria levar na viagem de retorno, milhares de caixas de laranjas. A fruta, altamente perecível não foi embarcada. E o povo cubano está alimentando com elas enquanto sofre falta do pão. Se Fidel não puder mais contar com o apoio irrestrito do bloco socialista, sua balança comercial cairá a zero e a escassez de produtos levará Cuba a uma situação insustentável.<sup>309</sup>

Quirino ainda ressaltava que para alguns observadores internacionais, Fidel Castro poderia tentar uma reaproximação mercantil com seus vizinhos latino-americanos, mas era necessário “realizar uma abertura em seu sistema, anunciando, quem sabe, uma eleição ou um plebiscito, ele talvez tivesse mais sorte que Pinochet e Daniel Ortega”. E então concluía:

[..] se houver um líder ainda capaz de merecer o apoio de seu povo, este será Fidel Castro. As pesquisas que forem realizadas em Cuba, apontarão sua vitória e esta será a verdade. Mas isso, invariavelmente, obrigará o líder da Sierra Maestra a mudar seu comportamento. Abrir novos caminhos, esquecendo-se das ideias revolucionárias que alimentadas por Moscou. A exportação de Revolução não atrai mais ninguém. O novo socialismo que começa a ganhar contornos fatalmente chegará a Havana. E com ele, uma possibilidade maior de entendimento com a América Latina, com tranquilidade para Bush.<sup>310</sup>

Essa robusta matéria de opinião do jornal *Correio de Uberlândia*, assinada por Luiz Fernando Quirino, será a última que detém uma substancial argumentação levada pelas páginas desse jornal sobre a Revolução Cubana após a queda do Muro de Berlim e todos os outros movimentos ligados às mudanças no Leste Europeu. No entanto, encontramos nesse texto, bem como nos outros expostos, uma série de simbolismos e representações. Iniciamos nossa análise observando a utilização pelo jornal e do escritor dessa matéria de outras linguagens na construção de seus argumentos e na constituição de uma imagem sobre o tema em que se propõe a discutir. Não há dúvidas que a introdução de uma matéria com uma charge na primeira página, potencializa o desejo para uma leitura do conteúdo daqueles que assinavam esse jornal, aliás, essa linguagem detém um caráter positivo ao periódico quando ele se propõe a ilustrar seus argumentos. Ressaltamos, apesar disso, que não foi possível identificar o ilustrador da charge, porém algumas observações sobre ela são necessárias. Antes ainda, entendemos que as charges fazem parte dessas linguagens representativas, da mesma maneira que os textos escritos.

---

<sup>309</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>310</sup> Idem.

Assim, concordamos com Cavalcanti ao definir essa linguagem ao dizer que a charge:

É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, as charges representam figuras com possibilidades existentes do mundo real. Assim, na maioria delas, são utilizadas caricaturas e símbolos e não desenhos lúdicos, fantasiosos. Em sua construção, é necessário ter detalhes que forneçam dados suficientes para compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema tratado.<sup>311</sup>

Ou seja, a charge representa a imagem do líder do governo cubano, Fidel Castro, personagem inevitavelmente conhecido por toda comunidade internacional. Essa imagem procura refletir tanto o real como as possibilidades apresentadas pelo autor do texto escrito. Fidel na charge é construído com as cores típicas do uniforme revolucionário cubano: o verde. Nela ainda pode-se observar uma feição assustada do líder cubano, bem como o ato de fumar o seu charuto – uma referência muito utilizada nas representações de Fidel – que detém um pavio que remete uma explosão vindoura, algo que faz menção ao título da matéria: que Fidel era o último ditador da América e poderia estar prestes a cair. Se não bastasse, o texto em seguida não só reforça a imagem ilustrada de Fidel Castro como aponta uma série de outras questões. Uma delas e que está presente em outras já analisadas aqui é a estreita relação feita pelo articulista da matéria de Fidel Castro com outros ditadores – vistos pelo jornal dessa maneira –, nesta que está sendo analisada, o escritor faz com Daniel Ortega e Augusto Pinochet. É interessante destacar que o autor não omite a popularidade e carisma do líder revolucionário cubano, entretanto, deixa claro para os leitores que devido aos últimos acontecimentos ele teria buscado, através de seus discursos: “um novo impulso a sua popularidade”. Reiteramos que os discursos de Fidel Castro – e de todos os participantes do governo revolucionário cubano – de fato encontravam um caráter exponencial e de grande importância na manutenção de seu poder. Nesse sentido, compartilhamos as reflexões de Giliard Prado ao assegurar que: “O uso de um vasto vocabulário bélico e a interpretação da realidade a partir de termos antitéticos, orientados por uma lógica de confrontação, são características bastante acentuadas do discurso oficial da Revolução Cubana.”<sup>312</sup> Assim, entendemos que a lógica estabelecida na argumentação do autor, registrando as estratégias de Fidel Castro, através do

---

<sup>311</sup>CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Centro de Artes e comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008, p. 38.

<sup>312</sup> PRADO, Giliard, op. cit., p. 8.



discurso, na manutenção de seu regime e controle social podem ser um olhar meticuloso para a política interna da Ilha. No entanto, retornamos a averiguar as representações feitas por Luiz Fernando Quirino, que apresentava os problemas econômicos da Ilha frente à queda dos países socialistas, apontando a dependência irrestrita da economia cubana à soviética. Vale apontar que em Cuba, no ano 1990, incidiu um dos momentos mais complexos economicamente de sua Revolução. Como aponta Richard Gott:

A crise verdadeira começou em 1990, quando o suprimento de petróleo que a União Soviética era obrigada por contrato a fornecer não chegou. A economia doméstica cubana foi seriamente atingida. O fluxo regular de petroleiros soviéticos trazendo óleo barato vinha sendo a tábua de salvação econômica da revolução desde os anos 1960<sup>313</sup>

Dessa forma, nas ponderações de Luiz Fernando Quirino eram levantados dados de que um carregamento de trigo não havia chegado a Ilha e conseqüentemente não poderiam ser exportadas as laranjas. Ou seja, sua amostragem ao público da precariedade da economia cubana era fundamentada pelos números que apresentava. Em toda sua matéria, bem como na charge inicial é possível destacar uma determinada expectativa criada pelo jornal aos rumos que poderiam tomar a Revolução Cubana, desde as destacadas derrotas de ditadores da América Latina até a economia cubana com o fim do apoio soviético, o que para Luiz Fernando Quirino resultaria em: “O novo socialismo que começa a ganhar contornos fatalmente chegará a Havana”.

Em contraponto ao jornal *Correio de Uberlândia*, *O Triângulo* não levanta mais a temática sobre a situação cubana ou sua opinião sobre o assunto nesses momentos em que seguiram. Não obstante, o periódico trazia colunas e matérias sobre as reformas da União Soviética, como em 11 de julho de 1989<sup>314</sup> e em janeiro de 1990,<sup>315</sup> sendo que na primeira dessas duas edições, o jornal realizou uma entrevista com um professor da Universidade Federal de Uberlândia, que explicava ao público do jornal sobre a *perestroika* já a última o periódico replicava um discurso do vereador da cidade de Uberlândia que “havia elogiado a decisão soviética” em relação as reformas.

Nos anos subsequentes a Revolução Cubana ganhava espaço em meio aos

---

<sup>313</sup> GOTT, Richard, op. cit., p. 322.

<sup>314</sup> Nessa matéria o jornal entrevista Sr. Hélio Mendes, que segundo o periódico era professor da Universidade Federal de Uberlândia e ex-ministro das relações exteriores em Brasília (não foram encontradas fontes que comprovem essa atribuição citada pelo periódico). O jornal realizava uma longa entrevista com o citado professor, questionando-o e pedindo sua avaliação sobre a Perestroika. Cf: Perestroika perante contexto internacional. **O Triângulo**, Uberlândia, n 7330. 1989, p. 4

<sup>315</sup> Nessa outra matéria o jornal estampava em suas páginas um discurso de um vereador da cidade de Uberlândia, no qual elogiava as reformas soviéticas. Vereador elogia decisão soviética. **O Triângulo**, Uberlândia, n. 7470. 1990, p. 2

eventos brasileiros. Os jornais não se abstiveram em comentar ou opinar sobre as relações de Cuba e Brasil em 1992, todavia, se o jornal *O Triângulo* parecia demonstrar que seu interesse sobre a Ilha Caribenha retrocedia, o periódico *Correio de Uberlândia* continuava a assegurar seu ponto de vista sobre a situação interna e externa de Cuba. As representações ao decorrer do período analisado mostram-nos as características intencionais utilizadas por esse último jornal. A Revolução Cubana ganhava tons cada vez mais caricaturados.

### **2.3- Fidel e Collor: uma imagem caricaturada**

O historiador Eric Hobsbawm afirmava que os fatos do fim dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 marcaram o fim do século XX<sup>316</sup>. Os acontecimentos na política internacional, na economia e na sociedade de fato tiveram uma grande eloquência ao fim dessas décadas. Encontramos nas primeiras análises um expressivo destaque dos jornais aos últimos acontecimentos no cenário internacional, especialmente com especulações e prognósticos da situação cubana. Cuba, por sua vez, prosseguia nos anos de 1990 e 1991 tentando se reerguer e realizar novas estratégias, diante o colapso econômico que vivenciava.

No Brasil, o fim do século XX também marcava a nova conjuntura política do país. Em 1989 aconteciam as eleições para Presidente da República, deputados e Senadores no país. Há vinte e nove anos os cidadãos dessa Nação não votavam em Presidente, uma vez, que em anos anteriores a ditadura e a privação de direitos civis deram a tônica da realidade dos brasileiros. Sobre esse contexto, compartilhamos as palavras de Clarissa Brasil ao afirmar:

O restabelecimento de eleições diretas, em 1986, a inclusão do voto dos analfabetos e dos jovens pela constituição de 1988 e a volta do pluripartidarismo, comemorada com o lançamento de candidaturas próprias por praticamente todos os partidos políticos daquele período fizeram daquela a maior eleição da história do Brasil até então.<sup>317</sup>

Todo esse contexto parecia tomar conta dos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo*. No entanto, as eleições finalizadas em 17 de dezembro de 1989, bem como a apresentação de matérias e opiniões dos editores desses jornais sobre esse evento se multiplicaram nesse período. Os candidatos à presidência da república nessas eleições foram: Fernando Collor de Mello pelo PRN e PTC; Luiz Inácio Lula da Silva (PT);

---

<sup>316</sup>HOBSBAWM, Eric J. op.cit.

<sup>317</sup>BRASIL, Clarissa. In. WASSERMAN, Claudia. (org), op. cit., p. 55.

Leonel Brizola (PDT); Mário Covas (PSDB) e dentre outros<sup>318</sup>. Entre esses Fernando Collor de Mello seria o vencedor, governando o país de 15 de março de 1990 a 29 de dezembro de 1992, quando renunciou ao cargo, após o processo de impeachment<sup>319</sup>

As relações entre os dois países, entretanto, restabelecidas desde 1986,<sup>320</sup> tornaram-se destaque nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* após a vinda de Fidel Castro para a posse do presidente eleito Fernando Collor de Mello em março de 1990. Apesar disso, outras representações nesse campo das relações entre os dois países, simbolizadas por sujeitos ou governos, entrariam nas temáticas jornalísticas do *Correio* e no *O Triângulo*.

Logo no dia da posse do presidente eleito Fernando Collor de Mello, o jornal *Correio de Uberlândia* apresentava uma imagem de Fidel Castro, aparentemente discursando em um palanque e com a seguinte legenda: “Fidel Castro chegou a Brasília às 18 horas de ontem”.



Figura 2- Fidel Castro discursando em um palanque.

Fonte: Correio de Uberlândia. 15 mar. 1990, p. 1.

---

<sup>318</sup> Essas questões políticas no Brasil e a especialmente as eleições no país pós-redemocratização podem ser entendidas no artigo: LIMONGI, Fernando, GUARNIERI, Fernando. **A base e os partidos: As eleições presidenciais no Brasil pós-redemocratização.** *Novos Estudos- Cebrap* n. 99. São Paulo, jul 2014.

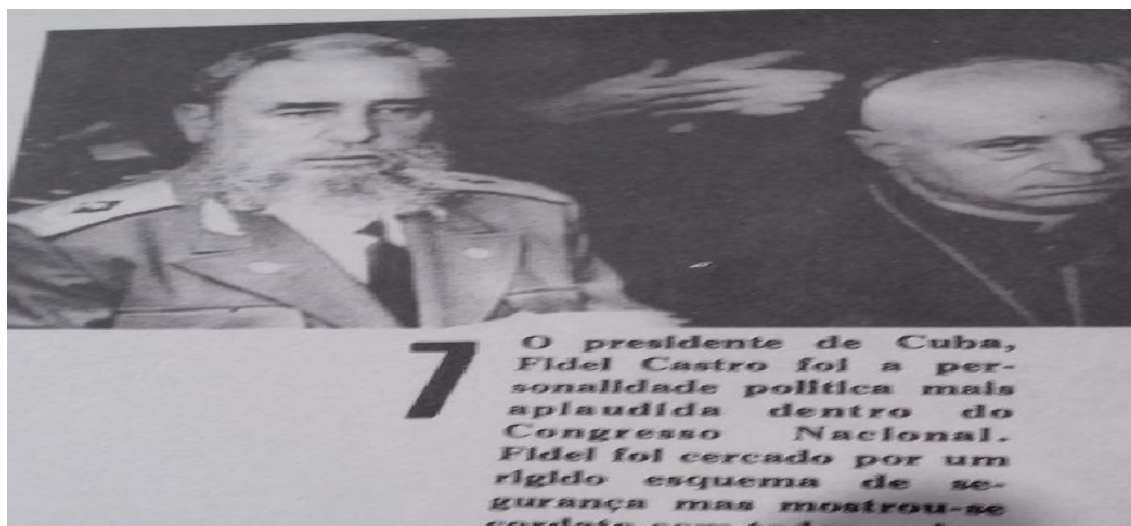
<sup>319</sup> O processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello iniciou em 1 de junho de 1992, quando o Congresso Nacional decidiu instalar uma comissão Parlamentar de Inquérito para apurar os negócios de PC Farias, ex-chefe da campanha presidencial de Collor. O decorrer do processo de impeachment foi marcado por acusações de corrupção a Collor e principalmente por controvérsias e delações de parceiros políticos do ex-presidente. Toda essa conjuntura esteve amplamente sendo divulgada e apoiada pela a imprensa nacional. Nesse contexto, temos ainda o movimento das Caras-Pintadas, quando multidões – principalmente jovens – saíram as ruas do país exigindo a renúncia do então presidente. Esse episódio histórico e a descrição dos personagens envolvidos podem ser consultados em: SALLUM, Brasílio Jr, CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão. **O Impeachment do presidente Collor: A literatura e o processo.** Lua Nova, São Paulo, n .82, 2011. pp. 163-2012,

<sup>320</sup> JÚNIOR, Edson José Neves, MARTINS, Fernanda Tondolo. In. WASSERMAN, Claudia. (org), op. cit., p. 104.

A notícia prosseguia intitulada como: “Delegações chegam a Brasília para posse”<sup>321</sup>. Nela o jornal comentava brevemente: “O primeiro ministro de Cuba, comandante Fidel Castro é o chefe de estado que mais está chamando a atenção da imprensa”. Outro personagem nessa notícia que o jornal comentava era Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, e dentre outros.

Já *O Triângulo* trazia um chamado: “suplemento especial”<sup>322</sup> em conjunto com o *Jornal de Uberaba*<sup>323</sup>. Nessa edição, o jornal dava um grande espaço a posse do presidente Fernando Collor. Em mais de 4 páginas, com folhas coloridas e repletas de imagens e entrevistas o jornal intitulava essa edição como um: “Álbum para ficar na História”. Na última página desse especial *O Triângulo* depositava uma foto de Fidel Castro com a seguinte legenda: “O presidente de Cuba, Fidel Castro, foi a personalidade política mais aplaudida dentro do Congresso Nacional” e ainda reforçava: “Fidel foi cercado por um rígido esquema de segurança, mas mostrou-se cordato com todos os jornalistas e populares presentes”

Figura 3- Fidel Castro na posse do presidente Fernando Collor de Mello



Fonte: *O Triângulo*. 17 mar. 1990, p. 4.

<sup>321</sup> DELEGAÇÕES chegam a Brasília para posse. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia. n. 15337, 15 mar. 1990, p. 1

<sup>322</sup> SUPLEMENTO ESPECIAL. *O Triângulo*. Uberlândia. n 7480, 13 jan. 1990, pp. 1-4.

<sup>323</sup> Recordamos que o *Jornal de Uberaba* havia adquirido *O Triângulo* em 1945, porém não encontramos nenhuma informação consistente sobre o jornal citado: *Jornal de Uberaba*, todavia, temos conhecimento que esse periódico da cidade de Uberaba foi fundado em 1986 e até hoje encontra-se em circulação, tendo inclusive uma página on-line: <[www.jornaldeuberaba.com.br](http://www.jornaldeuberaba.com.br)>. Cf: REZENDE, Guilherme Jorge. *Os diários impressos em Minas Gerais*. VII encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro: Guarapuava- PR, ISSN-1580-1780, 2011. p. 9.

Nessas duas pequenas veiculações sobre a posse de Fernando Collor de Mello, nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* ressaltamos a centralidade que estes atribuem a figura do líder revolucionário cubano. Para além dos textos jornalísticos as imagens ajudam a entendermos como as iconografias, sendo nesse caso as fotos, ajudam a “traduzir a posição editorial em outra linguagem”, complementando a abordagem textual dessas matérias.<sup>324</sup>

Nesse sentido, será ainda em dias posteriores que os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* iram retornar ao evento da posse de Fernando Collor de Mello e a centralidade dada à presença de Fidel Castro para comentarem mais diretamente suas posições em relação ao líder cubano. No dia 18 de março de 1990, o *Correio de Uberlândia* volta-se a utilizar do humor e da linguagem satírica para abordar a vinda de Fidel Castro ao Brasil, bem como os acordos entre os governos de Cuba e brasileiro. Em mais uma Coluna de “Infernando”, intitulada: “*Fidel promete carroças cubanas para acabar com o problema*”<sup>325</sup> o autor, cria uma coletiva fictícia com Fidel Castro para comentar sua visita ao país. Assim, “Infernando” inicia da seguinte maneira: “durante a posse do Fernando, o entusiasta repórter Marx Leninino, diplomado pelo curso da Unicamp, ostentando sua bonita camiseta “Lula”, conseguiu para o INFERNANDO, entrevista exclusiva com Fidel Castro”. O decorrer da coluna detém uma série de perguntas com viés sarcástico, todas elas de uma maneira debochada, como, por exemplo: “Marx (o repórter de Infernando) – Buenos Dias mi comandante; e Fidel responderia -“*Buenos dias para usted tambien. Estoy mui contento de estar em Brasil, una tierra mui linda, mui feliz. Pero Brasília no és como Havana. La Havana tiene prayas, tiene catedrales imensas, tiene mucha banana e mucha caña. Lá no falta álcool para los carros*”. Nota-se que o articulista da coluna tentará colocar como tema central de sua ficção, o problema da crise do álcool no Brasil<sup>326</sup>, que segundo ele Fidel

---

<sup>324</sup> Reflexão feita a partir das considerações de: CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. op. cit., p. 268.

<sup>325</sup> O INFERNANDO, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia. n15420. 18 mar. 1990, p. 3.

<sup>326</sup> Em 1975, um programa assinado pelo ex-presidente Ernesto Geisel, em 14 de novembro, denominado “Proálcool” havia sido criado com o intuito de ser uma alternativa ao petróleo que esteve em crise em 1943. O Brasil foi pioneiro no biocombustível, utilizando principalmente a fermentação da cana-de-açúcar para abastecer os automóveis, sendo, portanto, criadas usinas para produção de etanol e açúcar nesse novo segmento de combustíveis no país. No entanto, em meados dos anos de 1980 o Brasil sofreu uma grande crise nesse setor, atrelada, sobretudo, a queda do preço do petróleo nesse período. Por esse e outros motivos muitas usinas desse segmento faliram, criando uma reação em cadeia no oferecimento do combustível a álcool no país. Essas informações foram retiradas de: <www.biodieselbr.com.br>. Acesso

Castro havia apontado uma solução. No entanto, nessa construção fictícia de Infernando poderemos perceber outros temas levantados, como por exemplo, no questionamento e resposta de Fidel sobre as reformas da União Soviética: Marx (o repórter de Infernando) pergunta: “*Fidel...Ustede tambiem entrou em la perestroika?*” e Fidel respondia: “*No! Nono! E no! Creo que el camarada Gorbachev es uno agente de la CIA infiltrado en la Union Soviética. No es, comunista, nim tam pouco um socialista. Ele quiere é comer sandwiches do McDonald’s, tomar la Cueca Cuela.*” Em seguida, a criação de “Infernando” retoma a posse de Fernando Collor de Mello: Marx (repórter de Infernando): “E como vê sua excelência *el gobierno Collor de Mello?* Fidel, respondia: “*Esses moços, pobres moços, ah! Se soubessem lo sei. El problema está em que el Brasil tiene una formidável dívida externa e los poucos dólares que sobram, el Juanito treinta gasta todo em la escuela de samba*”. A “coletiva” criada por Infernando segue com o mesmo caráter, com perguntas do tipo: “Em Cuba há inflação? E o que é supérfluo?” Por fim, “Infernando” cria o seguinte trecho: Marx (o repórter de Infernando) questiona Fidel: “Para encerrar: Como o senhor vê o relacionamento de Cuba com o Brasil, agora com o novo governo”. Fidel responderia: “*Mucho proveitoso. Ainda ontem se firmo um contrato, através do qual, Cuba irá produzir cerca de 5 mil carroças, por ano, para substituir los automóveis brasileiros*”. E continuava a “resposta”: “*Me disse el presidente Collor que los carros nacionais del Brasil são verdadeiras carroças. Pero, disse isso antes de conhecer la indústria cubana de carroças*”. O sarcasmo e o humor ainda se evidenciam quando “Fidel” completaria sua resposta: “*Tiemos las mas modernas del mundo. La nuestras carroças são tam confortables que os cavalos viajam sentados na boléia. Es uma nova tecnologia soviética.*”

Entre criações de personagens e de o humor e sarcasmo do *Correio de Uberlândia*, o jornal *O Triângulo* apresentava outra perspectiva. No dia 22 de março de 1990, em notícia intitulada: “Ditador encerrou a visita ao Brasil”<sup>327</sup> o jornal discorria:

Uma semana de Brasil parece ter feito bem ao humor do quase sempre carrancudo presidente de Cuba. Fidel Castro, que voltou para Havana. Ao contrário do assustado comandante que chamou de indisciplinados, os jornalistas presentes à posse do presidente Collor, em Brasília, o Fidel jantou anteontem à noite no Palácio Laranjeiras, a convite do governador Moreira Franco, não se mostrou irritado com o assédio da imprensa e chegou a abraçar os jornalistas para uma foto.

---

em: 5 mar. 2019.

<sup>327</sup> Ditador encerrou a visita ao Brasil. **O Triângulo**, Uberlândia. n 7. 495, 22 mar. 1990, p. 2.

Preferiu, no entanto, não dar entrevistas, cancelando a coletiva marcada para 23h no Hotel Season Park, em Ipanema.”<sup>328</sup>

*O Triângulo* abordaria nessa notícia alguns dos discursos de Fidel em visita ao Brasil e seus encontros com outras personalidades políticas. Assim, o jornal destacava que:

[..] o clima de cordialidade, de cerimônia, que contou com 150 personalidades, entre políticos, empresários e intelectuais, foi realçado pela presença de Maria do Carmo Nabuco, ilustre dama da sociedade carioca que, no final dos anos 50, recebeu Fidel Castro em sua mansão em Botafogo. Em seu discurso de uma hora de duração, Fidel divertiu os presentes com detalhes curiosos de sua visita ao Brasil. Ironizou até os ovos que um desconhecido lhe jogou, quando entrava na casa de Luís Inácio Lula da Silva, em São Bernardo do Campo.<sup>329</sup>

O jornal ainda comentava que Fidel Castro haveria dito em “em alto e bom tom” quais seriam os delegados eleitos que iriam: “determinar os caminhos de Cuba” e acrescentando que só “com o respeito alheio de autodeterminação é que se pode produzir a união e a integração das Nações latino-americanas. ” Para finalizar *O Triângulo* especulava sobre o jantar de Fidel no Palácio Laranjeiras, o seu encontro com alguns governadores brasileiros e até mesmo os presentes trocados entre os participantes desse encontro.

Para entendemos essas representações, recordamos as ponderações de Roger Chartier ao afirmar que:

Considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática de ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais<sup>330</sup>

Isso, pois temos dois dispositivos discursivos semelhantes, entretanto, com formas e recursos diferentes. Na coluna de “Infernando” publicada pelo jornal *Correio de Uberlândia* encontramos mais uma vez a utilização da ferramenta fictícia para construção de um significado acerca da Revolução Cubana. A criação do pseudônimo de personagens, tanto do repórter e de Fidel Castro demonstram a tentativa do articulista em apresentar ao seu público leitor, mesmo distinto e com “competências específicas”, uma imagem estigmatizada do líder cubano de e igual modo do país que governava. O repórter criado por “Infernando”, com o nome de Marx Lenino, faz referência a

---

<sup>328</sup> Idem.

<sup>329</sup> Ibidem, p.2.

<sup>330</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., pp. 25-26.

ideologia política seguida pela Revolução Cubana, sendo esses –Marx e Lênin – os representantes mais conhecidos da teoria e prática comunista. Se não bastasse, a aproximação do articulador “Infernando” com a política brasileira é também perceptível, afinal ele deixa claro que na camiseta de seu “repórter” esbanjava uma imagem de “Lula”, um dos maiores expoentes no período da esquerda no Brasil e conhecido pela proximidade com Fidel<sup>331</sup>. O texto segue, na construção de simbolismos e imagens acerca do presidente cubano. As perguntas criadas pelo pseudônimo enfatizavam uma situação deplorável da ilha caribenha. Quando “Infernando” traz questionamentos sobre a existência de inflação na ilha e sobre a *perestroika* criada pelo governo de Gorbachev, a representação do colapso econômico que Revolução Cubana vivenciava fica clarificada nessa linguagem textual. Aliás, o próprio título da coluna e o fim do texto de “Infernando” demonstram a centralidade da situação precária da economia cubana.

*O Triângulo*, por sua vez, apresenta desde o título da sua notícia o significado que se propõe aludir aos seus leitores em relação a Fidel Castro. Ao utilizar do termo “ditador” mostra ao seu público como visualizava e entendia o governante cubano. A notícia em si, aparentemente apresentando aspectos “fúteis” da visita de Fidel, revela-nos ainda uma possível representatividade de contradições. Isso porque, nela temos o destaque do jornal a pequenas passagens do discurso de Fidel Castro, como sua declaração a respeito da autodeterminação das Nações para a integração dos países latino-americanos, algo que se apresenta incoerente a um “ditador” que normalmente procura usar de uma política excludente e de poucas cooperações com outros países. Por fim, há de se notar que a imagem de Fidel Castro é sempre vinculada à situação da Ilha, desde sua posição como um “ditador” até a situação problemática vivenciada no país.

Essas relações entre Cuba e Brasil, destacadas pelos periódicos em virtude da

---

<sup>331</sup> A história biográfica de Luiz Inácio Lula da Silva e sua relevância a muitos movimentos de esquerda no Brasil podem ser consultadas em: <[www.institutolula.org/biografia](http://www.institutolula.org/biografia)>. Acesso 5 mar.2019. Não sabemos com exatidão os encontros e as aproximações de Luiz Inácio Lula da Silva com Fidel Castro, entretanto, em 1989 tivemos um encontro dessas duas personalidades durante uma reunião entre partidos de esquerda que aconteceu em São Paulo. Apesar disso, na história mais recente, aconteceu uma grande repercussão midiática pelas aproximações e declarações de Lula à Cuba. Ressaltamos, que evidentemente a Revolução Cubana e, conseqüentemente, a figura de Fidel Castro, se tornou um exemplo para muitos movimentos de esquerda no Brasil, seja no período da ditadura brasileira ou nos dias atuais. A informação sobre o encontro de Lula e Fidel Castro em 1989 pode ser consultada no site do PT em um dos ícones do site intitulado: Cuba. Já sobre a influência da Revolução Cubana nos partidos e movimentos de esquerda no Brasil a tese de doutorado de Jean Rodrigues Sales é de grande relevância para essa discussão. Cf: <[www.pt.or.br/tag/cuba-2/](http://www.pt.or.br/tag/cuba-2/)>. Acesso em: 5 mar. 2019; SALES, Jean Rodrigues. **O impacto da Revolução Cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)**. Campinas: PPG em História da UNICAMP, 2005. (Tese de Doutorado)



visita de Fidel Castro ao Brasil em 1990, não seriam mais públicas nas páginas d'*O Triângulo*, entretanto, no *Correio de Uberlândia*, em meados 1991, o assunto continuava a pauta, porém, voltado à integração de Cuba aos países latino-americanos. Em 23 de novembro de 1991, portanto, o jornal publicava uma notícia intitulada: “Grupo do Rio se reúne para discutir integração de Cuba”<sup>332</sup> Nesta o jornal afirmava que: “O retorno de Cuba à comunidade latino-americana será um dos pontos de maior destaque na reunião do Grupo do Rio que começa no próximo dia 30 e vai até 2 de dezembro”. Nela o jornal ainda destacava que: “o presidente cubano, Fidel Castro, não deverá comparecer à cúpula”, mas, segundo o jornal, Marcos Azambuja, secretário de política exterior do Itamaraty, teria afirmado que isso não impediria: “o debate entre os chefes de Estado que estão preocupados em trazer Cuba de volta ao convívio latino-americano”, porém enfatizava: “ desde que Fidel decida aderir o pluralismo democrático e representativo.”

Essa última matéria do jornal *Correio de Uberlândia* no ano de 1991 sobre a situação de Cuba em relação aos países latino-americanos e, conseqüentemente, sua relação com o Brasil, parece encarnar um clima de animosidade na apresentação feita pelo periódico, todavia, sempre recordando o totalitarismo do regime de Castro. Apesar disso, o ano de 1992 entrará nas páginas dos jornais para tornar-se destaque diante a retomada dos fuzilamentos no país. As críticas davam o espectro da imagem cubana nos periódicos.

#### **2.4- Despotismo do governo cubano e o autoritarismo de Fidel Castro**

A Revolução Cubana sempre sofreu críticas internacionais por conta das medidas tomadas contra os dissidentes do regime e a implantação dos chamados tribunais revolucionários, onde as sentenças poderiam levar o culpado ao temido paredão revolucionário.<sup>333</sup> Em 1989, o caso de Ochoa, um dos participantes da luta guerrilheira de 1959, trazia Cuba novamente ao noticiário. Isso porque ele e mais alguns oficiais do exército de Cuba, depois de acusados pelo judiciário cubano e terem confessado sua colaboração com o tráfico de drogas Estados Unidos, foram condenados

---

<sup>332</sup>GRUPO DO RIO se reúne para discutir integração de Cuba. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n 15797, 23 nov. 1991, p. 5

<sup>333</sup>Sobre os fuzilamentos em Cuba, sejam eles os primeiros acometidos pelo governo revolucionário e todos os outros no decorrer da história cubana recomendamos mais uma vez a obra de Richard Gott. Cf: GOTT, Richard. op. cit.

à morte <sup>334</sup>

Apesar disso as críticas dos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* iram voltar-se principalmente ao carácter autoritário do governo revolucionário cubano. Notícias sobre os presos no país e o episódio do início dos anos de 1992, quando três dissidentes cubanos, vindos dos Estados Unidos a bordo de um bote inflável foram capturados com fuzis e explosivos e acusados pelos tribunais cubanos de: “sabotagem, terrorismo e propaganda inimiga” e, portanto, condenados à morte nos paredões de fuzilamento.<sup>335</sup> Esses eventos, portanto, comportariam as temáticas desses periódicos.

Em 29 de junho de 1991, o jornal *O Triângulo* trazia uma matéria intitulada: “Castro: O Hoenecker de Havana”<sup>336</sup>. Nela o jornal fazia o seguinte relato:

Em 23 de março passado, prisioneiros políticos que se encontravam na prisão por mais tempo que outros, de todo mundo, foram libertados. Naquele dia, Ernesto Dias, líder do sindicato dos trabalhadores livres, presos em 1968 pelas autoridades cubanas, saiu da cela de uma prisão minúscula e úmida, a qual havia sido sua casa e pesadelo durante 23 anos.<sup>337</sup>

Segundo o periódico: “Sua libertação, 17 anos antes da data do término de sua sentença, representou uma prematura e inesperada vitória para uma campanha internacional nova contra a ditadura cubana que só há bem pouco tempo começou.” Nessa matéria, o jornal ainda destacava que desde que havia assumido o poder, 1959, Fidel Castro sofrera muitas campanhas sem êxitos contra seu governo, porém “as circunstâncias históricas objetivas mudaram na década dos anos oitenta, e isso pressagia bem os prospectos de liberdade em Cuba”. A partir disso o jornal retomava os últimos acontecimentos do Leste Europeu e apresentava a seguinte preposição:

Pela primeira vez desde que assumiu o poder, Fidel Castro está sensível às pressões internacionais pela democratização de seu país. Com a suspensão da proteção oferecida a ele pela União Soviética na era pré-Gorbachev, o regime de Castro encara um acúmulo de dificuldades em casa e no exterior. Seu governo comunista está em sério perigo, e o próprio Castro poderia tornar o Ceausescu do Caribe, ou, se ele tiver sorte, o Hoenecker

---

<sup>334</sup> Nesse capítulo já possuí uma explanação sobre o caso de Ochoa, porém reiteramos que dentre os quatro sentenciados, somente Arnaldo Ochoa e outro militar de Cuba foram executados. Para tanto, ainda ressaltamos que na tese de doutorado de Giliard Prado o caso de Arnaldo Ochoa detém uma grande profundidade analítica e aspectos interessantes para se compreender. Cf: PRADO, Giliard. op. cit. p. 219-221.

<sup>335</sup> Esse caso, apresentado pelo jornal *Correio de Uberlândia*, remete-se ao episódio de três dissidentes cubanos terem abortado na Ilha de Cuba com explosivos e armamentos, todos eles provenientes dos Estados Unidos. Cf: RUSCHEL, David. In. WASSERMAN, Claudia. (org), op. cit. p. 134.

<sup>336</sup> CASTRO: O Hoenecker de Havana. **O Triângulo**. Uberlândia. n 7936, 29 jun. 1991, p. 2.

<sup>337</sup> Idem.

do Havana.

Nesse sentido, contudo, o jornal salientava que devido às novas circunstâncias: “uma campanha foi estabelecida pelo movimento do sindicato internacional dos trabalhadores livres para encorajar democratização em Cuba através da defesa dos direitos dos trabalhadores”. Segundo o jornal essas organizações sindicais seriam: “A Confederação Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Livres (ICFTU)”, e a “Federação Americana dos Trabalhadores, as Organizações industriais do Congresso (AFL-CIO)”. *O Triângulo* ainda afirmava que a ICFTU teria apresentado um relatório a uma agência das Nações Unidas, estabelecida em Genebra, sobre a violação dos direitos trabalhistas em Cuba, sendo que nesse relatório estaria descrito: “as práticas do trabalho forçado cubano” o “excesso de horas extras trabalhadas sem compensação”, a “discriminação contra os trabalhadores devido seus pontos de vista ideológicos” e “o papel dos sindicatos cubanos oficiais como zelosos guardiães para o gerenciamento e os esforços da disciplina trabalhista.”

O *Correio de Uberlândia*, em 17 de janeiro de 1992 trazia uma matéria intitulada: “Cuba enfrenta críticas pela pena de morte”<sup>338</sup>. Nessa matéria, assinada por Antônio Ortega da Cidade do México e da agência de comunicação AFP e publicada pelo jornal uberlandense inicia-se da seguinte maneira:

A condenação à morte ditada pelo governo de Cuba contra dois supostos terroristas cubanos transformou o país em convidado não muito bem-visto na cerimônia de assinatura do acordo de paz de El Salvador, que aconteceu ontem na cidade do México<sup>339</sup>.

O autor ainda comentava que vários presidentes convidados para cerimônia já haviam manifestado desagrado em relação ao fato, apesar do respeito demonstrado às normas jurídicas de cada Nação. Antônio Ortega ainda levanta alguns discursos desses presidentes, como o de Oscar Arias, que foi prêmio Nobel da paz e ex-presidente da Costa Rica e que haveria afirmado: “Jamais estarei de acordo com a pena de morte e muito menos para os dissidentes políticos” O autor ainda destacava a fala do presidente espanhol, Felipe Gonzales, que segundo o periódico havia garantido que a constituição de seu país: “não incluiu a pena de morte, não só devido à sua ineficácia, mas porque, além disto, pode ser considerada inaceitável do ponto de vista moral”. O articulista da matéria ainda destacava que o “tribunal supremo, que fez a revisão das sentenças decretadas no sábado passado por um tribunal de província, ratificou as condenações à

---

<sup>338</sup> CUBA ENFRENTA críticas pela pena de morte. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n. 14842, 17 jan. 1992, p.7

<sup>339</sup> Idem.

morte por fuzilamento” Nessa matéria ainda se observa o destaque para algumas falas de Guilherme Endera, presidente do Panamá que haveria dito que: “a vida merece mais respeito. Não se pode dispor dela. Deveria ser mais preservada.” Além de citar falas de outros presidentes como de Rafael Angel Calderón, da Costa Rica e finalizando com o destaque para fala do chanceler cubano Isodoro Malmierca, que havia declarado que “se fossem concretizadas, as ações dos dois terroristas teriam custado a vida de muitos inocentes, por isso o povo exigiu uma condenação mais severa”

Para discutir ainda mais o assunto, o *Correio de Uberlândia* trazia em sua edição do dia 2 de fevereiro de 1992 uma Coluna de “Infernando”, com o seguinte título: “Uma coletiva exclusiva com Fidel”<sup>340</sup>. Nesta, o pseudônimo iniciava com uma ilustração de Fidel Castro com a seguinte legenda: “Fidel: Santo de Botucatu”

Figura 4- Representação de Fidel Castro fumando charuto



Fonte: Correio de Uberlândia. 2 fev. 1992. p, 12.

O pseudônimo “Infernando”, abordaria mais uma vez o tema de forma sarcástica e humorística. Nessa coluna ele inicia com as seguintes palavras:

Havana-Cuba – A repórter Infernandina Vidalheia foi a única jornaleira do mundo a receber convite especial para assistir a abertura da Temporada de Fuzilamentos em Cuba 92. E lá se foi ela, toda gostosa para ilha onde, entre um fuzilamento e outro, tomou rum, fumou charutos, se divertiu à beça. Para justificar o dinheiro gasto pelo jornal, a deliciosa escriba meteu as caras e conseguiu uma palpitante entrezóio com o dono de Cuba, o simpatíssimo Fidel Castro Santos.

De maneira perspicaz, “Infernando” continuava a fictícia coletiva. Mesclando uma série de perguntas sarcásticas e humoradas, como por exemplo: “Infernandina: Alô

---

<sup>340</sup> O INFERNANDO. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia. n 15856. 2 fev. 1992, p.12.

amigos do Brasil. Aqui estamos em Cuba no gabinete do homem, para uma entezôio exclusiva e palpitante”. Como já é possível notar através de outras colunas publicadas pelo *Correio de Uberlândia* e assinada por esse pseudônimo, o humor e o sarcasmo são prevaletentes, entretanto, essa em específico a ficção do autor são direcionadas aos fuzilamentos. Dessa forma, suas perguntas são feitas da seguinte maneira: Infernandia dizia: “Eu assisti ontem ao fuzilamento, mas posso ser sincera? Não gostei da atuação do pelotão”. Então Fidel responderia: “*Bueno, los soldados estavam mui destreinados. Desde 59 no se practicava fuzilamentos em Cuba. Está faltando conjunto. E espero que nos próximos, já haja mais entrosamento e que todos atirem al mesmo tempo*” e continuava: “*Fuzilamento no es um esporte olímpico. E los mejores atiradores que teniamos, fueram todos para el futbol italiano.*” Os diálogos criados por “Infernando” continuavam também com perguntas sobre as reformas e o desmembramento da União Soviética, entretanto, com a temática dos fuzilamentos nas entrelinhas: Infernandina perguntaria: “Comandante! E como está a situação, depois que a União Soviética se desuniu? e Fidel responderia: “*Bueno. Yo havia dito a Gorbachev que se ele non fizesse uns fuzilamentos aqui e ali, lhe puxavamel tapete. Pero Gorbachev se quedo muy influciado por Bush*”. A ironia do colunista ainda continuava na “resposta de Fidel”: “*Bush le envitava a passear na América e Gorbachev ta todo feliz. El imperialismo és mui atraente. Mi família toda mora em Miami*”. A coluna ainda prosseguia, com mais uma das críticas do autor travestida no humor. Infernandina perguntava: “E o senhor não tem medo de que o povo daqui também queira acabar com o comunismo? e Fidel responderia: “*Acá em Cuba, todos son libres para fazer lo que quieram. Se vou a um supermercado e el cidadão me disse que es comunista, you le digo que está todo bien. Pero se um cidadão libre, me fala que está contra el gobierno, ele es libre para dizer-lo e you soy libre para mandar fuzila-lo*”. Com perguntas e respostas criadas por “Infernando”, sempre nesse tom, o articulista propunha em sequência, a discutir sobre a vida pessoal de Fidel Castro, como o porquê dele não se casar, porém a “resposta” retomava a temática central da coluna do pseudônimo: “*Bueno. Yo mando em Cuba. Yo hablei tá hablado. Se me caso em matrimônio, lá mujer vá querer me dar ordenes, lá sogra vá querer dar palpites. Yo non posso casar e mandar fuzilar, casar e mandar fuzilar*”. Por fim, a coluna de “Infernando”, sempre com essas críticas nas entrelinhas de seu humor, terminava com as seguintes questões: “Um livro?” Fidel respondia: “*La vida de Joana D’arc. Gostei muito de la muerte em la fogueira. Es mas econômica*” ou ainda: “Muro de Berlim?” e sua resposta seria: “*Prefiro el paredon.*”

Nessas três veiculações dos jornais, notamos aspectos diferentes ao tratar do autoritarismo cubano e dos fuzilamentos na Ilha. A primeira matéria, do periódico *O Triângulo*, observa-se uma tentativa recorrente do jornal em associar a imagem de Fidel Castro a outros dirigentes ditadores. O título da matéria: “O Honecker de Havana” refere-se ao leitor da matéria a recordar o ex-presidente da Alemanha Oriental Erich Honecker<sup>341</sup>. Além disso, é importante destacar o enfoque do jornal aos presos políticos no início de suas colocações, apontando as prisões arbitrárias e as condições precárias dos presos em Cuba. O segundo enfoque de *O Triângulo* será nos trabalhadores, apresentando ao seu público os chamados “relatórios” que foram enviados a entidades como as Nações Unidas, que mostravam a verdadeira face da situação trabalhista cubana. Isso é interessante uma vez que a grande bandeira dos países sob regime socialista/comunista é inevitavelmente a centralidade da participação trabalhista, uma vez que classe seria a própria construtora desses regimes<sup>342</sup>. Assim, *O Triângulo* busca respaldo em entidades sindicalistas para argumentar criticamente contra o regime em Cuba. Nessa miríade de justificativas, o *Correio de Uberlândia* também utiliza desse recurso, uma vez que na sua matéria intitulada: “Cuba enfrenta críticas pela pena de morte”, ele reverbera uma série de declarações de pessoas notáveis e chefes de Estado que eram contrários a pena de morte. Por fim, temos mais uma vez a coluna do pseudônimo “Infernando” publicado pelo *Correio de Uberlândia*. A recorrência do periódico em veicular essas colunas em temas que procura criticar é perceptível. Os fuzilamentos em Cuba entram nas páginas do periódico através do humor, entretanto, percebe-se que essa utilização não é simplesmente por acaso. Talvez seja uma estratégia do jornal em estabelecer uma conexão com seu leitor de forma lúdica e perspicaz ou mais do que isso, uma forma de estabelecer memórias a quem acessa suas argumentações. Na coluna de “Infernando”, encontramos novamente uma imagem

---

<sup>341</sup> Erich Honecker nasceu em 1912 e faleceu em 1994. Esteve como presidente da extinta Alemanha Oriental entre os anos de 1976 e 1989. Seu governo foi marcado pela adoção do chamado “socialismo de consumo” que procriava entre outras coisas bens de consumo e habitação em maior grau em relação a outros países do bloco socialista. Apesar disso, Honecker foi acusado de muitas arbitrariedades políticas aos seus opositores, tendo inclusive uma sentença de prisão, porém, refugiou-se em Moscou. Para finalizar ressaltamos que esse sujeito foi contrário a reunificação Alemã, bem como as reformas propostas por Gorbachev. Sua biografia pode ser conferida em: <[www.britannica.com](http://www.britannica.com)>. Acesso em: 5 ago. 2019.

<sup>342</sup> Para elucidação dessa questão tomamos como referência as seguintes reflexões: ANDERSON, Perry. Estrutura e sujeito. In: **A crise do Marxismo. Introdução a um debate contemporâneo**. São Paulo. Brasiliense, 1983, pp. 37-64; FROMM, Erich. O materialismo histórico de Marx. In: **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, pp. 19-28 e FROMM, Erich. O Problema da Consciência, da Estrutura Social e do Uso da Força. In: **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, pp. 29-33.

caricaturada do líder revolucionário cubano, seja na imagem apresentada logo no início dessa coluna e também no decorrer de seu texto. Na imagem, propositalmente caricaturada de Fidel Castro, temos a representação do líder cubano com um charuto na boca e um estático olhar para frente. A legenda da imagem: “Fidel: O santo de Botucatu” talvez é uma tentativa de alusão criada por “Infernando” ao padroeiro da cidade de Botucatu, em São Paulo, o qual é São Francisco de Assis<sup>343</sup>, conhecido pela renegação aos bens materiais e entrega a causa dos pobres. Nessa perspectiva, entendemos que a relação estabelecida de Fidel com o santo padroeiro da cidade de Botucatu por “Infernando” é uma de suas várias estratégias humorísticas, essa, sobretudo, em uma tentativa de apresentar a incoerência na vida desses dois personagens. O texto criado pelo pseudônimo, novamente busca espaço em temas sensíveis da realidade cubana no período. Através das sátiras e humor encontramos uma crítica contundente aos fuzilamentos e o autoritarismo liderados por Fidel Castro. Salientamos ainda a utilização do autor de termos machistas e preconceituosos ao referir-se a chamada repórter “Infernandina”, que apesar de ser uma criação desse pseudônimo mostra-nos de maneira significativa como muitos sujeitos e contribuintes desse periódico lidavam com outros aspectos sociais, nesse exemplo, uma visão até mesmo sexista sobre as mulheres. Para finalizar, ressaltamos que nessa construção de “Infernando” uma linguagem casual e até mesmo debochada é característica recorrente, portanto, acreditamos ser uma maneira de apresentação ao leitor ao mesmo tempo didática e simbólica, trazendo uma discussão do campo político internacional para um contexto cotidiano.

Essa temática ainda iria retornar em outras matérias e colunas dos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo*, entretanto, de outra maneira. Será, especialmente o jornal *Correio de Uberlândia* que retomará a fazer severas críticas ao autoritarismo da Revolução Cubana, porém, travestidas pelo chamado “voo da solidariedade”.

## 2.5- “O voo da solidariedade”

A economia cubana estava em colapso desde o ano de 1989, agravando-se ainda mais durante o ano de 1992<sup>344</sup>. A capacidade de importação do país caiu em 70% no

---

<sup>343</sup> Botucatu é um município brasileiro do Estado de São Paulo, localizado a 235 km da capital. Sua população, segundo o IBGE em 2018 gira em torno de 144 mil habitantes. Cf: [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br). Acesso 5 ago. 2019. Para saber um conhecimento mais profundo de São Francisco de Assis, recomenda-se a leitura de: BERMEJO, Marcelo. **Francisco de Assis**. São Paulo: Canção Nova Editora, 2014.

<sup>344</sup> GOTT, Richard. op. cit., p. 322.

decorrer do ano de 1992<sup>345</sup>. As perdas dos financiamentos internacionais, providos em sua maior parte pela União Soviética, chegaram à zero neste ano. Além disso, o embargo comercial decretado pelos Estados Unidos em 1962 e ratificado em 1992 pela lei Torricelli e, em 1996, pela lei Helms- Burton<sup>346</sup>, dificultaria ainda mais as relações econômicas de Cuba. Nesse sentido, e para uma visão geral da situação, compartilhamos as palavras de Richard Gott sobre esse período, quando este afirmava:

O futuro cubano parecia inimaginavelmente desanimador e, pela primeira vez desde o século XIX, as pessoas começaram a mencionar Cuba e Haiti na mesma frase, vistos como os países mais pobres do hemisfério ocidental. A extensão da crise logo ficou visível nas cidades e nos campos de Cuba. Carroças puxadas a cavalo substituíram os carros e caminhões; meio bilhão de bicicletas circularam nas ruas de Havana, cortesia dos chineses; 300 mil juntas de bois substituíam 30 mil tratores soviéticos.<sup>347</sup>

Nesse panorama um grupo de artistas e intelectuais brasileiros, liderados pelo cantor e compositor Chico Buarque de Holanda e por Frei Betto organizaram um voo de São Paulo, capital até a cidade de Havana, Cuba. Esse grupo tinha a intenção de levar ânimo e uma palavra de conforto ao povo cubano diante a situação econômica do país. Para isso, além dos passageiros, o avião foi carregado com mantimentos, remédios e muitas esperanças dos que partiam aqui do Brasil<sup>348</sup>. Isso gerou polêmica em vários veículos de comunicação, que entre outras coisas, criticavam o grupo por entender que tal atitude era um apoio explícito ao regime ditatorial de Fidel Castro<sup>349</sup>. Dentre esses veículos de comunicação o *Correio de Uberlândia* se incluía, trazendo nesse ano vários comentários, colunas e matérias sobre o tema.

---

<sup>345</sup> Idem, p.323

<sup>346</sup> Segundo Richard Gott, as Torricelli e Helms Burton levadas ao congresso americano por organizações de cubano-americanos e com apoio de uma pequena elite de dissidentes cubanos, como a família Bacardi e por Jorge Mas Canosa, conhecido líder dos cubano-americanos da Flórida, foram apresentadas com o “objetivo de promover a democracia em Cuba pela imposição de sanções econômicas contra a Ilha.” A lei Torricelli de 1992 (a Lei da Democracia Cubana) “pretendia obstar o comércio cubano e, com isso, contribuir para o fim rápido do governo de Castro”. A lei Helms-Burton de 1996 (Lei para a Liberdade e a Solidariedade Democrática Cubana), “tinha como alvo os investimentos, tendo sido originalmente elaborada devido ao sucesso de recuperação cubana e à preocupação de que os negócios norte-americanos pudessem perder terreno para os investidores europeus.” Ibidem, p. 340.

<sup>347</sup> Idem, p. 323.

<sup>348</sup> Infelizmente são escassas as publicações que discutem ou analisam historicamente esse episódio chamado o “Voo da solidariedade para Cuba”, no entanto, recorremos ao livro de Fernando de Moraes, que apesar de não ser uma produção crítica ou histórica, detém um relato da experiência desse jornalista enquanto participante do “voo da solidariedade”. Cf: MORAIS, Fernando. **A ilha**: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. São Paulo: Alfa Ômega editora. 1986.

<sup>349</sup> Outros meios de comunicação do período analisado que trataram do tema foram às revistas Veja e Isto é. As análises dessas representações podem ser conferidas em: RUSCHEL, David. In. WASSERMAN, Claudia. (org). op. cit, pp. 134-135



A primeira delas seria assinada por Luiz Fernando Quirino com o título: “Missão brasileira para Cuba”<sup>350</sup> do dia 22 de janeiro de 1992. Nessa matéria, o autor iniciava afirmando que Chico Buarque e um grupo de artistas e intelectuais brasileiros que se: “destacaram pela luta contra o autoritarismo no Brasil” e, por causa dela, “conheceram as amarguras da prisão, do exílio e das perseguições políticas” haviam fretado um avião que seguia para Cuba: “tendo como missão, defender a ilha contra o isolamento imposto pelos Estados Unidos”, no entanto, ressaltava: “exatamente no momento em que Boris Yeltsin não teve condições de evitar o esfacelamento da União Soviética e mostrar em toda a sua cruzeza, a verdade do lado ocidental”. Seu texto, porém, retornava a comentar sobre o grupo de brasileiros que visitariam a Ilha cubana e, portanto, afirmava: “Esse grupo de intelectuais brasileiros, faz a viagem em nome da solidariedade ao povo cubano, mas esquece-se de que, com isso, está dando apoio a um ditador sanguinário que, desde 1959 concentra todo poder nas mãos, e esta semana condenou à morte dois adversários políticos”. Agora, entretanto, Quirino discorria sobre a história da ascensão de Fidel ao poder e ressaltava: “Fidel tomou Havana, aclamado pelo povo, enquanto o ditador Fulgência Batista deixava o país na correria que marca o final da maioria das ditaduras pelo mundo”, todavia, destacava: “prometeu eleições livres, oito meses após assumir o poder. Dezenas de colaboradores de Batista foram julgados sumariamente por tribunais populares e levados a El Paredón” e assim argumentava:

Não aconteceram as eleições livres e até mesmo Che Guevara, homem forte da Revolução, por falta de ambiente e por um idealismo que o fazia acreditar na possibilidade da Revolução comuna-socialista em toda a América do Sul, foi comandar a guerrilha na Bolívia, onde seria traído e morto na floresta. Contando com o apoio da então poderosa União Soviética. Cuba conheceu um período, senão de prosperidade total, em que as necessidades básicas de seu povo, como alimentação, educação e saúde, foram satisfatoriamente resolvidas. Como eficiente arma de propaganda, nos esportes, Cuba alcançou resultados magníficos.<sup>351</sup>

Para Quirino, seria após o fim da União Soviética que: “Fidel Castro mudou seu modo de pensar” e “seu país continua como uma cabeça de ponte da ideologia que vem sofrendo reveses indisfarçáveis, em território latino-americano”. Em seguida o autor retornava a comentar a missão de solidariedade dos brasileiros e afirmava: “Os promotores da viagem desse avião até Havana não nutrem a esperança de um encontro com Fidel. Vão levar mantimentos, remédios e apoio moral ao povo”, mas continuava a

---

<sup>350</sup> MISSÃO BRASILEIRA para Cuba. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n. 15.8456, 22 jan. 1992, p .11

<sup>351</sup> Ibidem, p.11.

salientar que: “Fidel continua um ditador-vitalício, não tem sequer um nome para sucedê-lo ou acena com a possibilidade de um país socialista sim, mas dentro de uma democracia representativa.” Após isso finalizava:

A viagem capitaneada por Chico Buarque não representa uma ação política, e sim um ato humanitário. Pena que seja por colaboração a um ditador, já que, em outros tempos, esse mesmo grupo lutou contra o autoritarismo até conseguir que o atual presidente da república, fosse eleito pelo voto popular, na memorável batalha do segundo turno contra Luiz Inácio Lula da Silva. O homem que encarnava os ideais políticos dos passageiros desse “voo da Amizade”<sup>352</sup>

Nesse sentido, Luiz Fernando Quirino retomaria a argumentar sobre o chamado “voo da solidariedade” no dia 12 de fevereiro de 1992 com uma matéria intitulada: “CUBA: Artistas devem saber a verdade”<sup>353</sup> Nessa, entretanto, iniciava com uma fotografia com a seguinte legenda: “Um padre conforta condenado ao fuzilamento. No chão outros cubanos executados”

Figura 5- Um padre cubano conforta um condenado a morte



Fonte: Correio de Uberlândia. 12 fev. 1992, p. 11

Após a fotografia, Luiz Fernando Quirino apontava que: “Um avião lotado pela fina flor da intelectualidade chegou ao aeroporto de Havana, levando remédios e ‘solidariedade’ ao povo cubano”. A partir de então o autor realizava seus argumentos a partir “das impressões do advogado brasileiro Luciano Bivar” que, segundo ele, esteve na Ilha em 1986, “quando ninguém poderia supor que a União Soviética fosse apenas uma fantasia”. Em seguida Quirino lançava um questionamento: “os artistas e políticos

<sup>352</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>353</sup> CUBA: Artistas devem saber a verdade. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia. n. 15.864, 12 fev. 1992, p. 11

que lotaram o Airbus terão condições de conhecer a realidade atual de Cuba, quando a volta do Paredón demonstra que o governo sente a terra faltar sobre seus pés?” Assim, para ele: “a única importância de Cuba para a esquerda brasileira é o fato de que ela representa deste lado do Atlântico o tão sonhado regime de igualdade comunista” e continuava: “um ideal que custou para muitos o horror da prisão política, as perseguições, o exílio e, em muitos casos, a própria vida, mas que hoje começa a ser atirado ao lixo pelas mãos de mais da metade dos camaradas do Partidão”. Luiz Fernando Quirino então cita, o ex-ministro exilado em Madri, Manuel Sanchez Pérez, dissidente cubano, que teria afirmado: “Em Cuba, o que não está proibido é obrigatório” o que para o autor: “sintetizou toda condição de vida de um povo”. Valendo-se de uma comparação, Luiz Fernando Quirino ainda afirmava que a situação cubana seria uma experiência que: “os brasileiros não viveram em nenhum dos períodos da ditadura por que passaram. Sempre houve um espaço livre onde muita coisa jamais foi proibida ou obrigatória” O autor então fazia a seguinte alegação:

As considerações colhidas num relato de 1985 pelos que já se posicionavam contra Fidel Castro e anunciavam que mais de um milhão de cubanos estavam exilados e calculava-se que cerca de cinco mil haviam sido metralhados ou mortos afogados nas tentativas fuga, jamais foram levadas em conta pelos ardorosos admiradores do regime imposto por Castro e que contrariou “Che” Guevara a ponto do rompimento entre os dois, embora tenham feito um pacto de sangue na perigosa aventura que iniciavam contra Fulgêncio Batista.

Quirino, posteriormente, voltava a comentar o livro de Luciano Bivar, segundo ele intitulado: “Cuba – retrato sem retóricas” e que nessa obra o autor teria afirmado que o atual regime cubano seria apenas uma “reforma do regime de Batista”. Para tanto Quirino ainda fazia a seguinte alegação: “Não se emprestem ao modelo cubano, os exercícios da República de Platão, e da eternidade utópica da forma de fazer homens felizes”. Após isso, Quirino citava mais um relato de um dissidente, Carlos Alberto Montaner, que segundo ele: “com a clareza de vidente, antecipava a derrocada soviética. Multiplicava por um milhão os problemas da pequenina Cuba e, matematicamente, antecipava o quadro que surpreendeu o mundo no final de 1991”. Assim, Quirino retomava a fazer críticas àqueles que foram visitar a Ilha:

Se os passageiros do avião fretado vão dar conta da realidade e constatar o que um conhecido uberlandense percebeu durante sua estada em Havana, ou se vão regressar ainda mais maravilhados com tudo o que pensam ter visto e entendido daquele país, somente o

tempo nos dirá.<sup>354</sup>

Para finalizar o autor destacava: “No voo da solidariedade estão artistas, intelectuais e homossexuais assumidos. Impossível que, durante uma semana, não tenham contato com pessoas nas mesmas condições em Havana”. E numa espécie de apelo, ressaltava: “Saberão – ainda que de forma codificada – o que passam os artistas, os intelectuais e tudo sobre a perseguição aos homossexuais”, contudo, o autor declarava aos passageiros do “voo da solidariedade”: “ Por mais obcecados que sejam em seus ideias, são brasileiros e isto basta para que tenham apurado senso crítico. Para ele então o resultado seria “o voo da desilusão.”

Se não bastasse, em 16 de fevereiro de 1992 o *Correio de Uberlândia* publicava uma coluna de Paulo Francis, intitulada: “Diário da corte”<sup>355</sup>. Nela a questão sobre o voo angariado por artistas e intelectuais brasileiros com destino a Cuba continuava a ser comentado. Nessa matéria, o assunto iniciava com uma charge de Fidel olhando para cima a espera de um avião com a bandeira brasileira:

Figura 6- Charge de Fidel Castro para a ocasião do “ voo da solidariedade”



Fonte: Correio de Uberlândia. 16 fev. 1992, p. 14.

Em seguida, o autor comentava que havia ficado: “meditando esses dias todos sobre o avião de mantimentos de remédios levados pela nossa esquerda festiva a Fidel Castro”. A partir disso, criticava:

Que nunca lhe tenha ocorrido visitar o Nordeste em missão semelhante é curioso, e demonstra que somos colonizados mesmo, como a festiva diz, mas diz em relação aos EUA, sem perceber a colonização pseudo-contestatória que a Cuba de Fidel exerce sobre a sua imaginação. Soube que alguns escreveram artigos contra a pena de

<sup>354</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>355</sup> DIÁRIO DA CORTE. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, n. 15.868, 16 fev. 1992, p. 14.

morte, mas que apesar dela, estão com Fidel [...] <sup>356</sup>

Prosseguindo suas críticas, Paulo Francis retomava o assunto sobre os fuzilamentos e destacava que:

Fidel mandou fuzilar esse maluco cheio de bombas em Cuba não porque temesse subversão de três gatos pingados, que era a comitiva do fuzilado. Fidel está dando um aviso interno aos cubanos esfomeados e a quem, no seu desespero, possa ocorrer que uma mudança de governo lhes melhoraria a vida. Serão recebidos a bala. <sup>357</sup>

Agora, entretanto, voltava-se a Fidel Castro e afirmava que não teria salvação e: “não quer deixar que ninguém se salve”, pois para o autor: “O teste de sua liderança não é, como dizem, uma eleição, mas sim, permitir que quem queira sair de Cuba, possa”. Assim retoma a discorrer sobre os viajantes e afirmava:

Grande vexame nos infligiram os viajadores. Moralmente, a nossa esquerda, nunca esteve no poder, podia reclamar da pena de morte como instrumento bárbaro. Como reclamou quando a Junta Militar de 1969 a instituiu, mas não executou ninguém. Se houver uma próxima ditadura militar e resolver fuzilar alguém, o que poderá dizer essa gente? <sup>358</sup>

Apresentamos três matérias significativas do ponto de vista da representação tanto da Revolução Cubana, quanto dos personagens que participaram do chamado “voo da solidariedade”. A primeira matéria, assinada por Luiz Fernando Quirino parecia levantar hipóteses acerca da viagem e a finalidade desse evento, aliás, ele ressaltava que: “A viagem capitaneada por Chico Buarque não representa uma ação política, e sim um ato humanitário”, porém encontramos na construção de seus argumentos uma série de dimensões políticas. Isso porque, Quirino assegurava aos seus leitores que o “ato humanitário” era realizado em “colaboração a um ditador”. Assim, destacamos nessa primeira matéria a tentativa de apresentação de uma veracidade histórica por parte do autor, isso porque ele apontava os primórdios da luta revolucionária cubana contra o regime ditatorial de Fulgêncio Batista, porém assegurava que a vitória liderada por Fidel Castro se tornou um regime semelhante ou pior ao de Batista. É interessante ainda destacar a menção que Luiz Fernando Quirino faz sobre o totalitarismo de Fidel, exatamente após o fim da União Soviética, estabelecendo assim uma relação econômica

---

<sup>356</sup> Idem, p. 14.

<sup>357</sup> Idem.

<sup>358</sup> Ibidem, p.14.

e política dos destinos tomados pelo líder da Revolução Cubana frente à situação do país. Outra questão a se mencionar é sobre os fuzilamentos citados por esse autor, enfatizando o autoritarismo presente na Revolução Cubana desde seu triunfo em 1959. Esse relato histórico de Quirino mostra-se ainda como articulador de temporalidades, voltando ao passado da vitória revolucionária cubana para justificar seu posicionamento frente ao novo contexto analisado por ele.

A intitulação da matéria seguinte de Luiz Fernando Quirino aparenta-se desde o início um chamado a comoção por parte daqueles que iriam participar do “voo da solidariedade”, quando o autor constrói a frase: “CUBA: Artistas devem saber a verdade” remete exatamente o sentido que chamamos atenção. A imagem depositada ao início dessa matéria é outro instrumento de corroboração as suas argumentações, tentando com isso apresentar uma veracidade acerca do regime político de Fidel Castro. Nela, encontramos um suposto padre consolando um sentenciado à morte, remetendo um caráter emotivo e até mesmo de indignação, entretanto, ressaltamos que a imagem atribuída por Quirino a um episódio de fuzilamento em Cuba não trouxe nenhuma informação referencial, não contendo absolutamente nenhuma referência do local, data e autor da fotografia, portanto, sendo impossível de assegurar sua veracidade. Nessa matéria ainda, Quirino ainda busca uma associação com o período da ditadura militar no Brasil, afirmando que: “os brasileiros não viveram em nenhum dos períodos da ditadura por que passaram.” Tal posicionamento de Quirino talvez faça sentido pelo próprio apoio do *Correio do Uberlândia* aos alzozes do regime ditatorial no país no ano de 1969, quando além de dar voz em suas edições nesse período ao partido político UDN e com apresentações de inúmeras matérias festivas em comemoração ao golpe de 1964, esse periódico deixava claro suas posições em editoriais<sup>359</sup>. Dessa forma, podemos compreender ainda a tentativa de Luiz Fernando Quirino em levantar “autoridades” no assunto ao citar frases de exilados cubanos, construindo dessa forma um sentido de autenticidade nessa matéria. Por fim, nota-se consideravelmente uma espécie de “clamor” aos leitores dessa coluna, bem como aos participantes do “voo da solidariedade”. O autor não se omite em declarar que no “voo” havia artistas e “homossexuais assumidos”, algo que reflete as intenções e o sentido de clemência dado

---

<sup>359</sup>A dissertação de mestrado de Orlanda Rodrigues Fernandes é exatamente um aparato de análises que confirmam nosso posicionamento sobre o apoio do *Correio de Uberlândia* ao regime militar, algo que para essa autora esteve em consonância aos interesses mercantis do periódico: “manter-se hegemônico na cidade e região”. Seu trabalho será ainda comentado no capítulo 3 dessa dissertação. Cf: FERNANDES, Orlanda R. op. cit., p. 11.

pelo o autor em abordar a temática e sem dúvidas uma determinada esperança de que o “voo da solidariedade” se tornaria em “voo da desilusão”

A coluna de Paulo Francis – “Diário da Corte” apresenta aspectos semelhantes às primeiras analisadas. No entanto, possui algumas especificidades representativas. Logo, observa-se a charge disposta ao início de sua argumentação, criando uma imagem desesperada e até mesmo reconfortante de Fidel Castro visualizando um avião com a bandeira brasileira que sobrevoava a Ilha. Em suas ponderações, Paulo Francis não deixa de assegurar que os participantes do “voo da solidariedade” fazem parte de uma “esquerda festiva”, algo impossível de se comprovar não conhecendo todos aqueles que participaram dessa “missão” e muito menos suas escolhas ideológicas. Nessa perspectiva esse articulista, estabelece uma série de analogias, afirmando que essa atitude não havia sido imaginada pelos artistas e intelectuais em relação ao nordeste. Nessa linha de raciocínio encontramos também a afirmação do autor sobre a “colonização” das mentalidades dos agentes que participaram do “voo da solidariedade” em virtude de Cuba. Torna-se atraente pontuarmos tais questões, pois essas podem ser “antimônios” utilizados pelo autor da própria relação de Cuba com os Estados Unidos, porquanto uma das bandeiras dos vitoriosos revolucionários de 1959 eram de oposição ao neocolonialismo norte-americano presente na ilha caribenha. Ressalta-se ainda nessa matéria a proeminência de uma imagem da Revolução Cubana aos fuzilamentos e a comparação irrestrita desse autor – como o das primeiras matérias – com regime militar no Brasil. Não obstante, reiteramos que os posicionamentos de Paulo Francis sobre Cuba já eram bastante conhecidos por suas publicações no jornal Folha de S. Paulo<sup>360</sup>. Esse colunista, juntamente a Roberto Campos eram inclusive denominados de “Bob Fields”<sup>361</sup>, sendo portanto, dois importantes representantes do pensamento político conservador e liberal brasileiro. Ainda para ser ter clareza da posição de Paulo Francis sobre Cuba e sua Revolução, compartilhamos os apontamentos de Júnior e Martins ao afirmarem que Paulo Francis entendia a Revolução Cubana como um episódio decadente:

A revolução de 1959 foi responsável pela decadência cubana que estava muito bem nos anos pretéritos ao comunismo. Afirmou Paulo

---

<sup>360</sup>Esse assunto será abordado também no capítulo 3 dessa dissertação.

<sup>361</sup>Edson José Neves Júnior e Fernanda Tondolo afirmam que esse apelido, atribuído principalmente a Roberto Campos, é por esse sujeito ser considerado um submisso aos interesses norte-americanos: Cf: JÚNIOR, Edson José Neves, MARTINS, Fernanda Tondolo. In. WASSERMAN, Claudia. (org), op. cit. p, 115

Francis: [...] Cuba, que, rica nos tempos de Batista, sob Fidel Castro, é a segunda em pobreza na América Latina, depois do Haiti, na matéria “ Livre comércio” publicada em 4 de março de 1995. Posteriormente, Francis foi respaldado por Bob Fields em uma matéria intitulada “ o livro negro do comunismo”, publicada no dia 19 de abril de 1998.<sup>362</sup>

Assim e partir dessas considerações, entenderemos outras posições sobre Cuba publicadas no *Correio de Uberlândia* e assinadas por Paulo Francis. A atraente manifestação dos jornais sobre a Revolução Cubana em meados de 1992 irá continuar. Dentre outras colunas, matérias e opiniões o *Correio de Uberlândia* a *O Triângulo* pareciam apontar a vitória definitiva do sistema capitalista. Para isso, as reiteras imagens sobre a situação econômica e políticas da ilha continuarão a ganhar espaço nesses periódicos.

## **2.6- Da Zdravstvuiet Capitalizm! (Capitalismo quae sera tamen)**

Com o agravamento crise em Cuba no decorrer do ano de 1991 e, principalmente, no ano de 1992, um sentimento encontrado nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* parecia ser de uma conhecida expressão popular: “é tudo questão de tempo”, portanto, o título desse tópico, de uma dessas matérias veiculadas pelos jornais, faz alusão a esse anseio por parte dos periódicos analisados. Toda conjuntura econômica cubana e os problemas políticos do país nesse contexto, pareciam levar os jornais a determinadas constatações. Nesse sentido, a situação interna da ilha caribenha será um tema recorrente nesses anos. A queda do Muro de Berlim gerou expectativa acerca da destituição do regime cubano, entretanto, a permanência do governo cubano ao sistema político e ideológico socialista trouxe outras perspectivas e aspectos aos periódicos para apontar o fim do socialismo em Cuba.

Em 20 de outubro de 1991, *O Triângulo* publicava a matéria já mencionada: “Da Zdravstvuiet Capitalizm! ( capitalismo quae sera tamen)”<sup>363</sup>, assinada por Paulo Márcio Neves Rodrigues, no qual segundo o jornal era economista da divisão de comércio exterior da FIEMG. Nessa matéria, o autor irá realizar uma longa análise da deterioração do comunismo e evidentemente como alude o título da matéria uma defesa ao sistema político capitalista. Assim, ele iniciava com a seguinte afirmação:

---

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> DA ZDRAVSTVUIET CAPITALIZM! (capitalismo quae sera tamen). **O Triângulo**. Uberlândia. n. 8020. 20 out. 1991, p. 2.



A união soviética passa hoje por uma crise muito profunda, onde aproximadamente um quarto de sua população subsiste na pobreza e o desemprego já atinge 30 milhões de pessoas em razão do desmoronamento do sistema econômico estatal e do regime político comunista. Ademais, a ineficiência da rede de distribuição de alimentos, a presença dos atravessadores e o mercado negro fazem com que a fome se transforme num problema de dimensões supranacionais.<sup>364</sup>

O autor continuaria apresentando uma série de fatores como “levantes separatistas, conflitos étnicos e preconceitos religiosos” os quais para ele contribuía para a: “fragmentação do bloco soviético”. A partir desses apontamentos, Paulo Márcio Rodrigues afirmava que: “este quadro de crise política e institucional culminou com a tomada de poder pelos radicais de esquerda em agosto de 1991”. Segundo ele, “os conservadores acharam que as reformas do presidente Gorbatchov não estavam contribuindo senão para piorar a crise”. A partir disto ele argumentava: “esta linha de pensamento nos levaria a crer no absurdo de que todo mundo está caminhando em direção errada na contramão da História” e então fazia menção a Cuba, que segundo ele manteve-se no socialismo em virtude do: “pequeno número de autores do golpe de Estado fracassado e dos integrantes do PCB” que apoiaram a manutenção do regime. Após uma longa alegação, apresentando os principais aspectos da economia Russa durante o período soviético e as perseguições cometidas pelo o regime, seria necessário para Paulo Márcio uma integração para o fim da crise no mundo socialista. No entanto, ele levanta que tal posição já havia sido apregoada por Gorbatchov, mas que Fidel Castro já teria se manifestado contrário, e então salientava:

Cuba sempre recebeu da União Soviética combustível e outros bens de consumo a preços sensivelmente inferiores aos praticados no mercado internacional. Ademais, passará de agora em diante a ter preocupação, até então inédita com seu nível de reservas internacionais em moeda conversível, visto que com a crise de abastecimento de seus fornecedores, agora se vê obrigada a desenvolver um comércio mais intenso com os países do Ocidente.<sup>365</sup>

Dessa forma, contudo, o autor finalizava retomando sua proposição para o fim da crise em países socialistas, no entanto, ressaltava que só Fidel Castro: “estaria desconexo com esse decurso natural”.

Nessa mesma perspectiva, o jornal *Correio de Uberlândia*, no dia 17 de janeiro

---

<sup>364</sup> Idem.

<sup>365</sup> Ibidem, p. 2.

de 1992, publicava uma coluna assinada por Luiz Fernando Quirino com o seguinte título: “Questão de modismo”<sup>366</sup>. Nessa coluna, Quirino comentava sobre a conjuntura de Cuba e URSS e logo afirmava: “Nos anos do totalitarismo, uma atração com sabor perigoso era ouvir as transmissões da rádio Havana Cuba: Território Livre de da Rádio central de Moscou”. Não obstante, discorria que desde a queda do muro de Berlim e “agora com as mudanças gerais”, não se tinha conhecimento se estas emissoras estariam ainda no ar. Assim, Quirino salientava: “Engraçado como tudo é uma questão de modismo. Simplesmente o que cubanos e russos tem agora a dizer para o mundo, não tem a menor importância e nenhum sabor de aventura”. Sua argumentação seguia com uma alusão a um filme, o do “Super-Homem IV”, que segundo o autor, “mostrava a extinta URSS como uma potência assustadora”, porém dizia que agora ficaram “simplesmente, hilárias” e, portanto, continuava:

A derrocada da União soviética representa também o fim de um sonho de fantasia. Enquanto tudo era lindo e maravilhoso nas vozes da Rádio Havana de Cuba e da Rádio Central, ainda havia no coração dos menos avisados, a esperança de que o socialismo chegasse ao poder no Brasil e a ditadura do proletariado se instalasse. Tudo mais ou menos dentro daquela tolice de que “quem tivesse duas casas teria que dar uma para os pobres” Uma piada, sem dúvida. Mas também a imagem que estava calcada lá no fundo do subconsciente das pessoas menos esclarecidas.<sup>367</sup>

Dessa maneira, o autor persistia:

Agora, o sonho acabou. Enquanto os supermercados estiverem prateleiras cheias, lotados de compradores sorridentes com seus carrinhos rumo aos caixas; enquanto o anúncio do preço das tarifas públicas é absorvido com uma rotina que já nem nos causa surpresa; enquanto fazem-se a demagogia das obras em detrimento do social [...]. Os discursos anticapitalistas não fazem nenhum efeito. Vamos ter que ficar na nossa. E mais nada.<sup>368</sup>

A matéria e coluna aqui apresentadas mostram entre outras coisas uma posição dos periódicos sobre o socialismo e conseqüentemente ao capitalismo. A matéria do jornal *O Triângulo* assinada por Paulo Márcio Neves Rodrigues já apresenta em sua titulação uma determinada “vitória” do sistema capitalista, aludindo o título da bandeira mineira que contém o lema: “Liberdade ainda que tardia”, criando assim uma analogia de que somente no sistema capitalista era possível a liberdade. No *Correio de Uberlândia*, Luiz Fernando Quirino deixava sua opinião ao afirmar que: “Os discursos

---

<sup>366</sup> QUESTÃO de modismo. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, n 14842. 17 jan. 1992. p, 4.

<sup>367</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>368</sup> Idem.

anticapitalistas não fazem nenhum efeito.”. Para tanto, vale destacar alguns aspectos de ambas as publicações. Na matéria do jornal *O Triângulo*, a apresentação de vários fatores que desencadearam a fragmentação do “bloco soviético” e a circunstância de Cuba diante essa conjuntura é utilizada para salientar o ponto de vista do autor sobre a ineficácia do sistema socialista, aliás, para ele a decisão pelo socialismo na Ilha caribenha andava na “contramão da História”. Ressaltamos que essa visão não respondia somente o autor da matéria ou simplesmente ao jornal, mas era uma recorrência entre muitos analistas dessa época<sup>369</sup>.

Já na coluna de Luiz Fernando Quirino as representações são construídas de forma ainda mais clara para o leitor. A menção do autor a rádio de Havana parece elucidar as ponderações de Michael Pollak sobre as relações entre memória e identidade social<sup>370</sup>, uma vez, que um sentimento saudosista parece saltar as páginas nessa publicação, no sentido que ecoa uma espécie de convite àqueles que leem a matéria a relembrem os “anos do totalitarismo”. Ainda nessa perspectiva apontamos que essa matéria realiza uma inegável representação sobre a vitória do capitalismo bem como uma sentença do fim do socialismo, todavia, ainda encontrado na exótica Ilha de Cuba.

Essa imagem de uma Cuba atrasada em relação ao mundo, tanto pela sua escolha política, quanto pelos problemas internos ainda seria retomada no jornal *O Triângulo* no dia 7 de abril de 1992, sob o título de: “Fidel, símbolo do atraso da AL”<sup>371</sup>. Esse artigo era assinado por Enrique Krause<sup>372</sup>, que segundo o jornal era historiador e editor da revista *Vuele*, do México. Nessa o autor inicia suas reflexões com a seguinte afirmação: “Por certo 1989 será lembrado como o ano milagroso do fim da Guerra Fria. No mesmo ano a maioria dos países da América Latina optaram tanto pela democracia como por

---

<sup>369</sup>Recordamos o polêmico trabalho de Francis Fukuyama, cientista político pela Universidade de Harvard que escreveu no início da época de 1990 sobre a crise ideológica no mundo, constatando uma vitória inquestionável e a hegemonia do capitalismo. Sustentando que o liberalismo econômico seria o ápice da evolução econômica e da sociedade contemporânea. Cf; FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>370</sup> As questões levantadas por Michel Pollak nos auxiliam na compreensão e entendimento das tentativas de criação e manutenção de memórias a partir dessas representações construídas acerca da Revolução Cubana. Para isso, ele aponta que diferentes grupos, políticos ou sociais, utilizam-se dos discursos para estabelecer uma determinada memória consoante aos seus interesses. Cf: POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. op. cit., p. 212.

<sup>371</sup> FIDEL, Símbolo do atraso da AL. *O Triângulo*, Uberlândia. n. 8156. 7 abr. 1992, p. 2.

<sup>372</sup> **Enrique Krauze nasceu na** Cidade do México em 16 de setembro de 1947. Segundo suas informações bibliográficas, Krauze além de historiador é político, escritor, roteirista e empresário e engenheiro mexicano. Dentre vários livros publicados, voltados principalmente a história política do México, ele atualmente é membro da Academia Mexicana de História. As informações aqui prestadas podem ser consultadas em: <<http://www.acadmexhistoria.org.mx/sillon4.html>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

uma economia aberta”. No entanto, ressaltava que nesse ano foi visto uma: “uma espécie de efeito dominó ao contrário – em vez de as peças irem caindo uma a uma, elas foram, de um momento para outro erguidas”. Krause então direciona seu artigo ao contexto latino-americano, que para ele: “tradicionalmente, a vida pública da América Latina tem sido marcada pela existência de quatro paradigmas historicamente amplos: o militarismo, o marxismo acadêmico revolucionário, o populismo e uma economia fechada”. A partir disso, o autor destacava que durante a década dos anos oitenta percebeu-se que estes paradigmas começaram a desaparecer de maneira cada vez mais acentuada e então pontuava: “O militarismo optou pelo que poderíamos chamar de uma retirada voluntária. Assim, os generais se encontraram transformados em anacronismos mais apropriados para museus nacionais que para os palácios presidenciais”. Para ele ainda: “o tipo de atenção messiânico gerado originalmente pela Revolução Cubana se dissipou gradualmente”. Após mais algumas argumentações, especialmente sobre a abertura de países latino-americanos, destacando a volta de muitos a um sistema democrático e de economia liberal; “graças a retirada dos militares do cenário político, bem como pelo fim das “teorias marxistas de redenção”. Para ele: “o paradigma da economia fechada pela viável mão do Estado também caiu em descrédito” e o principal motivo para isso, segundo aponta o autor seria: “seu fracasso demonstrado na prática”. Depois dessa exposição Enrique Krause comentava:

Só Fidel Castro, encerrado em sua ilha-prisão caribenha permanece como símbolo dos quatro paradigmas do atraso latino-americano: uniformes de camuflagem, fotografias em tamanho natural de Marx e Lenin, discursos intermináveis e uma economia incapaz de sustentar-se por si mesma.<sup>373</sup>

Não obstante, Krause apontava uma solução:

Uma das formas de consolidação mais urgente para a região consiste na modificação do sistema legal dos moldes dos imperantes nas sociedades anglo-saxônicas. Esta e outras melhorias seriam mais facilmente implementadas em nossos países se houvesse suficiente número de vozes de intelectuais dissidentes, abertamente apostos ao estatismo, infelizmente, na América Latina de hoje a *intelligentsia* é antidemocrática e continua favorecendo ao menos três dos quatro paradigmas de estagnação.<sup>374</sup>

Para concluir o autor realizava uma crítica aos intelectuais latino-americanos, afirmando que estes: “mesmo depois dos dramáticos eventos de 1989, não se sentem

---

<sup>373</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>374</sup> Idm.

obrigados a reexaminar suas convicções fundamentais”, pois: “continuam rejeitando a noção de propriedade privada, à exceção das que lhes dizem respeito”.

Essa última matéria publicada pelo jornal *O Triângulo* elucida até aqui a imagem construída em torno de Cuba no decorrer da década de 1990: um país em colapso. Se não bastasse, encontramos que para os jornais e especificamente nessa última matéria que Fidel Castro era entendido como o representante de um determinado “atraso” político e econômico em relação às mudanças na América Latina. Destacamos ainda que o referencial e modelo de sociedade idealizado pelo autor dessa matéria são dispostos em sua própria argumentação, quando esse destacava que seria necessário a consolidação de um sistema legal aos “moldes” das sociedades anglo-saxônicas. Nesse sentido, entendemos que em torno de suas críticas Enrique Krause afirmava que os símbolos do atraso social em Cuba eram perceptíveis devido aos “paradigmas” sustentados pelo governo dirigente cubano, simbolizados através de: “uniformes de camuflagem, fotografias em tamanho natural de Marx e Lenin e discursos intermináveis de uma economia incapaz de sustentar-se por si mesma”. Ou seja, existem uma vinculação representativa da Revolução Cubana com o atraso, não só em relação aos apontamentos do autor para tal afirmação, mas na lógica de uma “modernidade” que só realizar-se-ia nos moldes de uma economia liberal e democrática. Para finalizar, apontamos que talvez persista por parte desses periódicos, bem como por seus assinantes e colaboradores uma visão de que a democracia apenas seria possível para os países economicamente desenvolvidos e com um processo de industrialização consolidado. Os demais, como a exemplo de Cuba, representada nessas matérias, a vulnerabilidade aos regimes totalitários ou ao socialismo estariam no próprio cerne de suas ideologias oficiais.

A preocupação dos periódicos sobre os problemas internos e as relações externas de Cuba iriam tornar-se temas frequentes no decorrer do ano de 1992 e 1993. Algo significativo para compreendermos os motivos e as defesas desses jornais ao modelo político e econômico capitalista e conseqüentemente às críticas a insistente permanência da família Castro no poder.

## **2.7- Entre outras coisas, Cuba**

Diante há imensurável crise cubana, o governo dirigente buscou trabalhar em algumas reformas econômicas e políticas. Em 1993, por exemplo, as pequenas reformas introduzidas no “período especial” foram vistas como insuficientes, tendo em vista a dimensão da crise. Por isso, logo no início desse ano, medidas para reconstruir a

economia interna foram realizadas. A primeira delas foi a mudança na equipe econômica.<sup>375</sup>; a segunda através de decreto de lei nº 140, que autorizava e regulamentava o uso do dólar americano.<sup>376</sup>; a terceira foi à introdução do emprego autônomo na Ilha, algo que havia se extinguido em 1968<sup>377</sup>; a quarta reforma envolvia o estabelecimento agrícola para substituir as velhas fazendas estatais<sup>378</sup>; e, por último, a reescrita em 1991 e aprovada em 1992 pela assembleia Nacional: a Constituição, que dentre as várias mudanças, estabelecia um novo sistema de eleição para deputados da Assembleia de forma direta.<sup>379</sup>

Nesse período, a Revolução Cubana também tentava retomar uma discussão com um dos seus maiores adversários no campo político, os Estados Unidos. Desde o fim formal da Guerra Fria, esperava-se uma regularização e um retorno gradual ao diálogo entre as duas Nações, entretanto, os antagonismos entre os dois países aumentaram devido às leis Torricelli e Helms- Burton, criadas durante o mandato do governo democrata Bill Clinton, que para Richard Gott: “ via a si próprio como alguém engajado numa cruzada para promover a democracia na América Latina.”<sup>380</sup> Somado à isso, Fidel Castro viria retornar grupos de dissidentes e exilados, residentes nos Estados Unidos, em verdadeiras campanhas contra seu governo, aquilo que chamamos de anticastrismo.

Todas essas questões ganhavam as páginas do jornal *Correio de Uberlândia*. Já *O Triângulo* parecia silenciar sobre o tema, não mencionando Cuba ou seus personagens em mais nenhuma matéria, coluna ou editorial até o final de 1994, ano que finaliza o recorte temporal proposto para essa pesquisa. Atitude que talvez seja

---

<sup>375</sup>Richard Gott argumenta que no começo de 1993 o governo dirigente cubano alterou algumas peças humanas nos ministérios executivos do país, isso para tentar sanar os inúmeros problemas. Entre eles temos: Carlos Lage, colocado como o líder da equipe econômica, José Luis Rodriguez para o ministério das finanças e Francisco Saberón para o Banco Central de Cuba. Cf: GOTT, Richard. op. cit., p. 326.

<sup>376</sup>A regulamentação do dólar americano em Cuba teve como principal objetivo o combater o mercado negro de dólares, que florescia na Ilha entre os anos de 1992 e 1993. A regulamentação do dólar americano fez com que essa moeda torna-se a principal utilizada no intercambio de bens e serviços. Cf; Idem, p. 327.

<sup>377</sup>A introdução do emprego autônomo em Cuba sob o Decreto de Lei nº 141, de setembro de 1993, trouxe a possibilidade de abertura de vários pequenos negócios privados na Ilha, desde bares e restaurantes até cabelereiros e mecânicos. Cf: Idem, p. 327.

<sup>378</sup>Essa reforma diz respeito ao estabelecimento de cooperativas agrícolas, chamadas de Unidades Básicas de Producción Cooperativa (UBPC) que retirava do Estado o controle total do setor agrícola, oferecendo aos participantes da UBPCs o direito de produzir e utilizar integralmente o que produziam. Cf: Ibidem, p. 328.

<sup>379</sup>A nova Constituição cubana previa a eleição direta de deputados para a Assembleias, porém escolhidos através de uma lista de candidatos aprovados pelo Partido. Outra mudança importante nessa reescrita da constituição cubana foi a retirada das referências do marxismo-leninismo e o fim da proibição à adesão de cristãos ao Partido. Cf: Idem, p. 330.

<sup>380</sup>GOTT, Richard. op. cit. p. 339.

compreensível diante as publicações desse periódico em anos anteriores, revelando sua oposição ao regime e seu aparente diagnóstico sobre a Ilha, de que esta estaria fadada ao atraso e que poderia vir ser a próxima Nação socialista a declinar.

Dessa forma, portanto, em 25 de janeiro de 1992 o jornal *Correio de Uberlândia* publicava uma matéria com o seguinte título: “Grupos anticastristas reativam atividades contra o regime cubano”<sup>381</sup>. Essa matéria, assinada matéria José Antônio Puertas, de Miami, e replicada pelo periódico uberlandense trazia primeiramente a repercussão sobre os fuzilamentos que aconteceram em Cuba, o que segundo o assinante da matéria seria o “gatilho” para volta dos grupos anticastristas. Assim ele inicia a matéria com a seguinte afirmação:

O fuzilamento, na última segunda-feira em Cuba, de Eduardo Diaz Betancourt, que se havia infiltrado no país a partir de Miami à frente de um comando destinado às ações de sabotagem, reacendeu o ódio dos grupos anticastristas da Flórida, em eterna competição para ver quem faz mais para acabar com os dias do presidente Fidel Castro.<sup>382</sup>

Segundo José Antônio Puertas, a tentativa de infiltração: “foi assumida na última quarta-feira por Tony Cuesta, em nome de uma organização denominada Comandos L (ou comandos da Liberdade)”. O autor, em seguida, volta-se para esse personagem, Tony Cuesta, que segundo o autor:” é considerado figura heroica pelos exilados de Miami, que jamais esquecem o que qualificam de audazes incursões a Cuba – numa delas perdeu um olho e a mão na explosão de uma granada, em 1965.” Ainda dando destaque a Cuesta, Puertas afirmava: “Numa entrevista à imprensa na última quarta-feira, Cuesta afirmou que a guerra é a única alternativa para derrotar Castro”, pois segundo o autor, Cuesta afirmava que seriam : “vãs as esperanças dos grupos de direitos humanos que aspiram conseguir mudanças por vias pacíficas.”, José Antônio Puertas continuava abordando nessa matéria outros grupos anticastristas como a “Brigada 2506” que segundo ele era: “ integrada por veteranos da invasão da Baía dos porcos” e a “Alpha 66 criada no início dos anos 60 e protagonista de numerosas incursões armadas na ilha nesta década”. O autor ainda dava destaque para a fundação cubano-americana, criada no mandato de Ronald Reagan, em novembro de 1979, “por um grupo de empresários cubanos conservadores” que, segundo ele, “resolveu dotar-se de um instrumento para tentar influir na política norte-americana em relação a Cuba”

---

<sup>381</sup>GRUPOS anticastristas reativam atividades contra o regime cubano. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia. s/e. 25 jan. 1992, p. 7.

<sup>382</sup> Ibidem, p. 7.

Ainda nessa matéria o Puertas citava que “devido às pressões sobre a Casa Branca e o Congresso por esses grupos anticastristas havia nascido a Rádio Martí, e depois a TV Martí, com programas dirigidos para CUBA”. Por fim, o articulista da matéria afirmava que os movimentos criados por exilados cubanos, tentaram “iniciar um diálogo com Havana”, mas que foram rejeitados pelo governo cubano, pois acusava seus participantes de serem agentes da CIA”.

Dois meses após essa publicação, o jornal *Correio de Uberlândia* destacava Cuba de outra maneira. Reverberando as palavras de Paulo Francis, no dia 12 de março de 1992, na coluna desse assinante, intitulada: “Diário da Corte”<sup>383</sup>, especificamente em um tópico com o título: “Fidel e seus bastardos” ele parecia inicialmente retomar uma crítica aos participantes do “voo da solidariedade” e comentava: “O fascino caipira, saudoso da senzala por Fidel de alguns jornalistas e até mesmo intelectuais brasileiros não rende análises ou simples reportagens que nos digam o que é a vida em Cuba”. A partir de então, ele propunha aos seus leitores uma série de obras e autores que escreveram sobre a ilha Caribenha. Assim, Paulo Francis destacava:

Recomendo a leitura de um artigo da veterana correspondente Anne-Marie “O Connor no Esquire corrente”. Ela fala do filho de Fidel, Fidelito, legítimo, casado com uma russa, que dirige a facilidade nuclear do país (algo na linha sinecura falida que é a Nucleobrás, sobre a qual pagamos, o povo paga, um milhão de dólares por dia de juros sobre a incompleta<sup>384</sup>).

Nesse livro recomendado pelo autor, ele destaca que encontra também as declarações de “Alma Fernanda Revuelta”, que segundo ele é “bastarda de Fidel, tem cara de mal-amada, foi modelo, mas não consegue mais permissão do pai para sair de Cuba” e por isso, “fala muito mal de Fidel”. Ele ainda continuava comentando sobre o livro de Anne-Marie que traz aspectos da vida pessoal de Fidel como o nome dos filhos e até mesmo que: “Fidel faz amor com mulheres lendo ao mesmo tempo um livro ou comendo maçã”. Paulo Francis ainda dava destaque a algumas passagens do livro Anne-Marie, que segundo ele detém a “realidade sobre Cuba” como:

Fidel, diz O Connor, tem várias casas, mas a que prefere em Havana fica numa região chamada “Country Clube” [...] e mais adiante está o exclusivo clube Marina Hemingway, só para estrangeiros, que pagam

---

<sup>383</sup> DIÁRIO da corte. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n.15888, 12 mar. 1992, p. 2.

<sup>384</sup> *Ibidem*, p.12.



em moeda forte, que lá encontram jovens prostitutas, acessíveis [...] por uma simples camisa T da moda ou um bom jantar” e continua: “a prostituição floresce em Cuba, a masculina também, os chamados jineteros. Precisamente como no tempo de Batista. E há enorme movimento nos grandes cassinos, apesar de os hotéis estarem caindo aos pedaços. Mais, uma vez, como no tempo de Batista, só estrangeiros podem jogar.<sup>385</sup>

O autor ainda continua e sugere a leitura de “Cuba”, de “Hugh Thomas Haper Row, de 1696 páginas” que segundo ele é a “melhor história do país”. Por fim, destacava que: “para uma análise política de Fidel Castro, o que o fez zunir de ódio é insuperável *Les Guerrilheiros au Pouvori*, de K.S. Karol, de 1970”, que afirma ter lido em inglês, e que: “demonstra claramente que Fidel está (estava...) sendo colonizado pela URSS”. E finaliza: “Fidel quase lançou uma *fatwa*, uma sentença de morte contra ele, quando o livro saiu, o que prova que deve ser tudo verdade”.

Nessas duas primeiras publicações do *Correio de Uberlândia* encontram-se duas perspectivas totalmente diferentes, entretanto, repletas de significado. Na primeira matéria publicada pelo jornal, sendo uma replicação de uma matéria provida de Miami, nos Estados Unidos, já apresenta uma característica comum quando se trata da Revolução Cubana nesse jornal de Uberlândia, pois a própria origem da matéria apresenta-se como uma parcialidade do periódico, uma vez que ecoa em suas publicações uma postagem de um veículo de comunicação dos locais onde muitos opositores do regime cubano residiam. Se não bastasse, a matéria é construída aparentemente em formato informacional, apresentando ao leitor os vários grupos de oposição do regime castristas, porém, como se nota José Antônio Puertas discorre que tais movimentos são provenientes de uma rejeição do governo cubano. Sem dúvidas, uma tentativa de atribuição de culpa pelos acontecimentos terroristas ao dirigente cubano. Apesar disso, ressaltamos que a matéria sobre os movimentos anticastristas levadas ao público pelo jornal *Correio de Uberlândia* soma-se a um conjunto maior de movimentos contrários da Fidel Castro, especialmente liderados por cubanos-americanos. Recordamos, nesse sentido, a figura de Jorge Mas Canosa, líder anticastrista muito conhecido na Flórida. Temos ainda a Cuban American Fundation (Canf), fundada por Canosa, que operava como um grupo de pressão política em Washington. Ou seja, o destaque dado pelo articulista da matéria a Tony Cuesta,

---

<sup>385</sup> Idem.

fundador da organização paramilitar anticomunista Alpha 66<sup>386</sup>, de fato encontra-se em consonância com os eventos históricos antirrevolucionários de Cuba, no entanto, nota-se que para os escritores dessas publicações do *Correio de Uberlândia*, esses grupos e os ataques terroristas que realizavam eram justificáveis, diante a perturbadora resistência de Castro.

Na coluna de Paulo Francis, que retoma a crítica aos participantes do “voo da solidariedade”, no entanto, servindo-se disso para o decorrer de suas ponderações torna-se uma particularidade interessante de se compreender como esse autor trata do tema Cuba. Isso, pois em uma matéria aqui já analisada desse articulista os tons sarcásticos e até mesmo ácidos do autor se evidenciam quando trata do tema. Outra questão importante a se deter é sobre a tentativa desse colunista de apresentar uma “verdade” sobre a Revolução Cubana. Paulo Francis não se abstém de apresentar aos seus leitores uma série de obras e seus autores para justificar sua posição sobre a Ilha caribenha. Outro aspecto a se destacar é a proposição desse articulista em corroborar uma imagem contraditória de Fidel Castro, apontando a partir das citações das obras elencadas por ele um personagem incongruente por seus atos e seu modo de vida. Além disso, Paulo Francis estabelece mais do que uma comparação da atual vida em Cuba com o período de Batista, deixando transparecer em suas palavras grandes semelhanças. Para finalizar, destacamos que Paulo Francis procura demonstrar ser um conhecedor da história “verdadeira” de Cuba, apresentando aos seus leitores ser um leitor de obras sobre a Ilha, bem como um fidedigno apresentador dessas “verdades históricas”, algo importante a se problematizar, pois pretendemos superar a neutralidade da imprensa, uma vez, que ela deve ser entendida como uma construção histórica e, portanto, não um dado da realidade.<sup>387</sup>

Cuba iria ganhar outros contornos no jornal *Correio de Uberlândia*. Em 18 de junho de 1992, por exemplo, o jornal publicava a seguinte notícia: “Cuba critica corte dos EUA por jurisprudência decidida”<sup>388</sup> O *Correio* afirmava nessa matéria, que o jornal oficial cubano *Granma* teria publicado em um editorial que a Corte suprema em Washington teria criado uma “jurisprudência para o sequestro pelos EUA de pessoas em outros países” e que isso seria uma “decisão monstruosa”. O periódico ainda destacava

---

<sup>386</sup> Essas informações podem ser consultadas em: GOTT, Richard. op. cit., p. 338.

<sup>387</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, op. cit., p. 258.

<sup>388</sup> CUBA critica corte dos EUA por jurisprudência decidida. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, n 15 969, 18 jun. 1992, p. 7.

que o título contido no *Granma* para essa questão era: “Perniciosa e intolerável doutrina” e que nesse artigo o *Granma* havia afirmado que: “o sequestro de qualquer pessoa é uma ação inadmissível em qualquer cenário ou circunstância.” O *Correio de Uberlândia* ainda destacava que o *Granma* havia comentado que: “essa abominável política foi posta em prática pelos EUA tanto no caso do médico mexicano Humberto Alvares Machain” – que motivou a sentença da Corte suprema – “como no sequestro do ex-general panamenho Manuel Antônio Noriega pelas tropas que invadiram o Panamá”. O jornal fazia destaque a vários pontos do editorial publicado pelo *Granma*, como uma hipótese levantada pelo jornal cubano ao dizer: “o que se passaria se os habitantes de El Chorrillo “sequestrassem o presidente Georg Bush para julgá-lo no Panamá”. O periódico ainda afirmava que O *Granma* teria assegurado que: “esse caminho tampouco é o de Cuba no caso de Orlando Bosch, um anticastrista que reside nos EUA e considerado responsável pela destruição de uma avião da Aerolinea Cubana em 1976. Por fim, o *Correio* destacava que: “ao comentar que a sentença da Corte Suprema não foi unânime (três dos nove juízes não concordaram), *Granma* viu nisso um sinal de que ainda resta gente sensata na sociedade americana.”

Em 18 de junho de 1992, em uma pequena coluna intitulada: “Filho de Fidel perde o cargo de secretário”<sup>389</sup> na mesma página e logo abaixo da notícia sobre a condenação de *Granma* sobre a jurisprudência da corte americana, o jornal comentava que “Fidel Castro Diaz- Balart, filho do presidente Fidel Castro, foi substituído em seu cargo de secretário executivo para assuntos nucleares da Comissão de Energia Atômica de Cuba” .Segundo o jornal o anúncio de sua saída não assinalou os motivos e que só havia publicado que seu substituto seria: Andrés Garcia de La Cruz.

Já em 22 de dezembro de 1992, o jornal *Correio de Uberlândia* comentava sobre as eleições municipais em Cuba. Em uma matéria intitulada: “Cubanos votaram em massa nas eleições municipais”<sup>390</sup> o periódico iniciava com a seguinte afirmação: “pela primeira vez sob uma nova e complexa lei eleitoral, uns sete milhões de eleitores participaram em massa, ontem, na votação destinada a renovar as 169 Assembleias Municipais de Cuba”, entretanto, descava que estas eleições foram definidas por Fidel Castro como prova: “de valentia da Revolução e confiança no povo”. O jornal explicava

---

<sup>389</sup> FILHO de Fidel perde o cargo de secretário. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 15969. 18 jun. 1992, p. 7.

<sup>390</sup> CUBANOS votaram em massa nas eleições municipais. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 16130. 22 dez. 1992, p. 7.

ainda que essa renovação do sistema legislativo do “poder popular” ficará completa em fevereiro próximo, quando forem escolhidos os 1.190 membros da 14 assembleias de província”. A partir disso, *Correio* destacava que: “segundo os meios oficiais”, essa reforma eleitoral representava um aperfeiçoamento da democracia socialista, “já que cabe ao próprio povo apresentar e eleger os candidatos.” No entanto, o periódico afirmava que: “O presidente Castro criticou anteontem o processo eleitoral de outros países, onde funcionam verdadeiras máquinas eleitoreiras que tornam a política um bem de poucos”. O jornal continuava comentando sobre a participação da população cubana nesse processo eleitoral, a qual segundo ele, quase 98 % da população havia participado e dava mais uma vez destaque a um pronunciamento de Fidel:

Castro fez uma breve referência às eleições do mês passado nos Estados Unidos, onde a seu ver votou-se contra a política neoliberal que se pretende impor resto do mundo como modelo. Disse que o novo presidente Bill Clinton deverá tentar algo assim como a quadratura do círculo para enfrentar os problemas da economia norte-americana.<sup>391</sup>

Por fim, o *Correio* lançava um prognóstico para Cuba em 1993: de grandes dificuldades, pois entre outras causas: “se for reduzida ainda mais a produção de eletricidade (devido à escassez de petróleo), o país ficará desorganizado por completo”

No dia 24 de dezembro de 1992, o *Correio de Uberlândia* parecia apresentar os resultados de seu prognóstico. Na matéria intitulada: “Bairros Cubanos sofrem blecautes cotidianos”<sup>392</sup>, o jornal dava destaque aos problemas por ele levantados em sua matéria de 22 de dezembro. Nessa, entretanto, o jornal propunha inicialmente elucidar seus leitores com a seguinte fotografia:

Figura 7- Cidadão cubano em meio às ruas de Havana na situação de um blecaute.

---

<sup>391</sup> Idem, p. 7.

<sup>392</sup> Bairros Cubanos sofrem blecautes cotidianos. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, n.16126. 24 dez. 1992, p. 8.



Fonte: Correio de Uberlândia. 22 dez. 1992, p. 8.

Abaixo da fotografia, o jornal colocava a seguinte legenda:

Um idoso atravessa uma rua semivazia de Havana puxando um carrinho de rolimã com querosene, para acender lamparinas em função de falta de energia responsável pelos blecautes que vêm atingindo ultimamente várias áreas da capital cubana<sup>393</sup>.

Logo em seguida o jornal afirmava: “bairros inteiros mergulhados na escuridão durante horas, desaparecimento progressivo da iluminação de velas nas casas” e então salientava: “Mais que nunca em Havana, como em toda Cuba, convive-se com a falta de energia, que se tornou um bem muito raro.” Prosseguindo, o periódico destacava que desde o final do mês de novembro, os blecautes eram constantes: “devido à queda das importações do campo socialista do Leste Europeu, principal fornecedor da ilha”. Segundo o jornal, esses blecautes não “afetavam, no entanto, os edifícios públicos e zonas prioritárias, tais como hospitais, entrepostos frigoríficos, indústrias alimentícias e outros segmentos”, mas que desde o final de julho eles ocorriam em “média três horas por dia, com exceção dos finais de semana, os quais duravam de seis a oito horas por dia”. *O Correio de Uberlândia* assegurava que a imprensa oficial como o jornal o *Granma*, do partido comunista; “não se cansam de lembrar o trabalho realizado pelo governo na eletrificação do país” e destaca uma dessas passagens do jornal cubano: Para tanto, discorria que: “Antes da vitória da Revolução em 1959 apenas 614.000 casas dispunham de eletricidade. Hoje são mais de 2,5 milhões, o que representa um índice de eletrificação de 94 por cento”. Segundo o periódico havia ainda: “apelos à economia e ao uso racional da eletricidade, a fim de evitar restrições ainda maiores”, porém, reiterava sua opinião: “as autoridades não se contentam, em apelar ao civismo, fixando uma cota de consumo que deve ser respeitada por cada província, cada empresa e a cada

---

<sup>393</sup> Idem.

indivíduo”. O *Correio* afirmava também que inspetores de serviços de distribuição de eletricidade são encarregados de fazer os cidadãos respeitarem as cotas e que aqueles que não respeitavam eram “ multados, ficando sem energia elétrica durante três dias” e mais uma vez o periódico afirmava que tal rigor estava atrelado a “queda das importações de petróleo”, que baixaram de 13 milhões em 1992, e pelo fato de que 90% da eletricidade do país é produzida, por falta de outras fontes energéticas, pelas centrais de térmicas, que utilizam petróleo para funcionar”. Por fim, o jornal em tom aparentemente irônico afirmava

Ao contrário de numerosos residentes estrangeiros, alguns cubanos devem mesmo contentar-se em pôr em prática os conselhos da Agência de Informação Nacional (AIN) para fabricar velas “ utilizando um pedaço de tubo com molde e um cordão como mecha<sup>394</sup> .

Nessas três matérias conseguimos entender alguns aspectos representativos. O primeiro deles é sobre a crítica publicada pelo periódico *Correio de Uberlândia*, do jornal oficial Cubano o *Granma*, sobre uma implementação de lei nos Estados Unidos que permitia o sequestro de seus inimigos políticos. A percepção dessa matéria é em relação à tentativa de omissão do periódico sobre o assunto, utilizando somente os destaques sobre o tema feito pelo jornal cubano. Tal posicionamento do *Correio de Uberlândia* ainda irá reascender, quando esse periódico abordar de forma mais sucinta o debate no cenário internacional, no qual os dois países serão temas chave. A segunda, sobre a substituição do filho de Fidel Castro do cargo de secretário executivo parece não ter uma importância para as análises que estamos realizando, entretanto, as notícias que seguem depositadas no periódico nos dizem muito sobre a formatação e as representações que elas fazem surgir. Isso porque, após citar o jornal o *Granma* em uma crítica à corte suprema dos Estados Unidos, o *Correio de Uberlândia* deposita logo abaixo a notícia da mudança de cargo do filho de Fidel Castro, o que demonstra-nos uma reincidência não casual na colocação das notícias nas páginas do jornal, pois temos aqui uma aparente tentativa desse periódico em apresentar ao seu leitor os conflitos externos de Cuba, bem como as crises internas. O jornal deixava claro que os motivos da mudança no cargo do filho de Fidel Castro não foram apresentados, portanto, assinalando – juntamente com a matéria sobre a jurisprudência da corte americana – os intermináveis problemas que a Ilha estava vivenciando.

Nas duas últimas matérias aqui apresentadas, essas questões ficam mais claras.

---

<sup>394</sup> Ibidem, p. 8.

A primeira delas o jornal se propõe a exibir as mudanças que estavam ocorrendo na política interna do país, como as eleições municipais, algo que retornará em outras publicações. Não obstante, nestas que destacamos nota-se uma tentativa do *Correio de Uberlândia* em selecionar as falas de Fidel Castro, todas elas envolvendo diretamente uma oposição ao modelo eleitoral dos Estados Unidos. Ao final, o jornal – sem nenhuma conexão aparente com o assunto – lançava um prognóstico da situação que o país poderia vivenciar o ano seguinte. Logo, ao fim de 1992, o *Correio de Uberlândia* se prontifica em assinalar aos seus leitores que suas proposições estavam corretas, sublinhando os *blecautes* e a falta de abastecimento energético no país. Ainda nessa última matéria o jornal contrapõe o discurso do jornal oficial cubano, o *Granma* sobre o acesso da população à energia com os números por ele apresentados. Inevitavelmente a imagem contraditória alude àqueles que liam a matéria. Por fim, temos o próprio periódico valendo-se dessas contradições, pois o *Correio* não deixa de salientar que “ao contrário de numerosos residentes estrangeiros” a população cubana deveria seguir as diretrizes da Agência Nacional de Informação e utilizar “um pedaço de tubo de com molde e um cordão como mecha” para conseguir sua iluminação.

No início do ano de 1993, o jornal retornaria a publicar sobre as eleições em Cuba. No dia 25 de fevereiro, ele lançava três matérias em uma mesma página sobre o assunto. A primeira delas, intitulada: “Cubanos vão às urnas com chapa única”<sup>395</sup>, o jornal alertava que às “7 h locais (9h de Brasília) de ontem”, havia começado a eleição para renovação da “Assembleia Nacional do Poder Popular em Cuba”. Nessa notícia, O *Correio de Uberlândia*, trazia alguns números, como os dos 589 cargos de deputados nacionais e os 1.190 de delegados de províncias” e destacava que: “para ser eleito, era necessária uma maioria simples, sem contar os votos em branco e os anulados.” A segunda matéria era intitulada: “Eleições decisivas ante o imperialismo”<sup>396</sup>. O jornal noticiava algumas declarações de Fidel Castro, como: “[...] as eleições legislativas e provinciais desta quarta-feira representam uma batalha política decisiva e um teste de força entre nosso povo e o imperialismo”. Após isso, o jornal afirmava que Fidel havia feito essa declaração poucas horas antes do início da votação, onde milhares de pessoas estavam reunidas na esplanada do antigo quartel de Moncada. O *Correio de Uberlândia*

---

<sup>395</sup> CUBANOS vão às urnas com chapa única. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n.16181, 25 fev. 1993, p. 8.

<sup>396</sup> ELEIÇÕES decisivas ante o imperialismo. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n. 16181, 25 fev. 1993, p. 8.

ainda destacava outras falas de Fidel, como: “O atual processo eleitoral iniciado em Cuba constitui um exemplo para o mundo” e em outra ocasião que teria afirmado: “Essas eleições aconteceram sem a menor possibilidade de fraude, tão comum nas chamadas democracias ocidentais”. Por fim, o periódico destacava que o presidente cubano falava decima de um palanque, no qual “foi fixado um imenso cartaz reproduzindo uma cédula de voto, com o lema: “Pátria, Revolução e Socialismo” e que ele teria voltado a pedir aos eleitores para que votassem em “todos os candidatos inscritos pelas organizações de base do regime.” A última matéria, dessa edição no jornal *Correio de Uberlândia*, possui o seguinte título: “Irmã de Fidel critica democracia”<sup>397</sup> Nessa matéria o jornal citava uma declaração completa da irmã de Fidel Castro, Juanita Castro, que segundo o periódico havia se pronunciado na rádio espanhola Cope e declarado:

As eleições cubanas que se realizaram na quarta-feira são uma palhaçada do regime que desgoverna minha pátria. Não entendo o que desejam ganhar com esta farsa eleitoral, adiantou Juanita, lamentando que não teria sido dado o passo necessário para que Cuba volte ao caminho da democracia. As eleições não servirão para nada.<sup>398</sup>

Segundo o jornal sua irmã afirmava ainda que não havia nenhuma relação com Fidel Castro e que pronunciou a seguinte frase: “eu sinto uma grande pena por tudo o que está acontecendo em Cuba e meu irmão é o único responsável”

Nessas publicações do *Correio de Uberlândia* destacamos mais uma vez a estratégia do jornal acerca das disposições das notícias. Ao tratar das eleições em Cuba, aparentemente de forma especulativa, o jornal apresenta duas notícias sobre o tema, no entanto, a última matéria, colocada de forma proposital abaixo das primeiras veiculações demonstra o sentido criado pelo periódico ao abordar o tema. Não seria necessário para o *Correio de Uberlândia* assinalar sua opinião sobre a questão, bastou para ele publicar um pequeno incerto com as declarações da irmã de Fidel Castro, a qual não só critica as eleições na Ilha Caribenha, mas desvaloriza esse evento no país. Afinal como salienta Maria do Rosário Peixoto e Heloísa de Faria Cruz, é preciso nas análises de fontes impressas compreender as “estratégias, intenções e técnicas”<sup>399</sup> na construção gráfica dos periódicos, uma vez, que elas podem revelar: outras dimensões de uma publicação, que em várias situações, são pensadas para construção de um determinado

---

<sup>397</sup> IRMÃ de Fidel critica democracia. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 16181, 25 fev. 1993, p. 8.

<sup>398</sup> Idem, p.8.

<sup>399</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, op. cit, p. 245.



processo social.<sup>400</sup>

## **2.8- As críticas contra Cuba continuam e o antagonismo com os Estados Unidos perdura**

As oposições a Revolução Cubana perduraram em boa parte da década de 1990. Recordamos que as disputas político-ideológicas com os Estados Unidos tampouco diminuíram nesse período, se a acusação dos vencedores de 1959 contra o país norte-americano eram de fazer de Cuba uma “neocolônia”<sup>401</sup>, em 1993, devido as lei Torricelli, o bloqueio econômico contra o país era discutido novamente com ferocidade<sup>402</sup>. Nesse contexto também aconteciam as reuniões da Cúpula Ibero-Americana<sup>onde</sup> Fidel pronunciou novamente pela liberalização do comércio de sua Nação. Ainda nesse período, aparentava crescer movimentos de apoio ou condenação a Fidel Castro, por vezes manifestado em campanhas pacíficas e em outras em montantes radicais. Isso, portanto, seria publicado nas páginas do jornal *Correio de Uberlândia* levando ao seu leitor informações e sem dúvidas a opinião de seus editores sobre o assunto.

No dia 14 de julho de 1993, o periódico da cidade de Uberlândia, publicava uma matéria com o seguinte título: “Comunistas locais estão divididos”<sup>403</sup> Nela, o jornal declarava que: “a presença do presidente de Cuba, Fidel Castro, na III Conferência Ibero-americana, levou a polêmica sobre o regime comunista a *outdoors* e panfletos nas ruas da capital baiana”. Segundo o jornal, o PC do B havia afixado em “pontos estratégicos das principais avenidas seu apoio ao regime cubano – “34 anos de resistência ao imperialismo. O socialismo vive”, todavia, a fundação dos direitos humanos em Cuba, anticastrista: “espalhou panfletos pregando a renúncia de Fidel Castro”. O *Correio de Uberlândia* ainda afirmava que: “a central única dos

---

<sup>400</sup> Idem, p. 246.

<sup>401</sup> A acusação dos rebeldes revolucionários ao imperialismo norte-americano, em virtude principalmente da Emenda Platt, já discutida no capítulo 1, será concretizada principalmente no ano de 1960 com a chamada “primeira declaração de Havana” pronunciada por Fidel Castro em 2 de setembro de 1960, na qual denunciava os Estados Unidos e colocava a Revolução Cubana como perspectiva das grandes lutas de libertação no continente latino-americano. Essa declaração e outros pontos desse inicial conflito podem ser consultados em: GOTT, Richard. op. cit. p, 212.

<sup>402</sup> O conflito em torno do embargo econômico de Cuba iniciado em 1960 de forma parcial e de caráter mais amplo em 1962 e depois ratificado pelas leis Torriceli e Helms- Burton na década de 1990, levou Fidel Castro a sempre pronunciar-se e informar seus cidadãos “criteriosamente acerca dos presidentes dos Estados Unidos”. Uma dessas ocasiões aconteceu em 1990, quando o líder revolucionário cubano em uma palestra para universitários advertia sua plateia sobre as consequências dessas novas imposições econômicas a Ilha pelos Estados Unidos. Cf: PRADO, Giliard. op. cit. p, 104.

<sup>403</sup> COMUNISTAS locais estão divididos. *Correio e Uberlândia*. Uberlândia. n 16.299, 14 jul. 1993, p. 6.

trabalhadores (CUT), ala sindical do PT, do PC d B, do PPS e do PDT, rachou por causa de Cuba”, sendo que uma parte dos membros da CUT apoiaram a instalação de uma faixa pedindo o fim do bloqueio econômico a Cuba, mas outro grupo, liderado pela ala mais moderada do PT e do PP “não aceitou que a entidade patrocinasse a faixa”. A partir disso, o jornal destacava: “prevaleceu o apoio a Fidel Castro e a faixa foi instalada ao longo da Avenida Oceânica, por onde devem passar os participantes da Conferência, que será no Centro de Convenções”. O periódico ainda destacava que em todos os eventos que Fidel Castro participa: “os anticastristas, comandados por Jorge Mas Canosa, sediados principalmente em Miami e Porto Rico, credenciam-se em grande número”, algo que aconteceu da mesma forma na III Conferência Ibero- Americana. Para finalizar o jornal ainda afirmava que:

Os anticastristas mantiveram a tática de atacar em todas as frentes, de forma silenciosa. Antes mesmo de chegarem as equipes de televisão de Cuba, o stand reservado à TV estatal já havia sido inundado por dezenas de panfletos do grupo comandado por Mas Canossa. Ele apresentou um documento com 191 assinaturas de parlamentares da América Latina, da Espanha e do Caribe, com a pregação da renúncia de Fidel Castro.<sup>404</sup>

No mesmo dia dessa matéria, o *Correio de Uberlândia* depositava na mesma página da notícia anterior, o seguinte título: “Bloqueio a Cuba centraliza atenções na III conferência”<sup>405</sup> Nessa, o jornal comentava que III Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado e de governo, teve como pauta central: “o fim do bloqueio econômico a Cuba”. A partir disso o periódico salientava que a “delegação de Cuba pretende, durante a reunião, apresentar pedido de aprovação da resolução condenando o embargo econômico dos Estados Unidos à ilha, um dos últimos redutos do socialismo”. O *Correio* ainda fazia uma prospecção afirmando que: “caso seja apresentado o pedido Cuba pode enfrentar a resistência de países como Argentina, que adotaram uma política externa de alinhamento com os Estados Unidos” e, portanto, poderia: “provocar uma das poucas controvérsias da conferência”. O jornal de Uberlândia ainda comentava outras questões do evento, como “a agenda para o desenvolvimento” e que essa reunião seria uma prévia para reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA)<sup>406</sup>. Ao

---

<sup>404</sup> Idem, p. 6.

<sup>405</sup> BLOQUEIO a Cuba centralizada atenções na III conferência. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n.16299, 14 jul. 1993, p. 6.

<sup>406</sup> A organização dos Estados Americanos (OEA) é uma organização internacional criada em 1948, com sede nos Estados Unidos, onde participam 35 Nações. Segundo o site oficial da organização ela tem como objetivo a integração econômica entre os países participantes bem como uma série de outras pautas. Cabe ressaltar que na conferência dessa organização de 21 a 31 de janeiro de 1962 na cidade de Punta De Este

fim da matéria, o jornal levantava que a maior parte dos chefes de Estado e governos já havia começado chegar à capital baiana e ressaltava: “Pouco antes de Itamar, chegará o presidente do Peru, Alberto Fujimori que, ao lado de Fidel Castro, de Cuba, promete ser uma das estrelas da conferência. ”

O jornal *Correio de Uberlândia*, ainda sobre a conferência Ibero-Americana, no início de 1994, no dia 16 de junho deste ano, em uma notícia intitulada: “O presidente de Cuba pediu em Cartagena o fim do bloqueio econômico contra seu país”<sup>407</sup>. Para tanto, o *Correio* comentava sobre a conferência ibero-americana de Cartagena: “O presidente cubano, Fidel Castro, obteve um triunfo, embora menor do que esperava, na IV reunião de cúpula ibero-americana de Cartagena, que terminou anteontem com um implícito apelo ao levantamento do bloqueio de Cuba”. O jornal destacava os principais momentos da participação do presidente cubano na conferência e continuava:

Na terça-feira, Castro, que terminou convertido em protagonista do encontro, havia criticado energeticamente os outros 20 mandatários ibero-americanos por não se pronunciarem sobre o bloqueio comercial imposto pelos Estados Unidos a seu país. Fez seu firme pronunciamento ao final do primeiro dia do encontro e depois que a maioria dos governantes insistiu na necessidade da democratização de Cuba, uns diretamente como o presidente argentino Carlos Menem, que foi o mais duro crítico de Castro e outros de modo mais diplomático. Ante o cerco em que chegou a encontrar-se, Castro respondeu com uma saraivada de recriminações, assinalando que o surpreendia que ninguém houvesse dito uma só palavra sobre o bloqueio criminoso, injusto e desumano que há mais de trinta anos é imposto a meu país.<sup>408</sup>

Dessa forma continuava: “em meio a surpresa dos mandatários, a sessão terminou com a promessa de que no dia seguinte seria discutido o tema. Segundo o jornal os presidentes debateram a portas fechadas e em uma posterior entrevista coletiva à imprensa, o mandatário colombiano, César Gaviria, havia confirmado a discussão do tema proposto por Cuba. Assim, o periódico destacava que: “ em suas declarações finais, os presidentes recomendaram:

A eliminação, de acordo com os princípios do direito internacional e com as resoluções da ONU, de medidas econômicas e comerciais coercitivas unilaterais que afetem o livre desenvolvimento do comércio internacional e prejudiquem as condições de vida dos povos ibero-americanos.<sup>409</sup>

---

no Uruguai, decidiu-se pela exclusão de Cuba. Cf: PRADO, Giliard. op. cit. p. 132

<sup>407</sup> O PRESIDENTE de Cuba pediu em Cartagena o fim do bloqueio econômico contra seu país. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 16.581. 16 jun. 1994. p. 9.

<sup>408</sup> Idem.

<sup>409</sup> Ibidem, p.9.

O diário, portanto, pontuava que: “a linguagem diplomática” não impedia de detectar a referência ao bloqueio econômico norte-americano contra Cuba, embora não nos termos que Castro talvez desejasse”. Dessa maneira, o *Correio* afirmava que o fato de os 21 mandatários terem assinado um texto rechaçando esse tipo de medidas, representava na: “prática um passo de Castro para seu objetivo de conseguir apoio da comunidade ibero-americana contra o bloqueio, destacaram os analistas. ”

Nessas veiculações do *Correio de Uberlândia* notamos a centralidade a Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo de vários países latino-americanos que acontecem de forma anual desde o ano de 1991.<sup>410</sup> O jornal, por sua vez, repercute as edições dessa reunião no Brasil, que aconteceu em Salvador em 15 e 16 de julho de 1993 e a seguinte em Cartagena, das Índias na Colômbia, que foi realizada 14 e 15 de junho de 1994. Cabe ressaltar que objetivo geral dessas reuniões é a promoção e cooperação para o desenvolvimento entre os países Ibero-americanos <sup>411</sup>, no entanto, o *Correio* em mais nenhuma matéria levantava as outras pautas ou até mesmo apresentava ao seu leitor a finalidade dessas conferências, centralizando dessa maneira a participação de Cuba e as oposições por ela enfrentadas na reunião. Na primeira matéria, o periódico parece voltar-se aos bastidores da reunião, destacando as frentes dos partidos de esquerda no Brasil que eram a favor ou contra a presença de Fidel Castro na reunião. Acreditamos ser importante ressaltar que nessa primeira matéria não foi apresentado nenhuma das pautas da reunião ou a participação de outros países, somente a evidência feita pelo periódico dos desacordos entre os partidos políticos contra Cuba. Seria uma tentativa do jornal em anunciar a queda do apoio a Revolução Cubana, uma vez, que em outras situações o periódico criticava o apoio de grupos e pessoas ao regime cubano? Acreditamos que essas representações podem ser entendidas nesse sentido, sendo que as duas últimas matérias corroboram para nosso entendimento.

Temos nas últimas notícias publicadas pelo *Correio de Uberlândia* com relação a participação de Fidel Castro e sua delegação na conferência Ibero-Americana, um tema em comum: o pedido do governo cubano ao fim do embargo econômico. De início

---

<sup>410</sup> Cabe ressaltar que até o ano de 2018 aconteceram 26 conferências. A citada pelo jornal foi denominada como a III, que aconteceu entre 15 e 16 de julho de 1933 na cidade de Salvador na Bahia. Cf: <[www.segib.or](http://www.segib.or)>. Acesso em: 7 ago. 2019.

<sup>411</sup> Existem ainda outros objetivos levantados no site oficial do grupo para manutenção dessa organização. Encontra-se nesse web site a declaração VI de Cimeira que propunha um cronograma de trabalho e estudos para promoção da comunidade Latino-Americana: Cf: Idem.

é importante perceber que o jornal assegura que a “vitória” de Fidel Castro ao conseguir uma recomendação de outros governos para manutenção dos direitos internacionais para relações comerciais unilaterais, não bastou para os representantes de Cuba, entretanto, o jornal não levanta quais seriam os outros pedidos. Nessas matérias ainda, os antagonismos continuam sendo levantados pelo jornal, todavia, representados pelo governo da Argentina, que seria para o periódico um representante dos ideais norte-americanos. Nota-se também que *Correio de Uberlândia* não se abstém em destacar as críticas feitas por representantes de outras Nações ao regime ditatorial de Cuba. Ressaltamos, contudo, que a centralidade do bloqueio econômico da Ilha, levantada pelo jornal ao publicar sobre a reunião da Conferência Ibero-americana não foi sequer discutida como ela prejudicava economicamente a Ilha, principalmente após o fim da União Soviética, o que nos demonstra os objetivos do *Correio* ao anunciar o tema Cuba. No entanto, o decorrer do ano de 1994 será marcado nas páginas desse jornal pela saída e o exílio dos cubanos, talvez isso seja uma amostragem do periódico as condições do embargo econômico ou seria para o jornal uma especulação das consequências da manutenção do regime por Fidel Castro?

## **2.9- Os exilados cubanos**

Os problemas dos exilados sempre afligiram o governo cubano. A questão, nunca resolvida por completo, iniciou ainda nos anos de 1960, quando os primeiros dissidentes e opositores ao regime liderado por Fidel Castro buscaram abrigo nos Estados Unidos<sup>412</sup>. A década de 1990 continuava a levar muitos cubanos em busca de acesso ao país norte-americano, no entanto, uma característica comum de vários exilados nesse contexto seria a situação econômica da Ilha caribenha, por vezes, sendo uma tentativa de ascensão financeira, pois muitos candidatos ao exílio olhavam para o país vizinho, especialmente em Miami, como uma promessa de vitória de financeira.<sup>413</sup>

O ano de 1994, chamado de “terceiro êxodo” por Richard Gott, tornou-se tão expressivo na história da Revolução Cubana que pela primeira vez tornou-se pauta de agenda política tanto de Cuba como nos Estados Unidos. Para nossa compreensão, compartilhamos as palavras de Richard Gott sobre esse episódio:

---

<sup>412</sup> O primeiro êxodo de cubanos é conhecido como Camarioca, em 1965. Esse se deu principalmente pela adoção do comunismo pela Revolução Cubana. Não obstante, cabe destacar que ainda nesse primeiro episódio de exílio o procedimento era “relativamente simples, embora nem sempre fácil”. Muitos dos pretendentes precisavam de uma passagem aérea, uma autorização do governo cubano e um visto de entrada nos Estados Unidos. Cf: GOTT, Richard. op. cit., p. 242.

<sup>413</sup> Idem, p. 324

Um tumulto no coração de Havana em agosto de 1994 colocou a questão da imigração no topo da agenda. Não foi apenas uma exibição de descontentamento de pessoas que queriam deixar a ilha, foi o primeiro protesto público contra o governo desde os primeiros anos da Revolução. O tumulto teve várias causas. Uma foi o “efeito de demonstração” criado pela fuga de milhares de *boat people* na prolongada crise do Haiti nos primeiros meses de 1994. A outra foi a persistente ambivalência da política de migração exibida tanto pelo governo cubano quanto pelo norte americano. Contudo, a raiz do problema estava na prolongada privação econômica do “período especial”<sup>414</sup>

Essa questão, entretanto, já se destacava no jornal *Correio de Uberlândia* em meados do ano de 1993. Uma coluna, intitulada: “Espaço aberto: exilados cubanos querem discussões com Fidel Castro.”<sup>415</sup>, assinada por Uirapuru Mendes, levantava a problemática nos seguintes termos:

Com o país à beira do colapso total – militares graduados vão trabalhar de bicicleta, estoques ilegais são controlados por quadrilhas do mercado negro, um frango custa US\$ 50, revive-se a Idade do Arado a Boi e do fogão à lenha – Fidel Castro sonha sair da “cumbre” de Salvador com uma declaração para que os Estados Unidos levantem bloqueio econômico, o qual será apontado como fonte dos males de Cuba, depois do naufrágio do parceiro soviético.<sup>416</sup>

O autor prosseguia afirmando que era necessário “ir além desta versão conservadora”, a qual é levantada “consensualmente” pela a “Plataforma Cubana” que segundo ele era “formada por três partidos de exilados cubanos espalhados pelo mundo”, sendo eles o: “Partido Democrata Cristão de Cuba, com representação atuante no Brasil, a União Liberal e a Coordenação Social- Democrata”. Para Uirapuru Mendes existiam também organizações mais radicais que falavam inclusive em “matar e afogar Fidel Castro”, porém o autor afirmava que a plataforma cubana pregava “o diálogo entre cubanos”, o que “implica, antes de discussões sobre o fim do bloqueio, entendimentos do Estado com o grupo de exilados, dissidentes internos e comissões de defesa dos direitos humanos”. Mendes ressaltava que o programa da plataforma cubana incluía prioritariamente a “construção da estrada de retorno à normalidade democrática sem os pedregulhos do revanchismo” e dizia “nenhum comunista vai perder seu apartamento”. O articulista também assegurava que: “o PIB dos exilados era superior ao de Cuba”, portanto, essas discussões levantadas seriam pautas na Cúpula Ibero-Americana, com a

---

<sup>414</sup> Idem, p. 324.

<sup>415</sup> ESPAÇO aberto: exilados cubanos querem discussões com Fidel Castro. **Correio de Uberlândia**. n. 16300, 15 jul. 1993, p. 4.

<sup>416</sup> Idem.

tentativa de “neutralizar o lobby castrense”. Segundo o autor, os representantes Plataforma Cubana, como: Angel del Cerro (presidente de Miami), Marcelino Miyares (Secretário Geral em Nova York) e outros iriam dizer ao presidente cubano, bem como as autoridades brasileiras que: “[...] até se dispõem a batalhar pelo fim do bloqueio, desde que Fidel abra mão de parte do poder”, o que para o autor: “configuraria, neste início da fase de transição, pela restauração do mercado campesino, experiência desenvolvida com êxito de 1980 a 1985 [...]”, o qual: “foi extinto em 1986, quando Fidel percebeu que poderia perder o controle dos cordéis”.

Essa primeira coluna que o *Correio de Uberlândia* abria espaço para apresentar aos seus leitores sua visão e opinião sobre os exilados cubanos, questão que seria a tônica das inúmeras notícias e matérias sobre o tema no decorrer do ano de 1994. Registramos cerca de 9 matérias e notícias abordaram o assunto entre os meses de agosto e setembro nas páginas do jornal. A coluna assinada por Uirapuru Mendes em 1993 apontava, portanto, que o tema iniciado na conferência Ibero-Americana, retornaria com grande destaque no ano seguinte. Sobre essa notícia ainda, percebemos uma perspectiva diferente desse assinante ao tratar da Revolução Cubana em comparação com outras já aqui apresentadas. Uirapuru Mendes, que foi escritor e contribuinte do jornal Machete, no entanto, não sendo possível localizar informações sobre sua vida pessoal ou política, todavia, sendo possível entender a característica distinta de sua publicação. Nela temos certa animosidade por parte do autor, revelada por considerações sobre o extremismo de organizações anticastristas, levando, portanto, o leitor à uma reflexão mais parcial sobre o tema. Apesar disso, ressaltamos que esse tipo de matéria e opinião sobre Cuba é encontrado especialmente somente nessa ocasião. Assim, retomamos as publicações do *Correio de Uberlândia* sobre esses problemas.

Em 13 de agosto de 1994, por exemplo, o *Correio de Uberlândia* noticiava a questão com o seguinte título: “América recusa cubanos.”<sup>417</sup> Nela o jornal comentava que os Estados Unidos: “não modificaram sua política em relação aos imigrantes clandestinos cubanos e não tem a intenção de fazê-lo”, segundo o jornal essa declaração havia sido feita pela porta-voz da Casa Branca, Dee Dee Myers. O periódico ainda acrescentava que a Procuradora Geral (Secretária de Justiça), Janet Reno, havia dito “ontem” que os guarda-costas norte-americanos se reservam ao direito de interceptar

---

<sup>417</sup> AMÉRICA recusa cubanos. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n. 16.632, 13 ago.1994, p.14.

qualquer navio com a bandeira norte-americana se este: “servir para transportar cubanos candidatos ao exílio”. Nesse ínterim, o *Correio de Uberlândia* assegurava que esse fato constituía: “uma mudança da política referente à imigração cubana”, mas que faltava “anunciar claramente essa política.” Ao fim, o periódico afirmava que diante essas circunstâncias: “o presidente Fidel castro convidou os EUA a aceitarem um debate”, entretanto, o caráter do mesmo seria “fim do embargo norte-americano que já dura mais de trinta anos”.

Entre as alegações publicadas pelo jornal em relação os Estados Unidos diante os exilados cubanos, no dia 20 de agosto de 1994, O *Correio de Uberlândia* se propondo em ilustrar a questão escrevia uma notícia intitulada: “Cubanos continuam a fugir de Cuba”<sup>418</sup>, todavia, essa era transcrita inicialmente com uma fotografia:

Figura 8: Cubanos em balsas para fugir.



Fonte: Correio de Uberlândia. 20 ago.1994, p.14.

Na legenda da foto tinha a seguinte frase: “Americanos mudam a política de imigração para evitar a entrada de mais cubanos no país.” Em seguida o jornal dava destaque às tentativas de alguns cubanos ao exílio e afirmava:

A embarcação poderia quase merecer confiança: larga, feita de madeira e até uma aparência de cobertura com um pano estendido para proteger do sol. Sem esquecer do motor. Juan preparou-se

---

<sup>418</sup> CUBANOS continuam a fugir de Cuba. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n.16.638.20 ago. 1994, p. 14.



durante cinco dias para partir de Cuba e estava pronto ontem à tarde para zarpar, com 16 pessoas a bordo, da praia de Guanabo. 35 km a leste de Havana. Mas Juan não foi muito longe. O motor, retirado de uma moto soviética de 750 cc, parou de funcionar a algumas centenas de metros da margem. Em um dos lados da embarcação, estava escrita a frase “sangue, suor e lágrimas” e no outro “mas feliz”. No mar, eram vistas balsas por todo lado. E parecem cada vez de maior tamanho, podendo abrigar cada vez mais candidatos ao exílio. Mas observando-as de perto, percebe-se que continuam sendo rudimentares, apesar da engenhosidade dos “balseiros”.<sup>419</sup>

O *Correio de Uberlândia* continuava apresentando características dessas embarcações e suas precariedades, no entanto, afirmava: “claro que as partidas de *boat-people* em vez de diminuir, como esperavam as autoridades norte-americanas, estão aumentando” e discorria sobre situações, como a da estrada de Havana, que segundo o jornal poderiam ser vistas “embarcações transportadas em caminhões lotados de passageiros ou em velhos automóveis do tipo Buick”. O *Correio* ainda afirmava que “a nova advertência dos Estados Unidos aos *boat-people* de que poderiam permanecer por tempo indefinido na base norte-americana de Guantánamo” não assustava os imigrantes. Para corroborar com sua afirmação o periódico replicava algumas possíveis declarações de passageiros, como: “prefiro ficar 50 anos em Guantánamo do que mais um dia aqui” e outro ainda teria dito: “Aqui não há futuro, não há nada”. Temos nessa matéria uma série de declarações desses candidatos ao exílio, que segundo o jornal além de criticar a situação da Ilha, demonstravam uma emotividade, porém contida. O periódico também afirmava que: “alguns do que partem afirmam ser médicos ou engenheiros”, os quais não podiam mais “suportar as condições de vida da ilha” e mencionavam uma crítica aberta ao regime comunista. Nessa mesma matéria e em outro tópico intitulado: “recolhidos no mar” o *Correio de Uberlândia* apontava que havia um “número recorde de 2.548 refugiados cubanos”, sendo que “foram recolhidos no mar segunda-feira pelas autoridades norte-americanas”. Por fim, o periódico assinalava que esses números seriam o mais altos depois do êxodo de Mariel<sup>420</sup>.

No dia 24 de agosto de 1994, o jornal *Correio de Uberlândia* publicava novamente uma fotografia dos exilados cubanos com o seguinte título: “Cubanos continuam a fugir”<sup>421</sup>

---

<sup>419</sup> Ibidem, p.14.

<sup>420</sup> O chamado êxodo de Mariel aconteceu entre abril e outubro de 1980, quando cerca de 130 mil cubanos partiram da cidade industrial a oeste de Havana, Mariel, pretendendo principalmente chegar ao estado da Flórida nos Estados Unidos. Cf: GOTT, Richard. op. cit. p, 300.

<sup>421</sup> CUBANOS continuam a fugir. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n. 16.642, 24 ago. 1994, p, 14.

Figura 9- Cubanos em manutenção de uma embarcação com objetivo de exilarem para os Estados Unidos.



Fonte: Correio de Uberlândia, 24 de agosto de 1994.

Dessa forma, o jornal afirmava que: “mais de 401 refugiados cubanos chegaram ontem na costa da Flórida segundo revelou a guarda-costas norte-americana assinalando que foi mantido o “elevado ritmo de refugiados” registrado quarta-feira.” O periódico continuava destacando que: “na jornada de ontem, a guarda costas recolheu 547 pessoas no mar, a maioria procedentes de Cuba na maior “onda” de refugiados cubanos desde de 1990, quando ocorreu o êxodo de Mariel. O relato ainda continuava, com o jornal afirmando que “na semana passada, chegaram aos Estados Unidos mais de 1.900 cubanos que lançaram ao mar a bordo de embarcações rudimentares na tentativa de chegar a Flórida”. Em outro tópico intitulado: “EUA mudam política” o jornal destacava que: “Os Estados Unidos puseram fim ontem a 28 anos da política para com os refugiados cubanos, ao decidir que a partir de agora não levará para território norte-americano os cubanos interceptados no mar.”

Após a veiculação dessas notícias, o *Correio de Uberlândia* continuava a publicar em suas páginas a situação dos refugiados cubanos, no entanto, o carácter das publicações e matérias sobre o tema abarcavam agora a posição dos governos, tanto o norte-americano, da Ilha caribenha. Em 25 de agosto de 1994, por exemplo, o jornal repercutia uma notícia com o título de: “Cubanos preocupam Clinton”<sup>422</sup>. O periódico assegurava que o presidente norte-americano Bill Clinton, teria analisado a situação dos

<sup>422</sup> CUBANOS preocupam Clinton. Correio de Uberlândia. Uberlândia. n.16.643, 25 ago. 1994. p. 14.

refugiados cubanos, juntamente com seus assessores de segurança nacional e relações exteriores. Assim, o *Correio* afirmava:

[...] durante cerca de uma hora, Clinton analisou com seus assessores o problema migratório e examinou diversas opções e medidas de emergência de que dispõe para enfrentar o dilúvio de refugiados cubanos, revelou a porta-voz da casa Branca, Dee Dee Myers, precisando que entre as medidas de urgência está o reforço das pressões sobre Havana.<sup>423</sup>

Então, sem citar nenhuma declaração oficial do governo norte-americano, o *Correio* afirmava: “Os Estados Unidos farão todo possível para garantir a vida dos refugiados cubanos e para que os imigrantes interceptados no mar tenham toda proteção possível”. Em outro tópico dessa mesma notícia, intitulado “cresce a fuga”, o jornal realizava a seguinte declaração:

[...] o crescimento do número de refugiados cubanos à deriva na costa da Flórida está provocando um crescente “inquietação” em Washington, que já procura países que possam acolher estes refugiados, que estão sendo instalados temporariamente na base norte-americana de Guantánamo, sudeste de Cuba.<sup>424</sup>

Segundo o jornal, “caso permaneça o ritmo atual de refugiados cubanos, em breve a capacidade da base de Guantánamo, que já abriga 14 mil refugiados haitianos, ficará saturada.” Segundo o jornal, Myers destacou que estava próxima a assinatura de acordos com terceiros países para onde poderiam ser lavados os refugiados cubanos por tempo indeterminado e que Washington também poderia aumentar as instalações em Guantánamo para poder abrigar mais refugiados ou enviar os haitianos para outros países, abrindo mais espaço para os cubanos.

Nessa mesma perspectiva, o jornal publicava em 26 de agosto de 1994, uma matéria intitulada: “Clinton não negocia com Cuba”<sup>425</sup>, no qual destacava uma tentativa do governo cubano em negociar o fim do embargo econômico para solucionar o problema dos refugiados, todavia, o periódico assegurava que: “A casa Branca rechaçou ontem a ideia de negociações de alto nível com Cuba, afirmando que Fidel Castro sabe o que deve fazer para obter a suspensão do embargo”. O *Correio de Uberlândia* também afirmava que o presidente Fidel Castro: “havia indicado implicitamente ontem que não fará nada para impedir o êxodo em massa dos “balseiros” cubanos para os

---

<sup>423</sup> Idem.

<sup>424</sup> Idem.

<sup>425</sup> CLINTON não negocia com Cuba. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n 16 650, 26 ago. 1994, p. 14.

Estados Unidos”. Para finalizar o periódico destaca algumas declarações, como por exemplo a de Dee Dee Myers, porta voz do presidente Bill Clinton, que endossava a posição do governo.

Levantando ainda a temática e numa espécie de informação continuada, o jornal trazia em 28 de agosto de 1994, uma matéria com o título de: “Cubanos preocupam EUA”<sup>426</sup>. Nessa, o periódico prosseguia abordando a relação entre Cuba e Estados Unidos diante o grande número de refugiados. Para isso, o *Correio* declarava: “impotente em impedir o grande fluxo de refugiados cubanos, a Casa Branca reduziu as negociações optando pela firmeza em relação a Fidel Castro, afastando a perspectiva de uma solução rápida”. O jornal levantava novamente um panorama da situação, destacando que mais 12 mil: “balseiros foram interceptados em menos de seis dias, sendo que três mil nos últimos dias transformando em um problema insolúvel.” Finalizando o periódico destaca que: “Clinton disse novamente que não deixará que Cuba dite a política migratória norte-americana”.

Apresentando o desfecho desse episódio, o jornal *Correio de Uberlândia* discorria em 2 de setembro de 1994 a matéria intitulada: “Cuba negocia com Clinton”<sup>427</sup>, na qual afirmava que um acordo entre Estados Unidos e a Ilha caribenha estavam encaminhados, sendo que: “o objetivo era o “desincentivo a imigração ilegal e incrementar a legal”. Para isso acontecer, segundo o jornal “Cuba deve impedir a emigração clandestina em troca de maiores possibilidades de imigração legal aos Estados Unidos”. A partir disso, o jornal levantava outros termos desse possível acordo, como a política do governo cubano para flexibilizar a saída de seus cidadãos e os Estados Unidos com facilitação de liberação de vistos de imigração para cubanos.

Dentre essas notícias e matérias sobre o assunto, o jornal *Correio de Uberlândia* ainda publicaria no mês de setembro mais dois textos, como: “Cubanos em greve forçam saída”<sup>428</sup> e “A cada dia mais refugiados procuram deixar a Ilha”<sup>429</sup>, todavia, ambas possuíam o mesmo caráter representativo acerca do exílio dos cubanos para os Estados Unidos. Dessa forma, portanto, as matérias até aqui apresentadas merecem alguns apontamentos.

Desde a primeira notícia levantada pelo periódico *Correio de Uberlândia* no ano

---

<sup>426</sup> CUBANOS preocupam EUA. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n. 16.6446, 28 ago. 1994, p. 14

<sup>427</sup> CUBA negocia com Clinton. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n. 16650, 2 set. 1994, p. 14.

<sup>428</sup> CUBANOS em greve forçam saída. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 16651, 3 set. 1994, p. 14

<sup>429</sup> A CADA dia mais refugiados procuram deixar a Ilha. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 16651, 3 set. 1994, p. 14.

de 1994 sobre os refugiados cubanos – “América recusa cubanos” –, nota-se mais do que o exercício desse jornal em publicar sobre os últimos acontecimentos em Cuba, destacando, sobretudo, a presença do antagonismo entre as duas Nações ideológica e politicamente diferentes. As notícias seguintes possuem um alto valor simbólico, uma vez, que elas apresentam imagens que ajudam a construir as apresentações e argumentos tecidos pelo jornal acerca do tema. Na notícia intitulada: “Cubanos continuam a fugir de Cuba”, por exemplo, temos uma fotografia – sem nenhuma menção de quem ou quando a tirou – que parece tentar mostrar a “realidade” da situação dos candidatos ao exílio da Ilha caribenha, um barco ou uma balsa repleta de pessoas e totalmente precária para seu objetivo: sair de Cuba. No decorrer dessa notícia, o *Correio* pontua novamente o conflito entre Estados Unidos e Cuba em torno da questão. No entanto, notamos as declarações “colhidas” pelo jornal – mais uma vez sem mencionar como ou quando as conseguiu – dos refugiados. Nelas fica evidente uma característica: o descontentamento dos fugitivos e até mesmo uma emotividade, pois o periódico ressalta as condições das embarcações e o trabalho árduo de seus construtores que preferiam sofrer os perigos em alto mar, ao permanecer em Cuba. Recordamos nesse sentido, que as representações “tornam visíveis a realidade representada e, portanto, sugerem a presença”<sup>430</sup>, ou seja, não seria obviamente um evento ocasional do *Correio de Uberlândia* em elucidar suas argumentações através do uso de imagens. Elas, juntamente com o texto em seguida, criam não somente uma estimativa da realidade cubana, mas configuram-se em uma demonstração da própria “verdade”, que o periódico procura assinalar.

Na notícia seguinte, intitulada: “Cubanos continuam a fugir”, temos novamente a utilização de uma fotografia e a recorrência de desinformações sobre o autor, a data e local que a fotografia foi realizada. Nela, porém, observam-se, alguns homens, alguns a bordo da embarcação e outros aparentemente realizando reparos para viagem em alto mar com destino ao litoral norte-americano. Temos agora uma tentativa do *Correio de Uberlândia* em estabelecer semelhanças com episódio de Mariel, quando entre abril e outubro de 1980 cerca de 30 mil cubanos partiram do porto de Mariel, a oeste de Havana, com destino à Flórida.<sup>431</sup> É interessante ressaltar que isso demonstra-nos um determinado conhecimento e até mesmo interesse dos editores desse jornal na história da Revolução Cubana, levando aos seus leitores ocorrências históricas da Revolução.

---

<sup>430</sup>GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: \_\_\_\_\_. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras. 2001, p. 92.

<sup>431</sup>Cf: GOTT, Richar. op. cit, p. 300.

Não obstante, os números apresentados aos leitores do jornal podem ajudar na imagem do país caribenho, o qual até mesmo seus cidadãos procuram fugir das condições impostas pelo regime.

As últimas notícias e matérias aqui destacadas retomam os conflitos entre os governos cubano e norte-americano, entretanto, em torno da questão dos refugiados. Percebemos, portanto, que para o jornal *Correio de Uberlândia* havia uma certa empatia por parte do governo estadunidense em relação aos imigrantes cubanos, mesmo diante seu endurecimento com as políticas migratórias. Isso porque é apresentado nessas publicações um destaque a insistência do governo cubano em relação ao embargo econômico imposto pelos Estados Unidos. Somado a isso temos a citação pelo jornal de determinadas declarações de Fidel Castro, como: “não fará nada para impedir o êxodo em massa dos ‘balseiros’”, deste modo, uma forma de argumentar sobre a dureza do dirigente cubano ou até mesmo sobre a gravidade da crise econômica em Cuba. Na última matéria sobre o tema levantada nesse tópico, temos uma espécie de desfecho desse conflito, ficando claro que o problema centrava principalmente no governo cubano. Por fim, entendemos que essas representações evidenciam cada vez mais a preocupação e o protagonismo da Revolução Cubana nas páginas do *Correio de Uberlândia*, que aparentemente parecia demonstrar uma contínua expectativa sobre o fim do socialismo no país. Talvez os prognósticos levados de forma recorrente nas publicações pelo jornal sobre esse tema, apresentando os desastres econômicos e sociais na Ilha confirmem essa posição.

## **2.10- Cuba se abre ao capitalismo?**

Em meados do ano de 1994, Cuba adquiriria uma nova conjunta econômica. Longe de retomar os tempos áureos das décadas de 1960 e 1970, quando detinha grande subsídio da União Soviética, o país desde 1989 procurou o reatamento de relações econômicas com o mundo capitalista<sup>432</sup>. Entre momentos de grande turbulência e amostragens práticas de um colapso econômico em 1990, a Ilha caribenha, através do turismo, conseguia em 1994 renegociar parte de sua dívida externa<sup>433</sup> e realizar a

---

<sup>432</sup>Carlos Cesar Alemendra afirma que, desde 1986, Cuba iniciava uma política da retificação. Entre as medidas dessa nova política cubana, especialmente criadas a partir das resoluções do III Congresso do PCC (Partido Comunista Cubano), estavam o rompimento com o paternalismo russo e uma maior independência em relação ao comércio com Leste europeu. Cf: ALMENDRA, Carlos Cesar. In: Osvaldo Coggiola (org). op. cit. p. 135.

<sup>433</sup>Alemendra afirma que, em 1994, parte da dívida externa de cubana foi renegociada, havendo inclusive o desbloqueio de créditos e recebimento de investimentos estrangeiros. Isso tudo atrelado ao setor do turismo. Para se ter uma ideia, anualmente em Cuba circulam cerca de um milhão de turistas por ano. Cf:

contenção do surto inflacionário.<sup>434</sup> A importância dessas novas relações econômicas de Cuba e sua notável abertura econômica é comentada por Carlos Cesar Almendra, nos seguintes termos:

Cuba jamais esteve inteiramente isolada do mundo capitalista e mesmo com o bloqueio dos Estados Unidos e sua reconhecida influência, foi impossível impedir que outros países mantivessem relações comerciais com a ilha. Não é à toa que influentes jornais ianques como *The New York Times* e *Washington Post* reclamam em seus editoriais que, diante do processo de abertura da economia cubana, é inconcebível que o governo dos Estados Unidos mantenham ainda o embargo, dando margem à penetração de capitais de outros países.<sup>435</sup>

Não pretendemos apresentar em cifras ou gráficos essa discussão econômica e as mudanças ocorridas em Cuba diante esses novos paradigmas econômicos, entretanto, poderemos visualizar como o jornal *Correio de Uberlândia* entendia e apresentava aos seus leitores essa situação.

Em 8 de outubro de 1994, o jornal *Correio de Uberlândia* lançava em suas páginas uma matéria intitulada: “Cuba caminha para capitalismo”<sup>436</sup>. Ela iniciava com a seguinte afirmação:

Em busca de investimentos estrangeiros, a fim de reativar uma economia moribunda, Cuba conseguiu nos últimos meses um indiscutível êxito com a criação de grandes empresas mistas, particularmente com associados de México e Canadá e depois também da Austrália nos setores de petróleo e mineração.<sup>437</sup>

O jornal continuava destacando que o anúncio de tais investimentos havia sido feito oficialmente pelo governo cubano no início da semana e nesse pronunciamento também foi destacado a criação de “*joint-venture* entre a empresa cubana *Caribbean Nickel* e uma das grandes firmas mineiras australianas, a *Westem Mining Corporation*”. O *Correio* ainda destacava o investimento por parte da empresa australiana, de 500 milhões de dólares, para a “exploração de uma mina de 200 mil toneladas de níquel na

---

idem, p. 140.

<sup>434</sup>O surto inflacionário cubano foi contido, sobretudo, em virtude das novas medidas de mercado na Ilha, notadamente com a criação das *joint-ventures*, empresas privadas e com capital estrangeiro que tinham a possibilidade de se instalar na Ilha, porém, com a responsabilidade do governo cubano de escolher e realizar a contratação de seus funcionários. Outro detalhe importante é sobre a forma de pagamento dessas empresas, que repassariam os dividendos ao governo e este estaria designado a converter o dólar em pesos cubanos. Essas questões ainda podem ser entendidas através de gráficos e números, os quais ajudam-nos a compreender de forma mais completa essa nova fase da economia de Cuba. Cf: idem, p. 150.

<sup>435</sup> Idem, p. 140.

<sup>436</sup> CUBA caminha para o capitalismo. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. n 16.720, 8 out. 1994, p. 14.

<sup>437</sup> Idem.

província de Holguín”. O periódico ainda discorria sobre o setor energético do país, que ganharia investimento de uma empresa canadense, a Canadian North West que investiria no setor mais de “200 milhões de dólares na exploração da refinaria de Cienfuegos”. Assim, essa matéria terminava com uma série de informações financeiras e os possíveis retornos às empresas investidoras na economia cubana.

A última matéria sobre Cuba no *Correio de Uberlândia* em 1994 continuava abordar o assunto da abertura da econômica cubana, entretanto, ressaltava novamente as discussões em torno dos refugiados. Com o título de: “Cuba e EUA já procuram diálogo”<sup>438</sup>, o jornal assegurava que os acordos entre Cuba e Estados Unidos “prosseguiram ontem em Havana sobre os problemas da migração”. Além disso, o periódico afirmava que nessa reunião entre os dois países também era assunto de discussão: “o embargo econômico comercial e financeiro mantido pelos Estados Unidos” já duravam 32 anos. Por fim, o jornal comentava sobre os pontos de discussão desse acordo, principalmente sobre imigração e o embargo econômico, assinalando uma possível mudança que estava ocorrendo na Ilha.

Quando iniciamos esse capítulo, propomos em sua titulação dois termos: esperança ou expectativa. Esses dois substantivos remetem a sentimentos distintos, a esperança, por exemplo, pode ser entendida como alento, já expectativa como anseios por um devir diferente. Esses sentimentos, portanto, podem ser percebidos desde as primeiras representações dos jornais acerca da Revolução Cubana, no ano de 1989, até as considerações do *Correio de Uberlândia* quando assinalava as mudanças econômicas em Cuba. Tivemos inúmeros momentos em que o *Correio de Uberlândia* parecia depositar uma esperança na queda iminente do regime. Ao contrário do jornal *O Triângulo*, que deixava de comentar sobre Cuba, talvez diante a frustração pela permanência de Castro e do socialismo na Ilha. Esses dois últimos textos do *Correio de Uberlândia* mostram mais uma vez a preocupação do periódico em destacar a situação interna e as relações externas do governo dirigente cubano. Temos aqui mais do que pontuações sobre a abertura ao capitalismo em Cuba, assinalada pelo jornal, mas uma verdadeira esperança desse periódico ao rumo que poderia vir a acontecer na Ilha Caribenha.

Entre essas representações, imagens e símbolos construídos por esses

---

<sup>438</sup> CUBA e EUA já procuram diálogo. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. n 16.725, 26 out. 1994, p. 14.



periódicos acerca da Revolução Cubana entendemos a potencialidade que esses textos podem ter no entendimento daqueles que os liam. Como já assinalamos, as representações “envolvem processos de percepção, interpretação e identificação de si e dos outros”<sup>439</sup> Elas também: “expressam os interesses, concorrençiais e competições dos grupos sociais”<sup>440</sup> e, por fim, guiam os modos “de nomear e definir os aspectos da realidade”<sup>441</sup>. Dessa forma, contudo, ressaltamos que todas as publicações aqui levantadas compreendem os interesses dos grupos editoriais dos jornais analisados, bem como uma visão particular da realidade da Revolução Cubana, portanto, criando e guiando os leitores desses textos a aspectos pontuais e escolhidos pelos jornais sobre Cuba.

Ainda nessa dissertação queremos realizar um exercício comparativo, mesmo em temporalidades e contextos diferentes, pois a força dos jornais da região do Triângulo Mineiro comparadas a outros veículos de comunicação de grande expressão nacional sobre a Revolução Cubana nos dá a dimensão da maneira como a experiência revolucionária cubana foi interpretada e levada por esses órgãos da imprensa em grande parte do século XX.

---

<sup>439</sup>CHARTIER, Roger, apud PRADO, Giliard, op. cit., p, 11

<sup>440</sup>Idem.

<sup>441</sup>Idem.

### **Capítulo III**

**Entre representações e silenciamentos: Uma análise comparativa dos jornais  
*Correio do Triângulo, Correio de Uberlândia, Folha de Ituiutaba, O Repórter e O  
Triângulo* sobre a experiência revolucionária cubana.**

### 3.1- O histórico dos trabalhos sobre imprensa no Brasil e Triângulo Mineiro

Nas análises que realizamos, encontramos uma série de fundamentos que demonstram a importância da imprensa na construção de representações sobre a realidade. Nosso trabalho se insere nesse prognóstico historiográfico de alargamento de discussões que procuram utilizar a imprensa como fonte histórica, afinal, como aponta Tânia Regina de Luca, até a década de 1970: “era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte de conhecimento da história do Brasil”<sup>442</sup>. Os descolamentos de ordem estrutural na ciência histórica, especialmente com a terceira geração dos Annales<sup>443</sup>, levaram os historiadores a olhar com pertinência para outros campos de pesquisa, considerando, portanto, “novos objetos, problemas e abordagens”<sup>444</sup>.

Não obstante, nesse contexto atual, o uso da imprensa como material de investigação histórico está cada vez mais generalizado<sup>445</sup> e sem contestações, mostram que a perspectiva de tempos anteriores na historiografia, quando a imprensa era considerada como fonte suspeita “pois apresentava problemas de credibilidade” deu espaço para uma nova conjuntura, a qual a partir dela pode-se realizar uma problematização que visa compreender as subjetividades e intencionalidades de seus autores.<sup>446</sup>

A análise histórica por meio da imprensa tem levado a amplas descobertas, apresentando várias diretrizes e metodologias para entendimento desse objeto. Temos, por exemplo, investigações de revistas, imagens e publicidades na imprensa que teve como desafio a distinção e conceituação desses gêneros demonstrando a natureza particular de cada um e uma metodologia distinta nas análises desses materiais.<sup>447</sup> Outro movimento dos exames históricos utilizando a imprensa foi sua relação com a literatura.

---

<sup>442</sup>LUCA, Tania R., op. cit., p. 111.

<sup>443</sup>A terceira geração dos Annales é composta por historiadores como François Furet, Georges Duby, Jacques Le Goff, Jacques Revel, Michèle Perrot, Mona Ozouf e Pierre Nora. Cf: REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2002.

<sup>444</sup> Idem, p. 111.

<sup>445</sup>Esses apontamentos são feitos por Tânia Regina de Luca ao afirmar que a: “a prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX.” Cf: idem, p. 112.

<sup>446</sup> Idem, p. 113.

<sup>447</sup>Os exemplos de trabalhos nesse sentido, temos: MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1980-1922). Edusp/ Fapesp/Imprensa Oficial do Estado., 2001; MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d' Água/ Fapesp, 2001; PADILHA, Marcia Lolito. **A cidade como espetáculo e vida Urbana na São Paulo dos anos 20**. São Paulo: Annablume. 2011. Todos eles citados e analisados por LUCA, Tania R., op. cit., pp. 121-123.

Esse tipo de investigação que demonstrou a necessidade de compreensão das tiragens, distribuição, publicidade e a produção propriamente dita desses documentos<sup>448</sup> que explanava entre outras coisas a “relação dos homens brasileiros com as letras”<sup>449</sup>. Por último, consideramos de suma importância o estudo realizado sobre a imprensa e sua relação com a política e a censura, análises que registraram os embates políticos, as posições dos editores de jornais e as disputas por poder de grupos jornalísticos<sup>450</sup>

Poderíamos citar ainda uma série de outros percursos históricos que fizeram da imprensa um objeto digno e grande importância para análise de contextos, sujeitos e representações, porém, é importante realizarmos algumas observações sobre a imprensa do Triângulo Mineiro, fruto de nossa investigação e considerações.

Para isso, propomos algumas breves observações de trabalhos e dissertações que elegeam a imprensa do Triângulo Mineiro, especialmente os jornais da cidade de Ituiutaba e Uberlândia como fonte de análise, o que demonstra a significância desses meios de comunicação para região. Cabe ressaltar, que muitos artigos e resenhas não serão contemplados nessa exposição, o que se deve a nossa escolha, que privilegiou uma cronologia, bem como a originalidade dos temas de pesquisa. Ressaltamos ainda que alguns desses trabalhos já foram citados em nossa dissertação, porém, sem um critério de análise de suas contribuições.

Nesse sentido, o primeiro trabalho que temos conhecimento sobre esse tipo de pesquisa, elegendo a imprensa do Triângulo Mineiro, é a dissertação de Regma Maria dos Santos, intitulada: “Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963)”<sup>451</sup> e defendido em 1993 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesse trabalho, a autora realizou uma ampla pesquisa dos meios de

---

<sup>448</sup>Dentro dessa perspectiva encontram-se os trabalhos de: SEVCENKO, NICOLAU. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na 1 República**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989; SUSSENKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: companhia das Letras, 1987; VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Todos eles citados e analisados por LUCA, Tania R., op. cit., pp. 123-125.

<sup>449</sup> Idem, p. 124.

<sup>450</sup>Sobre essa temática, recordamos os trabalhos de: MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro/Campinas. Revan/Unicamp, 1998; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)** São Paulo: Perspectiva/Fapespp, 2002 e GOMES, Ângela de castro. **História e historiadores: a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999. Todos eles citados e analisados por LUCA, Tania R., op. cit., pp.128-129.

<sup>451</sup> Santos, Regma Maria dos. “**Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963)**”. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

comunicação da cidade de Uberlândia no período disposto em seu título. Seu trabalho mostra os amplos embates políticos na cidade de Uberlândia e a relação e influência direta dos diversos grupos de comunicação da cidade em um período eleitoral do município. Dentre os múltiplos aspectos importantes em sua pesquisa, um dos que nos chamaram atenção, foram suas investigações para além dos materiais pesquisados, buscando em outras fontes a filiação, aproximação e até mesmo o controle de entidades políticas nos meios de comunicação, trabalho que nos confirma mais uma vez a inexistência de um discurso de imparcialidade<sup>452</sup> desses órgãos da imprensa uberlandense.

Outro trabalho que segue nesse sentido é do pesquisador Fábio Piva Pacheco, que defendeu uma dissertação na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2001 com o título: “Mídia e Poder: representações simbólicas do autoritarismo na política de Uberlândia – 1960/1990”<sup>453</sup>. Em um recorte temporal posterior a do trabalho de Regma, esse pesquisador procurou assinalar como a mídia uberlandense havia se tornado um “instrumento de produção de imaginários políticos no mundo contemporâneo”<sup>454</sup>. Seguindo essa lógica, Fábio Piva Pacheco analisou o mercado e a produção dos agentes midiáticos da cidade de Uberlândia, bem como os diversos recursos de marketing e técnicas de publicidade que faziam desses órgãos de comunicação grandes promotores de seus produtos. Atrelado a isso, o autor conseguiu realizar uma amostragem das ligações políticas desses meios de comunicação, os quais para ele eram, sobretudo, um produto político e construtores de um imaginário na população dessa cidade.

Ainda sobre a imprensa da cidade de Uberlândia, o trabalho de Orlanda Rodrigues Fernandes, apresentando em 2008, para obtenção do título de mestre na Universidade Federal de Uberlândia, centralizou sua pesquisa no jornal *Correio de Uberlândia*. Com o título: “Uberlândia imprensa: a década de 1960 nas páginas dos

---

<sup>452</sup>A nossa referência quanto a inexistência de imparcialidade na imprensa é entendida a partir dos apontamentos de Ana Paula Ribeiro que nos apresenta como o jornalismo político-literário foi sendo substituído por um jornalismo empresarial, o qual “privilegiava a informação (transmitida “objetiva” e “imparcialmente” na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião.” Isso para autora, criava um material mais vendável ao público consumidor e consequentemente atingia os objetivos dos grupos detentores do veículo jornalístico, portanto, mesmo existindo a opinião e posição do jornal sobre diversos assuntos, a estratégia de vários desses veículos de informação era exatamente construir uma posição denominada “neutra”. Cf: RIBEIRO, Ana Paula G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003.

<sup>453</sup> PACHECO, Fábio. P. op. cit.

<sup>454</sup> Idem, p. 10.

jornais”<sup>455</sup> a autora problematizou a “luta por hegemonia” do jornal *Correio de Uberlândia*, no ano de 1960, em relação a outros veículos impressos da cidade. Nesse trabalho, Fernandes, além de assegurar a importância desse jornal como influente social da cidade, revelou as relações e o posicionamento do periódico em relação ao regime militar. Para ela, o comprometimento do jornal, na pessoa de seus produtores e proprietários, com o regime ditatorial brasileiro, fez desse veículo de comunicação um protagonista na imprensa de Uberlândia na década de 1960. Já sobre a imprensa da cidade de Ituiutaba temos o trabalho de Caio Vinicius de Carvalho Ferreira, apresentado como monografia na Universidade Federal de Uberlândia/ Campus Pontal. Seu trabalho, intitulado: “Memórias da Repressão: O golpe civil-militar em Ituiutaba – Mg (1964)”<sup>456</sup>, procurou desvendar os sujeitos promotores do regime militar no Brasil no ano de 1964 e na cidade de Ituiutaba, entretanto, esse pesquisador apresentou as fortes relações dos membros do jornal *Folha de Ituiutaba* com o partido PTB, situação que levou seu proprietário e editor chefe a prisão no DOPS no período citado. É interessante, nesse trabalho de Ferreira, o destaque que é feito a criação e importância desse periódico na cidade de Ituiutaba, isso inclusive consta em sua monografia ser um dos motivos do fechamento desse jornal pela a polícia política de 1964, que via o *Folha de Ituiutaba* um perigoso influenciador de ideias trabalhistas.

Por ultimo, destacamos o trabalho de monografia de Bruno Taumaturgo Bandeira, intitulado: “Imprensa e História: O jornal Correio do Triângulo, Ituiutaba/MG, 1959”<sup>457</sup>, apresentado no ano de 2015. Nele, o autor realizou uma pesquisa no primeiro período de circulação desse jornal, no ano de 1959, a qual teve como principal tarefa analisar seu projeto gráfico, editorial e político. A monografia de Bruno Taumaturgo também é de grande importância para uma compreensão mais ampla desses jornais do Triângulo Mineiro, pois sua pesquisa avaliou a constituição do grupo editorial do jornal *Correio do Triângulo* como um forte instrumento de sua manutenção. Nesse sentido, Bandeira demonstrou a participação consistente de seus colaboradores na política local e as alianças desses sujeitos com grupos empresariais e latifundiários, que foram preponderantes sustentação financeira desse periódico. Assim, o autor, evidenciou a importância da publicidade nesses jornais de pequena expressão, que para além de ser o sustentáculo e sua manutenção financeira, revelavam os grupos e sujeitos

---

<sup>455</sup> FERNANDES, Orlanda R. op. cit.

<sup>456</sup> FERREIRA, Caio Vinicius de Carvalho. op. cit.

<sup>457</sup> BANDEIRA, Bruno Taumaturgo. op. cit.

que viam a imprensa como um componente fundamental para propagação de seus ideais políticos.

De forma breve, acreditamos ter apresentado a relevância da imprensa do Triângulo Mineiro e ainda de forma geral do Brasil para um estudo histórico relevante. Não temos dúvida que a compreensão histórica da imprensa nos ajuda a entender a forma de sua constituição e poder de sua recepção a partir de seus textos e iconografias. Nesse sentido, concordamos com Heloísa Bezerra Dias ao afirmar que:

As estratégias narrativas utilizadas na composição das estórias, ou seja, na transformação dos eventos em notícias, fragmenta a informação e legitima uma única fração da realidade, tornando-a, desse modo, a verdade dos fatos. Essa notícia fragmentária representa a realidade, configura o verdadeiro real e, assim, ao descrever e interpretar o cotidiano desconhecido legitima imagens dominantes e contribui para a composição do cotidiano privado do indivíduo.<sup>458</sup>

Assim, as matérias que selecionamos e apresentamos ajudam-nos a entender a força crescente da imprensa no Brasil e na região do Triângulo Mineiro. Para tanto, consideramos que as análises feitas até o momento refletem as interpretações e o processo histórico particular de cada jornal dessa região, portanto, as imagens e representações sobre Revolução Cubana são diversas.

Dessa maneira, gostaríamos de discorrer nesse último capítulo uma importante singularidade da relação com os periódicos do Triângulo Mineiro e a Revolução Cubana. Faremos aqui uma análise única de uma matéria veiculada pelo o jornal *Folha de Ituiutaba* no ao de 1961, a qual acreditamos ser peculiar e ao mesmo tempo representativa, demonstrando que nos anos após o triunfo revolucionário cubano as relações entre a sociedade interiorana com esse movimento cubano estavam até mesmo circunscritas em outros setores da sociedade. Apesar disso, não pretendemos realizar uma mera narrativa desse fato, pelo contrário, insistiremos em uma análise criteriosa dessas representações.

### **3.2- Um exemplo prático de identificação? A Revolução Cubana e os trabalhadores tijuicanos em uma narrativa do *Folha de Ituiutaba***

Diante do objetivo do *Folha de Ituiutaba* de simbolizar a Revolução Cubana como um movimento legítimo, inovador e que necessitava ser defendido, diversas matérias, notícias e opiniões foram publicadas pelo jornal ituiutabano para dar

---

<sup>458</sup> BEZERRA, Heloísa Dias. Estratégias narrativas e imagens da política: a eleição municipal de 1996 na primeira página do jornal O Globo. Revista Redes, Rio de Janeiro, v.2, n.5, 1998. P 104.

credibilidade a essa concepção. Em um contexto marcado pelo crescente antagonismo entre Estados Unidos e Cuba no mês de abril de 1961, o *Folha de Ituiutaba*, além de opinar sobre os últimos acontecimentos na Ilha, registrava as comemorações que ocorriam na cidade em função do 1º de maio, data universalmente designada como o dia do trabalhador.

O governo revolucionário que chegou ao poder em 1959 e, pouco mais de dois anos depois, declarou o caráter socialista da Revolução, desempenhava um papel importante na luta da classe trabalhadora, quer se tratasse do operariado ou do campesinato. A reforma agrária, a assistência médica generalizada e a luta contra o analfabetismo faziam com que a Revolução Cubana tivesse se tornado um modelo de concretização de aspirações que as classes populares de vários países da América Latina não tinham conseguido realizar. No entanto, não há dúvidas de que a adoção do sistema socialista pelo governo revolucionário cubano em abril de 1961 teve ainda mais significação para essa classe.

Apesar disso, não podemos afirmar que a classe trabalhadora de Ituiutaba estabeleceu ligações com o governo cubano a partir da declaração do caráter socialista da Revolução, afinal “a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e ao final esta é a única definição”<sup>459</sup>. No entanto, é inegável que o governo revolucionário explorava habilmente o simbolismo das efemérides, de que é exemplo a comemoração do dia do trabalhador, uma vez que essas datas eram “utilizadas pela Revolução Cubana para engendrar sua pedagogia revolucionária”<sup>460</sup>.

Em sua edição de 6 de maio de 1961, o *Folha de Ituiutaba* veiculava uma notícia em que aludia à efeméride do dia do trabalhador: “Alcançaram maior sucesso as comemorações do 1º de maio”<sup>461</sup>. Logo abaixo desse título, o jornal estampava em letras garrafais a seguinte informação: “Enviada Moção de Solidariedade aos trabalhadores de Cuba. ” Aqui é interessante notar que a notícia foi organizada na tentativa de demonstrar as principais informações que deveriam ser visualizadas e retidas pelos leitores. Além do destaque conferido à moção de solidariedade, o jornal fazia um longo registro de alguns nomes – possivelmente de personalidades da cidade –

---

<sup>459</sup> THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 12.

<sup>460</sup> PRADO, Giliard, op. cit., p. 26

<sup>461</sup> ALCANÇARAM o maior sucesso as comemorações do 1º de maio. **Folha de Ituiutaba**, n. 1100, 6 mai. 1961, p. 1.



que se fizeram presentes nas comemorações e descrevia duas etapas que marcaram as atividades comemorativas dessa efeméride: “a primeira realizada no auditório da rádio platina e a segunda à noite na câmara municipal”. A ênfase principal da notícia era, no entanto, “a solidariedade aos cubanos”, afirmando que “foram apresentadas ao plenário [da Câmara Municipal de Ituiutaba], obtendo aprovação unânime, uma moção de solidariedade aos cubanos, na heroica posição que assumiu, de defesa de seu país, face à invasão imperialista”.<sup>462</sup>

Após ter registrado a manifestação de “solidariedade aos cubanos” realizada pelos trabalhadores de Ituiutaba por ocasião das comemorações do 1º de maio de 1961, o *Folha de Ituiutaba* publicava, em sua edição do dia 27 de maio de 1961, a resposta da Embaixada de Cuba à moção de solidariedade que foi recebida em nome dos trabalhadores de Ituiutaba. Sob o título “Agradecimento da embaixada de Cuba aos trabalhadores de Ituiutaba”<sup>463</sup>, o periódico veiculava em suas páginas – na íntegra e sem a preocupação em traduzir do espanhol para o português – a carta de agradecimento da embaixada de Cuba aos trabalhadores de Ituiutaba, a qual era assinada por Helio Abementeros Fernandez, representante da Confederación de Trabajadores Cubanos (CTC). Aqui percebemos que o desejo do *Folha de Ituiutaba* era em primeiro lugar, deixar evidente, a rápida e graciosa resposta dos cubanos. Atrelado a isso, é notória a preocupação do jornal em demonstrar a veracidade do documento, já que a carta foi deixada no idioma em que foi originalmente escrita. Pode-se mencionar ainda o destaque dado à saudação revolucionária feita pelos cubanos na carta aos trabalhadores de Ituiutaba: “*con saludos revolucionarios queda de usted atentamente*”<sup>464</sup>, talvez em uma tentativa de demonstrar que a Revolução Cubana não seria só um exemplo distante a ser seguido, mas os trabalhadores da pequena cidade de Ituiutaba poderiam se sentir identificados com uma luta de significados mundiais.

Com o envio da referida carta aos trabalhadores de Ituiutaba, o “exemplo de Cuba”, reiterado constantemente nas matérias veiculadas sobre a Revolução Cubana no *Folha de Ituiutaba*, contava agora com um episódio importante, uma vez que, em alguma medida, tornava o exemplo do país caribenho menos distante da realidade tijucana. Neste sentido, convém ressaltar as recorrentes associações que o *Folha de*

---

<sup>462</sup> Idem.

<sup>463</sup> AGRADECIMENTO da Embaixada de Cuba aos trabalhadores de Ituiutaba. **Folha de Ituiutaba**, n. 1104, 27 mai. 1961, p. 1

<sup>464</sup> Idem.

*Ituiutaba* fazia entre os acontecimentos da política internacional e o contexto da política brasileira, quer em âmbito nacional, quer em âmbito local. É interessante notar que mesmo após a mudança ideológica do governo revolucionário cubano – com a opção pela via socialista –, as representações construídas pelo *Folha de Ituiutaba* acerca da Revolução ainda enfatizavam o seu caráter nacionalista. Talvez isto fosse decorrente das ligações políticas que os agentes do jornal tinham com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, conseqüentemente, de sua preocupação em destacar a bandeira das lutas nacionalistas. Nessa perspectiva, o nacionalismo cubano era novamente apontado como exemplo para as causas nacionalistas no Brasil.

Trazemos esse recorte analítico como exemplo para entendermos as diferentes aproximações e distanciamentos, ocorridas através das representações realizadas pelos diferentes periódicos observados em cada período em que estavam circulando, pois essas imagens construídas por cada jornal sobre a Revolução Cubana revelam-nos muito sobre as ligações concretas desses veículos de comunicação com o movimento revolucionário cubano, sejam essas de caráter simbólico ou até mesmo como pode ser visualizado, de forma prática.

No entanto, queremos também apresentar as similaridades e contradições encontradas nas representações feitas pelos jornais *Correio do Triângulo*, *Correio de Uberlândia*, *Folha de Ituiutaba*, *O Repórter* e *O Triângulo* com outros periódicos e revistas de grande circulação nacional, evidentemente levando em consideração cada tempo e intempéries contextuais; isso, para ressaltarmos e entendermos a força e significância da imprensa na sociedade em que se faz presente.

### **3.3- Aproximações e distanciamentos: Um esboço comparativo entre a imprensa Nacional e a do Triângulo Mineiro.**

Antes de realizarmos uma análise das representações sobre a Revolução Cubana nos jornais do *Triângulo Mineiro* em comparação a algumas revistas e periódicos de grande circulação no Brasil, devemos antever que nossa metodologia é fundamentada nos apontamentos de Max Weber<sup>465</sup>, Peter Burke<sup>466</sup>, Paul Veyne<sup>467</sup> e dentre outros, no

---

<sup>465</sup> Nos referimos aqui aos apontamentos de Max Weber sobre essa metodologia na obra: Weber, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez/ editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

<sup>466</sup> A obra de Peter Burke que procuramos uma fundamentação para utilização do método comparativo é: BURKE, P. História e teoria social. São Paulo. Ed. Da Unesp, 2002.

<sup>467</sup> As reflexões de Paul Marie Veyne não consideram em sua centralidade o método comparativo, porém ao discutir várias metodologias na história, seus apontamentos nos ajudaram a compreender esse campo de pesquisa. Cf: VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a História.

entanto, sem adentrarmos no debate historiográfico em torno desse procedimento, entendemos que o método comparativo se mal atribuído pode causar tanto uma superficialidade histórica como legitimação de anacronismos por parte do historiador. Não obstante, pretendemos averiguar elementos singulares e distintos nas representações da Revolução Cubana feita por esses jornais. Isso, portanto, requer a compreensão dos períodos distintos e similitudes, bem como o campo de atuação e publicação dos materiais que estamos analisando, levando em conta seu público leitor e sua capacidade financeira na propagação de suas ideias. Dessa maneira, levamos em consideração os apontamentos de Marc Bloch sobre a história comparativa, que segundo ele consiste em:

[...] fazer a escolha, em um ou mais meios sociais diferentes, de dois ou mais fenômenos que pareçam, à primeira vista, apresentar entre si certas analogias, descrever as curvas de suas evoluções, constatar as semelhanças e as diferenças e, dentro do possível, explicar umas e outras.<sup>468</sup>

A partir disso, pretendemos pontuar algumas observações comparativas entre os jornais de nossa análise em relação ao jornal *Diário de Notícias* e a revista *O Cruzeiro* no período na década de 1960 e o jornal *Folha de S. Paulo* no período que compreende aos anos de 1989 a década de 1990. Salientamos ainda que as matérias, notícias e opiniões desses periódicos citados já foram fruto de trabalhos e é exatamente a partir desses que iremos refletir para uma compreensão mais ampla das representações da Revolução Cubana<sup>469</sup>

Para tanto, algumas observações sobre a historicidade desses jornais tornam-se importantes. *O Diário de Notícias* foi fundado em 1925 e circulou principalmente na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, segundo Fernanda Tondolo Martins e Edson José Neves Júnior: “tanto a revista *O Cruzeiro* e o jornal *Diário de Notícias* pertenciam ao grupo de Associados, de Assis Chateabriand”<sup>470</sup>, grupo de grande poderio

---

Tradução: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: Ed. Da Unb, 2008.

<sup>468</sup> BLOCH, Marc (1983). Pour l'histoire des sociétés européennes. In: BLOCH, Marc. *Mélanges historiques*, Paris, Serge Fleury e Editions de l' EHESS, Tome 1. p. 17.

<sup>469</sup> Os jornais *Diário de Notícias* e a revista *O Cruzeiro* foram analisados pela historiadora Fernanda Tondolo Martins e pelo pesquisador Edson José Neves Júnior, o qual se encontra no capítulo 2 do livro: *Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história do Brasil*. O jornal *Folha de São Paulo* teve uma análise realizada pela pesquisadora Clarissa Brasil e também se encontra como um capítulo do livro citado, na ocasião o capítulo 3. Cf: JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS Fernanda Tondolo. **A imagem de Cuba no jornal Zero Hora na década de 1990**. In. WASSERMAN, Claudia. (org). op.cit; BRASIL, Clarissa. **Anos 90 e a imagem de Cuba depois da Queda do Muro de Berlim**: Jornal *Folha de S. Paulo*. In. WASSERMAN, Claudia. (org). op. cit.

<sup>470</sup> JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS Fernanda Tondolo. In: WASSERMAN, Claudia. op. cit .p. 33.

nos meios de comunicação, possuindo “34 jornais, 36 emissoras de rádio e 18 emissoras de televisão”<sup>471</sup>, contudo, o jornal *O Diário de Notícias* fecharia em 1980. Já a revista *O Cruzeiro* foi criado em 1928 e Martins e Júnior afirmam que:

Além de ser a mais expressiva do grupo Diários Associados, foi responsável pela consagração da reportagem no Brasil. A principal característica da revista eram as reportagens de inúmeras páginas, ilustradas com fotografias sobre o assunto, com investidas astuciosas, que costumavam resultar em matérias de grande repercussão.<sup>472</sup>

O fim da circulação dessa revista estaria entre a década de 1970, devido: “ao fenômeno que destruiu revistas de interesse geral em todo mundo: o avanço da televisão”<sup>473</sup>, todavia, o período em que esteve em atividade é muito significativo, pois desde as representações da Revolução Cubana realizadas por essa revista até os diferentes assuntos que foram depositados em suas páginas, revelam-nos a importância social e memorialística que esse veículo de comunicação teve em seu contexto.

O periódico jornalístico *Folha de São Paulo* foi fundado em janeiro de 1960, depois da fusão de outros três jornais: “*Folha da Noite* ( 1921), a *Folha da Manhã* ( 1925) e a *Folha da Tarde* ( 1949)<sup>474</sup>. As características desse jornal são apresentadas por Clarissa Brasil nos seguintes termos:

O jornal é pioneiro em várias etapas tecnológicas pelas quais passou a imprensa no Brasil, como, por exemplo, a impressão offset em cores em 1967; o sistema eletrônico de fotocomposição em 1971; e a redação informatizada em 1983. Também foi um jornal que inovou para aumentar as vendas: foi o primeiro a investir na política de fascículos encartados ao jornal em 1994. Em 1995, lançou o CD-Rom com todas as reportagens do ano anterior [...]”<sup>475</sup>

O jornal *Folha de São Paulo* talvez seja um dos mais expressivos na imprensa nacional, com publicações sobre temas nacionais e internacionais. Atualmente esse veículo de comunicação conta com uma página on-line<sup>476</sup>, a qual seus assinantes possuem acesso as suas publicações. Sua notoriedade é tamanha em âmbito nacional que o jornal possui o maior parque gráfico da América Latina e em 1994 entrou para o

---

<sup>471</sup> Idem.

<sup>472</sup> Idem.

<sup>473</sup> Idem.

<sup>474</sup> BRASIL, Clarissa. In. WASSERMAN, Claudia. (org). op. cit, p. 58

<sup>475</sup> Idem.

<sup>476</sup> A página on-line do jornal *Folha de São Paulo* está disponível em: <[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)>. Acesso em: 18 ago. 2019.

Guinness Book, ultrapassando um milhão de cópias vendidas.<sup>477</sup> Dessa forma, portanto, apresentamos algumas publicações desses jornais de grande circulação nacional em relação aos periódicos analisados nos capítulos anteriores.

Comentamos primeiramente sobre as veiculações realizadas pelos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter* na aurora da Revolução Cubana em 1959. Notamos a posição antagônica entre esses três veículos de comunicação, sendo a vitória revolucionária cubana exaltada e tida como exemplo no *Folha de Ituiutaba*, silenciada no *Correio do Triângulo* e criticada pelos fuzilamentos no jornal *O Repórter*. Já no periódico *Diário de Notícias* e na revista *O Cruzeiro* temos notícias e matérias que assemelhavam-se as publicações do *Folha de Ituiutaba* no primeiro ano da vitória revolucionária cubana, porém, se distanciando da posição do *Folha* no decorrer dos anos. Por exemplo, no *Diário de Notícias*, temos uma coluna no dia 3 de janeiro de 1959 intitulada: “O exemplo Cubano”<sup>478</sup>, na qual esse periódico destacava: “o êxito da luta revolucionária, exaltava o perfil de Fidel Castro e especulava sobre como se daria a reorganização do governo cubano”<sup>479</sup>. Nessa mesma perspectiva, a revista *O Cruzeiro*, em 17 de janeiro de 1959, trazia uma reportagem intitulada: “Cuba disse adeus a 58 e ao seu ditador: Batista agora faz companhia a Perón”<sup>480</sup> e ainda em 24 de janeiro de 1959 *O Cruzeiro* publicava uma matéria intitulada: “Fidel Castro e seu irmão: dois bravos soldados”<sup>481</sup>, afirmando nesse texto que: “ não teriam sido os desmandos administrativos que teriam levado ao fim do regime Batista, mas, sim, o setor negro de seu governo, que teria superado todos os recordes mundiais de violência, batendo mesmo a famosa Gespato de Hitler”<sup>482</sup>.

Nesse primeiro mês – janeiro –, após a vitória dos rebeldes cubanos, muitos jornais dedicaram-se em assinalar aos seus leitores as mudanças ocorridas na Ilha e como percebe-se uma determinada exaltação aos revolucionários. O ano de 1959, foi inclusive consagrado como: “Ano da Libertação”<sup>483</sup> por suas características e pela

---

<sup>477</sup> Idem, p. 58.

<sup>478</sup> O EXEMPLO Cubano. **Diário de Notícias**. Porto Alegre. s/e. 3 jan. 1959, p. 3.

<sup>479</sup> JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS Fernanda Tondolo. In: WASSERMAN, Claudia. op. cit. p, 34

<sup>480</sup> CUBA disse adeus a 58 e ao ditador: Batista agora faz companhia a Perón. **O Cruzeiro**. Porto Alegre. s/e. 17 jan. 1959, p. 12.

<sup>481</sup> FIDEL CASTRO e seu irmão: dois bravos soldados. **O Cruzeiro**. Porto Alegre. s/e. 24 jan. 1959, p. 15.

<sup>482</sup> JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS Fernanda Tondolo. In: WASSERMAN, Claudia. op. cit. p, 35.

<sup>483</sup> Giliard Prado traz em sua dissertação o calendário revolucionário cubano, o qual analisa as principais

situação política cubana em anos anteriores. A história despótica do governo de Fulgêncio Batista e uma determinada visão sobre Ilha sob seu governo são comentadas por Emir Sader nos seguintes termos:

O país [Cuba] havia sido transformado pela máfia ianque em antro de jogo para burguesia norte-americana – especialmente a de Miami – e em bordel para marinheiros dos EUA, que reinavam abertamente, fazendo uso da violência e da proteção policial. Toda essa rede estava vinculada estreitamente aos mecanismos de corrupção do governo de Batista. Este havia elaborado um plano turístico, [...] conjuntamente com grandes gangsteres e mafiosos da praça norte-americana – incluindo desde Frank Sinatra até gente ligada a Richard Nixon – que poriam em prática a partir de 1959, cobrindo toda costa leste de Havana.<sup>484</sup>

Essa descrição de Emir Sader talvez illustre esse sentimento revelado nas páginas dos jornais *Folha de Ituiutaba* e *Diário de Notícias*, bem como na revista *O Cruzeiro*, sobre a “libertação” chegada em Cuba, porém ressaltamos que essas impressões não dizem respeito somente a um determinado entusiasmo por parte desses veículos de grande circulação sobre Fidel e seu grupo, todavia, parece-nos também um ressentimento em virtude do governo de Fulgêncio Batista. Lembramos ainda que nesses primeiros dias após a vitória revolucionária, poucas medidas concretas haviam se estabelecido em Cuba, portanto, as comparações estabelecidas por esses grupos jornalísticos não detinham sequer ponderações sobre o novo governo, que havia acabado de triunfar diante um regime autoritário.

No decorrer do ano de 1959, o *Folha de Ituiutaba* continuava a assinalar o exemplo cubano e de igual modo deixava evidente sua defesa as novas diretrizes tomadas pelo governo revolucionário que havia chegado ao poder. *O Repórter*, entretanto, aprofundava suas críticas a Revolução Cubana, destacando principalmente os fuzilamentos. Notaremos, assim, uma determinada mudança no tom da revista *O Cruzeiro* e no jornal *Diário de Notícias* sobre o tema Cuba. Se as primeiras publicações desses instrumentos de comunicação de grande circulação apresentavam o desagrado com o governo de Fulgêncio Batistas, exaltando inclusive a vitória revolucionária em Cuba, passado algum tempo, apresentariam grandes queixas aos rumos tomados pelo governo dirigente de Cuba, algo semelhante com as publicações do periódico *O Repórter*.

---

efemérides produzidas pelo governo revolucionário na intenção de construir memórias. O “Año de la Liberación” é pontuado por esse historiador, bem como várias outras datas comemorativas da Revolução Cubana em um quadro em anexo. Cf: PRADO, Giliard. op. cit, p. 256.

<sup>484</sup> SADER, Emir. **Cuba**: um socialismo em construção. Petrópolis: Vozes. 2001, p. 58.

No dia 31 de janeiro de 1959 a revista *O Cruzeiro* veiculava uma matéria intitulada: “As duas faces da libertação em Cuba”<sup>485</sup> Nessa, a revista procurava analisar os fuzilamentos realizados na Ilha contra os ex-militares de Fulgêncio Batista. Martins e Júnior descrevem essa matéria da seguinte maneira:

Nessa matéria é veiculada uma série de imagens de grande impacto, tentando mostrar “as duas faces da libertação em Cuba”. Na primeira página da reportagem (p. 92), há a imagem de Fidel Castro entrando em Havana, com uma multidão festejando a queda da ditadura. Na página seguinte, Garcia Olayon, chefe da polícia marítima de Cuba que, segundo a revista, comandou o seu próprio fuzilamento, pois morreu de pé, negando-se a ficar de costas para o pelotão. No último momento antes de sua morte, virou-se para encarar os soldados de gente, dando ordem de “fogo”.<sup>486</sup>

O jornal *Diário de Notícias* também apresentava ao seu leitor sua nova posição em relação à Revolução Cubana, ainda em 1959. Em um editorial de 31 de julho de 1959, a historiadora Fernanda Tondolo e o pesquisador Edson José Júnior afirmam que ao contrário da revista *O Cruzeiro*, esse periódico procurava acentuar apenas uma das “faces da revolução”<sup>487</sup>. Para tanto, nesse editorial o jornal afirmava:

Da América do Norte a do Sul, foi festejada a vitória fidelista que resultou do apoio indiscutível da esmagadora maioria da população ao novo caudilho, mas o que passou a ocorrer lá, não estava nos cálculos de ninguém. Julgamentos sumaríssimos e fuzilamentos em massa alertavam a opinião pública do continente.<sup>488</sup>

É interessante nesse exercício comparativo destacar alguns aspectos contidos nessas publicações. O primeiro deles é sobre a notável reverberação de uma posição desfavorável as medidas realizadas em Cuba, à exceção do jornal *Folha de Ituiutaba*, que continuava a levantar o pioneirismo do regime revolucionário cubano na América Latina e não comentava especificamente sobre os paredões de fuzilamentos, porém deixava claro que as medidas mais drásticas tomadas pelo novo governo deviam ser compreendidas como um ato inevitável no decurso de uma Revolução. *O Repórter* que em muitas ocasiões reescrevia ou citava publicações de jornais de maior notoriedade, mostra-se exatamente disposto a delinear essa opinião mais ampla dos grandes jornais sobre Cuba. A matéria da revista *O Cruzeiro* e o editorial do jornal *Diário de Notícias* pareciam integralizar uma posição semelhante do jornal *O Repórter*, sendo assim, o

---

<sup>485</sup> AS DUAS faces da libertação em Cuba. **O cruzeiro**. Porto Alegre. s/e. 31 jan. 1959, pp. 92-98.

<sup>486</sup> JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS Fernanda Tondolo. In: WASSERMAN, Claudia. op. cit., p. 39.

<sup>487</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>488</sup> EDITORIAL. **Diário de notícias**. Porto Alegre. s/e 31 jul. 1959, p. 3.

aspecto dessas publicações pode ser entendido mais do que críticas aos fuzilamentos que aconteceram na Ilha em 1959, mas uma condenação geral às mudanças propostas pelo governo revolucionário, que foram desde a reforma agrária aos primeiros conflitos políticos com os Estados Unidos.

Como apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação, no ano de 1960 e principalmente em 1961 os antagonismos entre Cuba e Estados Unidos foram recorrentes nas páginas do jornal *Folha de Ituiutaba*, que acusava os norte-americanos de uma profunda intervenção imperialista. No jornal *O Repórter*, entretanto, especificamente no ano de 1961, a declaração oficial do socialismo como regime político e econômico em Cuba, tornou-se um tema de várias publicações que levavam aos seus leitores a concretizar um sentimento contrário a Revolução Cubana, entendido como uma “ameaça” para América Latina. Esses assuntos também seriam pautados na revista *O Cruzeiro* e no periódico *Diário de Notícias* e mostram-nos a dimensão nacional que essas especulações sobre a realidade cubana ganhavam na imprensa brasileira.

No dia 7 de janeiro de 1961, o jornal *Diário de Notícias* trazia uma matéria intitulada: “Rompimento dos EUA com Cuba”<sup>489</sup> na qual o jornal comentava que o “rompimento dos EUA com Cuba” era lamentável, porém resultado “natural das provocações das autoridades de Havana aos EUA”. Além disso, Martins e Júnior comentam que o jornal assinalava:

Os EUA haviam suportado toda espécie de ofensa antes de adotarem medida extrema. A constatação do jornal já era, a partir desse momento, de pesar. Segundo o Editorial, infelizmente, os vínculos entre o governo de Havana e os países do bloco comunista adquiriram, rapidamente, profunda solidez, preferindo Fidel Castro e seus companheiros, atribuir à sua pátria o inglorioso papel de ponta-de-lança do comunismo na América Latina.<sup>490</sup>

Entendemos que para o jornal *O Repórter* o rompimento das relações de Cuba e Estados Unidos concretizaram a sua proposição para um afastamento imediato do Brasil da Ilha caribenha, pois talvez para os sujeitos que compunham esse editorial o socialismo representava acima de tudo uma contradição aos valores cristãos, defendidos extensivamente por esse periódico. No *Diário de Notícias* temos um movimento diverso, porém a perspectiva sobre o novo regime adotado em Cuba era corroborado

---

<sup>489</sup> ROMPIMENTO dos EUA com Cuba. **Diário de Notícias**. Porto Alegre. S/E. 7 Jan 1961, p. 4

<sup>490</sup> JÚNIOR, Edson José Neves Júnior; MARTINS Fernanda Tondolo. In: WASSERMAN, Claudia. Op. cit. p. 46.



entre esses dois jornais.

Na revista *O Cruzeiro* esse assunto não era levantado, porém era reiterada a mesma posição encontrada no jornal *O Repórter* em relação aos fuzilamentos. Em 14 de fevereiro de 1960 a revista trazia uma matéria intitulada: “Os últimos dias de um condenado à morte”. Sobre essa publicação, Tondolo destaca:

De grande impacto foi uma matéria veiculada entre as páginas 76 e 82, com inúmeras fotos dos condenados à morte, em cenas de despedida de seus familiares, de pedidos de clemência, além de fotos de um julgamento militar. Com forte apelo, lia-se em um dos subtítulos da reportagem “tal como Nuremberg, Havana julga e pune um criminoso de guerra.

Podemos nessas breves apresentações ter uma dimensão da força simbólica que os jornais e os meios comunicação tiveram ao tratar da temática Revolução Cubana. De maneira comparativa temos uma evidente semelhança nas publicações dos jornais *O Repórter* da cidade de Uberlândia com *O Diário Regional* e a revista *O Cruzeiro*, todavia, compreendendo através dessas observações uma posição oposta do periódico uberlandense desde o início de 1959, característica que será visualizada no jornal *Diário de Notícias* e na revista *O Cruzeiro* somente no decorrer das mudanças ocorridas na Ilha. Sem dúvidas, a clivagem ideológica e a aproximação de Cuba com a União Soviética contribuíram na construção dessas representações. Assim, destacamos que o jornal *O Repórter*, mesmo possuindo uma posição pessoal e determinadas escolhas políticas que o faziam representar Cuba de sua maneira, deixa transparecer um movimento mais amplo na constituição de uma imagem sobre a experiência revolucionária cubana, somando aparentemente uma posição semelhante ao do jornal e da revista de grande circulação nacional analisados. *O Folha de Ituiutaba*, por sua vez, parece-nos evidenciar uma disposição própria sobre o assunto Cuba, não corroborando, pois sempre ao discorrer em suas páginas sobre a temática, esse periódico procurava dar voz aos seus articulistas, como Tomaz de Aquino Petraglia. Ou seja, temos certa autenticidade nesse jornal da cidade de Ituiutaba quando procurava tratar da Revolução Cubana. Os motivos e as predileções políticas dos membros do corpo editorial do *Folha* já nos mostraram que essas representações não eram neutras.

O periódico *Diário de Notícias* e a revista *O Cruzeiro* ainda publicaram sobre a Revolução Cubana, no decorrer dos anos de 1962 a 1964, apesar disso, gostaríamos de discutir como seria a posição de um dos maiores jornais da América Latina – *Folha de São Paulo* – a partir do ano de 1989, em detrimento as análises realizadas no segundo

capítulo dessa dissertação sobre os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo*.

Como apresentamos as matérias e notícias levadas ao leitor nos jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* no ano de 1989 e em anos posteriores tinham um caráter de expressa exceptiva com a queda eminente do regime socialista na Ilha caribenha e consequentemente a de Fidel Castro. O *Correio de Uberlândia* precisamente procurou levar em tom de ironia e humor uma análise sobre a então conjuntura econômica de Cuba após o fim da União Soviética. *O Triângulo*, por sua vez, proferia suas argumentações a partir de representações acerca do autoritarismo do governo dirigente cubano, trazendo matérias e opiniões sobre o assunto, inclusive estabelecendo paralelos com outros regimes e personagens ditadores espalhados pelo mundo. O jornal *Folha de São Paulo*, procurava entretanto, realizar uma análise mais profunda das relações entre Cuba e União Soviética após o fim do socialismo real. Temos, por exemplo, em 1989, matérias intituladas pelo *Folha de S. Paulo* como: “Fidel diz que Cuba ainda é modelo para o terceiro mundo”<sup>491</sup>; “Gorbachev confirma visita e traz alívio a Castro”<sup>492</sup>; “Para Cuba, visita é decisiva”<sup>493</sup> e “As várias fases de um casamento”<sup>494</sup>. Em todas essas matérias e notícias apresentadas no jornal *Folha de S. Paulo*, nota-se uma preocupação desse periódico em entender e apresentar ao seu público a “verdadeira” situação de Cuba acerca dos primeiros rompimentos com seu parceiro político e econômico. Nelas, a teimosia de Fidel Castro em relação às reformas soviéticas e os detalhes de aspectos sobre a parceria entre as nações socialistas eram recorrentes. É interessante destacarmos que apesar de os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* abordarem as questões do conflito entre Cuba e União Soviética em pequenas ocasiões, o que era recorrentemente publicado em suas páginas ao público de leitor desses jornais era uma visão consolidada sobre o fim do socialismo no Leste Europeu e as consequências disso para a Revolução Cubana, o que, portanto, distingue-se no jornal *Folha de S. Paulo*. Dessa maneira, acreditamos que tais características dizem muito sobre o público para o qual esses três jornais publicavam. No *Correio de Uberlândia* e no jornal *O Triângulo* as notícias e matérias sobre Cuba após a queda do Muro de Berlim quase sempre tinham um aspecto mais regional, inclusive comparações e opiniões de algumas personalidades

---

<sup>491</sup> FIDEL diz que Cuba ainda é modelo para o Terceiro Mundo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 3 Jan. 1989, p. 10.

<sup>492</sup> GORBATCHEV confirma visita e traz alívio a Castro. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 24 mar. 1989, p. 08.

<sup>493</sup> PARA CUBA visita é decisiva. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 2 abr. 1989, p. 07.

<sup>494</sup> AS VÁRIAS fases de um casamento. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 2 abr. 1989, p. 07.

da cidade sobre o assunto. No *Folha de S. Paulo*, entretanto, esses textos chegavam a uma parcela muito mais expressiva da sociedade brasileira, portanto, atingindo a grupos e sujeitos com maior prominência intelectual no país, talvez isso seja um dos motivos que levava esse periódico a discorrer de maneira mais profunda e recorrente sobre o assunto.

Não obstante, assinalamos uma determinada similaridade de opiniões entre os jornais *Folha de S. Paulo* e o *Correio de Uberlândia* em suas publicações sobre a Revolução Cubana em 1989. Inclusive algumas matérias que destacamos do *Correio de Uberlândia* sobre Cuba, traziam a assinatura do cronista Paulo Francis, os quais seus textos já foram comentados no capítulo anterior, entretanto, reiteramos que suas colunas também eram publicadas no periódico *Folha de S. Paulo*. Além disso, a relação desse autor com esse jornal e o conteúdo de seus textos é descrito por Clarisse Brasil nos seguintes termos:

Paulo Francis era conhecido pelas suas ácidas críticas à esquerda, embora já tivesse a defendido nos anos de 1970, quando trabalhava no jornal *O Pasquim*. Escrevia de forma direta e gostava muito de usar figuras de linguagem para destilar sua ironia. [...] Ele escreveu para o *Folha de S. Paulo* até dezembro de 1990, quando saiu “por dissentimentos desde o início do ano.”<sup>495</sup>

Não temos a informação se Paulo Francis publicava diretamente no *Correio de Uberlândia* ou se as colunas de sua autoria – uma delas o *Diário da Corte* – eram uma republicação feita pelo *Correio* do original contido no *Folha de S. Paulo*, todavia, o fato de seus textos e opiniões circularem entre os dois periódicos demonstram a perspectiva e o sentido dado por esses jornais acerca da Revolução Cubana.

Uma divergência temática é encontrada nesses jornais no decorrer da década de 1990, pois recordamos o episódio em que o *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* procuraram destacar a relação do Brasil e Cuba, valendo-se para isso, da visita de Fidel Castro ao Brasil para posse do ex-presidente Fernando Collor de Mello e através do “voo da solidariedade”. Em contrapartida, no *Folha de S. Paulo* encontramos uma apreciação de temas que vão desde a retomada dos antagonismos entre Cuba e Estados Unidos até a posição de Fidel Castro na América Latina. Dessa forma, o periódico publicaria em suas páginas textos com os seguintes títulos: “Congresso dos EUA forma grupos para pressionar Cuba”<sup>496</sup>; Cuba é bomba-relógio sem hora para explodir”<sup>497</sup>; e

---

<sup>495</sup>BRASIL, Clarissa. In. WASSERMAN, Claudia. (org). op. cit, p. 60.

<sup>496</sup>CONGRESSO dos EUA forma grupos para pressionar Cuba. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 2 mar. 1990, p. 14.

“Filho de Fidel critica iniciativa das Américas”<sup>498</sup>.

Evidentemente a escolha temática feita pelos jornais dizem muito do propósito que tinham como objetivo. Nesse sentido, destacamos mais uma vez que o destinatário para qual esses jornais escreviam ajudam-nos a entender a preferência temática acerca da Revolução Cubana nesses periódicos, uma vez que no *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* a apreciação de um assunto possuía uma relação mais direta com o seu público, conquanto, talvez faça sentido aos interesses de uma propagação mais efetiva de suas opiniões. No *Folha de S. Paulo*, as matérias pareciam voltar-se novamente a uma gama mais ampla de sujeitos, portanto, questões de cunho mais nacional não eram necessárias para suas representações sobre Cuba, pois sua conhecida expressão e até mesmo um reconhecimento de um veículo de comunicação que detém uma expressiva força hegemônica na imprensa brasileira, dessem a esse jornal uma possibilidade de discorrer mais objetivamente sobre assuntos internacionais, levando certa credibilidade e legitimação discursiva.

Apesar disso, temos a similitude entre esses periódicos sobre o agravamento da crise em Cuba no decorrer do ano de 1991 e 1992, situação que foi levantada principalmente pelo jornal *Correio de Uberlândia* e que também ganhava espaço no *Folha de S. Paulo*. Em 25 de maio de 1991, por exemplo, esse jornal de grande circulação trazia uma matéria intitulada: “Prostituição em Cuba é tabu para o governo”<sup>499</sup>. Nela o periódico apresentava dados sobre o crescimento da prostituição na Ilha caribenha em virtude dos problemas econômicos daquele ano. Ainda nesse viés, o jornal *Folha de S. Paulo* reverberava a situação do país em pequenos boletins, como em no dia 1 de março de 1992, apresentando o seguinte título: “Cubano dá entrevista em troca de leite”<sup>500</sup> tentando aqui demonstrar não só a crise, mas todo colapso econômico vivenciado em Cuba. O jornal trazia uma entrevista – sem mencionar o nome do sujeito ou data da mesma – de um cubano que apresentava as mazelas vividas em seu país e de igual solicitando um litro de leite para discorrer suas palavras.

Por ora, trazemos as veiculações sobre Cuba nos jornais *Correio de Uberlândia* e *Folha de S. Paulo* entre os anos de 1993 e 1994. Como já apresentado, em 1993, o *Correio de Uberlândia* articulava seu veemente prognóstico sobre a vida interna de

---

<sup>497</sup> CUBA é bomba-relógio sem hora para explodir. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 8 abri. 1990, p. 14.

<sup>498</sup> FILHO de Fidel critica iniciativa das Américas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 17 dez. 1990, p. 14.

<sup>499</sup> PROSTITUIÇÃO em Cuba é tabu para o governo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. S/E. 25 mai. 1991, pp. 2-4.

<sup>500</sup> CUBANO dá entrevista em troca de leite. **Folha de S. Paulo**. São S/E.. 1 jan. 1992, p. 03.

Cuba: devastada e nefasta, trazendo matérias sobre o grande número de refugiados cubanos e a retomada dos fuzilamentos. Em 1994, o jornal uberlandense continuava a pautar sobre o tema do êxodo cubano para os Estados Unidos, no entanto, a esperança do jornal para o fim do socialismo na Ilha era novamente levantada por consequência das reformas econômicas no país. No jornal *Folha de S. Paulo*, no entanto, esses anos e os eventos ocorridos na Ilha caribenha também foram motivos de diversas representações. Nesse sentido, temos matérias do *Folha de S. Paulo* que iam desde as contínuas divergências entre Cuba e os Estados Unidos, como em: “Clinton Marca Cúpula das Américas para dezembro sem Fidel Castro”<sup>501</sup>, assinalando para os leitores que os problemas entre os dois países pareciam ser perpetuar, todavia, essa relação conflituosa se dava principalmente a Fidel Castro, que insistia em manter-se no poder em Cuba. No decorrer dessas duas décadas, o *Folha de S. Paulo* não comentaria sobre as reformas econômicas em Cuba e as novas estratégias do governo dirigente para restabelecer sua economia, mas seria precisamente no ano de 1995, que esse jornal publicaria inúmeros textos e colunas sobre o assunto<sup>502</sup>, demonstrando-nos mais uma vez – apesar de anos de diferentes – uma similaridade representativa com o *Correio de Uberlândia*.

Nesse breve espectro comparativo, procuramos apresentar de uma forma geral algumas semelhanças e diferenças entre os jornais do Triângulo Mineiro, que possuíam uma circulação mais regionalizada, com as representações feitas por jornais de circulação mais ampla a nível nacional, para entendermos a importância e os diferentes aspectos que fizeram posições sobre a Revolução Cubana estarem presentes nesses periódicos e revistas.

Nesse sentido, levamos em conta o primeiro período de análise das representações da Revolução Cubana (1959-1964), que pelo seu contexto histórico e político, juntamente com as predileções dos sujeitos que compunham os jornais das cidades de Ituiutaba e Uberlândia, objetivaram construções representativas diversas. Essas representações mostraram-nos mais uma vez as relações entre a imprensa local

---

<sup>501</sup> CLINTON Marca Cúpula das Américas para dezembro sem Fidel Castro. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. s/e. 12 mar. 1994, p.2.

<sup>502</sup> Temos algumas matérias e colunas publicadas no *Folha de S. Paulo* sobre o tema: FIDEL vai à china analisar reformas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. s/e. 30 nov. 1995, p. 2; CUBA que ser o tigre do Caribe **Folha de S. Paulo**. São Paulo. s/e. 5 nov. 1995, p. 1; CUBA cresce 2,5% em 1995. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. s/e. 22 dez. 1995, p.2; SOUZA CRUZ vai investir em Cuba USS 10 milhões. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. s/e. 13 nov. 1995, p.3.

com veículos de maior circulação no Brasil, porém, assinalamos como a autonomia em discutir temas aparentemente tratados somente por jornais de maior expressão também se encontravam presentes em veículos impressos do interior do país. Isso quer dizer que temos clareza que o jornal *Diário Regional* e a revista *O Cruzeiro* possuíam não só uma estrutura maior que os jornais do Triângulo Mineiro, mas sem dúvidas o alcance desses veículos de maior expressividade resultava em uma força simbólica mais significativa. Os elementos técnicos acerca da configuração tipográfica desses jornais de grande circulação, uma vez que tanto o *Diário Regional*, quanto a revista *O Cruzeiro* já se valiam de imagens para elucidar ou fundamentar seus argumentos, algo não encontrado nos jornais *Correio do Triângulo*, *Folha de Ituiutaba* e *O Repórter* revelam-se igualmente um fator importante a se pontuar na dimensão elucidativa dos periódicos de grande porte, sendo esses instrumentos uma valiosa maneira de construir memórias. Ressaltamos, além disso, que o volume de tiragem desses impressos é uma ferramenta importante para entendermos o alcance dessas imagens sobre Cuba, presumidamente maior nos jornais de maior expressão nacional.<sup>503</sup> Apesar disso, recordamos mais uma vez a importância dos jornais locais para cidades e regiões em que circulavam, sendo o *Folha de Ituiutaba* fechado e seu proprietário e editor presos pela polícia política em 1964 por entenderem o poder de influência desse periódico para cidade. Ainda queremos ressaltar que duas ocorrências foram observadas nessas análises comparativas. A primeira diz respeito à utilização de *O Repórter* de matérias e colunas sobre o tema Cuba de outros jornais de maior expressividade, isso, portanto, revela a influência e poder desses grandes veículos de comunicação no período, deixando manifestar-se até mesmo a proposição que já realizamos sobre jornais e revistas de grande expressão, que aparentemente exerciam uma determinada legitimidade sobre diversos assuntos. A segunda que destacamos é que mesmo diante a força inegável e a

---

<sup>503</sup> Reiteramos que o número exato das tiragens desses periódicos não foi possível localizar, parece-nos existir uma determinada recorrência nesse aspecto quando analisamos periódicos das décadas de 1950 e 1960, pois em nenhuma dessas fontes históricas foi encontrado o número de exemplares jornalísticos que eram impressos ou distribuídos. Não obstante, é previsível afirmar que o jornal *O Diário de Notícias* e a revista *O Cruzeiro* detinham um maior volume na impressão e distribuição de suas edições. Para isso, levamos em conta o local de circulação de cada periódico e o número de habitantes das cidades que estes se inseriam. Como exemplo, na década de 1960, a cidade de Ituiutaba possuía cerca de 60 mil habitantes e Uberlândia cerca de 126 mil, já a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul contava com cerca 635 mil habitantes no período analisado, portanto, esses números ajudam-nos a compreender a dimensão que cada jornal detinha na tiragem de seus exemplares. Essas informações podem ser vistas em: <[www.ituiutaba.mr.gov.br/t/dados-populacionais](http://www.ituiutaba.mr.gov.br/t/dados-populacionais)>. Acesso em: 12 ago. 2019; <[www.tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.ex?ibge/cnv/popmg.def](http://www.tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.ex?ibge/cnv/popmg.def)>. Acesso em: 12 ago. 2019; <[www.sidra.ibge.gov.br/tabela/1286](http://www.sidra.ibge.gov.br/tabela/1286)>. Acesso em: 12 ago 2019.

influência da grande imprensa, os jornais locais procuravam estabelecer suas próprias convicções e posições políticas, a exemplo disso temos o *Folha de Ituiutaba*.

No segundo período de nossas análises comparativas (1989-1994), temos um contexto amplamente diverso ao primeiro levantado. Encontramos, nesse contexto, uma crítica contundente ao regime cubano tanto nos jornais da cidade de Uberlândia, quanto no *Folha de São Paulo*, porém, o próprio momento dessas publicações talvez nos desponte seus sentidos. Isso porque, além de o Brasil estar no alvorecer de sua redemocratização, após mais de vinte anos sob um regime ditatorial, a desintegração do campo socialista parecia possibilitar para muitos analistas o nascimento de uma “nova ordem mundial”<sup>504</sup>. Dessa forma, encontramos nas publicações do jornal *Correio de Uberlândia* sobre a Revolução Cubana no período analisado muitas semelhanças com o jornal *Folha de São Paulo*, aliás, outro destaque importante é na expressividade desses periódicos. Evidentemente que são indiscutíveis a força e a dimensão alcançada pelo jornal *Folha de São Paulo* em relação ao *Correio de Uberlândia*, entretanto, recordamos que esse jornal de Uberlândia respondia a um enorme grupo de empresários da região, notadamente utilizado na propagação dos ideais desses indivíduos, assim sendo, sua relevância no cenário local e regional eram significativas. No entanto, é possível notar um viés distinto ao tratar os assuntos relacionados a Cuba nesses jornais, sobretudo, na recorrência das temáticas apresentadas. Enquanto o *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* procuravam assinalar a eminente queda do regime cubano, o jornal *Folha de São Paulo* parecia realizar uma análise mais profunda da posição cubana frente os conflitos com seu antigo parceiro econômico e político. Nesse sentido, temos ainda uma tentativa dos jornais do Triângulo Mineiro em estabelecer comparações do regime cubano com outros governos autoritários, algo pouco recorrente no *Folha de São Paulo*, que privilegiava uma análise mais técnica e geopolítica da Ilha caribenha nesse novo contexto. Por fim, ressaltamos que, apesar das diferenças no teor e carácter dos textos contidos nos jornais analisados, temos a semelhança das críticas e a apresentação desses periódicos de uma Cuba sob uma conjuntura extremamente complexa.

Aqui, tivemos a oportunidade de contrapor diferentes representações sobre a Revolução Cubana, entre os jornais regionais do Triângulo Mineiro em relação aos de

---

<sup>504</sup> Reflexões fundamentada nas contribuições de: SEGREGA, Francisco López. **Cuba Cairá?** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 120.

maior expressão e circulação nacional. Acreditamos ter construído um quadro geral que se apresenta como importante ferramenta para uma compreensão mais ampla da forma como foram estabelecidas as imagens e memórias sobre a Revolução Cubana em dois períodos distintos. A certeza de necessidade de uma averiguação histórica sobre relevância da imprensa na construção de sujeitos e eventos mostra-se fundamental quando propomos esse tipo de análise, que possuem recortes de um tema específico. Para Cláudia Wasserman, tal procedimento analítico ajuda-nos inclusive a entender processos históricos de longa duração. Segundo ela:

Essa perspectiva de análise, que se coaduna com a ideia de uma interconectividade histórica, ou melhor, de que cada fato, ou fenômeno histórico, deva ser analisado a partir de múltiplas conexões que estabelece com vários pontos do sistema-mundo, independentemente de sua amplitude espacial específica, também introduz a necessidade de analisar esses mesmos fatos e fenômenos como elementos da “longa duração”.<sup>505</sup>

Assim, concluímos nossas ponderações alegando que essas análises comparativas, além de revelar-nos diferentes singularidades, expõem-nos um importante aspecto: a inexistência de imparcialidade na imprensa brasileira, falácia que ainda ecoa em muitos tabloides e periódicos nacionais. Dessa forma, contudo, entendemos que a Revolução Cubana deixou e deixará marcas profundas em sociedades pelo mundo, porém, a imagem coletiva que ela detém possui uma expressiva colaboração dos sujeitos e agentes jornalísticos que a construíram.

---

<sup>505</sup> WASSERMAN, Cláudia (Org.). op. cit., p.12.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho propomos compreender as diferentes representações realizadas pelos jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter* no período compreendido entre 1959 a 1964 e os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* no período de 1989 a 1994 sobre a Revolução Cubana. Não obstante, realizamos ainda uma metodologia de comparação na intenção de entender as representações sobre a experiência revolucionária cubana desses periódicos do Triângulo Mineiro com os jornais de maior expressividade nacional em âmbas temporalidades descritas.

No primeiro capítulo constatou-se as diferentes representações entre os jornais *Folha de Ituiutaba*, *Correio do Triângulo* e *O Repórter* acerca da Revolução Cubana. Dessa forma, foi possível apreender os sentidos atribuídos por cada um desses periódicos ao contexto primordial da experiência revolucionária cubana.

Identificamos, por exemplo, que o jornal *Folha de Ituiutaba* até seu fechamento, em 1964, posicionou-se sempre a favor de Cuba, o que inevitavelmente fez surgir representações de carácter simbólico e favorável a Ilha caribenha. Para esse periódico, Cuba e sua revolução, eram exemplos de um nacionalismo heróico, que deveria ser visto como uma luz para outros países, especialmente os latino-americanos. Atrelado a isso as análises das representações feitas pelo *Folha de Ituiutaba* mostraram-nos a relação direta de sua posição por Cuba através por suas predileções políticas-ideológicas.

No periódico, *Correio do Triângulo* foram encontradas poucas menções a Revolução Cubana nesse primeiro período analisado, entretanto, torna-se significativo esse silêncio, pois consideramos novamente a ideologia e o viés político como responsáveis por tal posicionamento. Recordamos que os membros do corpo editorial desse periódico tinham ligações com os grandes latifundiários e empresários da região, portanto, esse silêncio cumpria um distanciamento desejável, uma vez que a Revolução Cubana estava distante da “formação moral” – expressa no editorial de lançamento do periódico – dos integrantes do *Correio do Triângulo*, os quais, certamente, não tinham seus interesses políticos e econômicos contemplados pelas diversas medidas de carácter popular que estavam sendo efetivadas em Cuba, como, por exemplo, a reforma agrária.

O jornal *O Repórter*, último citado nas análises do primeiro recorte temporal, teve abordagens diferentes em relação ao do *Folha de Ituiutaba* e ao *Correio de Uberlândia*, pois se distanciava tanto do “exemplo” cubano conclamado pelo *Folha*,

quanto ao silêncio mantido pelo *Correio do Triângulo*. Em suas páginas, *O Repórter* reconheceu – talvez muito timidamente – alguns méritos da Revolução, mas, ao mesmo tempo, teceu fortes críticas ao governo revolucionário cubano, aspecto evidenciado, por exemplo, na recorrência de reportagens em que o periódico condenava os fuzilamentos feitos em Cuba.

No segundo capítulo, tivemos o objetivo de analisar as representações feitas pelo jornal *Correio de Uberlândia* e *O Triângulo* acerca da experiência revolucionária cubana após a queda do Muro de Berlim em 1989.

Em nossas análises sobre o jornal *Correio de Uberlândia* encontramos uma posição crítica a Revolução Cubana desde as primeiras publicações analisadas, entretanto, foi possível notar que a maioria das imagens construídas por esse periódico em relação a Cuba estavam estreitamente ligadas ao contexto de demembramento da União Soviética. Isso, talvez, responda os significados dados pelo *Correio* à Revolução Cubana. Em muitas ocasiões destacamos uma certa ironia e até mesmo pressunções desse jornal à manutenção do regime vigente em Cuba. É importante destacar que esse periódico ainda demonstrava através de suas publicações sobre a Ilha caribenha que se posicionamentos não era neutro, deixando revelar as escolhas políticas-partidárias do grupo empresarial o qual pertencia esse jornal.

Em *O Triângulo* temos um movimento representativo semelhante ao do jornal *Correio de Uberlândia*, pois sempre havia críticas desse jornal ao movimento revolucionário cubano, entretanto, a recorrência de Cuba em *O Triângulo* é consideravelmente menor às do *Correio*. Reiteramos que uma característica deste periódico ao discorrer sobre a Revolução Cubana sempre esteve atrelada algum assunto de cunho nacional, uma vez que, a maiores aparições de Cuba neste jornal foram entre os anos de 1989 a 1992, exatamente um período de transformações políticas no Brasil.

No terceiro e último capítulo, realizamos uma discussão sobre os trabalhos históricos que elegeram a imprensa brasileira e do Triângulo Mineiro como tema de pesquisa; bem como uma amostragem das possíveis ligações extra-midiáticas entre a organização trabalhista da cidade de Ituiutaba nos anos de 1960; e um exercício comparativo entre os jornais analisados neste trabalho com outros de maior expressão nacional.

Nesse capítulo, elencamos alguns trabalhos que consideramos importantes para a expansão do conhecimento histórico sobre a imprensa no Brasil, bem como do Triângulo Mineiro, um dos motivos que também alicerçaram nosso trabalho. O conjunto

de textos, monografias e dissertações que discutiram e analisaram os diversos veículos de comunicação a partir de uma perspectiva histórica evidenciam a importância e a necessidade ainda presente do nosso campo científico em debruçar-se sobre esse tipo de fonte, uma vez, que elas são fundamentais na construção de memórias e imagens da realidade.

A aproximação de Cuba com os trabalhadores da cidade de Ituiutaba, no interior de Minas Gerais, narrada pelo jornal *Folha de Ituiutaba* chamou-nos atenção pela singularidade. Procuramos ressaltar o sentido atribuído por esse periódico em descrever esse episódio em suas páginas, todavia, entende-se que essas relações entre Cuba e Brasil, aparentemente circunscritas somente no âmbito diplomático, também esteve presente em diferentes regiões brasileiras, até mesmo em uma pequena cidade do interior do estado de Minas Gerais.

Na análise comparativa entre os jornais do Triângulo Mineiro e os veículos impressos de maior circulação nacional, considerando cada período e suas particularidades intrínsecas, ressaltamos uma série de similaridades e contraposições. Nestas, foram possíveis constatar a autenticidade dos periódicos locais, bem como as replicações de notícias sobre Cuba nesses jornais. Consideramos ainda que nessas últimas análises foram importantes as características e diferenças entre o público leitor de cada um desses materiais analisados, pois a maneira de cada publicação desses distintos periódicos em descrever ou opinar sobre a Revolução Cubana demonstrou uma determinada legitimidade desses veículos de comunicação de ampla circulação em detrimento aos jornais locais. Nesse sentido, conseguimos perceber a recorrência dos jornais como *O Repórter* e *O Triângulo* em buscar indivíduos notáveis e até mesmo textos de jornais internacionais para legitimar suas representações sobre a Revolução Cubana, algo que não esteve presente no *Correio de Uberlândia*, no *Folha de São Paulo*, na revista *O Cruzeiro* e no periódico *Diário de Notícias*, que contavam com colaboradores e colunistas de maior prestígio nacional.

Assim, notamos que a maneira como essas representações foram realizadas por cada jornal analisado também encontra sentido nos diferentes contextos. De 1959 a 1964, o mundo estava marcado por uma bipolaridade ideológica, consequência da Guerra Fria. O Brasil nesse período passava por consideráveis transformações, sejam essas ao final de década de 1950 e início dos anos de 1960. Nesse contexto, tivemos um processo de industrialização e uma política nacionalista, notadamente realizadas no governo de Juscelino Kubitschek, como também a ascensão do regime militar no ano de

1964, situações que foram preponderantes na forma como os jornais desse primeiro recorte temporal entenderam à Ilha caribenha, que após o triunfo revolucionário em 1959, buscava consolidar-se no âmbito político. Por outro lado, o período compreendido entre os anos de 1989 a 1994 correspondia a novas conjunturas na política e economia mundais. Dessa forma, entendemos que o fim do socialismo real, a fragmentação do Leste Europeu, o fim do regime militar no Brasil e, sobretudo, a permanência do regime socialista em Cuba foram fundamentais à maneira como os jornais desse contexto se posicionaram sobre a Revolução Cubana.

Nesta luta de representações, a Revolução Cubana recebeu tratamentos diferentes, sendo, por vezes: enaltecida, criticada, silenciada e ridularizada. Assim, esperamos que as análises realizadas tenham contribuído para um acréscimo sobre o entendimento sobre a Revolução Cubana e a imprensa do Triângulo Mineiro. Dois agentes históricos que merecem e possivelmente serão motores para novas pesquisas históricas. Acreditamos, contudo, que tanto Cuba, quanto o Triângulo Mineiro, apesar de distantes geograficamente, mantêm ligações e semelhanças, sejam essa estabelecidas por grupos ou representações.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Estrutura e sujeito. In: **A crise do Marxismo**. Introdução a um debate contemporâneo. São Paulo. Brasiliense, 1983.
- ARAÚJO, Fausto Rocha. **O Golpe de 1964 segundo o jornal Correio de Uberlândia**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS — n. 36/37 — ano 20, 2007. p. 143-152.
- ARCHILBOLD, Randal C. **Manuel Noriega**: Dictator Ousted by U.S in Panama, Dies at 83. The New York Times. ISSN 03624331.
- BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart**: as lutas sociais no Brasil, (1961-1964). 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BERMEJO, Marcelo. **Francisco de Assis**. São Paulo: Canção Nova Editora, 2014.
- BEZERRA, Heloísa Dias. Estratégias narrativas e imagens da política: a eleição municipal de 1996 na primeira página do jornal O Globo. **Revista Redes**, Rio de Janeiro, v.2, n.5, 1998.
- BLOCH, Marc . Pour historoire des sociétes européennes. In: BLOCH, Marc. **Mélanges historiques**, Paris, Serge Fleury e Editions de l' EHESS, Tome 1. 1983.
- BOJUNGA, Cláudio. **Jk, o artista do impossível**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo. Ed. Da Unesp, 2002.
- CAETANO, Marcelo. **Minhas memórias de Salazar**. Lisboa, Verbo, 1997.
- Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história, e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Centro de Artes e comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.
- CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Garlhado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAVES, Petrônio Rodrigues. **A loja do Osório**. Ituiutaba: edição do autor, 1984.
- COGGIOLA, Osvaldo (org). **Revolução Cubana: História e problemas atuais**. São Paulo: Xamã, 1998.
- COGGIOLA, Osvaldo L. A. O colapso da União Soviética e os prognósticos do marxismo. In: COGGIOLA, O. (org). **História e Crise contemporânea**. São Paulo: Pulsar, 1994.

CRUZ, Heloisa de Faria. A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915. **Projeto História**, São Paulo, v. 13, p. 81-92, jun. 1996.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DAMASCENO, Patrícia L. Design de jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. **BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-40, 2013.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Luís. **URSS Ascensão e Queda**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1992.

FERREIRA, Gustavo Henrique de Almeida. **Um ensaio para a periodização da atividade midiática em Uberlândia-MG**. Anais do I Simpósio Mineiro de Geografia. Alfenas, 2014.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964): as esquerdas no Brasil**. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FIGUERIA, Carlos. La revolucion sandinista y los contratempos de la utopia em Centroamérica. **Bajo el Volcán. Puebla**, v.5, n.9, p. 67-28, 2005.

FROMM, Erich. O materialismo histórico de Marx. In: **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

FROMM, Erich. O Problema da Consciência, da Estrutura Social e do Uso da Força. In: **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: \_\_\_\_\_. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **O Brasil de JK**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ:Ed. da FVG, 2002.

GOMES, Ângela de castro. **História e historiadores: a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GORBACHEV, Mikhail S. **A URSS rumo ao século XXI: XXVII Congresso do PCUS**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986.

GORBACHEV, Mikhail S. **Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo**. São Paulo: Editora Beste Seller, 1988b.

- GORBACHEV, Mikhail S. **URSS: uma nova etapa**. São Paulo: Editora Revan, 1985;
- GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1941-1961**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos: Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JUBRAN, Bruno Mariotto. **A política externa soviética e seus desígnios econômicos: o caso do Comecon**. WORKSHOP DOUTORAL: Área temática: economia política internacional, Belo Horizonte, 2015.
- KLEIN, Shelley. **Os ditadores mais perversos da história**. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: editora Planeta Brasil, 2004.
- KOENEN, Gerd. **Utopia do expurgo: O que foi o comunismo**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2009.
- KORNIS, Mônica Almeida. As “revelações” do melodrama, a Rede Globo e a construção de uma memória do regime militar. São Paulo. **Significação**, n. 36, p. 173-193, 2011.
- LIMONGI, Fernando, GUARNIERI, Fernando. **A base e os partidos: As eleições presidenciais no Brasil pós-redemocratização**. Novos Estud- Cebrap n. 99. São Paulo, Jul 2014.
- LINZ, Juan j; STEPAN, Alfred. **Transição e Consolidação da Democracia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY
- MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro/Campinas. Revan/Unicamp. 1998.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1980-1922)**. Edusp/ Fapesp/Imprensa Oficial do Estado. 2001.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d' Água/ Fapesp, 2001.
- MISKULIN, S. C. **Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959- 1961)**. São Paulo: Xamã/ FAPESP, 2003.
- MORAIS, Fernando. **A ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro**. São Paulo: Alfa Ômega editora. 1986.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil ( 1917-1964) São Paulo: Perspectiva/Fapespp. 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v.10, dez/1993.

OVERY, Richard. **Os ditadores**: A Rússia de Stálin e a Alemanha de Hitler. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009.

PACHECO, Fábio P. **Mídia e poder**: representações simbólicas do autoritarismo na política de Uberlândia 1960/1990. 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PADILHA, Marcia Lolito. **A cidade como espetáculo e vida Urbana na São Paulo dos anos 20**. São Paulo: Annablume. 2001.

PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. **Limites do ultramar português, possibilidades para Angola**: o debate político em torno do problema colonial (1951-1975). (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. **Criar ilhas de sanidade**: os Estados Unidos e a Aliança para o Progresso no Brasil. Tese (Doutorado em História) - PUC, São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRADO, Giliard S. **Guerrilhas da memória**: estratégias de legitimação da Revolução Cubana. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

REIS, José Carlos. Escola dos Annales: **a inovação em História**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Os diários impressos em Minas Gerais**. VCA encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro: Guarapuava- PR, ISSN-1580-1780, 2011. p, 9.

RIPALTA, Adrián Alvarez. **Arturo Frondizi**: la dolbe vía del peronismo. Buenos Aires, Copyrinht. 2011.

SADER, Emir. Cuba no Brasil: influências da Revolução Cubana na Esquerda Brasileira. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do Marxismo no Brasil**: o impacto das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. V.1.

SADER, Emir. **Cuba**: um socialismo em construção. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALES, Jean Rodrigues. **O impacto da Revolução Cubana sobre as organizações**



**comunistas brasileiras (1959-1974)**. Campinas: PPG em História da UNICAMP, 2005. (Tese de Doutorado).

SALLUM, Brasílio Jr, CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão. **O Impeachment do presidente Collor: A literatura e o processo**. Lua Nova, São Paulo, n .82, 2011. pp. 163-2012.

SANTOS, Regma Maria dos. **A tipografia, a imprensa e a livraria: educação e cultura na cidade de Uberlândia**. Anais da Faculdade de Educação. Universidade Federal de Uberlândia. 2006.

SANTOS, Regma Maria dos. **Espaço e memória: representações sobre a cidade nas crônicas de Lycídio Paes**. Espaço em Revista, 2011 ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. pp. 70- 80.

SANTOS, Regma Maria dos. **Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963)**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1993.

Santos, Regma Maria dos. **Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963)**. Dissertação (Mestrado em História)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo,1993.

SEGREGA, Francisco López. **Cuba Cairá?** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 120.

SEVCENKO, NICOLAU. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na 1 República**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense. 1989.

SILVA, Hairton Dias da. **Eu e as emissoras de rádio: história do rádio de Ituiutaba**. Ituiutaba, sem editora. 2014.

SILVA, Marcos A, da. **Prazer e poder da Onça 1943-1962**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 50.

SILVA, Pereira Antônio. A importância da crônica para o registro da memória local. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, ano 19, n. 35, p. 37-40, 2006.

SPENCE, Jonhan. **Em busca da China moderna**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SUSSENKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: companhia das Letras. 1987.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia**. Uberlândia, Ed. Uberlândia Gráfica Ltda, 1970. (v. I e II), p. 268- 273.

THOMPSON, E.P. **A formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO. Caio Navarro de. **O governo de Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

TRAVERSO, Enzo. La historia como campo de batalla: interpretar las violencias del siglo XX. In. **EL pasado, instrucciones de uso**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a História. Tradução: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: Ed. Da Unb, 2008.

WASSERMAN, Cláudia (Org.). **A Revolução Cubana**: 50 anos de imprensa e história no Brasil. Porto Alegre: Est Edições, 2009.

Weber, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez/ editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

WILLIAMSON, Edwin. **A História da América Latina**. Lisboa/ Portugal. Edições 70, Ltda. 2012.